



Instruções dos Espíritos

Coletânea de entrevistas
com Espíritos dirigentes do
Centro Espírita Léon Denis.
Psicofonia do médium
Altivo Carissimi Pamphiro.

Organizado por
Mário Coelho



VOLUME II



Instruções dos Espíritos

Coletânea de entrevistas
com Espíritos dirigentes do
Centro Espírita Léon Denis.
Psicofonia do médium
Altivo Carissimi Pamphiro.

Organizado por
Mário Coelho



VOLUME II

Instruções
dos Espíritos
VOLUME II

*Coletânea de entrevistas
com Espíritos dirigentes do
Centro Espírita Léon Denis,
psicofonia do médium
Altivo Carissimi Pamphiro.*

Organizado por Mário Coelho



CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

■

I48

v.2

Instruções dos Espíritos, volume 2 / organização Mário Coelho; psicografado por Altivo Carissimi Pamphiro. — 1. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2021.

344p.; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-89897-02-6

1. Espiritismo.

I. Coelho Mário. II. Pamphiro, Altivo Carissimi.

15-27918

CDD 133.93

CDU 133.7

■

Instruções
dos Espíritos
VOLUME II

Coletânea de entrevistas
com Espíritos dirigentes do
Centro Espírita Léon Denis,
psicofonia do médium
Altivo Carissimi Pamphiro.

Organizado por Mário Coelho

■

1ª Edição

■

CELD

Rio de Janeiro, 2021

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

VOLUME II

Coletânea de entrevistas, com Espíritos
dirigentes do Centro Espírita Léon Denis,
psicofonia do médium
Altivo Carissimi Pamphiro.

Organizado por Mário Coelho

1ª Edição: julho de 2021.

L 4180915

Capa:

Márcio P. Almeida

Diagramação:

Roberto Ratti

Revisão de originais e copidesque:

Albertina Escudeiro Sêco

Revisão:

Teresa Cunha

produção de ebook:

[S2 Books](#)

Para pedidos de livros, dirija-se ao

Centro Espírita Léon Denis

(Distribuidora)

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,

Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210

Telefax (21) 2452-7700

E-mail: livraria@leondenis.com.br

Site: www.edicoesleondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis

Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,

Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290

CNPJ 27.921.931/0001-89

IE 82.209.980

Tel. (21) 2452-1846

E-mail: editora@celd.org.br

Site: www.celd.org.br

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.



Altivo Carissimi Pamphiro

(1938-2006)

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo I. Reunião 5 — Perispírito. Alguns aspectos da evolução espiritual](#)

[Capítulo II. Reunião 19 — Lei de Amor](#)

[Capítulo III. Reunião 20 — Conhecimento de si mesmo – I](#)

[Capítulo IV. Reunião 22 — Conhecimento de si mesmo – II](#)

[Capítulo V. Reunião 21 — Disciplina](#)

[Capítulo VI. Reunião 62 — Evolução – I](#)

[Capítulo VII. Reunião 63 — Evolução – II](#)

[Capítulo VIII. Reunião 31 — Sonhos](#)

[Capítulo IX. Reunião 32 — Memória do Sonho](#)

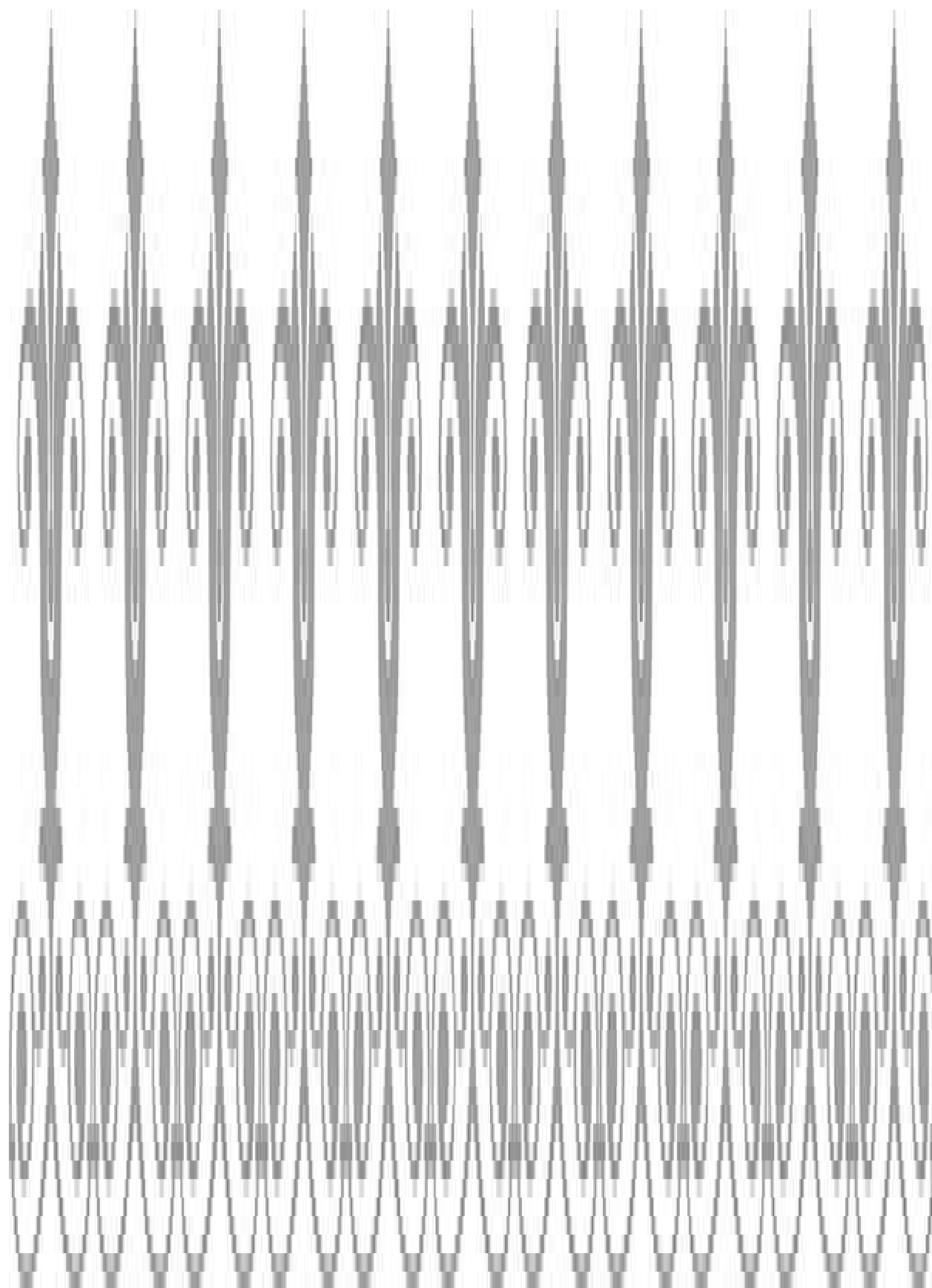
[Capítulo X. Reunião 33 — Sonhos. Casos – I](#)

[Capítulo XI. Reunião 34 — Sonhos. Casos – II](#)

[Capítulo XII. Reunião 35 — Sonhos. Casos – III](#)

[Capítulo XIII. Reunião 36 — Sonhos. Casos – IV](#)

[Capítulo XIV. Reunião 37 — Sonhos. Casos – V](#)



PREFÁCIO

Este contato, mais estreito, com entrevistas com o Plano Espiritual que dirige o Centro Espírita Léon Denis, iniciou-se como uma fonte de esclarecimentos que servisse de base para os Encontros Espíritas sobre Medicina Espiritual, que começaram, também, em outubro de 1989. As entrevistas ocorriam uma vez por mês. Os responsáveis pelos Encontros Espíritas sobre Medicina Espiritual eram Luiz Carlos Dallarosa, Eneida Caruso Carvalho e Maria Emília G. Tourinho, amigos queridos.

Passados 17 anos do término dessas entrevistas, a trabalhadora da Distribuidora de livros do CELD e médium da Casa, hoje trabalhando na Livraria Humberto de Campos, do Centro Espírita Antonio de Aquino, Luzia Soares, de posse desse material — que muitos tentaram revisar para futura publicação mas que, por uma série de dificuldades pessoais não o fizeram, (e creio que isso foi providencial pois, na época, não se tinha tanto acesso à Internet como hoje o que muito ajudou na elaboração de notas, e na confirmação de alguns dizeres e dados) — pediu autorização ao Plano Espiritual para que alguém trabalhasse nos textos para futura publicação. Com a devida permissão, ela convidou-me para a revisão, claro que, se eu não aceitasse o convite, outro seria convidado.

Confesso que foi muito exaustivo, pois tive que adaptar muitos textos de uma linguagem falada para uma linguagem escrita, muitas vezes eliminei algumas perguntas e fiz uma ligação entre duas respostas, de maneira a tornar os textos menos cansativos. Com frequência tive também que mudar um ou outro texto fazendo-o de acordo com as leis vigentes no país, evitando, assim, qualquer dano a qualquer pessoa, para tanto, busquei, nos casos contados, trocar personagens ou fatos, para que ninguém fosse identificado com seus problemas analisados. Sem contar que foram cerca de 800 páginas para serem trabalhadas. Fi-lo em seis meses e estando debaixo de muitas lutas, talvez até mesmo para meu aprendizado de poder servir estando em provas, visando um ideal.

Ver este trabalho publicado é um preito de gratidão que faço aos Benfeitores do Centro Espírita Léon Denis: Balthazar, Antonio de Aquino, Hermann, Espíritos generosos que contribuíram para estas mensagens e também a todos os outros dirigentes espirituais do CELD sintetizados aqui pelo Apóstolo do Espiritismo: Léon Denis.

Não militar para que esta obra fosse publicada seria deixar que se perdesse o trabalho grandioso que Benfeitores Espirituais trouxeram para nós, bem como não valorizar o esforço do querido médium e amigo Altivo Carissimi Pamphiro.

Pelas respostas desses insignes Benfeitores posso afiançar, sem medo de errar, que temos material para os nossos estudos dos Encontros e Cursos da Casa para os próximos 50 anos, no mínimo, bem como grandioso material de estudo para nossa conduta, como pessoa, como espírita, em família, na profissão, na mediunidade, na convivência com os outros, no Centro Espírita e diante dos que trazem problemas, aflições, doenças ou quedas morais.

Percebi, pela natureza e elevação das respostas, que esses nossos Benfeitores estão, pelo menos, umas 10 a 15 encarnações à minha frente.

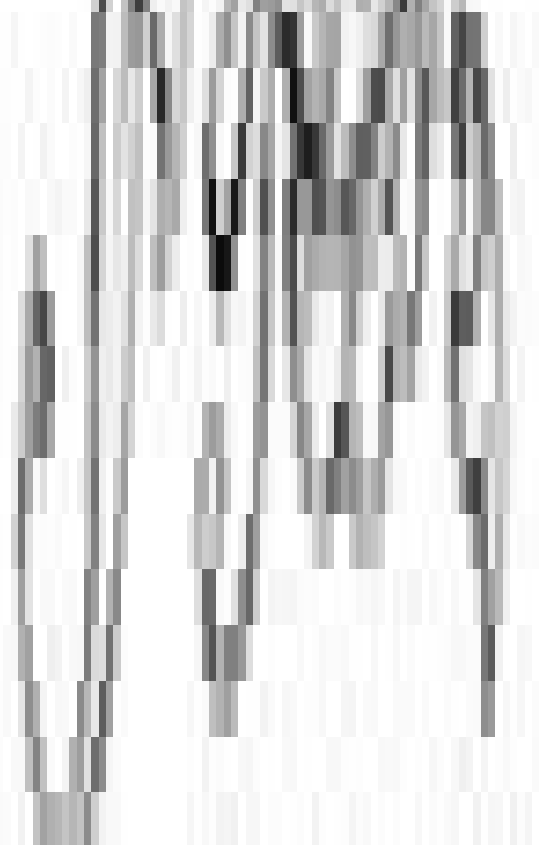
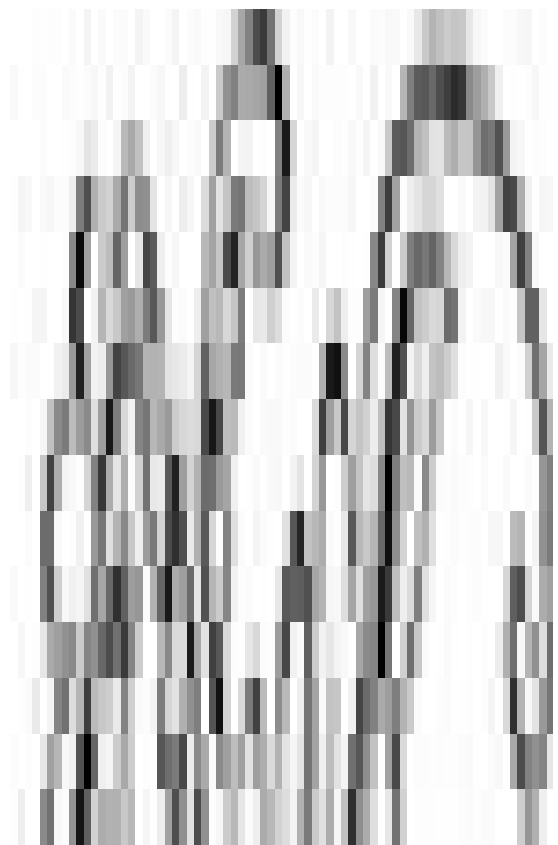
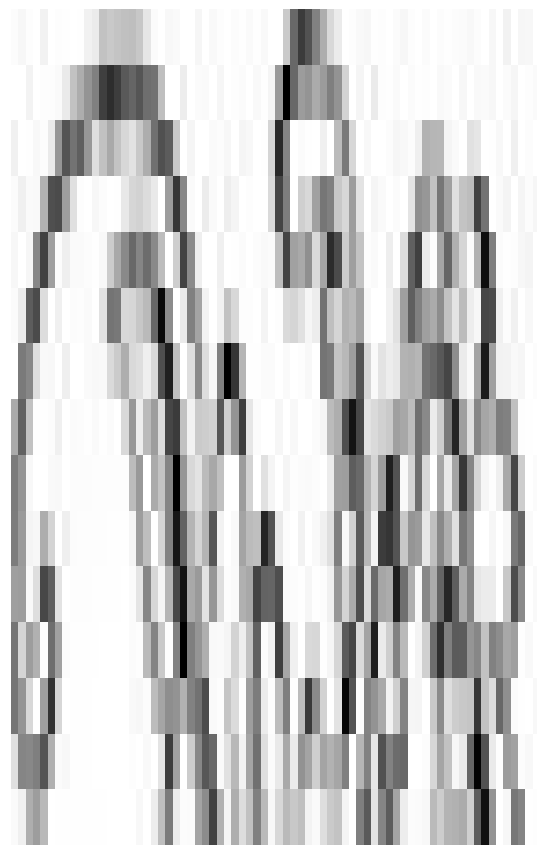
Agradeço à querida esposa Sheila e às filhas Eneida e Dayane Evangelista (que me adotou como pai) pela compreensão, por terem permitido que eu doasse parte do escasso tempo em que fico com elas, para este trabalho. Agradeço ao meu corpo físico por ter suportado os sacrifícios de eu me debruçar muitas horas sobre estes textos em detrimento das minhas horas de repouso, muitas vezes dormindo somente poucas horas por noite.

Agradeço ao bom amigo espiritual, Dr. Victor, pelo amparo e inspirações para

que eu pudesse levar adiante este trabalho, bem como aos próprios autores espirituais que muitas vezes chamei pelo pensamento rogando a assistência para revisão de um texto ou outro.

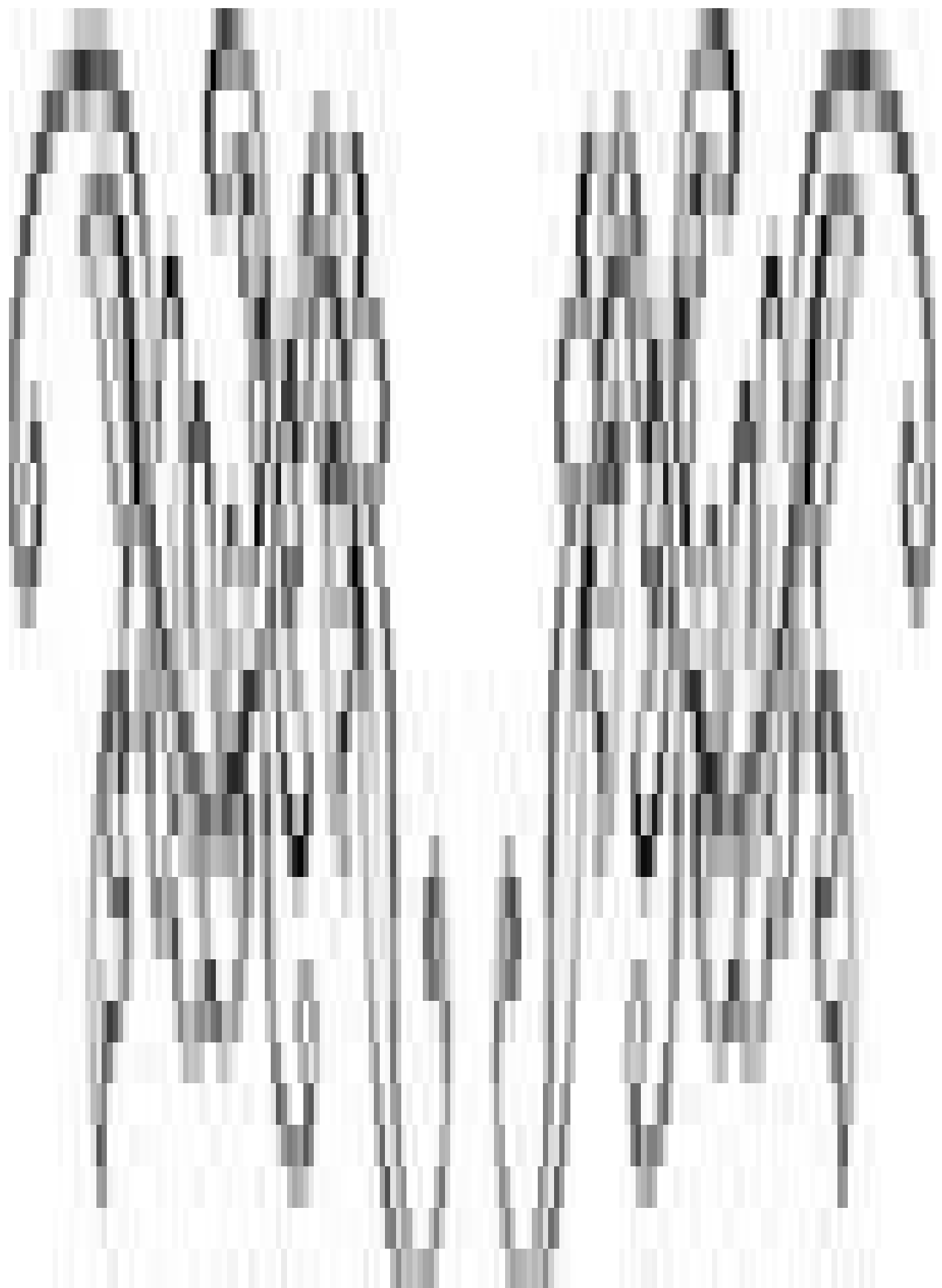
Obrigado, Senhor, por ter permitido que essas palavras dos Bons Espíritos chegassem até nós, e por eu ter sido alguém que, de alguma sorte, pudesse colaborar para que a “Luz não fosse posta debaixo do alqueire” [01] e o conhecimento chegasse a muitos.

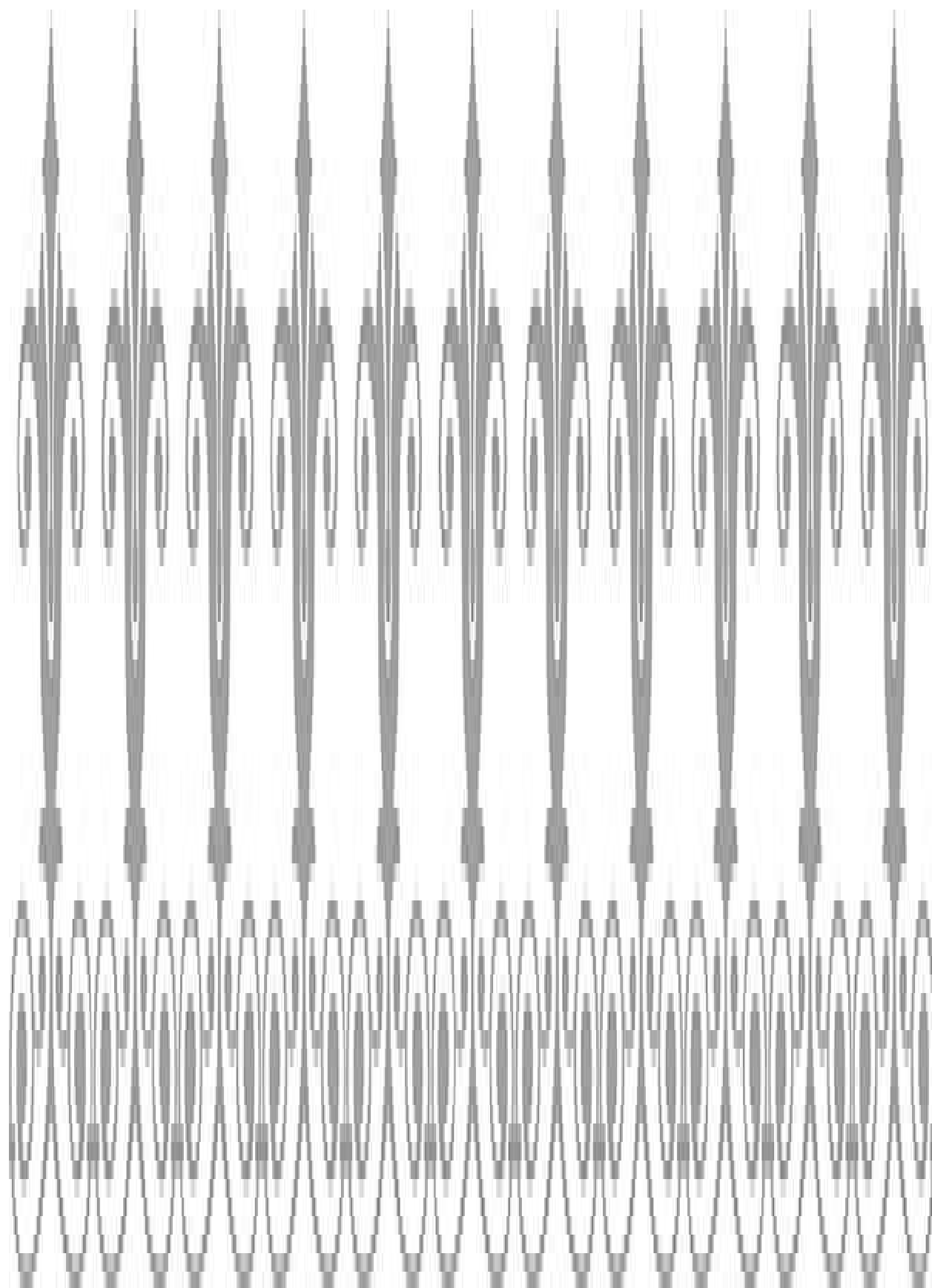
O organizador



Dados do organizador:

Mário Coelho é trabalhador do Centro Espírita Léon Denis, desde 1982, como palestrante, instrutor do Curso de Orientação Mediúnica e Passes (COMP), e ministrando algumas aulas para o Encontro de Medicina Espiritual. Atua também como médium da psicografia. No campo da assistência social privou durante duas décadas da companhia do médium Altivo Pamphiro, que, junto com Dr. Hermann, socorria os enfermos do, ainda, Núcleo Beneficente Antonio de Aquino, hoje, Obra Social Antonio de Aquino (OSAA); e esse contato com esses trabalhadores do Bem muito o influenciaram na sua vida de médico, sua profissão, na qual trabalha desde 1995. É um dos responsáveis pelo trabalho de preces aos suicidas, há quase três décadas. E esse contato mais direto com Dr. Hermann serviu de estímulo para que se programasse na organização deste livro.





Capítulo I

Reunião 5 — Perispírito. Alguns aspectos da evolução espiritual

23 de fevereiro de 1990.

B. [02] — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

Irmãos, médiuns, elevem o padrão espiritual de vocês sintonizando com aqueles que os acompanham de perto e orem, orem muito, pedindo a eles que haja amparo, haja socorro às necessidades de vocês, e, em seguida, deem-se o autopasse. O autopasse que há de estabilizar a mente, o sentimento de cada um. Graças a Deus, em preces interiores, graças a Deus. Senhor da vida, ampare e proteja a todos estes irmãos, graças a Deus. Deus nos ajude no trabalho da noite. Começemos as tarefas.

E. — Balthazar, nós gostaríamos de tirar algumas dúvidas sobre o perispírito. Com base no que aprendemos em O Livro dos Espíritos [03] e mais as informações trazidas pelo Benfeitor Espiritual André Luiz, formulamos algumas perguntas:

1ª) Qual seria a gênese, a natureza e a função do perispírito?

2ª) Como é a sua ligação com o corpo?

3ª) Como é a sua percepção e o campo de ação?

4ª) O perispírito é sede realmente da memória ou a memória está no espírito?

Se é no perispírito, quando ele troca de planeta, ou tira o perispírito e passa para o perispírito de outro planeta, a sua memória também se vai?

5ª) Qual o seu papel e como desempenha esse papel nos fenômenos mediúnicos?

6ª) Como podemos relacionar os centros de força com o perispírito e qual é a função desses centros no perispírito e no fenômeno mediúnico: ligação perispiritual, drenagem de forças, interligações entre chakras e a finalidade dos passes?

B. — Certamente, que isso é um tratado e não será respondido em uma hora; faremos abordagens.

O perispírito ou corpo espiritual é criação de Deus como todas as outras criações e tem a função específica de servir de elemento intermediário entre dois níveis ou dois planos de evolução: o espírito e o corpo. Quando ele é criado, é criado exatamente para ser o elemento intermediário; não há outra função para ele. A inteligência, (ou espírito) por si mesma, tem uma tal potencialidade que a matéria não consegue perceber, sendo necessário esse elemento intermediário, principalmente a matéria dos mundos menos evoluídos ante a bruteza, a

característica de ferocidade que a matéria dá. Essa bruteza, essa inferioridade é incompatível com o nível de um espírito, por mais grosseiro que ele ainda seja. Não esqueça que grosseiro não é o espírito, o espírito, quando inferior, é um ser ainda não lapidado, mas a sua essência é pura; entendam bem: a essência do espírito é pura. O espírito, quando não lapidado, é um ser que vocês podem chamar de grosseiro no sentido moral, mas, se pudéssemos usar um termo que não é adequado, poderíamos dizer que o espírito, como matéria, não é grosseiro, porque ele é uma essência, é um fato superior. O desenvolvimento moral vai dando ao espírito aspectos que o adornam: serenidade, compaixão, amor, tolerância; são adornos de uma inteligência, conquistas de uma inteligência; mas aquela inteligência, em si, ela é pura, é superior, mesmo em um estado sem esses adornos todos, ele é superior, o perispírito é superior a qualquer matéria.

O perispírito é, portanto, um elemento criado pelas potestades, justamente para ser o elemento que serve de ligação entre esses dois níveis de existência. Você pergunta se a memória está no perispírito? Não, a memória está no espírito, assim como a inteligência está no espírito. O perispírito guarda lembranças inequívocas que se diluem nos séculos, do mesmo modo que a inteligência material guarda lembranças da infância que surgem num determinado momento, mas a essência e a memória estão no espírito. Por isso, quando se passa de um mundo para outro, o espírito leva consigo o que ele é, ou seja, a sua memória, ou resultado da sua experiência.

O perispírito de um mundo é diferente do de outro, e quando você sai da Terra, exemplificando, para qualquer outro planeta do Sistema Solar, você não muda em essência o seu perispírito, muda em detalhes, fazem-se algumas adaptações. Em mundos mais evoluídos, o perispírito fica menos adensado, mas se você sair daqui, do planeta Terra, com um grau de evolução de 4 para 5, (fazendo uma escala de 1 a 10) e for para um outro planeta de grau de evolução 8, o seu perispírito tem as mesmas sensações de leveza que vocês todos, encarnados, têm quando saem de uma cidade ao nível do mar e vão para uma cidade de maior altitude, cidade serrana por exemplo; a rarefação do ar produz uma sensação diferente, mas, na realidade, o ar é o mesmo.

Então, no Sistema Solar, você não muda essencialmente seu perispírito, você sofre variações, mais ou menos, por comparação, como quando sai de uma cidade ao nível do mar e vai para uma cidade a 500, 600, 1.000, 2.000 metros acima do nível do mar, suas sensações são de desconforto, de algum mal-estar, cansaço, sono, tensão, tudo pela falta de oxigenação, a presença de oxigenação mais sutil, menos pesada, pois há também diminuição da pressão atmosférica.

A inteligência, portanto, está no espírito, nunca se esqueçam disto. A afirmativa básica de O Livro dos Espíritos, [04] “Teu Espírito é tudo”, prevalece em todos os momentos de inteligência do homem; todos os atos de inteligência que o homem exercita, ele o faz em função do seu espírito, não há outra alternativa, ele sofrerá, mais ou menos, influências da matéria, do perispírito, do mundo em que vive, mas, na essência, é a inteligência, é o espírito que exerce a sua função.

Quanto à ligação do perispírito no corpo, ela é feita em vários pontos do cérebro até a região do vago-simpático, na coluna, ou na região do sistema nervoso; são vários os pontos em que vão sendo “costurados” no corpo em formação, pontos de fixação da matéria, a princípio, por condução de espíritos encarregados do nascimento dos corpos e depois pelo chamado automatismo biológico, e, novamente, pelos espíritos encarregados da construção de corpos naqueles espíritos que saem da atividade comum, da vida comum e merecem já um corpo extremamente estabilizado para poder atuar. Então, vocês têm 3 fases: nos corpos primitivos, são os benfeitores que promovem a fixação do corpo espiritual no corpo material; à proporção que aquela ida e vinda do espírito, no corpo, promove o chamado automatismo biológico, isso já é feito de modo material; torna-se promovido pelos espíritos à medida que reencarnam seres especiais.

Isso está bastante claro, até agora, para vocês? Há alguma dúvida sobre o que se falou?

E. — A emancipação da alma durante o sono também é um fenômeno de

automatismo?

B. — É um fenômeno de automatismo biológico. Seu espírito, mesmo quando você não tem consciência de que está saindo do corpo durante o sono físico, de que está saindo do corpo à procura de outras criaturas, sai naturalmente, por automatismo biológico; isso ocorre na parcela quase absoluta dos homens que dormem, em maior ou menor profundidade.

E. — E na vigília, quer dizer, no desdobramento consciente?

B. — Também ocorre por conta do automatismo biológico; mas, onde funciona o automatismo biológico nesse caso? Nos indivíduos médiuns ou nos indivíduos que não estão tão presos à matéria por força de uma elevação espiritual e, por força dessa elevação espiritual, se desdobram naturalmente; não são seres apegados à matéria, não são seres prisioneiros da matéria, não são seres que se deixam prender pela matéria, e eles têm que ter a experiência biológica ou automatismo biológico, eles têm que ter, inclusive, a experiência mediúnica também.

E. — Esses seres elevados têm que ter a experiência mediúnica?

B. — Para terem automatismo biológico, eles têm que possuir experiência mediúnica.

E. — Eles já passaram pela fase de médiuns?

B. — Sim, já passaram pela fase de médiuns.

E. — Com relação a esses pontos “costurados” lá na origem dos plexos, dos chacras, como seria isso, irmão Balthazar?

B. — Eu não falei nos plexos, falei na região do sistema nervoso; não cheguei aos chacras, cheguei ao cérebro, cheguei ao vago-simpático e falei na coluna que protege a medula espinhal... O que é que você entende por chakra? Chakra [05] é um centro de força. Se você observar bem, são os pontos em que o homem, na matéria, exerce milenarmente suas funções vitais: pensar, sentir, palpitar o coração, a comida, o sexo. Quando você, usando uma palavra que não sei se é adequada, fixa o corpo no perispírito, e o corpo começa a ter o seu crescimento normal, onde ressaltam as primeiras experiências desse corpo? É o comer, é o sentir a emoção, é o estômago, é o fígado, tudo isso trabalhando; mas por quê? Porque milenarmente o seu perispírito foi acionado nesses pontos básicos. Entra, então, o chamado automatismo biológico, você não ensina uma criança a comer, você a ensina a mastigar, mas se você a fizer engolir, ela engole. Você não ensina o seu baço e o seu fígado a trabalhar, eles trabalham por automatismo. O pequeno ser que tenha a sensação biológica genésica (ele não sabe sequer o que está acontecendo ali) isso é automatismo: a ereção no menino, a sensação na menina, o gosto de usar o seio materno, o prazer de usar o seio materno, você não ensina isso a uma criança, ela não tem tempo de aprender no momento em que nasce.

E. — É parte instintiva?

B. — A Medicina ou a Ciência chamam de parte instintiva; os cientistas espirituais chamam, justamente, de mecanismo biológico, de automatismo. O seu espírito, portanto, quando entra na Terra, exemplificando, sabe que precisará ter algumas funções básicas. Quais? A de alimentar-se, a de sentir, a de procriar, a de repousar. Quando o espírito é criado e passa um período,

um estágio em um planeta, ele não passa 100, 200, 300 anos; ele passa períodos que, para vocês entenderem, vão de 4000 a 6000 anos. Claro que há as exceções, você pode, por qualquer razão, mudar, mas estamos falando do comum que é, no mínimo de 4000 até 6000 anos. Imaginem bem o que vem a ser o chamado mecanismo de repetição nesse perispírito: em 6000 anos, quantas vezes você retorna? Incontáveis vezes. Quantas vezes você procria? Incontáveis vezes. Quantas vezes você se alimenta? Incontáveis vezes. Quantas vezes sente? Incontáveis vezes. Quantas vezes você morre? Incontáveis vezes. E para que isso ocorre? Então, da fase mais primitiva à fase mais aguda da inteligência, você cria mecanismos biológicos de repetição, o chamado automatismo biológico, em função de o seu espírito estar residindo naquela casa planetária. Qual a ligação do perispírito nos chacras? Ela existe de modo tão mais profundo quanto mais você vive aquelas experiências.

E. — Seria o automatismo mediúnico?

B. — Mediúnico não, biológico, de vida mesmo, daquelas experiências. Suponha que você fosse como um glutão por 10, 20, 30, 40, 50 reencarnações; o seu baço, o seu fígado, o seu estômago, toda essa região terá um mecanismo de repetição que até exigirá de você alimento, exigirá reposição, porque ele é um órgão que vibra, pulsa, sente, precisa ser alimentado e você não saberá por quê. Basicamente você não tem necessidade daquilo, entretanto você sente fome, você quer comer, você precisa se alimentar, sem mesmo saber o motivo: mecanismo de repetição.

Esse automatismo biológico se dá, se forma em função do mecanismo de repetição, e a formação dos chacras seriam uma consequência...

Quais são os pontos de ligação? Se você olhar os chacras, verá que eles são relacionados a todas as funções que o corpo exerce habitualmente, as funções principais. [06]

E. — As necessidades?

B. — Torna-se uma necessidade depois, mas, no início, não é uma necessidade; é preciso que isto fique claro: no início ele não é uma necessidade, é uma consequência natural da materialidade do mundo em que você está. Em outros mundos, os chacras poderão ser diferentes.

Repito para vocês fixarem bem: reencarnando na Terra, o espírito tem a necessidade da alimentação, do repouso, da procriação, de pensar, de falar; então, você tem o plexo laríngeo, tem o coronário, tem o esplênico, tem o genital, todos referentes às funções que qualquer homem comum exerce sem mesmo saber que existem chacras, ele nem sabe que os possui. Isso em razão de quê? De você ter reencarnado num mundo em que essas são as funções básicas da vida material que você leva.

Há mundos, fora do Sistema Solar, em que não existe alimentação como se conhece, mundos fora do Sistema Solar. A alimentação já avançou de tal modo que ela é feita somente por líquido, em forma de sucos. São corpos macérrimos. O sistema de alimentação deles é reduzido, em alguns casos, a pontos mínimos de atuação; o fígado mede mais ou menos 2,5cm, o estômago é pouco mais que um dedo; as funções digestivas, portanto, são extremamente reduzidas. A esses perispíritos você não pode, nesses mundos (fora do Sistema Solar), chegar lá, usando a palavra correspondente, e perguntar: onde está o chacra desta região? Eles vão sorrir e dizer que não têm isso como um centro de força; em compensação, a agudeza da vista que esses seres possuem é tamanha que estas nossas paredes não têm, não constituem obstáculo para eles. Eles enxergam através dos obstáculos. Repito: isto não é do Sistema Solar.

E. — Mas é corpo material?

B. — Corpo material, num mundo material; a existência mínima deles, a média de vida deles é de 200 a 250 anos, contados aqui pela Terra. Estou falando tudo isso para comparação das funções vitais em termos de perispírito.

E. — Então, o chacra seria praticamente um atributo do corpo físico material?

B. — Do corpo físico, e você pode dizer também um atributo do corpo perispiritual, uma vez que a ele se acha extremamente ligado. De tanto o corpo físico exercer sua função e de tanto o corpo espiritual acabar tendo que impor essa função ao corpo físico, são duas forças que se unem e se acionam. O corpo físico sem o corpo espiritual não funcionará e o corpo espiritual, sem o correspondente apoio da matéria, perde a sua função de ser, ele voltaria ao estado de puro espírito. Compreendeu? Entenderam todos? Um não funciona sem o outro; se um sair o outro fenece e morre.

E. — Um marca o outro?

B. — É por isso que eu disse a vocês, em forma de explicação, que não se pode ter uma reencarnação num planeta, num mundo — esqueçam planeta — num mundo, sem a duração mínima de 4 a 6000 anos, porque essas funções, para serem automatizadas, precisam de tempo, elas não podem ser feitas num intervalo de 10, 20 reencarnações, elas precisam de tempo para se fixarem.

E. — Não sei se entendi bem em relação também à gênese do perispírito. O Livro dos Espíritos fala em princípio inteligente e depois em transformação

do princípio inteligente para espírito, que começa a fase de humanização.

B. — Isso é outra coisa, diferente de perispírito.

E. — Pelo que entendi, o perispírito também acompanha as reencarnações na fase pré-humanização; então, a formação do perispírito, junto com o princípio inteligente, passa também pela escala animal?

B. — Passa, mas não vá me dizer que existe um perispírito de animal.

E. — Não; seria um perispírito-inteligente. [07]

B. — Exatamente, porque o perispírito é criado a partir do momento em que aquela inteligência começa a atuar na matéria.

E. — É também distinto?

B. — É distinto.

E. — Porque o espírito se humaniza, então, também aquele periprincípio-inteligente, [08] princípio espiritual, também sofre modificação?

B. — Sofre.

E. — Passa de periprincípio-espiritual para perispírito?

Não é só uma questão de semântica, de palavra, é uma questão de modificação mesmo?

B. — É fato, fato, fato. Poderíamos até dizer, não é o termo adequado, por faltar termo adequado para vocês, seria como se disséssemos assim: é uma modificação molecular.

E. — Mas quem faz essa modificação? É a própria matéria?

B. — Não. Isso é feito fora daqui, fora do planeta. A Terra não comporta esse tipo de experiência. Essas experiências são feitas em planos que poderíamos chamar de fora de vida material; seria em mundos transitórios.

E. — Mundos inferiores?

B. — Mundos transitórios, não se pode chamá-los de inferiores, até porque as experiências que essas inteligências, essas potências angélicas realizam, nos enchem tanto de respeito que tornam sagrado o território em que atuam. Compreenderam? Elas fazem sagrados os lugares onde atuam porque tornam possível a vida e a evolução. Se você chegar para um espírito desses e disser: “Esta Terra, este planeta, este mundo, sem absolutamente forma nenhuma de vida, é um mundo inferior?” Eles olharão para você e provavelmente dirão assim: “Nunca chame de inferior uma obra de Deus”; tal o grau de evolução deles, de onde eles estão, passam o cunho do seu

crescimento espiritual. Comparando, se eles fossem parar num ambiente triste, sofrido, sujo, eles não se conspurcariam, e a própria presença deles faria com que aquele ambiente ficasse limpo; essa é a característica desses espíritos. Quando eles pegam os seres em forma de animal e começam a passá-los para a forma de humanização, eles levam esses espíritos para mundos sem vegetação, sem água, sem vida como é conhecido na Terra, e os põem lá. Esses espíritos sofrem uma transmutação. Para que vocês tenham uma ideia assemelhada, porque o cérebro de vocês não entende isso, é como a transformação da lagarta em borboleta; ninguém ensina a lagarta a se encolher para ser borboleta; entra na necessidade daquele ser fazer isso. Assim entra o espírito na necessidade. Quem diz isso? Quem promove isso? Em que momento isso se dá? Repito, ninguém sabe; porque é quando o próprio espírito ou princípio espiritual almeja um passo adiante. Eles são recolhidos por mecanismos que vocês não entenderiam, mas nós podemos dizer que seriam magnéticos esses mecanismos; o corpo animal não se sente mais feliz naquele ambiente; o corpo do animal, o animal como um todo, começa a ser banido. Você não conhece as espécies que vão entrando em extinção? A espécie vai sendo banida; ela não consegue ficar mais naquele local; ela vai sendo banida dali. Por sua vez, esse perispírito, que não sabe exatamente o que está fazendo, só sente que precisa sair dali; ele começa a ter dificuldades de retornar para reencarnar, e, pode-se dizer, ele ainda não tem vontade, ele sente-se expulso.

E. — Não se sente bem?

B. — Não se sente bem. É como se você soltasse uma fera numa cidade. O que ela iria fazer? Fora a agressão, como defesa, ela se esconderia porque ali não é o ambiente dela. O monstro pré-histórico não teria mais cabimento na Terra. Nas regiões selvagens, algumas regiões selvagens da Ásia e da Floresta Amazônica, ainda existem alguns seres intermediários, mas eles estão fadados à extinção, é a Lei. Por mais que o homem diga que se deve defender a floresta, é da Lei, eles estão fadados à destruição; é o momento de eles começarem a acabar; ficarão aqueles seres ainda em estado selvagem, mas não ferozes. No momento em que esses seres-animais sentem que ali já não é mais o mundo deles, nesse momento eles são recolhidos;

passam por períodos de extrema penúria de alimento, porque vão para mundos que não têm alimentos, e o perispírito deles (repito: não escrevam perispírito, é princípio espiritual, diz-se perispírito para facilidade, é periprincípio-espiritual) aprende a sobreviver sem os alimentos grosseiros que o animal tem, ou então com alimentos bastante inferiores. O pássaro que pica o inseto. Você comeria uma minhoca? Você comeria uma barata como fazem algumas aves? Isto lhe repugnaria, você preferiria passar fome, isso é uma adaptação do seu perispírito; você já passou dessa fase. [09]

E. — É um descondicionamento?

B. — É um descondicionamento. O animal, nesses mundos, começa por não ter o alimento porque, se o tiver, ele vai buscar o mesmo padrão de alimento; ele começa, então, a mudar toda a sua estrutura; passa uma média de quase 50 anos se descondicionando para depois começar a reencarnar (já não existe mais esse tipo de homem aqui na Terra, seres primitivíssimos, os chamados homens da pedra-lascada) por isso eles gostam tanto da carne selvagem, por isso têm essa necessidade, eles estão, justamente, num estado bem próximo ao da animalidade. Eles, reencarnando ali, alimentando-se daquela carne, usando aquela matéria próxima do animal, sentem a compensação do estágio que perderam como animais. Entendeu?

E. — Se isso pode ser chamado de uma memória espiritual, é essa mesma memória que nesta fase atual do nosso desenvolvimento nos impele para uma vida mais sutilizada? São mecanismos semelhantes?

B. — O mecanismo é o mesmo.

E. — É quando já nos repugna certas atitudes, certos comportamentos,

certos pensamentos...

B. — É mais sob o ponto de vista moral, não é?

E. — É.

B. — E até sob o ponto de vista material também, você não comeria mais uma minhoca. Quero apenas acrescentar que, até mesmo do ponto de vista da materialidade, você não pegaria um naco de carne crua e sairia mastigando, você se repugnaria; ainda que você fosse se alimentar, primeiro teria que cozinhar aquela carne; mas por que cozinhar? Porque você já se habituou a uma fase diferente da selvageria, do estado de animal. Por que cozinhar? Por quê? Apenas porque isso já significa alguma forma de evolução, se você a fosse comer crua, você estaria próximo ainda do animal.

Os animais, principalmente os animais-feras, têm uma alimentação bastante carnívora ou alimentação pesada. Quando eles reencarnam passam um período de extrema necessidade que, para vocês, seria um período de grande dor ver esse tipo de coisas, pois eles passam fome no Plano Espiritual, e morreriam se tivessem corpo físico, e não morrem porque não têm. Então, eles uivam, choram, gritam de fome, eles sentem o mal-estar provocado pela lembrança da saciedade. Quando reencarnam como homens [10] — repito outra vez: não é mais aqui, mesmo como homens, eles não reencarnam aqui na Terra, nesse estado primitivíssimo — são homens parecidos com os da pedra-lascada.

Saibam que o homem da pedra-lascada ainda tem uma série, e que existem seres mais atrasados do que ele. Vocês ainda vão descobrir isso. A humanidade irá descobrir. Nessa fase, quando eles veem a alimentação animal, ao arrancar a carne de um animal para comer, eles sentem a compensação.

E. — Daquele período que eles sofreram.

B. — Entendeu agora? Isso ficou claro para você? Isso tudo foi para falar de evolução dos centros perispirituais.

E. — Esse descondicionamento, esse estado de suspensão, vou colocar da maneira que entendi, de latência, essa modificação é um período de tempo mais ou menos determinado, e ocorrem mudanças de espécie para espécie? Quero dizer considerando-se aqui, o nosso planeta.

B. — Todas as espécies passam por um tipo de experiência e o fazem por etapas. Dos peixes passando pelos anfíbios, répteis, aves, mamíferos e finalmente o homem.

E. — E cada intervalo desse tem uma latência adaptativa de muito tempo?

B. — De séculos.

E. — Adaptativa do perispírito e do espírito para a nova espécie, e a mais importante seria a do princípio inteligente para espírito?

B. — Não. Quando você já está no princípio inteligente, você já adquiriu a fase de espírito; aí é só uma questão de desenvolvimento, de brilho.

E. — Antes do princípio inteligente, ainda há fases anteriores?

B. — É o animal, são as fases animais, todas as fases animais de que eu lhe falei.

E. — Já têm o espírito?

B. — Já, todos os animais têm espírito. Todas as fases encerram o princípio espiritual.

E. — No caso, então, do espírito, já seria uma evolução, já é o ápice?

B. — Já é o ápice, dali você só tem que brilhar.

E. — Então, nós já passamos por isso tudo?

B. — Todos já passamos por isso; agora não me pergunte se você foi esta ou aquela espécie porque isso não existe, entendeu?

E. — Isso que o senhor está dizendo é muito pertinente porque está ligado à ideia da metempsicose; algumas pessoas julgam, pelas suas características de personalidade, que já foram este ou aquele animal, não é?

B. — São lembranças, recordações de estudos, não de experiências. Os homens que falam na metempsicose têm experiência, não de terem passado por esses corpos, mas de terem estudado e terem aprendido isso; por esse motivo eles dizem que há um momento em que você foi animal; eles não sabem muito. Ninguém sabe. Isso está perdido na noite dos tempos; nem mesmo espírito superior, fazendo penetração psíquica no corpo, no perispírito de alguém, será capaz de detectar o que ele foi antes da fase hominal.

Mesmo um espírito superior, se ele quisesse descobrir, não descobriria. Poderá descobrir sim, as fases grosseiríssimas de seu espírito, de uma experiência como homem. Mas, repito, são fases que não têm o menor interesse, isso vai sendo posto de lado, assim como você faz com os seus cadernos do curso primário, porque seu uso já não tem mais razão de ser, pois a sua leitura, o seu trabalho de aprendizado já está num outro nível, o espírito faz o mesmo com as suas experiências neste terreno. Está claro isso?

E. — Quanto à percepção do espírito desencarnado e à sua modificação biológica perispiritual em relação ao corpo; quer dizer, o perispírito do desencarnado é igual ao do encarnado? Muda alguma coisa?

B. — Não.

E. — Ou de acordo com a evolução vai se modificando?

B. — O perispírito é o mesmo. O perispírito do homem desencarnado se resente de uma cobertura que a vitalidade dá; a vitalidade como que impregna o perispírito de uma certa forma de energia que faz com que esse perispírito possua uma característica diferente. Para que você tenha uma ideia aproximada do que eu queria dizer, é como se o perispírito do homem

encarnado estivesse com um cateter plantado nele, passando essa vitalidade para o perispírito, só em termos de envolvimento, ele não passa energia, só passa envolvimento, tanto é que os espíritos, à medida que saem do corpo durante o sono físico, como que se despojam, fazendo voltar para o corpo material toda a vitalidade que, às vezes, saem carregando consigo, eles retomam para o corpo aquela vitalidade, eles tiram mesmo e fazem isso. [11]

E. — Para poder seguir?

B. — Sem essas energias.

E. — Mas a forma permanece mais ou menos a mesma?

B. — Mais ou menos não, ela permanece exatamente a mesma.

E. — Nesses espíritos evoluídos? Eu compreendo que o meu perispírito tenha a mesma configuração, mas que um espírito assim tenha a configuração diferente, em forma de uma centelha, de uma bola de luz...

B. — Esses são obrigados (são raros os que são assim, ligados à Terra), mas esses são obrigados, antes de reencarnarem, a passar por um processo de descida do seu perispírito. Eles têm que fazer o perispírito retornar à configuração de um perispírito de um encarnado; é um processo de sofrimento porque eles já são aquelas centelhas, já não têm formas definidas; então, é preciso que retornem às suas mentes todas aquelas lembranças de vidas, lembranças de todas as formas de vida naquele planeta. E começa a descer o seu padrão vibratório até fazer o que seria

uma espécie de materialização, uma condensação, e seu perispírito adquirir aquela forma que possuía naquele local. Entenderam isto?

E. — E a modificação? Como é que ele chega àquela forma estrutural de uma centelha? Ele vai se purificando com as reencarnações?

B. — É como se fosse decantado, não tem como ter dificuldade nisso. O que é que você faz com a decantação? Você passa por múltiplas experiências até fazê-la ficar pura, mais elevada, é o mesmo princípio. Como é essa decantação no corpo material? Quais são as necessidades do homem aqui da Terra? As grandes necessidades? — Aquisição do conhecimento, que é o saber; a aquisição moral (nós aqui dividimos em vários pontos) que é a humildade, a boa vontade, que resulta no amor.

Na matéria da Terra, a decantação é para chegar a estes níveis: conhecimento e amor, porque, à medida que você vai tendo humildade, você combate o orgulho, a vaidade, combate todas essas formas de tolices do homem, as infantilidades. O amor é a maior consequência a que o homem pode aspirar, ter amor a alguma coisa, e o conhecimento é a outra grande bênção que todos somos obrigados a ter, porquanto ele vem a resultar no discernimento. Mas na Terra — isto é um parêntese — na Terra, a vida é ainda tão limitada que o discernimento se faz por etapas. Vocês aqui, nesta sala, que são médicos, estão aprendendo a discernir sobre a ciência da cura; nesta encarnação, você, que é professora, aprendeu a discernir na educação; você, que é psicóloga, no conhecimento da alma humana; você, médium, no campo da sensibilidade mediúnica.

A vida material é limitada porque não lhe permite ter muitas aquisições simultâneas, ainda que você seja uma criatura que se torne médica, professora, psicóloga, dentista e todas essas coisas, você acaba não conseguindo ser completa em todas essas ações, até porque o campo do conhecimento é tão vasto... Quem pode dizer que é um médico completo? E quem conhece tudo o que existe na Medicina? Quem pode dizer que conhece sobre a alma humana ou

sobre o terreno da educação de modo completo? Essas aquisições, o discernimento são conquistas para milênios, na Terra e fora dela.

E. — Quantos milênios, aproximados, para a fase da humanização?

B. — Da humanização? Para quê?

E. — Chegar a um espírito bom, um espírito superior...

B. — Espírito superior: 10000 anos, no mínimo. Da fase de homem primitivo à fase de, como vocês classificam, espírito superior — porque é claro que existem, fora da Terra, outras características — são precisos 10000 anos. Destes 10000, de 4000 a 6000 são passados para atingir o mínimo de conscientização, os outros 4000 para aquisição mínima do discernimento, e do amor e o restante das aquisições. No nível desta galáxia são 10000 anos, e aí, se você quiser analisar outras galáxias, sua cabeça não vai entender.

E. — Quando Jesus implantou a parte moral aqui na Terra é porque o homem, ou pelo menos a parte espiritual, já tinha condições de receber essas informações na sua imaturidade; é a partir daí que a gente pode considerar mesmo a fase do homem como consciência?

B. — Não. O papel de Jesus é um papel especial que pode se resumir da seguinte maneira: o conhecimento chega ao homem por necessidade, o homem é obrigado a conhecer; ele precisou da sua primitiva necessidade de se alimentar, de se proteger do aspecto exterior da chuva, do Sol, das intempéries de um modo geral. Ele começou dali e dali ele foi, por

necessidade, descobrindo, por métodos de experimentação, que é o mesmo método científico, qual o melhor caminho para ele. Foi discutindo, discutindo e descobrindo, descobrindo e experimentando e, então, da cobertura de folhas até a cobertura moderna dos arranha-céus, ele só fez experimentação, não fez mais nada além disso; ele apenas experimentou por força de suas necessidades. A alimentação que o prejudicava e a alimentação que o sustenta é fruto, também, da experimentação; ele descobriu que algumas coisas o envenenavam ou lhe faziam mal e outras não, é experimentação, é o método científico de experimentação, não existe outra explicação. Já na parte moral não existe experimentação, ou por outra, o espírito, para conhecer a parte moral, precisaria reencarnar três, quatro vezes mais para descobrir que o bom é conviver sem odiar a ninguém. O que Jesus fez quando reencarnou, só o fez para que o homem entendesse a lei de Amor, só veio trazer a lei do Amor.

E. — Acelerar?

B. — Trazer e acelerar porque era dispersa; aglutinar todas as forças, porque você não encontra em nenhum líder religioso a pregação do amor como Jesus fez; você encontra em Confúcio a pregação da convivência sadia; em Lao-Tsé a da convivência baseada no bom senso; em Buda, os atos de tolerância, de compreensão e de amor, um amor relativo; mas em Jesus você encontra a pregação declarada de que ou se trabalha por amor ou não se chegará lá. Então, o papel de Jesus não pode ser medido no contexto de uma reencarnação. É extrema tolice dizer que ele teve reencarnações na Terra, isso não existe; a única que ele teve foi justamente no momento em que sentiu que a humanidade deveria receber aquela notícia, que é a lei de Amor, ensinada, pregada, exemplificada, mostrada por ele; por isso o papel dele é um papel à parte e por mais que queiram dizer que ele não existiu, por mais que queiram dizer que a sua filosofia era cediça, por mais que queiram dizer que o seu trabalho foi feito por Paulo de Tarso, isso não existe. Paulo é um trabalhador de quem vocês não conhecerão tão cedo a extensão da obra que ele realizou, mas se ele não fizesse aquele papel, outro faria. O papel de Jesus é acima dos homens, e Paulo pertence à humanidade terrena com toda a sua elevação, ele pertence à humanidade terrena, então,

se ele não fizesse o que fez, (o mérito, inegável, é dele) outro faria; isso é para eu não dizer a vocês que correntes de estudiosos humanizados, e até exercendo uma crítica, enfatuados no dizer que o Cristianismo sobreviveu graças à atuação de Paulo de Tarso, é, no mínimo, desconhecer a extensão do papel de Jesus, aqui na Terra. Ele não poderia manter a sua Doutrina calcada em um homem. O mesmo ocorreu com a Doutrina Espírita, se Kardec falisse outros viriam porque estava na hora de fazer aquilo; se Kardec, por qualquer razão, falisse, outro espírito viria. Se Paulo de Tarso, por qualquer razão, falisse, Jesus providenciaria o retorno, para Terra, de outro espírito para fazer o que ele fez. Por quê? Porque estava na hora do ensino da lei de Amor.

E. — Numa comparação, numa linguagem muito pobre: Paulo popularizou o ensinamento do Cristianismo?

B. — Ele popularizou, mas também distendeu.

E. — Certo, levou, ao povo de todas as regiões, aquela mensagem do Cristo.

B. — Exatamente. Isso está claro para vocês? Há alguma dúvida com relação a isso?

E. — O perispírito em relação aos chacras, em relação ao fenômeno mediúnico, quer dizer, os três juntos. Como é que ele desenvolveu essa tarefa com relação aos fenômenos mediúnicos?

B. — O perispírito, como desenvolveu?

E. — Sim, qual é o papel do perispírito no fenômeno mediúnico e como ele desempenha este papel?

B. — O perispírito não desempenha esse papel, o espírito é que faz o perispírito desempenhar esse papel. Entendam bem isto! É o espírito que faz o perispírito desempenhar esse papel. Quando o médium desenvolve um potencial mediúnico capaz de fazer com que determinado objeto se transporte de um lugar para outro, ele utiliza o seu perispírito, mas é o seu espírito que desenvolve o gosto, o prazer de fazer com que aquele objeto se movimente.

E. — E a involuntariedade?

B. — Isso não existe.

E. — Teria a ver com o fato de se perceber, nos médiuns de efeitos físicos, uma característica mística; teria a ver com o fato de eles encararem a sua faculdade de uma maneira mística?

B. — Não. Nada a ver. Situe você, como um médium de efeitos físicos com a tarefa específica de transportar um objeto de um lado para o outro; seu espírito ou sua vontade aciona o seu perispírito para fazer esse objeto ser transportado. Agora, situe você, como um espírito, um perispírito que não saiba que pode transportar, mas chega alguém que sabe que você pode transportar; esse alguém pega da energia que transborda de você e faz o que você faria se tivesse consciência de que poderia fazer. Entenderam? Um faz, o médium que trabalha habitualmente, faz consciente; o outro, faz inconscientemente, porque não sabe que pode fazer; tanto é que, na história

dos médiuns, vocês veem que todos eles passaram pela fase da espontaneidade e depois eles próprios começaram a operar sem o auxílio de outros espíritos; eles agiam já por conta deles.

E. — Aí já seria anímico?

B. — Não.

E. — Mas vem dele, da vontade da alma... É aprendizado puro, não é?

B. — É aprendizado puro e mais uma outra coisa: seria como se você gostasse de fazer esse episódio.

E. — É o que ocorre no fenômeno mediúnico, a pessoa teria que gostar...

B. — É a intenção de fazer as coisas.

E. — Faz bem fazer isso?

B. — É a intenção dele. Se você faz o fenômeno de transporte por sua livre vontade — “Eu quero me apresentar diante de vocês fazendo este movimento” — você utilizou a sua vontade. Se você não sabe que pode fazer isso, mas disseram a você: “Olhe, sente aí e doe fluidos”. Você não tem consciência, não tem nem intenção. “Sente aí e doe fluidos”. Vem alguém, encarnado ou desencarnado, com a intenção, pega o seu fluido e atua como

se fosse você. O seu fluido funciona nele, espírito ou médium, que o utiliza como uma extensão da sua vontade.

E. — A espontaneidade seria a fase inicial da mediunidade até...

B. — Seria a descoberta de que você tem este fenômeno.

E. — (...) até que ele se conscientizasse daquilo e ele próprio passasse a manipular?

B. — Exato. O que é que acontece com vocês na mediunidade de cura? É a utilização da vontade, do fluido, da cura e do passe também, passe comum, é o mesmo princípio; é o desejo que você possui de socorrer alguém. Por que é que você não usou a sua faculdade apenas para movimentar objetos? Porque repugna a você. Você considera uma perda de tempo; melhor utilizar para curar, como todos vocês que a utilizam no passe comum; melhor usar a força para fazer um socorro ao próximo, seja médium curador, isto é, com o fluido adaptado ao gênero de cura, ou um médium com um fluido adaptado ao gênero de cura de modo menos vibrátil, menos importante, menos rápido, mas o mesmo princípio. Porque médium de cura e médium comum são a mesma coisa, apenas um tem mais força para curar, é o fluido adaptado, é experiência...

E. — É a especificidade do fluido?

B. — Só é especificidade, não tem mais nada.

E. — E entra o automatismo também?

B. — Entra o automatismo, aí entra o automatismo. Está claro isso? Então, quando o espírito diz que, ao lado de uma casa em que ocorriam fenômenos estranhos, descobriu-se um médium, que nem sabia que era médium, ele não sabia, mas gostaria de fazer.

E. — O espírito dele tinha a intenção, o desejo...

B. — (...) de fazer isso. Por mais que conscientemente ele diga que não.

E. — Ou até que ele se assuste com o fenômeno, não é?

B. — Que assuma o fenômeno, melhor dizendo.

E. — Como é esse despertar, essa espontaneidade? O indivíduo encarna, de repente aparecem fenômenos, ditos mediúnicos, que, posteriormente, se tornam voluntários. Essa espontaneidade depende de algum fator de evolução?

B. — Não, é apenas experiência.

E. — Pode aparecer em uma determinada fase da vida da pessoa e nunca mais ocorrer.

B. — É só experiência, em qualquer fenômeno mediúnico, é só fruto de experiência. Todo fenômeno mediúnico você usará, enquanto tiver o desejo de fazer.

E. — Mesmo naquele selvagem que vive numa tribo, no pajé... já existe a mediunidade de forma até bastante...

B. — Principalmente nesses porque são muito primitivos, então o fenômeno surge espontâneo ou não surge.

E. — Não tem bloqueios?

B. — Não tem bloqueios.

E. — E até entre esses chamados selvagens, indígenas, temos conhecimento de que existem fenômenos mediúnicos, eles já não são tão selvagens assim, certo?

B. — Eles já têm alguma forma de conhecimento.

E. — De conhecimento, e também o discernimento de que aquelas entidades que eles veem nas florestas são individualidades, são espíritos, e que são de um Plano Espiritual.

B. — Eles têm absoluta certeza disso.

E. — Como é esse processo do despertar da mediunidade? Por exemplo: um reencarnante não tem interesse na mediunidade, no fenômeno mediúnico, e, de repente, em uma encarnação, aparece a mediunidade...

B. — A mediunidade só existe, como vocês a entendem, apenas na matéria, porque todos os homens têm percepção e eles a desenvolvem. Todo homem tem percepção e desenvolve sua percepção. Aquele que vocês chamam de médium é a pessoa que resolveu se aplicar mais nesse setor. Compreendeu?

O que vocês chamam de médium é a criatura que passou mais tempo se aplicando nesse setor. Por quê? Porque enveredou por esse caminho, mas qualquer um poderá um dia ser, não numa existência, porque a mediunidade — não esqueçam — a mediunidade tem a ver com o corpo, quando você reencarna, apesar de ter sensibilidade para que ela se manifeste, você tem que ter um corpo e instrumentos que a façam agir. Você pode percebê-la, mas no corpo não tem instrumento para fazê-la agir. Você poderá perceber, sentir, mas não receberá um espírito se não tiver, ao reencarnar, os mecanismos implantados para o espírito falar através de você.

E. — Não bastaria só a vontade, neste caso?

B. — Não bastaria só a vontade, a sua vontade poderia acelerar a sua sensibilidade, mas não lhe daria a incorporação. Por isso é preciso que, ao reencarnar, você queira a mediunidade.

E. — Tem que haver programação?

B. — Claro; tem que ter programação.

E. — Mesmo entre os chamados selvagens?

B. — Inclusive, o princípio é o mesmo; para eles um tipo de reencarnação, para os seres mais capazes, outro tipo de reencarnação, mas o princípio básico é o mesmo.

E. — Eu entendo o desabrochar como uma forma de intenção ou desejo do espírito em se aprofundar nessa determinada área. Numa primeira fase, não necessariamente que ele venha como médium, começa a despertar nele o sentido, a intenção. Na segunda fase, aquilo vai crescendo até o ponto de ele, realmente, numa encarnação, ter a autorização, a possibilidade (pelo interesse que já desenvolveu, pelo estudo talvez) de ser médium; mas o selvagem, ele não teve esse interesse...

B. — Quem lhe disse? Você é que deduz.

E. — É, estou deduzindo porque é um ser primitivo, não?

B. — Ele é primitivo, mas tem condições de saber das coisas; o conhecimento é adequado à natureza e ao mundo em que esse ser vive, mas ele sabe o que faz, não é um ignóbil, ele sabe o que quer.

E. — O perispírito, então, ele se modifica de acordo com essa

determinação? E sofre também esse condicionamento biológico?

B. — Ele também sofre.

E. — A mediunidade também estaria várias encarnações, sucessivamente, trabalhando em prol disso?

B. — Não se esqueçam: esse mecanismo biológico termina em automatismo, mas se vocês, ao reencarnarem, não programarem o tipo de mediunidade, terão sensações, mas nunca terão mediunidade.

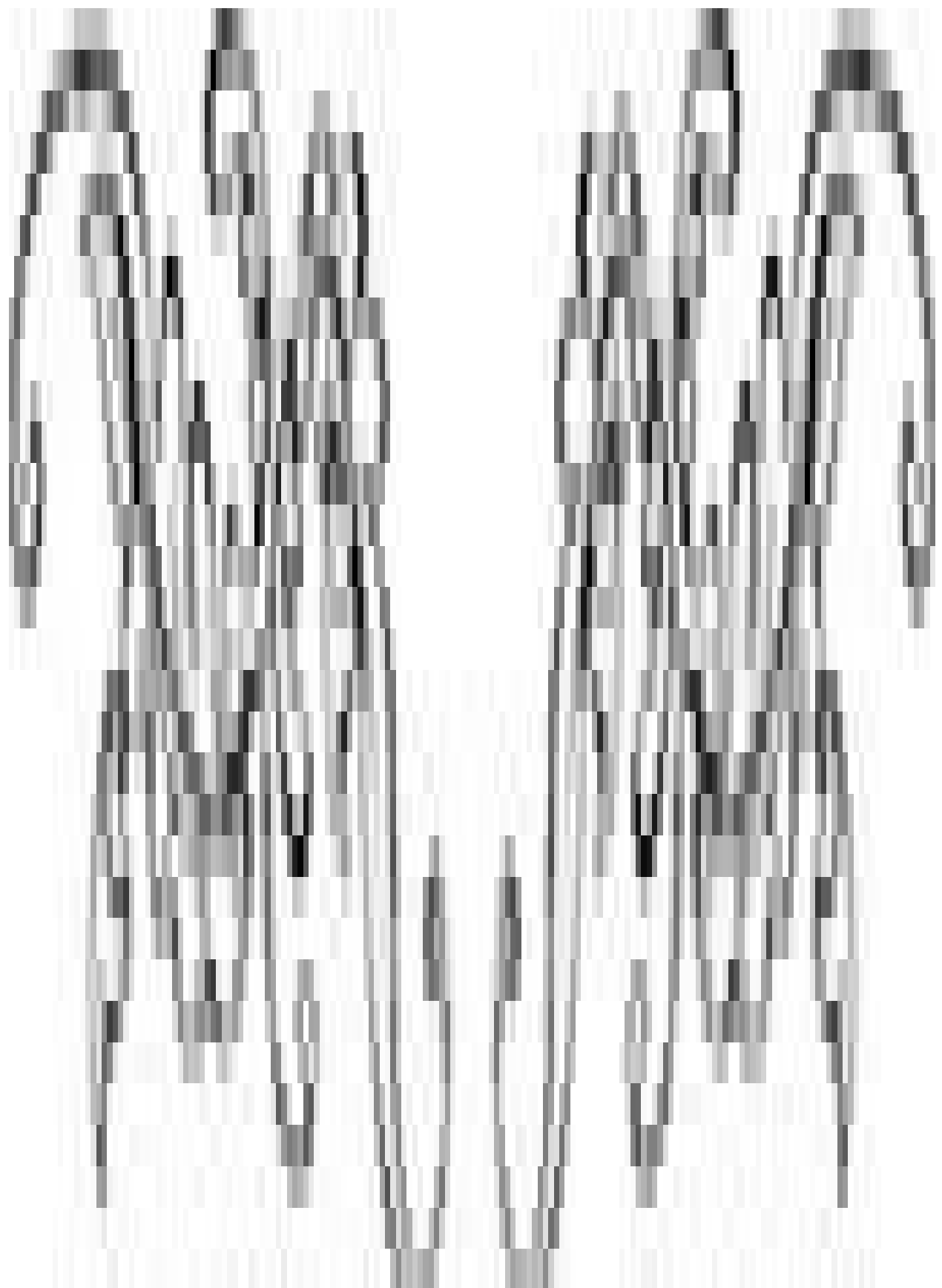
E. — Por isso a gente sabe que a mediunidade é um presente, é um dom, uma oportunidade que Deus nos dá...

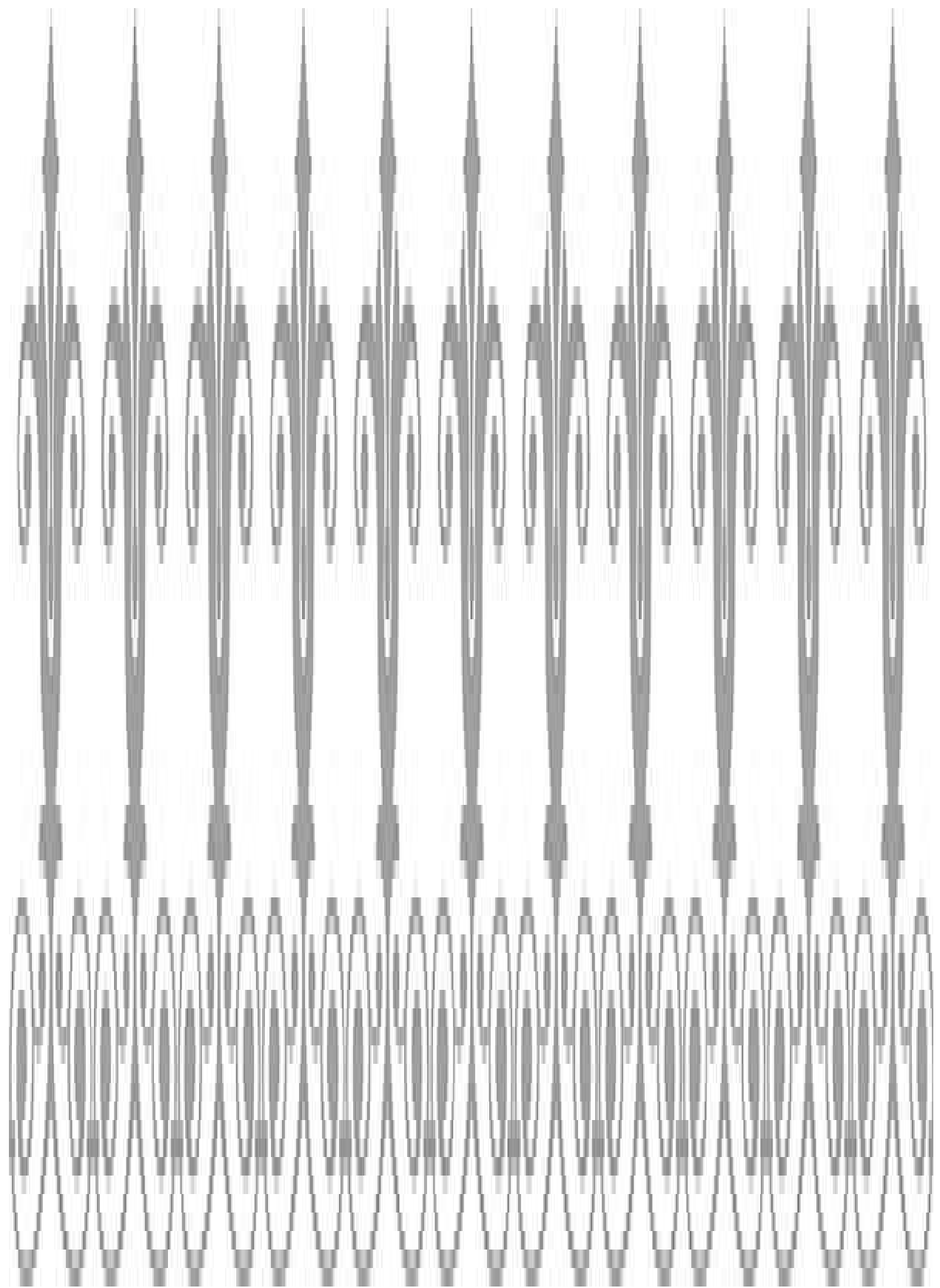
B. — É por isso que Kardec dizia que a mediunidade se radica no corpo mas, em realidade, ela não é do corpo. A execução dela é que é do corpo.

E. — A execução dela é que é orgânica.

B. — O fenômeno físico é mais doação de energia, depende mais da vontade; os fenômenos intelectuais é que exigem grandes implementos.

Deus fique com todos vocês, meus filhos.





Capítulo II

Reunião 19 — Lei de Amor

24 de maio de 1991.

H. — Graças a Deus, meus filhos. Jesus Cristo nos ajude e abençoe agora e sempre.

Que as poderosas forças do Bem e da Paz, do Amor e da Luz nos sustentem o ânimo e a determinação. Graças a Deus!

Dando início ao trabalho da noite, façamos como sempre: demo-nos o autopasse.

Que Deus nos abençoe o trabalho da noite. Começemos.

E. — As perguntas de hoje são calcadas em dois capítulos da Parte Terceira, Das Leis Morais, de O Livro dos Espíritos. O XI, “Da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade”, e o XII, “Da Perfeição Moral”. Demos ao nosso estudo o título “Trabalho sobre Virtudes e Vícios”.

Irmão Hermann, Jesus nos ofereceu a lei de Amor como forma integrante da

nossa união com o Pai. Ora, o homem vem, desde então, tentando, a duras penas, absorver esses ensinamentos. Como poderíamos entender a lei de Amor considerando-a na forma mais pura e simples em relação a Deus, ao próximo e a nós mesmos? Como, após o seu entendimento, aplicá-la em nós mesmos, em nosso dia a dia, em nossa vida? (Esta é uma visão geral, para depois abordarmos temas mais específicos).

H. — A forma mais purificada que nós temos conhecimento aqui, é realmente a lei de Amor. Não existe outra forma melhor, para definir os sentimentos do homem, do que essa lei. O amor se expressará sempre de forma ideal nas atividades em que você se doe pelo coração, educativamente, para alguém.

Quando Jesus nos falou da parábola ou da história do homem que foi atendido no caminho de Jerusalém para Jericó (nas suas expressões geográficas), e disse que aquele homem fora atingido por malfeitores e socorrido por um homem simples, Ele quis pôr, ao alcance de todos os outros homens, o gesto de amor. Ele despojou a caridade, o amor, ou o amor que expressa a caridade, ou a caridade-amor, de qualquer ranço de seita ou religiosidade. Ele quis dizer que o homem, a partir do momento em que deseja fazer alguma coisa, ele pode fazer. A maneira mais simples que você tem de realizar alguma coisa pelos outros é justamente sendo despojado, não complicado. Você pode comparar isso com as atitudes desenvolvidas pelas criaturas e pelas atitudes desenvolvidas pelo Estado, qualquer que seja o Estado, qualquer que seja o país.

Quando uma criatura age, por si ou numa instituição, de modo simples e natural, as coisas andam. Porém, à medida que há interferência de todo um aparelho para se realizarem algumas coisas, elas começam a claudicar porque, justamente, falta o sentimento do amor. As pessoas passam a agir como se exercessem uma profissão.

A maneira, portanto, que o homem tem de mostrar a lei de Amor é o serviço ao

próximo, feito de modo muito natural, muito espontâneo, e sempre, repito, servindo, servindo, educativamente. Você não vê, em Jesus, nenhum gesto que não seja educação; todos os seus gestos são de educação, não há um que não seja educativo. Quando não é educativo para a pessoa a quem ele socorre, é educativo para quem está à volta. Compreenderam?

E. — Em nossa convivência diária, experimentamos os seguintes fatos: atualmente, estamos envolvidos pelas campanhas de greve, nas quais interesses pessoais estão acima dos interesses humanísticos. A violência impera nas atitudes do homem e o leva ao assassinato, ao roubo, ao sequestro, à loucura, à chacina, ao suicídio. As religiões, ensinam práticas de interesses pessoais, indo contra a vida espiritualizada. O convívio humano é sem o uso da razão, predominando, assim, as más paixões, os sentimentos destrutivos, mais do que a fé e a caridade.

Como desenvolver, dentro deste contexto de vida, a lei de Justiça, de Amor e Caridade em nós? A atitude é de neutralidade? A atitude é de defensiva? Qual a posição do verdadeiro espírita diante desse fato?

H. — Você mesmo já disse, na sua pergunta, que o que está prevalecendo é o interesse individualista. Quando vemos, em vosso país, essas eclosões de greve, como foi também na Alemanha, durante anos antes, o que percebemos é o interesse individual prevalecendo sobre as formas objetivas de interesse coletivo, são homens sediciosos, capazes de corromper outras mentes, levando-as a agir de conformidade com seus sentimentos e não com os seus ideais. O que nós vemos, realmente, são dois grandes partidos: de um lado, o interesse pessoal, de outro, a defesa de suas riquezas. O homem com frequência defende a greve, não porque precise ganhar melhor, mas porque quer defender sua riqueza; quer ganhar melhor, para gastar mais.

Às vezes você vê que não é nem uma questão de vida com dignidade, é uma questão de vida com a carga que o homem quer ter. A dignidade verdadeira, a

meu ver, está no cabal e completo exercício de suas profissões, de suas tarefas, de seus pontos de vista, essa é que é a dignidade da criatura, dignidade profissional, evidentemente. Por outro lado, vemos que as criaturas, elas mesmas, fazem da própria vida uma espécie de batalha, ou para aparecer ou para fazer prevalecer seus pontos de vista. Esse desejo de aparecer é um desejo que leva a criatura a se apresentar a todo mundo. Então, ela não hesita em fazer coisas que a levem a constituir uma atitude para permanecer no alto. Por outro lado, também vemos indivíduos que desejam destruir os outros, de uma forma egoística, como se fossem os verdadeiros donos de todas as verdades.

O espírita não pode ter esse tipo de comportamento, uma vez que ele combate todos esses gestos errôneos em si mesmo, em primeiro lugar. Ele não pode fazer isso de fora para dentro. Ele tem que fazer o contrário, não é? Ele tem que combater o egoísmo, o predomínio da sua própria vontade, as ideias destrutivas, o excessivo amor ao ganho das coisas materiais. Tudo isso ele tem que combater em si mesmo. Eis por que o espírita responderá aos seus companheiros de jornada que a posição dele será sempre construtiva e não destruidora. Não que eu esteja dizendo que vocês, como encarnados, não devam ter uma atitude de defesa, mas será sempre uma atitude de defesa de um modo lógico, coerente e não uma atitude de defesa com o objetivo tão somente de fazer prevalecer os pontos de vista pessoais.

O que observamos nos vossos líderes é que são almas todas elas oriundas das épocas do Brasil colônia e do Brasil império, em que todos eram como se fossem reinóis. [12] Então, em realidade, eles continuam querendo mandar. Eles não têm nenhuma liderança efetiva. São lideranças constituídas numa posição de falso mando, como se as pessoas devessem obedecê-las. Não são lideranças constituídas pelos seus próprios valores. Esta é a grande falha deles, e é o que os levará à ruína espiritual.

Vocês, na Terra, fujam desse tipo de coisa, se querem manter um mandato de espíritas. Em vocês só há uma atitude compatível com a elevação espiritual: é a própria elevação espiritual. A elevação afasta as ideias de predomínio sobre os

outros. A elevação, ao contrário, faz uma ideia mais criativa do ponto de vista interior.

Esses líderes são pessoas que querem fazer com que suas ideias cresçam na cabeça de vocês; por que seguir a opinião de um líder político? Por quê? É a pergunta que faço a todos.

O que eles têm de útil, a não ser se estiverem voltados para a construção de uma sociedade feliz?

Vocês pensam que aqui, na Espiritualidade, nossas cidades e colônias são regidas por gestos políticos? Claro que não. São regidas por deferência de autoridades morais. Claro que na Terra vocês não vão conseguir isso; mas as coisas no seu lugar devido.

E. — De certa forma, o espírita tem um líder, não é?

H. — Que é Jesus.

E. — O exemplo aplicando a lei de Amor, de Caridade, tanto ligado ao lar, à política, à vida como um todo. O exemplo é a exteriorização do Amor, é a forma educativa. Como ser um exemplo?

H. — Creio que você quer perguntar isto: como ser aquela criatura tão enobrecida, tão equilibrada, tão forte, tão justa, tão filosófica, tão bondosa, que sirva de exemplo?

É servindo de apoio, servindo de base para o exercício da Lei de Deus, não há outro jeito.

Por que você admira certas criaturas, quando bondosas?

Porque elas refletem, de alguma maneira, aquilo que Jesus foi. Jesus foi essencialmente bondoso, porque refletia a Lei de Deus. Então, o homem será tanto mais seguido ou servirá de exemplo, à medida que ele próprio for interiormente elevado. Você entende? É por aí que as coisas se passam. Também pode acrescentar a este raciocínio que está sendo apresentado, o seguinte: o homem, em si mesmo, é uma máquina em perfeito burilamento, tanto quanto o espírito é uma força que cresce para brilhar. Quanto mais você se dedica às atividades de crescimento interior, mais você será uma criatura voltada para o crescimento.

O desejo, portanto, de você aparecer está vinculado ao desejo de crescer. Não pode ser de outro jeito. Se desejar servir de modelo, de exemplo para os outros, cresça. Como é crescer? É aprender a Lei de Deus, é dedicar-se ao próximo. Está claro para vocês?

E. — Está claro, mas, nesse desejo, se subentendem tantas outras coisas inseridas dentro de nós mesmos, que nem sempre conseguimos colocar de maneira prática, objetiva, em nossa vida. É como se tivéssemos o desejo e separássemos o desejo da vontade e colocássemos o desejo como uma forma, uma ideação, e a vontade como uma concretização, e ficássemos só no desejo, mas não conseguíssemos colocar isso como uma força realmente propulsora e mantenedora, aquilo que o senhor sempre recomenda, que é a persistência em relação ao trabalho, ao serviço, ao agir. Então, aí nós sentimos as barreiras impeditivas da nossa própria imperfeição, e, somada a isso, a imperfeição que nos cerca, no sentido das atribulações.

H. — Isso faz parte do mundo de expiação e provas. Nos mundos felizes o crescimento existe...

Isso que vocês sentem é o “bom combate”, no dizer de Paulo de Tarso. Nos mundos felizes esse desejo também existe, mas sem essa carga de dor que vocês carregam como encarnados. Entenderam? Sem essa carga porque, aqui, também temos desejos, anseios, projetamos tarefas; mas nós não temos — pelo menos no mundo em que eu vivo — a ansiedade nem a dificuldade da sua concretização. Temos a necessidade do esforço, não a ansiedade nem a inquietação.

E. — Dentro de sua experiência, quais seriam os instrumentos para conquistarmos isso? Trabalhar no bem e estudar, para mim, é uma rotina que me ajuda nesta constante transformação, passo a passo, passos pequenos, às vezes passos mais largos, mas sempre constante, para mim, na minha experiência. Gostaríamos que o senhor nos desse uma orientação.

H. — Mas é só isso. O que vocês têm, normalmente, são os desejos ainda não realizados, têm ansiedade porque, primeiro, estão limitados pela carne e, segundo, estão limitados pelo acanhado círculo mental, desculpem-me dizer isto para vocês, mas acanhado círculo mental em que vocês vivem ainda.

No mundo espiritual, tudo é muito largo, tudo é muito amplo; até a visão das coisas. Eu diria a visão que se tem das coisas, é diferente. Por exemplo, às vezes vocês trazem, no coração, dúvidas com relação ao comportamento de certa criatura. Para nós, isso não constitui problema, a partir do momento em que nós mesmos entendemos que ela está fracassando. Isso não é problema para nós, ela está fracassando...

E. — É tão difícil...

H. — Porque vocês querem que os outros sejam a sua imagem e semelhança. Vocês querem ser iguais a Deus. O problema de vocês todos é este: vocês querem ser iguais a Deus. Querem que as pessoas sejam a imagem e semelhança de vocês. Quando vocês começarem a aceitar as pessoas exatamente como são, essa ansiedade desaparecerá. Vocês têm que sentir essa necessidade um pouco mais devagar, mais contida, porque a criatura, a seu tempo, progredirá. Não progredirá fora do tempo, não, progredirá no seu tempo. Por outro lado, observem outra coisa interessante: qual é a grande dificuldade que vemos no homem de hoje?

É o homem que não tem, em si, esperança. Você falou da crueldade que cometem um contra o outro. É a falta de esperança, portanto, falta de perspectiva e falta de equilíbrio diante das atitudes; é a falta de força de vontade, diante do que está por se realizar, é o que quero dizer. Esta é a dificuldade maior que vocês veem no homem. Ele não consegue ter esperança, ele é imediatista. O homem é muito imediatista, não consegue ter capacidade de esperar. Por que é difícil vocês esperarem? Quando vocês esperam, vocês têm que ser o que vocês são diante dos outros, e o orgulho de vocês não permite isso. Vocês querem ser iguais aos outros, só por orgulho. O que vão dizer de você estando abaixo do outro? Isso mexe muito com vocês. Essa necessidade precisa ser corrigida dentro de vocês. Isso é uma ansiedade, não é? Que não se vê o resultado. Por isso, muitas vezes o homem se suicida, outras se tumultua quando não se suicida. Se todos se precatassem contra isso, cuidando da própria vida, da própria vida espiritual, da própria vida de progresso, da própria vida de necessidade de caminhar em direção a Deus, certamente que tudo isso acabaria.

E. — Visão de Jesus com relação aos sofredores. Como entendê-lo na sua visão de amor em relação aos que sofrem, as curas, os sofrimentos da humanidade, enfim, na sua exemplificação, no seu ensino. Qual é o ensino que Jesus estava passando quando cuidava dos que sofrem? E cuida até hoje.

H. — É difícil passar para vocês a ideia dos espíritos superiores. Para ser mais preciso, eu direi que os espíritos superiores vão fazer, sempre, tudo que puderem em benefício dos espíritos inferiores. Vão fazer absolutamente tudo, em benefício desses espíritos. Por quê? Porque eles não serão felizes com a retaguarda carregada de sofrimentos. O que acontece é isto: os espíritos vão crescendo, vão evoluindo, mas olham para trás e veem a retaguarda coalhada de amigos, de companheiros que sofrem. Então, eles retornam, eles interrompem a própria trajetória para socorrê-los. Compreenderam?

E. — Mas com Jesus também foi assim?

H. — Também, porque Jesus foi aquele espírito que ajudou por amor. Ele não podia ficar na sociedade pesada de Jerusalém, não podia ficar na sociedade orgulhosa de Roma, não podia ficar na sociedade decadente da Grécia. O que fez? Ficou junto à sociedade que, embora pobre, estava prenhe da vontade de Deus. Por isso, então, é que se instala no meio da sociedade de tristeza, de sofrimento, reencarnando, não é? Para passar para nós alguma mensagem. Até nisso ele quis nos ensinar.

Ele tinha perfeita consciência da vida humana, da vida terrena. Tinha plena consciência da fragilidade do ser humano; tinha plena consciência da fraqueza moral de seus habitantes. Então, entendia, como é o certo, que a criatura, para atingir a paz, tinha que encontrar o Reino de Deus porque, se não encontrar a paz, não atinge o Reino de Deus. E qual é o melhor caminho da paz senão ele próprio apresentar-se como o Caminho de Deus? O caminho do bem passa por estas portas: bondade, tolerância, compreensão, tudo isso, mas também passa pela ideia do Caminho de Deus.

E. — No convívio familiar, integram-se criaturas para o aprendizado. Nós

temos as mais variadas dificuldades: o esposo, a esposa, os filhos, os pais, os agregados; muitas vezes, na família, reencarnam pessoas divergentes ou até inimigos. Outro fato: a aplicação da lei de Justiça, Amor e Caridade é, algumas vezes, muito mais fácil fora do lar do que dentro dele.

Diante das dificuldades de convivência no lar, como podemos desenvolver, em nós, mecanismos que atendam à lei?

H. — Só amando. Não tenho outra resposta para dar.

E. — Gostaria que o senhor nos desse uma fórmula.

H. — Vou lhes dar uma fórmula: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando foi assaltado por malfeitores”... A mesma fórmula, filhos.

Reparem, eu posso traduzir isso dessa maneira: quem vai à casa de vocês? Não é só o inimigo não, é o oponente. Não é só o inimigo, nem o oponente, é o que não o ama. E não é só esse, é o que foi ferido por você. E não é só esse, é o que não pensa igual a você. E não é só esse, é aquele de convívio difícil, que você conheceu no local de trabalho, depois vocês reconhecem que o jeito é voltar juntos. Não é só o que faz isso, é aquele a quem você prejudicou. Então, quando você se junta com todos esses elementos não vai dizer que tem um problema, uma tarefa, uma dificuldade, nisso você está errado. Você terá que dizer de uma maneira mais acertada: estou vencendo uma etapa com essa pessoa. Vencer uma etapa é diferente de achar que ela se transformou porque você se transformou para ela. Por exemplo, você vê em seu trabalho profissional a realização de seus sonhos. Nós vemos a necessidade do pagamento de suas dívidas. Compreende? Então, você olha para o marido e diz assim: “Aí está o meu príncipe”, e, de repente, ele não é príncipe, ele é o mendigo da história. E você tem que conviver com aquele mendigo, e, convivendo com aquele mendigo, a única coisa que

você tem a fazer é o quê? É retirar da experiência as melhores conclusões para seu próprio progresso. Se você tem no marido o companheiro complicado, ele não desiste, você não desiste, ninguém desiste, o que acontece? Vocês vão atritar tanto que, um dia, um dirá para o outro: “Não é melhor conviver do que gritar?”... Aí, você começará a vencer etapas. E não é nenhuma luta contra a pessoa. Às vezes vocês pensam que têm lutas pessoais, mas não têm lutas pessoais; têm convivência difícil, porque não querem entender que as etapas têm que ser vencidas, é só isso.

A maior parte de vocês tem luta com o progresso, não é com os indivíduos, não. Os indivíduos que estão ao redor são iguais a vocês, progredindo, lutando, querendo acertar, querendo vencer, querendo fazer o bem. Tanto é que vocês os amam e eles amam vocês, cada qual a seu modo, mas ninguém deixou de amar. Até mesmo quando têm pais exigentes, que querem dominar, é a maneira que eles encontraram de proteger os filhos. Vocês não querem esse tipo de proteção, mas é a forma que eles encontraram. Então, a etapa, numa hora dessas, qual é? É a de conviver com pessoas assim, pagando os débitos, um dia Deus desliga.

E. — Quando ainda não temos esse profundo conhecimento, o entendimento do que seja o amor, o respeito que se dedica às criaturas, embora, muitas vezes, não se acompanhando, não se aceitando as ideias dessas mesmas criaturas, é um princípio da vivência do amor?

H. — É um princípio sólido, até.

E. — Então, para haver o amor, não precisa necessariamente haver identidade?

H. — Não.

E. — Para haver afinidade precisa?

H. — Para o amor não. E é a falta desta compreensão que complica tudo.

E. — Amar na diversidade.

H. — Na diversidade de caracteres. Muitas vezes vocês só estarão vencendo etapas, outras estarão criando atmosfera mais pura para vocês. Por exemplo, você pode ter uma criatura a seu lado que você não ame, por isso ou por aquilo; mas você convive, aprende a respeitar, a ver os valores. Então, ela vence a etapa que é dela e você vence a sua. Quando chega aqui, no mundo dos espíritos, essa questão de análise é uma questão muito severa. Aquilo que vocês ouvem falar, que Deus julga pelas intenções, nada mais é do que isso. É análise profunda a respeito das vitórias que você teve, naquelas faixas de dificuldades que se vê as criaturas terem.

E. — E os dois crescem juntos, não é?

H. — Quando é o caso de marido e mulher, o de pais e filhos. Desde que haja convivência, é sinal de crescimento, seja em que nível for.

E. — Na profissão, as pessoas difíceis, presas em ideias arraigadas, seriam dívidas nossas com essas pessoas?

H. — Dívidas, seguramente, com a ideia. Agora, não se esqueça de uma

coisa: a Lei de Deus, quando sabe que você tem dívida com a ideia e que está encaminhado para este lar e não para aquele, porque a sua vibração, o seu padrão começou a direcionar-se para aquele tipo de coisa, a Lei de Deus junta uma pessoa capaz de fazer você passar pela prova com todo o cuidado.

Como se você estivesse necessitando de um gênero de provas, a da pobreza, ou a do estudo, ou a da riqueza; mas, de cada uma dessas provas, você precisa por uma razão. A da pobreza, porque você necessita aprender a conviver com a dificuldade; a da riqueza porque tem que aprender a conviver sem o estado de perdulário; e vai por aí afora. Então, na realidade, aquela volta para aquele tipo de ambiente é uma sinalização para você ver o que está acontecendo, o seu desejo.

Quando você tem alguém ao seu lado, constituindo um grupo familiar, no fundo ele se aproximou por força desse desejo, dessa cruz que você carrega, e todas essas dificuldades.

Agora, vou lhe explicar por outro ângulo. Você vai dizer assim para mim: “Se a necessidade minha é controlar isso e a necessidade dele é criar isso, por que não dá certo?” Porque, aí, entra o capítulo da lei que diz que você irá retornar com as pessoas que ainda não sabem que podem dar certo. Elas têm que mexer com você. Então, você tem que retornar com essas pessoas. Elas têm necessidade, você tem necessidade, cada uma com seu próprio valor. E você chega perto desse ser que, por sua vez, precisa daquilo que você tem, e ele mesmo pensa: “Por que que eu escolhi esta mulher?” Enquanto você diz: “Por que eu escolhi este homem?” Se ambos se vissem num espelho, que refletisse as suas almas, veriam as necessidades, cada um do seu modo e, acima de tudo, chances de crescimento. Então, não é todo mundo que eu conheço que está do meu lado? Não, nem sempre. Às vezes é espírito de poucas reencarnações próximas. Mas uma coisa lhe digo: a lei o põe junto de alguém que já conhece, ela não o coloca junto de um desconhecido, não, pode ser até alguém de suas relações.

E. — As dissensões, as diferenças de opiniões, as divergências, os melindres, dentro da Casa Espírita, como neutralizá-los? Como vivenciar o desinteresse pessoal que os espíritos nos orientam, em relação ao amor?

H. — Fazendo aquilo que está dentro da faixa de interesse de progresso. Qual o seu interesse de progresso? O que você identifica como seu interesse de progresso?

E. — Melhoria interior, trabalhar mais o lado da caridade.

H. — O que vocês têm é só dificuldade de convivência, este é o problema. Vocês são espíritos itinerantes, que estão caminhando, e a grande dificuldade de vocês é conviver com os outros. Reparem como todos são assim. Vocês, aqui reunidos, têm dificuldades de viver com o outro, que se expressa no marido, no namorado que é exposto como imperfeito, na mulher, na mãe, nas pessoas com quem vocês convivem, naqueles com quem trabalham. É só isso que se têm. No dia em que aprenderem a ver que as pessoas também têm limitações e dificuldades de convivência tanto quanto vocês, será mais fácil caminharem juntos.

E. — Por que nós temos uma certa consciência disso, teoricamente, mas chega uma hora em que a pessoa fica cega e comete os mesmos erros, as mesmas bobagens?

H. — Porque aí é que está o carma, ele ocorre por causa disso. É a lei de Causa e Efeito se fazendo presente porque, se vocês não tivessem a lei de Causa e Efeito presente, não teriam como passar pelas experiências que vão edificando, em vocês, essa capacidade de viver. Entenderam? Essa é uma necessidade. Vocês têm essa necessidade.

E você foge daqui ou de lá, e a lei apresenta outras. Reparem com quem vocês vivem: com a multidão. Reparem todos: com quem vocês vivem? Não tem nenhum monge beneditino aqui, pelo contrário, só tem gente... Então, vocês estão dividindo as suas atenções com aqueles aos quais não conseguem chegar.

E. — Os que estão mais próximos, não é?

H. — Os que estão mais próximos são aqueles que estão cobrando mais devagar; mas, no fundo, o que vocês precisam é isso.

Vamos dizer que, agora, estejam se dando conta de que precisam trabalhar a convivência com os outros.

E. — E quando temos vontade de acertar na convivência e não conseguimos porque depende também do outro?

H. — O princípio é o mesmo, não tem que alterar em nada. Por que é que o outro não deixou você acertar?

Porque você muitas vezes teve oportunidade de acertar e não acertou; talvez, em outra ocasião, você fez o que o outro faz agora com você, compreende o mecanismo como funciona? No fundo, é aquilo que falei, são as etapas que todos nós temos que passar — evidentemente eu também tenho essas necessidades — fazendo com que tenhamos progresso naqueles blocos de crescimento.

E. — O raciocínio é o mesmo para o Centro, para o grupo onde nós estamos?

H. — Para o Centro é a mesma coisa.

E. — Porque, aqui, encontramos aqueles que, embora não tenham relação direta, passada conosco, têm um componente na personalidade que nos coloca à prova e por aí vai...

H. — Por que todos têm o quê? Qual a grande necessidade do povo do Centro Léon Denis, dos que trabalham, naturalmente? Você vê que todos têm necessidade de estudo, de disciplina e de convivência, são os três componentes que lhes são necessários.

Se vocês estudarem, estudarem, estudarem, todo mundo aqui só tem necessidade de estudo, uns para aprenderem, porque estão chegando à Doutrina agora; outros para corrigir coisas erradas que em outras doutrinas fizeram, então vocês têm que estudar a Lei de Deus de maneira pura, simples, clara. A disciplina, porque todos vocês são enormemente indisciplinados, sem exceção, são todos assim; e a convivência com gente, porque cada um de vocês, pelo modo como agiu, fez com que as coisas resultassem em prejuízo para outros; então é a convivência.

Vocês, para nós, são sempre dependentes basicamente desses três pontos. Por isso, admiro-me de, às vezes, vocês e outros, até ilustrados, assomarem à tribuna, falarem e se isolarem do povo, como se fossem seres à parte da criação. “Ora, vejam só —, digo eu, para mim e para todos os outros — como estão falando bem, estão falando muito bem, mas como não estão entendendo as necessidades!” Não estão entendendo, porém a nossa alegria com vocês é imensa. Não temos por que nos queixar de vocês, mas, não tenham dúvidas, têm essas coisas para corrigir.

Por que continuamos alegres com todos vocês? Porque entendemos que isso tudo é questão de etapa.

E. — Esta “etapa”..., a pessoa começa a frequentar o Centro, se engaja — não é só comigo, acontece com todo mundo — se entusiasma e vai; aí chega um ponto em que você percebe que as pessoas são como são, e não como você achava que elas fossem. Já vi companheiros desistirem e já pensei também, muitas vezes, em desistir, até porque não compreendemos que estamos aqui passando por etapas e que temos que aceitar estar nesse convívio.

H. — O companheiro que tenta fugir não está compreendendo que ele próprio, fazendo parte daquele grupo, não é muito distante daquilo que está vendo.

E. — A pessoa projeta aquilo no outro, e aí se decepçiona, elabora essas decepções, fica mais fortalecida e vai em frente.

H. — É o caso de vocês que, às vezes, elaboram emoções em cima dos outros. Você elabora a emoção em cima de um indivíduo, mas em cima dele, por quê? Porque você crê que ele vai ser aquele que vai entender, vai ser igual àquilo que se idealizou, que as histórias chamam de príncipe encantado. No fundo, é o que se idealizou, é a imagem, é o sonho. O defeito está em você, que tem que pagar a etapa.

Isso quer dizer, que você é obrigada a aturar todo mundo até o fim? Não, por isso é que a Lei é muito elástica. Vocês não entendem a palavra de Jesus quanto à separação e ao divórcio. Também eu não entendia muitas vezes, quando estava

na carne, porque, no fundo, o que Jesus quis dizer, foi isso. A dureza do coração de que fala é só isso. É como se dissesse: você é tão difícil que não é capaz nem de conviver com a dificuldade que você, afinal de contas, tem, e ele também tem. Separar e casar outra vez, não tem nada a ver. Não tem nenhum problema, nenhum pecado, não tem coisa alguma; mas tem isso. Se é duro para não viver aquela etapa, vai ter que ser duro outra vez. Então está errado. Entenderam?

E. — Eu idealizava que, para terminar com os atritos em casa, deveria ficar pelo menor tempo de convivência e tem dado certo, agora o senhor disse que é fuga.

H. — Isso não é dar certo, porque você não está tendo a convivência. Se você se abriga, você nunca irá tomar chuva. Mas um dia, você tem que adquirir “anticorpos”. Para nós, esse adiamento que fazem funciona assim, como se fosse um adiamento em que pedem para acertar depois. Não tenha dúvida disso. Acertar com a Lei.

E. — Na família, como é que se pode dosar, exatamente, o que é trabalho, religião e outras atividades? Como é que se chega ao equilíbrio quando as nossas necessidades falam mais alto?

H. — Isso é uma pergunta pessoal, que você faz.

E. — Mas que serve para uma série de pessoas aqui do Centro. É justamente para equalizar “O dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. É difícil. A nossa intuição, os caminhos vão se abrindo para outras coisas, e o próximo, às vezes, não entende isso; por outro lado, temos os deveres familiares. Então, tudo se junta e frequentemente não sabemos o que é que está sendo levado para o campo x ou para o campo y.

H. — É muito complexo; dependerá de cada um, não há medida padrão para isso. Na verdade, se nós pudéssemos tentar fazer uma linha de realizações, seria dar o tempo justo para cada coisa. O que é tempo justo para cada coisa? O indivíduo tem uma necessidade de sobrevivência com o trabalho, o mundo exige um tempo para esse trabalho, então, ele tem que ter esse tempo para esse mundo. Sobra o tempo do descanso, da família, da religião que, no caso, em vocês se expressa por um trabalho em outro nível. Então, tirando a hora do sono, do trabalho, o indivíduo tem que administrar o tempo que resta com os dois. Ele trabalha com a família em primeiro lugar, porque ela está com maior carência e necessidade. Então, tem que administrar o tempo que lhe sobra na Casa Espírita, para não ficar sem tempo algum; é por isso que eu digo que é extremamente difícil. Isso é individual.

E. — Advêm consequências. Uma coisa é termos a visão espiritual da nossa necessidade íntima, a outra é ajustar tudo e compreender o próximo de maneira a não ofender, não machucar, não ferir; educá-lo e nos educar.

H. — Senão você machuca. Se você passar o tempo todo na Casa Espírita e deixar a mulher de lado, isso machuca e ela se sente relegada. Compreende porque falo que é extremamente pessoal?

E. — A pessoa sente-se ofendida por não ser atendida. E se ela entendesse a realização?

H. — Existem fatores individuais, e por isso eu volto a dizer, a pessoa vai entender e vai dizer: eu quero o meu tempo.

E. — Aí entra o aspecto do interesse pessoal.

H. — E você, então, não vai atender, porque você também precisa de se doar. Vê como é difícil?

Por isso é que Jesus disse que devemos fazer a maior soma de bênçãos possível para todo mundo. Então, como fazer essa maior soma de bênçãos para todo mundo? O que é importante é vocês colocarem na cabeça que nunca terão uma solução definitiva para esses casos. As soluções serão sempre provisórias, de acordo com o que vocês querem da vida, porque, às vezes, você diz assim: “Eu gostaria de dar tempo à Casa Espírita, mas meu marido não deixa”... Mas você também não quer ir. Então, a pessoa se utiliza da desculpa.

No caso aqui de vocês, impulsionados por gostar, estimulados, todos estão dando uma boa cota à Casa Espírita. Ideal? Longe de ser ideal, mas a Espiritualidade compreende que é a cota que vocês podem dar. E não pensem que na hora em que vocês fogem, a Espiritualidade não vê que é uma fuga. Vê, tranquilamente, que é fuga, mas entende. Vai dizer o quê? Vai pegar no braço de vocês e falar: “Olha, acorda, você está errado”. Não nos cabe fazer isso, não estaremos deixando que cresçam na compreensão.

E. — Aceitação integral do outro que é limitado, como nós mesmos somos. O trabalho nos leva a enfrentar nossas dificuldades em favor do ideal comum, ou seja, nos desprendem de nós mesmos, porque o Centro tem que continuar. Estou melindrada, mas não vou deixar o melindre tomar conta de mim porque eu tenho que desenvolver o trabalho que estou fazendo...

H. — Não se pode esquecer uma coisa, nessa análise. É o seguinte: você está dentro de uma faixa de necessidade que ela diz que é dependência, não é? Está na dependência da matéria; então, você tem que trabalhar ali mesmo.

E. — O senhor que lida com multidão, poderia nos trazer subsídios? Porque nós precisamos aprender a alcançar esse objetivo, que é a aceitação integral do outro companheiro que é trabalhador, e saber que ele é limitado, assim como nós também somos, buscar a lealdade no trabalho, enfrentar com coragem e procurar passar por cima das próprias dificuldades, em favor do bem comum. E isso é muito difícil.

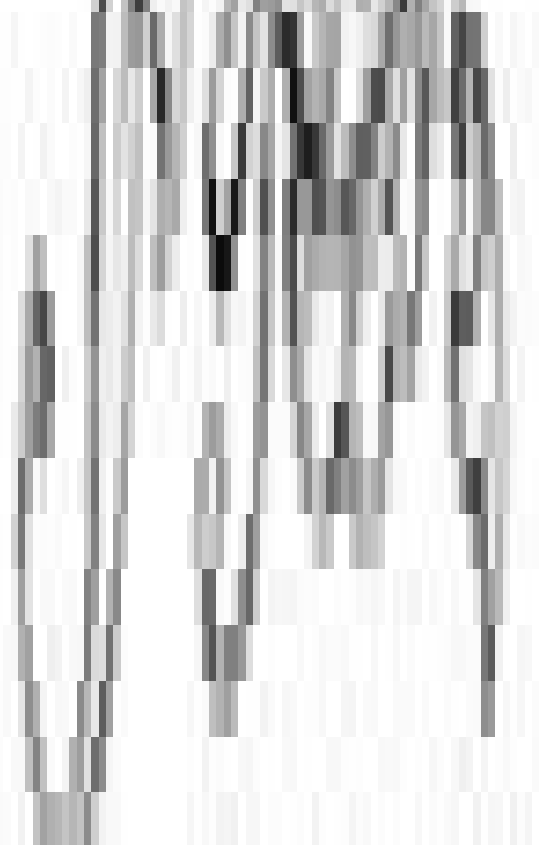
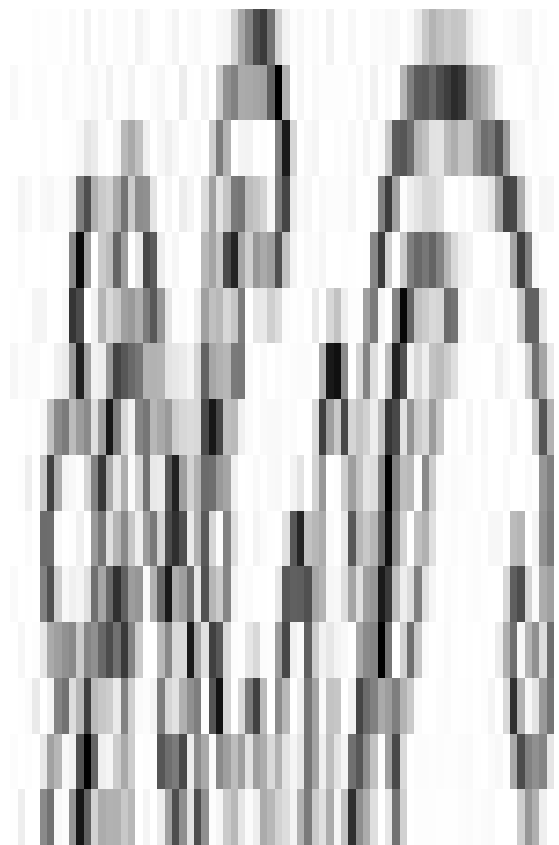
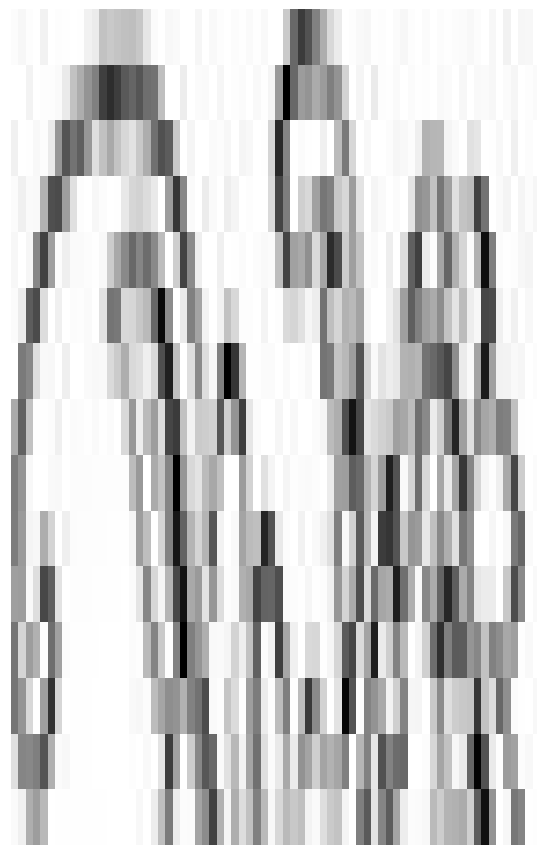
H. — É claro que isso é difícil, senão vocês não estariam aqui, não é?

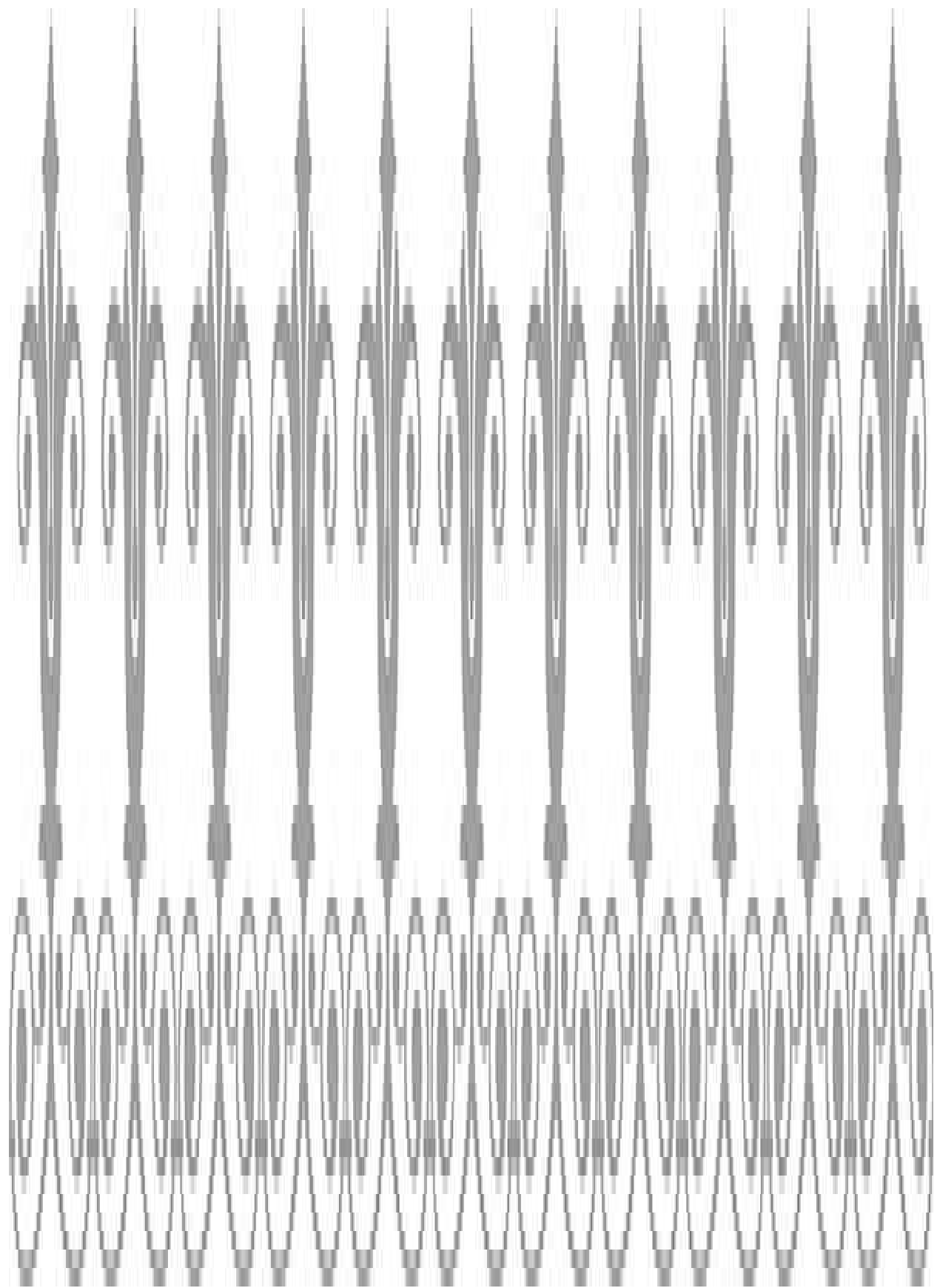
O que poderíamos lhes dizer é o seguinte: com tudo isso vocês convivem, com todas essas dificuldades vocês convivem, mas nunca tenham amargura, porque será a maneira de vocês se atrapalharem, e nunca deixem de construir, de edificar, de ensinar, de crescer, de colocar para frente. Analisando, conversando, observando as coisas de um ponto de vista amplo, deixa de ser difícil. O estudo permanente em torno de si mesmo.

Vocês foram educados para vencerem no mundo. É isto: vocês foram educados para vencerem no mundo, não foram educados para se educarem.

Consideramos vocês todos como almas boas, itinerantes do progresso, mas caminhantes junto de nós, por tudo que estão fazendo. Ouçam todos os conselhos, vocês vão ganhar e muito, em estímulo e progresso.

Graças a Deus!





Capítulo III

Reunião 20 — Conhecimento de si mesmo – I

28 de junho de 1991.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

Irmãos amigos, iniciando a tarefa da noite, demo-nos o autopasse, renovando, por esse modo, nossas energias e reequilibrando nossas mentes dentro da vibração de Paz. Forças generosas do Bem, da Paz, do Amor e da Luz vibrai sobre todos nós. Graças a Deus!

E. — Irmão Balthazar, hoje desejamos, dando um fechamento ao que foi tratado no mês anterior, fazer algumas perguntas sobre o assunto que está no capítulo XII de O Livro dos Espíritos, “Conhecimento de si mesmo”.

Dentro do “Conhecimento de si mesmo”, que é um assunto muito amplo, procuramos fazer de maneira muito singela, simples mesmo, a abordagem sobre três tópicos que foram trazidos, na ocasião, pelo Dr. Hermann, por ele dizer que estão relacionados diretamente a nós todos, trabalhadores aqui da Casa de Léon Denis. Esses três tópicos são: O estudo, a disciplina e a convivência.

O desenvolvimento do raciocínio foi dirigido da seguinte forma:

O estudo como sendo o conhecimento da Lei.

A disciplina como sendo o conhecimento de si mesmo.

A convivência como o conhecimento do outro ou seja, do próximo.

Fizemos uma coletânea de alguns temas, que consideramos estarem relacionados ao assunto, e gostaríamos de ler pequenos trechos.

Em relação ao tema estudo, selecionamos trechos de Léon Denis, que estão em sua obra O Problema do Ser, do Destino e da Dor, terceira parte, item XXIV, “A disciplina do pensamento e a reforma do caráter”, que são os seguintes:

“É necessário escolhermos com cuidado nossas leituras, depois amadurecê-las e assimilar-lhes a quintessência...” e “O estudo silencioso e recolhido é sempre fecundo para o desenvolvimento do pensamento. É no silêncio que se elaboram as obras fortes”...

Em relação à disciplina, escolhemos, também no citado item XXIV, o seguinte, trecho: “Primeiro de tudo, é preciso aprender a fiscalizar os pensamentos, a discipliná-los, a imprimir-lhes uma direção determinada, um fim nobre e digno.

A fiscalização dos pensamentos implica a fiscalização dos atos”...

Em relação à convivência, um trecho do livro O Grande Enigma, relacionado à “Lei Circular”, diz o seguinte: “Cada ser gravita em um círculo, cada vida descreve um circuito, toda história humana se divide em ciclos, todo ser já existiu, renasce e sobe, evolve assim em uma espiral cujas órbitas vão aumentando cada vez mais e é por isso que a história vai tomando um caráter universal”...

Um trecho do próprio Dr. Hermann: “O homem, em si mesmo, é uma máquina em perfeito burilamento, tanto quanto o espírito é uma força que cresce para brilhar; quanto mais se dedica às atividades de crescimento interior tanto mais será uma criatura voltada para a elevação, que nós complementamos para a verdadeira superioridade”.

O Dr. Hermann falou-nos da “competição para aparecer” e gostaríamos que este assunto fosse melhor explanado.

B. — A competição será sempre o resultado da insegurança do homem, não há como fugir disso, ela resulta da sua pouca confiança no que sabe, no que conhece em si mesmo e uma extrema insegurança em relação àqueles com os quais convive.

Se tiver segurança em relação aos que com ele convivem, não promoverá a chamada competição, até porque ele terá segurança. De modo que, na Casa Espírita, quando vemos uma criatura admitindo a competição e, às vezes, até agindo competitivamente, não nos passa outra observação, não temos outra visão senão entendermos que aquela criatura ainda não amadureceu, em última análise, que ela tem extrema dificuldade de viver ao lado dos outros, porque não admite o crescimento deles e, além de não admitir, não lhes reconhece o crescimento. Por outro lado, ela não tem segurança no que os outros dizem, fazem e pensam, porque vemos muitas criaturas com dificuldades de vivência, mas que admitem

que o outro esteja confiante nelas, então não têm necessidade de expor a sua segurança, a sua certeza.

São duas situações diferentes: a criatura precisando demonstrar que é capaz, que tem seus pontos de vista, e ela precisando dizer a alguém que confie nela.

Quando a criatura precisa da aprovação do outro, quando precisa que o outro diga que confia nela e acaba por não lhe expor essa necessidade, mostrando que ainda é inseguro, começa a agir com subterfúgio e termina por viver retraído. E por não ter exposto essa dificuldade e viver retraída, ela têm duas atitudes daí para frente: ou se coloca claramente na luta para vencer a dificuldade que é dela ou passa para a competição, o que não será benéfico.

Então, ela tem duas atitudes, ou se posiciona muito claramente na luta, esquecendo aquela pessoa, não cobrando, não exigindo nada de retorno ou então, compete somente para dizer que está viva e que pensa. Nesse caso é só para chamar atenção.

No caso da competição por serviço, por querer se sobrepôr à pessoa, isso não tem cabimento em Casa Espírita, nem existe, poderá ocorrer do lado de fora, mas 90% dos trabalhadores da Casa Espírita que competem, não competem dentro desses princípios básicos que eu citei, com variantes, mas os princípios básicos são esses mesmos, não há maldade de querer crescer, de aparecer para dizer que é melhor.

E. — Não é por orgulho?

B. — Não, não é por orgulho ou por desejar ultrapassar o outro, o que as

peessoas querem, em última análise, é carinho, compreendeu?

E. — Dentro dessa pergunta, esse desejo de aparecer, se bem entendi, também pode ser por essa necessidade de carinho, essa carência, e a pessoa resvala por esse caminho, vai por ele e se perde, mas pode retomar...

B. — Ela se perde, justamente porque não tem condições de dar conta de si mesma, se tivesse, não resvalaria. Todas as vezes que vocês virem uma pessoa com essa competição clara aos nossos olhos é por falta de carinho, e ela, então, forja a competição, é que ela não tem condições de conduzir sua própria existência, isso acontece com todas as pessoas, num grau maior ou menor, isso não é apanágio de almas empobrecidas intelectual e moralmente, isso pertence a todas em um grau maior ou menor.

E. — Isso está relacionado com o orgulho.

B. — Eu diria melhor com a evolução, em alguns casos, com o orgulho, mas acredito dizer melhor com a evolução.

E. — Nós poderíamos dizer que, em determinadas tarefas, o indivíduo até não age assim, e, às vezes, em tarefas específicas, em determinados campos de interesse ou não, onde ele se sinta mais inseguro, ele age assim. É mais ou menos por aí?

B. — Onde não tem a segurança dele...

E. — Sobre o papel do estudo, como nós citamos, Léon Denis fala não só da busca das obras elevadas, mas também do estudo silencioso, da meditação...

B. — O estudo convoca o homem a se analisar, estuda bem quem se analisa bem; o estudo das leis morais, claro, quem se enquadra se coloca, se posiciona, diante da própria situação de estudo.

E. — À medida que vai passando pelas situações. Por exemplo, quando tenho uma dificuldade, quando começo a vislumbrar, reconhecer, ter consciência daquela dificuldade, eu passo a ler a lição de O Evangelho, que li muitas vezes, de outra maneira, ou a ler, no O Livro dos Espíritos, uma questão que me passou despercebida, e ela mostra um outro ângulo que eu não tinha notado e que me ajuda a tirar conclusões para uma melhora. Não seria aí o estudo?

B. — O estudo sempre deverá objetivar esclarecer a mente; a forma variará de pessoa para pessoa. Você adota essa forma; outros meditarão em profundidade por determinado tempo; outros ainda, em se sentindo enfraquecidos numa área qualquer do saber e da própria moral, lerão assuntos específicos sobre aquilo, buscarão o conhecimento que o livro traz. Porém, de qualquer modo, esse estudo, por exemplo, em que você procura no livro o texto relativo àquele seu problema, à sua dificuldade, nesse momento em que faz isso, você quer acertar, então já reconhece o seu ponto fraco, já reconhece que precisa fazer alguma coisa por você mesmo, e faz isso realmente objetivando saber; então, nesse momento, você faz porque quer, porque se determina a chegar a algum resultado.

Por isso a criatura, quando estuda conscientemente, tem que chegar a algum resultado, se ela não buscar aquilo para chegar a um resultado, ela não vencerá. A necessidade de estudar assuntos determinados e específicos tem apenas este objetivo: chegar a algum resultado.

E. — Esses pontos fracos têm a ver com as dificuldades e defeitos de vidas passadas?

B. — Com as dificuldades, com os defeitos e com a falta de crescimento espiritual. Você pode ter a dificuldade por ter resvalado naquele tipo de prova; muitas vezes, arrependido, tenta corrigir-se, mas a correção implica em você mostrar a você mesmo que falhou, então começa a ter dificuldade.

A fraqueza é quando você ainda não venceu a si mesmo, falha por fraqueza, falha porque não consegue vencer a si mesmo. Quando você não tem evolução é porque realmente não está se apercebendo do que ocorreu.

E. — Esse “conhece-te a ti mesmo” tem uma recomendação, por exemplo, em O Livro dos Espíritos, mensagem de Santo Agostinho, questão 919, em que ele fala para que nós, no final do dia, façamos uma introspecção, uma reflexão do que fizemos durante o dia e perguntemos a nós mesmos se fizemos o bem ou se poderíamos ter feito melhor e tudo mais. Isso seria, uma fórmula indicada, porque na maioria das vezes, não se consegue fazer esse tipo de coisa.

B. — Quem fizer isso, conforme a recomendação de O Livro dos Espíritos, estará se antecipando ao problema; quando uma pessoa não faz se antecipando, ela o fará quando vislumbrar o problema ou quando ele se apresentar. Então, ela se verá em luta com um assunto, com uma dificuldade que terá que solucionar em um prazo mais ou menos curto. Se ela se analisa, ela tenta se antecipar, nem sempre consegue, mas tenta se antecipar aos próprios problemas ou aos futuros problemas.

E. — Na visão do senhor, do ponto de vista da disciplina, nós podemos enquadrar esse tipo de rotina em nossas vidas. Como sabemos que o senhor, pelo menos em uma encarnação, teve esse conhecimento de disciplina, o irmão Balthazar teria algum conselho, alguma orientação para nós, encarnados, começarmos a entender esse tipo de disciplina no estudo individual de nós mesmos? Como podemos fazer isso?

B. — O homem fará muito bem à sua própria existência, se, diariamente, a cada gesto e a cada palavra, analisar a repercussão desses gestos e palavras nos outros, ele começará por aí. Em seguida, examinará os resultados práticos do seu comportamento nas atitudes alheias e, finalmente, aquilo que é um ponto mais difícil, por não ser observado: o que os outros pensam dele, segundo o que ele expôs.

São três fases distintas, a última é a mais difícil de ser observada: como você é encarado pelos outros. Nesse exato momento é que você precisará se analisar com profundidade; de qualquer modo, cabe ao homem se examinar diariamente, não pedindo aos outros que o examinem, mas olhando para os outros e se analisando pelo comportamento dos outros.

Se você observar a reação de uma pessoa em relação àquilo que você fala, você terá uma pálida noção de qual foi o resultado da sua atitude diante dela. E não bastará olhar para uma única pessoa, isto poderá lhe dar uma impressão falsa se essa pessoa tiver espírito de compreensão e de caridade, você terá que analisar a reação em várias pessoas.

E. — E em várias circunstâncias diferentes.

B. — Principalmente em várias pessoas, porque as circunstâncias chamam atenção para os aspectos da sua vida, mas as pessoas dirão o que você é.

Compreende o porquê dos passos anteriores que citei? É preciso que o homem também deseje, ele não pode vir por simples curiosidade, não pode participar de uma sessão que vocês chamariam de um trabalho com seus inconscientes, apenas para tomar conhecimento, será preciso que as pessoas estejam ligadas deliberadamente ao propósito de se corrigirem.

E. — Outra situação, elas estão interligadas, é o fato de “quererem que prevaleçam seus pontos de vista”.

B. — O princípio já foi explicado. É o mesmo princípio do autoritarismo, da falta de carinho das pessoas, quando elas sentem a falta de carinho, e a determinação para se colocarem numa posição de trabalho. Quando trazem dentro de si uma posição muito expressa de mando, elas chegam rapidamente ao autoritarismo, isso também é falta de crescimento espiritual ou de se lidar com almas habitualmente pouco evoluídas, o maior número das vezes é por causa do mando que a criatura tem em si mesma. Querer que seus pontos de vista sempre estejam à frente de qualquer decisão, indica seguramente um espírito muito autoritário e ainda incapaz de conviver com o pensamento alheio, o autoritarismo tem muito a ver com a falta da convivência com o pensamento alheio.

Porém, por que não dizer? Ele decorre algumas vezes da imprecisão com que as pessoas se deparam diante das suas vidas, imprecisão diante do trabalho, diante dos comportamentos morais, diante das ideias, diante dos sofrimentos; essas imprecisões as forçam a agir de um modo tão negativo que obriga outras pessoas a terem essa postura de comando para que elas mesmas não soçobrem. Nesses casos pode-se dizer que o autoritarismo decorre do fato de a função da própria criatura não estar com a devida postura de elevação, é o que ocorre normalmente nas chamadas sociedades em que dirigentes, que objetivam alcançar certas metas, determinam a vida de pessoas capazes de executar aquelas metas. Nas empresas que têm operários, nos hospitais que possuem diretores com visão ampla do que devem fazer, o pai em relação aos filhos, nesses casos, eles sempre

trazem a marca, o cunho de querer conduzir tais criaturas para o alto. Às vezes, não querem conduzir as criaturas, só veem seus objetivos; as criaturas, para eles, são apenas instrumentos para aquela meta se realizar.

Quando uma criatura se propõe a dirigir a coletividade, muitas vezes ela o faz tão somente pelo desejo de dar objetivo maior ao trabalho, uma dignidade às pessoas, à coletividade. Outras vezes, aqueles seres mais materializados, aí sim, tais criaturas, consideram os outros apenas como pessoas capazes de fazê-las atingir os objetivos.

É o caso dos grandes homens, que apenas objetivam o poder pelo dinheiro ou pelo domínio das mentes, então os outros são apenas instrumentos, nada mais do que isso.

E. — O estudo que elas fazem da Lei é incompleto.

B. — Elas não fazem o estudo da Lei e se o fizerem, farão parcialmente, será incompleto.

E. — Outra questão é a ambição desmedida, e nós colocamos um exemplo: duas pessoas caminham dentro da mesma posição social, uma ultrapassa a outra de forma ilícita, brota aí o desejo de vingança naquele que se sentiu prejudicado. Como dissuadi-lo dessa ideia?

B. — Só pelo amor e só pelo crescimento intelectual. A vingança é sempre fruto de um estado moral que caracteriza os seres que ainda não amam, neles o prazer de se verem vingados está vinculado ao desejo de também sentir a dor do outro. Eles não são superiores a ponto de, a dor que sentem

ou sentiram, não lhes educar a mente. Eles têm o prazer de fazer o outro sofrer, isso é falta de amor, diversa é a posição do egoísta ou do mau.

O mau age deliberadamente; aquele que se vinga nem sempre o faz tão somente com o sentido de fazer o outro sentir a mesma dor que ele sentiu; sem ser mau, ele pode ter uma atitude relativa a esta ou àquela pessoa apenas para fazê-la sentir o mesmo grande sofrimento. Nesse caso diremos com toda clareza, com toda observância da Lei, que ele só tem falta de amor no coração, sem ser mau.

E. — O estudo da Lei irá ajudar à compreensão dessa ideia?

B. — Se ele conseguir mudar a sua faixa mental, pelo amor, ele conseguirá, senão...

E. — É difícil essa mudança?

B. — Em algumas criaturas é, mas não é tão difícil como se pensa, principalmente em seres com condições medianas.

E. — Há sempre como sensibilizar a criatura que esteja nessa posição?

B. — Sempre há como sensibilizar, por orgulho ela poderá não “querer dar o braço a torcer”, como vocês dizem, mas se dará conta de que está tendo falta de amor. Isso ficou claro? Esta falta de amor?

Porque a vingança é o resultado da falta de amor com referência a um determinado assunto ou a uma pessoa. Essa falta de amor é um fator que traz muitos dissabores, mesmo para o espírito encarnado, e, quando ele passa para cá, para a Espiritualidade, a maior parte de sofrimentos com que irá topar não é pelas maldades cometidas, é pela falta de amor.

Ele sentirá muitas dores, porque se envergonhará de si mesmo, por não ter tido demonstração de afeto, de compreensão ante a fraqueza dos outros.

E. — Esse sentimento, a vingança, embora não esteja arraigado na classificação dos espíritos medianos, ainda existe em nós, em outras gradações.

B. — O homem só deixará de ter esse sentimento quando for totalmente evoluído, enquanto estiver na Terra, ele nunca vai deixar de ter falhas nesse campo, mas diminuirá suas falhas. Categorias de espíritos existem em que esse sentimento já não é mais visível neles, mas, se eles reencarnam, correm o risco de ainda passarem pelo egoísmo.

São espíritos que já atingiram faixas de evolução larguíssimas, mas que entram na Terra, com total disposição de aprendizado, e se exercitam no perdão, na compreensão, porque temem falir de alguma maneira, segundo o seu grau de evolução. A falência de um espírito elevado não é necessariamente igual à falência de um espírito pouco evolutivo. Às vezes você pode não cair, mas pode criar condições adversas.

Vamos supor que um espírito altamente colocado no terreno da sabedoria, da Filosofia, dessas almas capazes de dirigir coletividades pelo seu saber, retorne à Terra para falar do Cristo, exaltar a figura do Cristo.

Reencarnado, ele encontra a figura do Cristo conspurcada por várias religiões, se ele não for um reformador, desses que têm que se destacar dos grupos ditos em questão, se ele não for um homem desses, ele irá reencarnar estudando aquela filosofia cristã que está instalada naqueles templos de saber e, então, ele não cria, ele se sente mal naquele ambiente, tenta corrigir o ambiente, não consegue e aí, ao invés de ele proclamar a excelência do Cristo, ele proclama a excelência da sua filosofia, filosofia que ele expressa. Ele esquece o Cristo, porque não viu o Cristo onde deveria ver, então ele cria a própria filosofia.

Essa é uma das grandes possibilidades de queda do espírito, aqueles que reencarnam e que são altamente colocados, vêm com a condição expressa de falar em nome do Cristo, e muitos resvalam; e há casos de espíritos que, mesmo sem praticar o mal, não cumprem totalmente seu programa de trabalho.

Por verem que o Cristo, no templo, estava encerrado em certas filosofias, eles, ao invés de libertarem o Cristo dessas “Casas Mater”, criam suas próprias filosofias, nesses casos eles querem se sobrepor aos homens e ao Cristo. Aos homens e ao Cristo...

E. — Não faltou humildade?

B. — Não, não faltou humildade, faltou o espírito de compreensão de que a luta deveria ser estando com o Cristo no local, sempre o Cristo, esta é uma falha muito mais comum do que vocês conhecem.

E na Terra existem, atualmente, alguns grupos que estão em franco processo de falência em função disso, embora ninguém possa acusá-los pela sua moral, pelo seu conhecimento, pelo desejo de fazer o bem, ninguém pode acusá-los de maus,

mas eles desembarcam aqui, como espíritos que não cumpriram o programa traçado.

Vocês veem que reencarnar é extremamente complexo. Isto ficou claro na cabeça de vocês?

Em almas simples como vocês, sem desmerecer nenhum de vocês, poderíamos dizer que essas falhas seriam no campo moral, esses outros espíritos não falham no campo moral de comportamento, falham no campo moral de atitudes ante o Cristo.

Eles não terão nenhuma falha moral, dessas como vocês entendem, eles não prevaricarão nunca, mas diante do Cristo eles são falidos, decretado por eles mesmos.

E. — Daí o sofrimento moral que eles experimentam quando chegam ao Plano Espiritual.

B. — Daí o sofrimento moral, mas daí a necessidade que eles têm de voltar de imediato, e é isso que lhes constitui o sofrimento. Eles voltarão de imediato para a Terra e tentarão voltar falando do Cristo com muito mais vontade e ao mesmo tempo com muito mais dificuldades também.

O sentimento é de constrangimento, repito, isso não é para almas da categoria de vocês, é para almas de categorias mais elevadas. O que não se constitui em maior ou menor dificuldade, e sim em tipos de lutas e provas diferentes. Não se sintam diminuídos por eu falar assim de vocês, não estamos dizendo que são pouco evoluídos, estamos só comparando evoluções.

E. — Como poderíamos diferenciar a compreensão do erro com a condescendência do erro?

B. — Isso não está no assunto, mas poderíamos dizer que a compreensão não implica na condescendência. A condescendência será sempre um gesto de aceitação do erro por qualquer razão, as razões que o levam a ser condescendente não significam que você tenha tido a compreensão do erro. Ficou claro isso? Você pode não ter nem compreendido porque a pessoa errou, mas você perdoou, condescende que ela tem o direito de ter falhado. Por outro lado, às vezes você compreende e não condescende.

E. — Perfeitamente. É que eu tenho mesmo dificuldade de diferenciar esse tipo de coisa. Será que eu estou sendo compreensivo ou condescendente?

B. — Você terá que analisar caso por caso, a condescendência é apenas o perdão, a desculpa, a compreensão no sentido de aceitar a pessoa como a pessoa é.

E a compreensão é você sentir que a pessoa não teve alternativa, que a pessoa é inferior, é infeliz, é incapaz, tudo é possível.

E. — A outra observação é a atitude de omissão das ideias para não se modificar.

B. — A sua atitude de omissão?

E. — Sim, a pessoa que se contém, que se fecha porque, na realidade, ela tem uma enorme dificuldade de colocar as ideias, e se por ventura necessitar modificar essas ideias?

B. — Será sempre o medo da mudança e, principalmente, o não alertamento de que a mudança é uma necessidade. O homem evoluído, sempre tem a certeza da necessidade da mudança. O homem evoluído sempre assume a necessidade de mudar, ele sabe que a mudança é um estado permanente.

O homem evoluído, visto na nossa sociedade espiritual, é um ser que não olha nunca para trás, ele sempre tem vistas para frente, o seu estágio de vida como desencarnado é de permanente estudo das ciências, da moral e das artes, isso é permanente em nós, a Arte como expressão de beleza, porque nós sentimos a necessidade de estar sempre envolvidos na beleza.

Na Filosofia, que é a moral, todos os processos de renovação, todos os processos que significam amplidão da mente, todos os processos que significam entendimento do ser humano, conhecimento da Lei de Deus, tudo isso é estudado.

E a Ciência, como não poderia deixar de ser, é o conhecimento que sempre se amplia, além de se alastrar. Para nós, a Ciência, o conhecimento que chega ao nosso mundo é, obrigatoriamente, de imediato, passado para todos os que convivem conosco, isso faz parte dos planos de trabalho. Nós não podemos saber sozinhos, isso não tem cabimento numa sociedade como a nossa. A sabedoria aqui, no sentido de conhecer a Ciência, é comum a todos, não há um técnico, um especialista, só há no sentido de que ele dedica mais horas àquele setor, mas o conhecimento global, posso até dizer geral, daquele assunto, é comum a todos. Nas esferas do saber dos espíritos do nosso mundo, que diferenciam um ser do outro, o grau de conhecimento nunca vai, estabelecendo comparações numéricas,

além de 20%; quero dizer que uma especialidade como, por exemplo, a Psiquiatria no campo médico, se todos fossem médicos, o psiquiatra e o cardiologista saberiam, no máximo, 20% além do que os outros sabem, isso durante um bom tempo, porque a obrigação moral de todos aqui é estar sempre acompanhando o desenvolvimento daquele conhecimento que é comum a todos.

As diferenças, volto a falar, daqueles que estão numa mesma faixa de trabalho ou de ação é de 20%, se posso assim me expressar. No exemplo que citei, de um cardiologista e de um psiquiatra, se compararmos, aqui, o saber de um e de outro, um saberá 20% a mais do que o outro sabe sobre o coração e o outro 20% mais do que o outro sabe sobre cérebro e psiquismo. Claro, que estamos dando um exemplo, não querendo dizer que não haja outras variantes na análise.

Ninguém detém o saber, isto é uma obrigatoriedade moral; do mesmo modo, é a Arte, como uma necessidade de tornar o coração mais ameno, mais sensível e, por consequência, também mais generoso, de modo que o homem, no nosso mundo, é um ser que procura superar a si mesmo pela vontade, expressa em seu próprio espírito, de conhecer. Ele não supera porque quer se sobressair com relação a esta ou àquela pessoa.

E. — Então essa atitude de omissão é uma atitude também de não crescimento espiritual bem acentuado.

B. — Seguramente, embora reconheçamos que...

E. — Esconde uma característica de uma pessoa autoritária que não consegue dividir suas ideias.

B. — Esconde uma característica das almas que não conseguem dividir as ideias e das almas que não querem se gastar em mudanças. Entendemos, entretanto, que na Terra chega o momento em que o homem tem limites, em que o seu corpo não lhe dá mais condições de saber, de compreender; o cansaço físico impõe isso a ele, mas ao espírito não, ele sempre terá que saber.

E. — O senhor fala, como se fosse uma imposição da Lei, que faz com que ele sempre busque progredir...

B. — É da Lei que ele progride. Ele é que busca, a Lei não impõe, ele chega num estágio em que não pode mais parar. Não é mais pela dor em busca da elevação.

Nessas esferas a que me refiro, não existe isso, não existe a dor como característica de impulsionar o homem. A dor que impulsiona o homem é de esferas como a Terra, do ponto de vista material ou espiritual, quer dizer, espíritos próximos da Terra sentem necessidade da dor para impulsioná-los, espíritos longe da Terra, embora terráqueos, não sentem essa necessidade, como é o caso destes espíritos que lhes falam, a dor não nos impulsiona e nós não a buscamos, não precisamos dela para crescer.

E. — As nossas indagações agora são sobre o ódio. No ódio gerado por sucessivas encarnações, como se dá a sensibilização do indivíduo e a reforma desse caráter? E a probabilidade de reincidir no erro?

B. — O ódio só acaba quando o homem se cansa, aí é que ele dará início ao processo de arrependimento, é preciso que o homem esteja cansado, que se canse de exercer o mal, senão ele não muda.

E. — Invariavelmente esse é o mecanismo?

B. — Invariavelmente, todos os espíritos analisados pelas nossas escolas e todos os casos de espíritos são assim. O cansaço, e depois o passo em direção ao arrependimento, à expiação, ao pagamento de dívidas, mas primeiro ele cansa.

E. — Essa repetição de sucessivas encarnações é educativa para ele?

B. — Não. É resultado da sua inferioridade, da sua ignorância e é altamente perniciosa para o espírito. A repetição dessas experiências torna-se, depois de certo tempo, um processo de muita angústia para o espírito. Ele sente-se realmente angustiado, principalmente, quando se dá conta das inúmeras repetições feitas que foram totalmente desnecessárias, pois não acrescentaram nada à sua evolução. Será uma perda de tempo, ele verá que, afinal de contas, não lhe acrescentou absolutamente nada, e aí a dor vem com mais peso. Depois vem o remorso, essas fases todas são posteriores ao cansaço; o remorso, o arrependimento estão próximos.

E. — O homem tem limitações para a análise de si próprio, mas será que se ele se analisar com muita profundidade, com muita calma, com muita tranquilidade ele poderá perceber, nas tendências que tem, um espelho daquelas vidas passadas, daqueles erros passados? Ele pode ter aí um roteiro seguro para se corrigir?

B. — Pode, embora não possa saber detalhes.

E. — As tendências ele consegue.

B. — As tendências ele consegue, os detalhes nunca saberá, porque as suas lembranças, serão permeadas pelo conhecimento das múltiplas coisas que ele viu sem ter passado por elas. Explico: você pode ter vivido um clima de guerra sem ter sido um guerreiro, então, você, fazendo uma recordação, verá um clima de guerra sem tirar a ânsia de guerrear, mas se você for um velho, uma criança? Então, dirá: “Fui um guerreiro”, quando na realidade apenas viveu o clima, por isso o estudo da tendência deve chegar a um ponto e parar. É como um roteiro.

E. — O outro sentimento que está relacionado a essa situação que estamos analisando é o ciúme em nome do amor. Esse amor, sabemos que deve ficar entre aspas, e que muitas vezes pode gerar até homicídios.

B. — Isso esconde apenas o desejo de posse, às vezes é até amor, mas a posse, o autoritarismo, o egoísmo estão claramente expressos nesses crimes de morte por amor. A pessoa pode amar, mas o domínio do ódio, da paixão é maior, ela tem o amor, mas tem também o egoísmo, tem o sentimento do poder, não vamos dizer que ela não ama, ela ama, mas é um amor distorcido. Há casos de amor sincero, apenas as pessoas não se apercebem das dificuldades que as envolvem ou que envolvem esse amor que elas possuem.

O ódio é diferente, o crime por ódio é diferente, aí já não existe amor, existe desejo de prevalecer, existe maldade ou pelo menos a tomada de ideias.

E. — Indiferença pela vida do outro?

B. — Em todos os casos é indiferença pela vida do outro.

E. — Em todos os casos não existe também uma insegurança do indivíduo em relação à própria vida?

B. — À própria vida não, porque o homem sempre pensa que não será atingido, insensibilidade pela vida do outro sim, mas pela sua vida não.

E. — Mesmo que tenha sido por amor. Por exemplo: o indivíduo não amado e, às vezes, por ciúme, pode ficar inseguro e chegar ao extremo: “Se você não me ama, não vai amar a mais ninguém”.

B. — A meu ver isso não é insegurança, é amor egoísta.

E. — Ao reencarnarmos, para vencermos o desejo de posse, o desamor, a indisciplina, precisamos nos corrigir logo cedo, mas quase sempre só nos damos conta dessa necessidade de mudança após os 30 ou 40 anos, o que fazer diante desse “atraso”?

B. — Você fará isso no tempo que lhe resta.

E. — É exatamente isso? Programar a vida para se corrigir?

B. — Para se corrigir, se modificar, corrigir no sentido de se modificar, e isso, volto a dizer, você fará no tempo que lhe resta, no tempo que você tem,

por isso se diz que não existe limite de tempo para o progresso, caberá a você, ver, sentir, buscar e até deixar para outra vida, a correção de certos hábitos, certos defeitos, e se organizar, organizar sua trajetória para outra vida.

E. — A sensação que dá é como se fossem vários quebra-cabeças, todos estão espalhados, às vezes conseguimos colocar um e outro pedaço juntos, mas, em outras vezes, eles não chegam a se encaixar perfeitamente; não sei se estou conseguindo ser claro.

B. — O quebra-cabeça nunca será montado porque você não vive a sós, você sempre tem uma pessoa ao seu lado. Então o seu quebra-cabeça não é uma fórmula matemática, o seu quebra-cabeça envolve o quebra-cabeça dos outros, também não é nem uma fórmula matemática nem uma fórmula geométrica que se ajuste, será sempre em função dos outros. O seu desejo de caminhar e progredir, não pode ser feito de tal modo que você abandone alguém, você terá que limitar os seus passos, ainda mais quando você cria laços com as pessoas, resta o anseio com os passos que vão ser dados paulatinamente, e, quando eu falo isso, deixo claro que não estou falando de uma vida, estou falando de um projeto de vida, que poderá envolver várias reencarnações, isso é um projeto de vida. O homem caminha na direção do bem, do progresso, o tempo se faz passar e você não consegue, em uma vida, fazer tudo. Você reencarna pensando no retorno. Outra pergunta.

E. — Eu tenho uma pergunta em relação ao estudo, foi uma situação que vivenciei e que me chamou atenção. Eu fui escalada para fazer o estudo de O Evangelho, e, enquanto aguardava a reunião da noite, fiquei uns 30 minutos estudando em uma sala, me empolgando com a leitura de O Problema do Ser, do Destino e da Dor, de Léon Denis, de que eu gosto muito, e me deixando envolver por aquele clima do livro. Chegando próximo à hora do estudo, um amigo se aproximou e brincando disse: “Nossa! Você está com uma vibração tão boa, está passando uma coisa tão boa para mim que eu vou até ficar aqui mais um pouco”. Eu senti nitidamente que aquela

vibração não vinha exatamente de mim, mas daquilo que eu estava pensando, elaborando em minha mente, quando li aquele trecho em que Léon Denis fala da reforma do caráter, da necessidade das boas leituras. Eu me situei ali e queria pedir ao senhor que nos dissesse alguma coisa em relação ao assunto, porque nós falamos muito do estudo, da meditação, do autoconhecimento...

B. — Todas as vezes que você estuda com sinceridade, com objetivo de aprender, atrai vibrações concernentes ao assunto. Se o estudo foi de O Evangelho, claro que suas vibrações teriam que ser de alegria, se fosse de um filósofo seriam de saber, se fosse de um médico seriam de cura.

Quer dizer, esse estudo, ou aquilo que você estuda traz o tipo de vibração própria da matéria que você trata, ele viu naturalmente alegria e boa vibração, porque você estava estudando O Evangelho.

E. — Eu estava pensando a respeito de uma dificuldade de entendimento. Quando analisamos as nossas tendências, as nossas necessidades de crescer, vemos áreas em que, com pequenos investimentos, deslanchamos com uma facilidade muito grande e outras áreas onde, mesmo com enormes investimentos, temos quase certeza de que nossos passos serão muito curtos.

Em que áreas preferentemente deveríamos investir?

B. — Nas que possam trazer um resultado de conhecimento e de evolução.

E. — Nas de maior facilidade?

B. — As que tragam conhecimento e evolução, não nas de maior facilidade. Não adianta investir nas áreas que você rapidamente penetre e que não lhe tragam nada, será curiosidade, saber por saber. E saber por saber por quê? Saber que você foi este ou aquele personagem, em que isso enriquecerá o seu conhecimento, a sua evolução? Agora, saber que você falhou em determinado ponto, que tem dificuldade de analisar esse ponto porque, instintivamente o bloqueia, pela vergonha, pela dificuldade de saber, isso o ajudará. Você terá que parar para pensar e insistir até descobrir quais foram os seus motivos de falhas, e, repito, isso não é coisa para se fazer de uma hora para a outra, isso é lento, às vezes, até em mais de uma reencarnação.

E. — Essas pessoas que reencarnam encarregadas de trazer ideias, que vão servir de estudo para nós, elas são preparadas para isso? Como é essa preparação, é pretensioso ter essa curiosidade?

B. — Não se trata de ser pretensioso, trata-se apenas de vocês não alcançarem toda a extensão das preparações, mas podemos nos referir, por exemplo, a um homem que venha falar de Cristo no Brasil.

Ele terá que ser instruído sobre o povo, as formas religiosas existentes aqui e também saber das dificuldades psicológicas de aceitação, de mudança. São três pontos básicos: saber sobre as religiões, o povo e a própria aceitação do povo.

Fazer, por exemplo, divulgação da mensagem cristã na China, um país sem tradição cultural do cristianismo, impõe que o trabalhador que reencarne ali conheça basicamente todas aquelas formas religiosas de lá, todo aquele povo e até que ponto eles podem aceitar uma nova ideia, porque não adianta você fazer algo novo numa área de não aceitação, vai perder seu tempo. As coisas têm que ter o tempo certo e eles então reencarnarão à medida que já houver aquela

oportunidade da ideia ser estabelecida, é aquilo que vocês chamam “estar amadurecido para a coisa”. Como o Espiritismo, o fenômeno espírita, não é antigo, ele sempre existiu, mas a possibilidade de coordenar todos aqueles conceitos de conhecimentos foi numa época determinada, senão não se faria, e teria que ser num povo determinado, numa região determinada.

A reencarnação, por exemplo, é vista com simpatia por alguns povos orientais, não por todos, no entanto ela é vista com visões deturpadas, lá não serviria para nascer a figura do codificador, ele não conseguiria implantar a ideia de reencarnação como se conhece atualmente, sem a mescla das religiões que já abordam o assunto. É preciso um terreno praticamente virgem ainda de ideias sobre reencarnação, para que ela possa vir isenta de preconceitos. Então, essa é uma preparação que envolve todas essas coisas.

Um líder trabalhador da Doutrina Espírita terá muito mais dificuldades daqui para frente do que teve no início, pelas misturas, pelas coisas que se agregarão; ele não terá dificuldades de falar da Doutrina, ele terá dificuldades em manter a Doutrina pura.

E. — Eu imaginava que era o contrário.

B. — Não; falar num território virgem de uma ideia só traz a consequência da ignorância e a luta contra a ignorância, mas falar num território que já está contaminado é uma luta contra o interesse. Vocês vão falar, por exemplo, do Cristo agora, com tantos proprietários do Cristo? Compreendem o que eu quero dizer? Há muitos proprietários do Cristo.

Falar do Cristo hoje em dia é muito mais difícil do que na época de Paulo, porque ele só lutava contra a ignorância.

E. — Quando o senhor falou sobre luta, referiu-se a esses ensinamentos que as pessoas estão inserindo, agora, dentro do Espiritismo com novos termos, por exemplo, em vez de reencarnação usam uma outra palavra.

B. — Novos termos, novos conceitos, misturas, misticismo...

E. — Eles serão nossas grandes batalhas para deixá-la pura.

B. — Eles serão a grande batalha para deixar que a Doutrina continue pura; por isso esta Casa sempre preconiza o espírito de trabalho, aqui, com o máximo de simplicidade. Pela evolução do homem, as misturas se farão, não há dúvida sobre isso; o homem ainda não evoluiu bastante para receber uma doutrina e mantê-la pura, mas se ele não afogar, não matar a mediunidade, poderá manter, se não afogar ou matar a mediunidade como os primitivos padres cristãos mataram...

E. — A mediunidade será sempre uma constante?

B. — Será sempre uma constante, os padres cristãos primitivos é que mataram a mediunidade, se os espíritas não matarem a mediunidade, ela se fará, essa Doutrina será liberta. As lutas sempre ocorrerão...

E. — Essa mediunidade sempre tenderá a ser cada vez mais sutil, não?

B. — Não, há épocas em que, para grandes calamidades, ela não poderá ser

sutil, ela terá que ser bastante evidente.

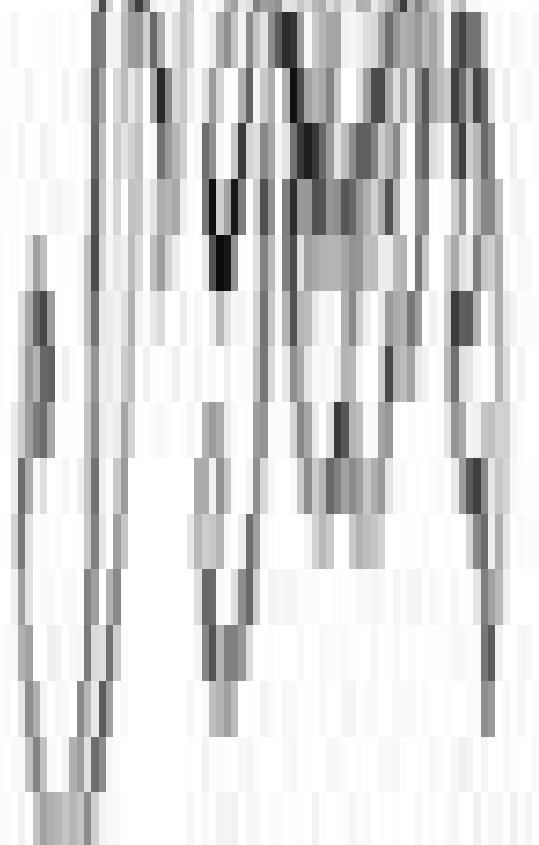
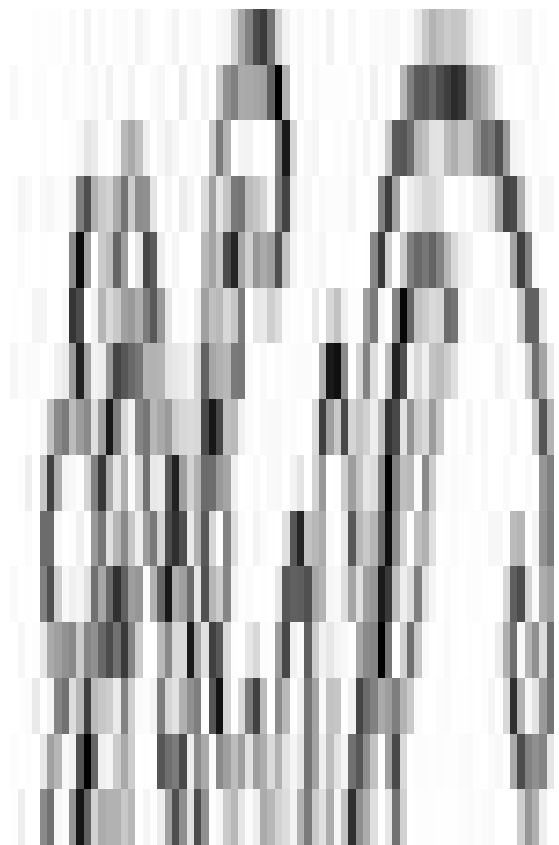
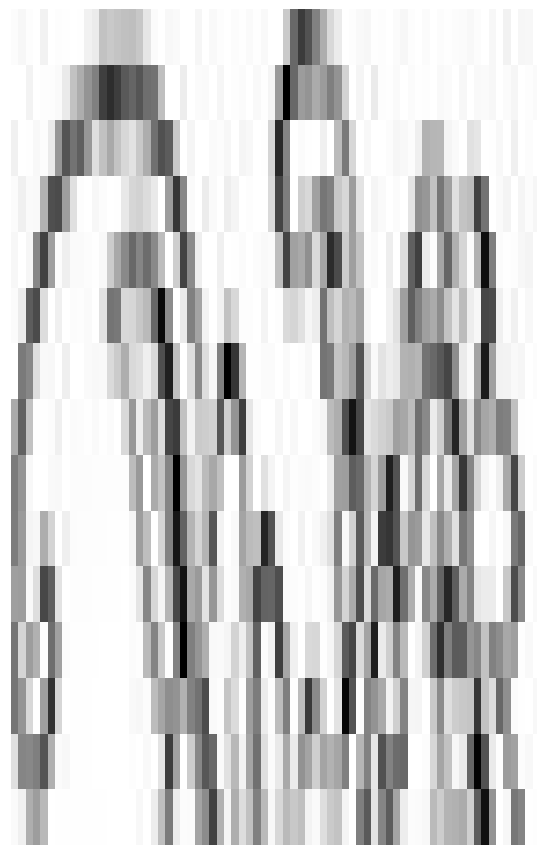
E. — Calamidades?

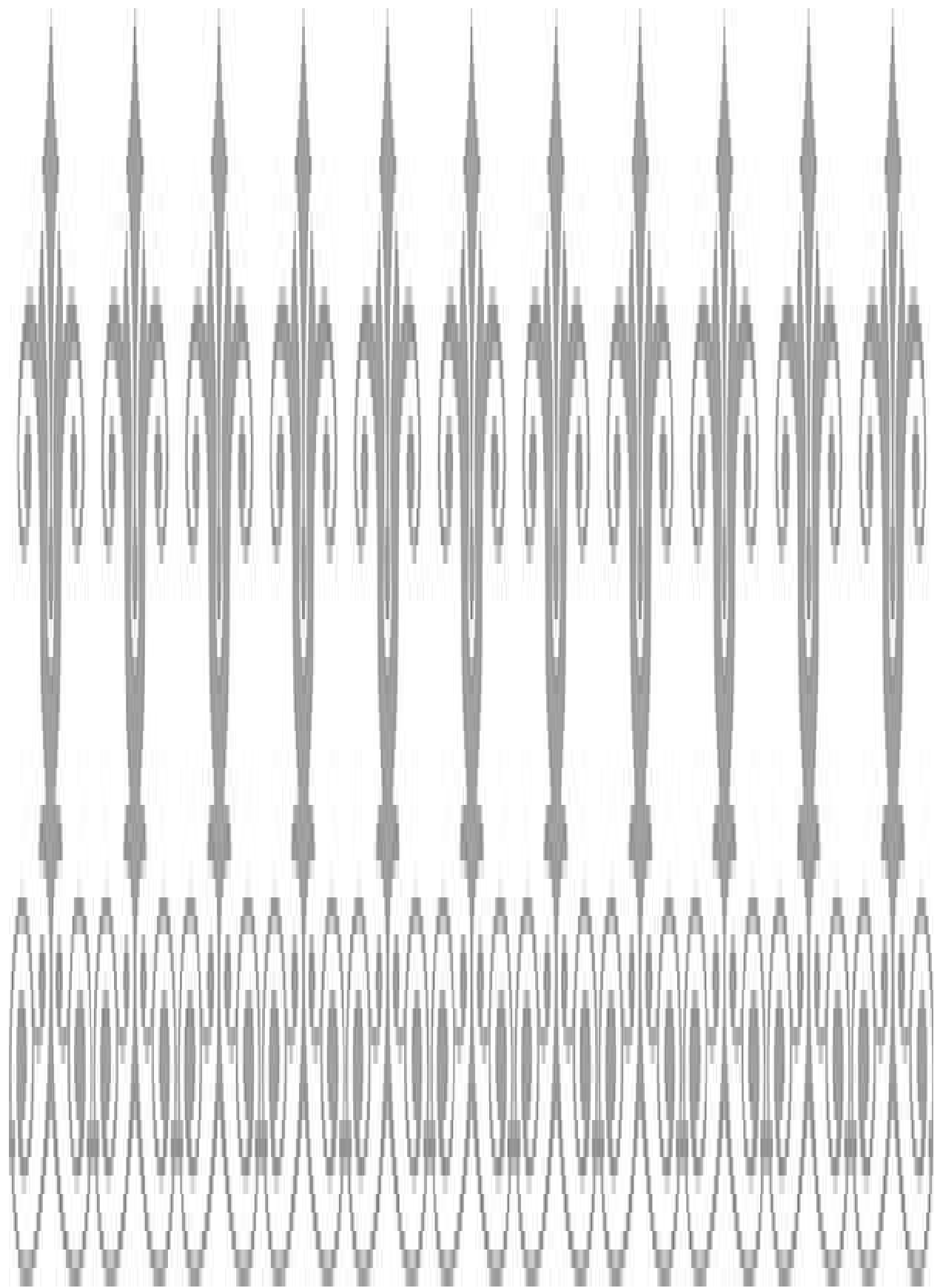
B. — Fenômenos enormes, médiuns especiais, acontecimentos previstos, porque a Terra é muito grande e tem, em seu bojo, muitos espíritos com tendências variadas, então a mediunidade surgirá num país ou numa região com vistas às necessidades daquela coletividade.

E. — Com utilidade.

B. — Tem que ter uma utilidade, exatamente.

Deus abençoe a todos vocês.





Capítulo IV

Reunião 22 — Conhecimento de si mesmo – II

23 de agosto de 1991.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

Irmãos amigos, estamos juntos mais uma vez, em nome de Jesus, procurando desenvolver um clima de trabalho necessário ao progresso dos indivíduos aqui reunidos, nesta nossa Casa, e também buscando vencer o desconhecimento das coisas através do esclarecimento profundo, do esclarecimento que melhore nossa própria interpretação da vida. Procuremos pois, em nome de Deus e de Jesus, conviver com o ensino, com a palavra de equilíbrio, com o sentido do Amor, façamos inicialmente nossas saudações de palavras e de sentimentos àqueles que acompanham vocês.

Mentalizai os vossos guias espirituais e a eles pedi o amparo para o estudo da noite. Demo-nos o autopasse.

Iniciemos nossos estudos.

E. — Irmão Balthazar, elaboramos perguntas focalizando a convivência sob

três aspectos. O primeiro, o que o senhor nos havia citado quando falou sobre a disciplina, a disciplina externa; o segundo, a elevação moral e o terceiro, a conduta espírita. Formulamos casos baseados em pessoas, e gostaríamos que o senhor os avaliasse de acordo com esses três aspectos.

A disciplina externa seriam as regras de conduta interna interferindo na relação com os outros, a disciplina em relação à nossa conduta interior.

A elevação moral estaria relacionada com o fato de a relação com os outros nos ajudar a progredir e ao fato de a conduta ser um reflexo da nossa elevação moral.

A conduta espírita seria a aplicação profunda dos ensinamentos que o Cristo trouxe, que a Doutrina Espírita afirma a respeito da convivência.

Então seriam esses três tópicos: disciplina externa, elevação moral e a conduta espírita. O senhor gostaria que nós relatássemos todos os casos ou que o fizéssemos caso a caso?

B. — Há de ser um por um.

E. — Então vamos ao primeiro. É o daquela pessoa que é naturalmente gentil, sincera, educada, delicada, que diz serem, para ela, fundamentais na vida, o bom humor e o senso crítico, além da cortesia e de gentileza. Tem esses conceitos bem estabelecidos dentro de si mesmo, de forma a isso tudo não soar falso, artificial, e sim verdadeiro.

Pedimos que o senhor analise esse quadro, dentro desses três tópicos: disciplina externa, elevação moral e conduta espírita.

B. — Nesse caso você terá efetivamente uma pessoa que já venceu inúmeras barreiras, que já superou suas dificuldades primárias e que, por ser naturalmente uma pessoa mais voltada para o intelecto, talvez até mais do que para o amor, tem agudeza do senso crítico. De um modo geral as pessoas de agudeza do senso crítico, falamos em tese, têm uma grande expressão intelectual no espírito, são pessoas rápidas no pensar por força de muito pensar sobre os outros, sobre a vida e sobre as necessidades. Dir-se-ia que essas pessoas se proporcionariam uma análise do mundo e, atalhando os próprios problemas do mundo, colocam-se adiante das dificuldades de modo que as dificuldades nunca a surpreendam.

As pessoas de agudeza crítica vão atrás, elas sabem onde estão localizadas pelo mundo e, naturalmente, são pessoas com vivências marcantes no campo intelectual —, mas por que não dizer, se bem conheço quem você analisa, com grandes experiências no campo de realizações —, que fizeram com que aquela agudeza não seja somente fruto de uma análise, mas sim de uma vida de experiência, só que não colocaram essa experiência em termos de amor, mas sempre no terreno intelectual, terreno do próprio desenvolvimento do espírito no seu sentido de amparo intelectual.

Eu insisto que vocês devam perceber bem a trajetória das almas; as almas evoluem, mais ou menos globalmente, até um certo ponto; as características próprias existem em termos, mas, se vocês vissem uma grande massa, fundamentalmente elas não teriam diferença, o progresso seria equilibrado. A partir de certa fase, as almas começam a se sobressair, as suas experiências as fazem caminhar, principalmente para o terreno do raciocínio, há almas que ficam na fase do amor, mas a grande maioria caminha para o terreno do raciocínio e, depois, passam para o terreno do sentimento, começando o corolário de toda forma de evolução que é o sentimento.

Claro que nesses entretantos, as pessoas reencarnam em fases de vida que as obrigam a pensar no amor, o sentimento mais nobre, mas profundo, para que elas não sejam apenas cérebro, mas, de um modo geral, assim acontece. As que têm o senso agudo, senso crítico agudo, essas poderemos dizer que estão bem à frente da média, não são seres superiores nesse sentido, são apenas capazes, a superioridade se caracteriza pela visão completa do homem: evolução intelectual, evolução do sentimento, não tenham a menor dúvida. A elevação moral é decorrência, virá como consequência da prática dos dois exercícios. A própria criatura, bastante intelectualizada e boa, dificilmente terá moral ruim, se ela tiver senso elevado não se perdoa.

Sabemos que existem sentidos intelectuais elevados voltados para o mal, então não são pessoas boas, por isso a Lei sempre põe a criatura numa linha de evolução da inteligência com o amor; aquelas que aproveitarem as lições do amor, embora sejam mais pendentes à inteligência, fazem o equilíbrio, a dosagem do sentimento intelectual.

A conquista é resultado da moral do homem, a espontaneidade é resultado da elevação moral, os espíritos superiores são assim, mesmo aqui no Plano Espiritual, vocês ficariam chocados com a descortesia de vocês. Vocês ficariam chocados com essa gentileza que julgam ter e que, para nós, são expressões bastante primárias de convivência.

E. — No caso contrário, essa minoria caminha mais por sentimentos, às vezes, até mais por curiosidade e não por intelectualidade, porque vemos a maioria precisando intelectualizar-se primeiro para poder entender a lei de Amor, e, com o intelecto se abrindo, aos poucos as criaturas vão pensando mais na Lei de Deus, mesmo que seja pelo choque, pelos conflitos, pelas dores e começam a compreender que existe um outro lado, que é o sentimento, que elas precisam entender, utilizar, raciocinar, meditar.

Agora, há uma pequena porcentagem que o senhor diz que optou pelo

sentimento, isso quer dizer que o indivíduo já é naturalmente assim ou ele passou primeiro pelo intelecto também?

B. — Sempre passará pelo intelecto primeiro, senão ele não entenderá. Há minorias que se têm voltado para a religiosidade, não significa elevação, absolutamente, quando digo religiosidade refiro-me àqueles que são voltados naturalmente para a prática do bem.

Esses optaram pela trajetória no terreno do amor, mas, fatalmente, precisam desenvolver o intelecto. O que ocorre, na grande maioria dos casos, é que as criaturas se voltam primeiro para o intelecto, porque o intelecto é matéria, começa a ser sentido a partir do momento em que o homem, pela primeira vez, teve sensações, ele desenvolveu isso.

Então, sempre poderá haver exceções, mas, normalmente, o espírito parte do intelecto para o desenvolvimento moral. Normalmente é o que acontece. O intelecto provoca a aceleração do raciocínio, o raciocínio obriga o homem a experimentar as reações adversas, cria, então, dentro de si, a condição de aprender a conviver, aprendendo a conviver ele aprende a saber entender, aprendendo a entender ele começa a descobrir o caminho do amor. A trajetória é essa.

Nós falamos através das caminhadas do espírito pelos séculos, normalmente, olhando-se para uma única encarnação não se tem noção disso.

Um bom espírito ou o seu benfeitor espiritual, que já passou pelas fases da sensibilidade, que já descobriu com o intelecto que se precisa de paz, tenta encaminhar você para a execução daqueles sentimentos porque a pessoa sente que é por aí, ele faz isso de modo natural, espontâneo.

É nessa hora que você exerce o livre-arbítrio, porque se você disser para o seu guia: “Não quero ouvi-lo, ao contrário, desejo permanecer neste caminho”. O seu espírito protetor dirá que você irá sofrer; se sua resposta for: “Faço o que quero”, ele deixará você fazer o que quer.

A dor fará com que você recorde a advertência recebida, você a recordará por repetição, por analogia, por comparação, todas as vezes que passar por aquele tipo de experiência, a não ser que queira outra vez passar pela gama de sofrimentos. Compreendeu? Quando você tiver começado as suas trajetórias, descobrir o amor, você pensará exatamente nisto: por que sofrer ou por que fazer mal aos outros. Numa fase você dirá: “Não quero sofrer porque já fui advertido e passei por isso”, noutra fase mais elevada de compreensão você dirá: “Por que fazer o outro sofrer?”...

Numa você diz por que sofrer? Noutra você diz por que fazer sofrer?
Compreenderam? Todos entenderam bem isto?

E. — O segundo caso, é a pessoa que se coloca diante dos outros na seguinte posição: “Eu sou assim, eu vivo assim”, e, quando está numa conversa, tem sempre muita necessidade de dizer o que acha, vê-se, nela, a tendência de centralizar, para a sua pessoa, todas as atenções do grupo, esquecendo-se das opiniões dos outros.

B. — Nesse caso, poderemos perfeitamente dizer que tais pessoas ainda não se aperceberam, no momento em que agem assim, do valor da experiência alheia, falta-lhes a disciplina externa, falta-lhes o hábito da convivência, porque a ânsia de dizer ou de fazer prevalecer o seu ponto de vista sobre os demais, nos espíritos até mediana elevação, parte normalmente do fato de esses espíritos não valorizarem a experiência alheia, a vida dos outros não ser levada na devida consideração por eles, como lhes falta paciência

externa, convivência externa, essas pessoas se tornam, de modo natural, incapazes de dialogar, porque nelas há de prevalecer sempre a sua experiência, não digo nem o seu ponto de vista, mas sua experiência, porque a experiência é diferente do ponto de vista.

O ponto de vista é a análise que a pessoa faz de algo e crê que aquilo é o melhor, mas até muda de opinião se alguém mostra alguma coisa diferente. Valorizar a experiência do outro significa que a pessoa não só abre mão do seu ponto de vista, como abre, sinceramente, o seu espírito para que o outro tenha passagem, porque não tem aquela experiência nisso ou naquilo.

É como se ele se antecipasse a qualquer resolução dizendo: “Escuta, você faz porque eu não entendo”, isso é dizer realmente que o outro deve fazer e não aquela mal disfarçada experiência que diz: “Eu acho assim, mas faz o que você quiser”, isso é comum a todos, não é?

E. — Uma pessoa que age dessa forma compromete muito a sua elevação moral?

B. — Sim, pelas experiências dolorosas por que passa, porque se você pudesse ouvir a crítica dos outros no exato momento em que a pessoa diz: “Mas é isso que eu penso”, veria que o retorno é sempre um pensamento de angústia, de dor, na vontade, no cansaço, na intolerância e isso pesa no psiquismo do homem, na hora de ele medir as suas próprias ações. Entendeu?

Na hora de medir suas próprias ações, ele como que vislumbra um momento de se analisar, como se diz, um momento de juízo; para que vocês entendam melhor o que eu quero dizer, ele chega e vê exatamente todo o peso daquelas criaturas em si mesmo.

Ele sente o peso da crítica das pessoas, ele não vê que aproveitou pouco, ele vê depois, mas sente o peso da crítica, à maneira de formas-pensamento. [13] Essas formas-pensamento funcionam como camadas nem sempre visíveis; são difíceis de serem vistas até mesmo por bons espíritos quando estão analisando o perispírito de alguém. Essas formas-pensamento são muito mais sutis do que a matéria fluídica. É claro que o bom espírito, que traz bastante experiência de análise desse tipo, tem mais facilidade de percepção. As formas-pensamento, guardem bem isto na cabeça, são muito mais sutis do que a matéria fluídica, extremamente mais sutis e, no momento em que elas se agregam no perispírito, de qualquer um de nós, têm muito mais peso do que qualquer outra coisa que vocês possam imaginar; o espírito como que vislumbra a sua própria estrutura espiritual por força de todos esses quadros acumulados. Quando vocês ouvem dizer que as boas ações têm em si uma força de amor, de impulsão para o bem, isso quer dizer tão somente que o espírito acelera as suas realizações pelo bem que faz e repara pelo bem que deixa de fazer ou pelo mal que pratica.

O bem que deixa de fazer lhe atropela os sentidos, o mal que pratica lhe entenebrece o sentimento, o coração e a mente. Ficou confuso?

E. — Eu entendi que o próprio ato que o indivíduo pratica gera, em torno dele, uma crítica das pessoas de forma quase que automática, e as formas-pensamento que essas pessoas emitem são interceptadas pelos indivíduos pelo seu temperamento, seu caráter e lhe causam os transtornos físicos, praticamente físicos, morais e espirituais, e reconhecendo sempre o peso desse próprio comportamento.

B. — Você intelectualizou bem, não sentiu exatamente porque está encarnado; do ponto de vista do raciocínio é isso que você falou.

E. — E do sentimento?

B. — Não, do ponto de vista do sentimento, significa apenas que você é uma alma sem elevação e por isso esse peso é relativo.

E. — Pelo bem ou pelo mal.

B. — Que ele é capaz de sentir. Então, resumindo: um espírito, quando pratica o mal, recebe, de retorno, a revolta da criatura a quem ele fez o mal. Como é esse sentimento?

O espírito que praticou o mal recebeu a revolta, o medo, a ansiedade, a insegurança ou ainda externa a raiva, o ódio, isso forma uma espécie de imagem que se agrega ao corpo perispiritual daquele espírito. Ele, com aquela imagem agregada, quando se dá conta de todos os males que fez, verá em si o quê? Ódio, desgraça, sofrimento, lágrimas, rancor, angústia; então, olhará em torno e dirá: “Não há nada de luz em mim”. Essa força é pesada, ela coagula, intercepta, impede qualquer prece em favor da pessoa. Porém, há um momento em que essa pessoa, vendo todas essas formas-pensamento, descobre as ações boas que fez, começa a olhar e ver todas as formas-pensamento positivas que teve, o bem, feito generosamente, a oração, o amor ao pai, à mãe, aos filhos, ao esposo, à esposa, ela tem muitos bens, e diz para si mesmo: “Eu vou me apoiar nestas forças e me levantar”, então, esquece as vibrações de ódio que havia em torno dela e sustenta-se, eleva-se, caminha em cima das realizações evangélicas. À acusação: “Você me fez mal”, ela dirá: “Mas eu tinha amor pelo meu filho”. À acusação: “Você destruiu o meu lar”, ela dirá: “Mas eu mantive o meu amor ao meu esposo, à minha esposa”. Outros acusarão: “Você destruiu a nossa cidade”, no caso dos guerreiros, e a pessoa dirá: “Mas eu construí um império”.

E aquele espírito se apoiará nas obras positivas que impulsionam, aceleram as forças do Universo, mas isso ele faz numa salvaguarda de si mesmo, porque a Lei contabiliza o bem que ele fez, mas contabiliza também o mal que ele

praticou e dirá, lendo-lhe todas aquelas vibrações de ódio acumuladas: “Meu filho, para apagar as vibrações de ódio que estão agregadas ao seu corpo espiritual, e no seu espírito se apresentam como forças coagulantes, você precisará passar”... E a Lei estabelece o que ele precisa passar, ele retorna à carne, aqueles pensamentos coagulados junto dele se apresentam em forma de dificuldades para as suas realizações pessoais; ele irá se apoiar no bem que tem construído e nas pessoas a quem ajudou, que se constituirão, muitos, em familiares, e ele prosseguirá no bem em direção ao mais Alto, e o bem que ele for começando a fazer, por força da reencarnação, atingirá a própria pessoa a quem ele prejudicou anteriormente (ou a um dos seus) que, solidário, receberá de quem o havia prejudicado, porque a Lei quer devolução, a Lei quer educação, pela educação ele evita novo erro e pela devolução ele distribui o bem.

E. — No caso de espírito endurecido, teimoso, encarnado ou desencarnado, ele só vai poder caminhar a partir do momento em que começar a fazer a análise minuciosa de si próprio, pegar essas formas-pensamento e analisar o que tem de coisas boas e de coisas ruins.

B. — Sim, não tenha dúvidas.

E. — E se apegar a essas coisas boas.

B. — Exatamente, por isso eu insisto em dizer a vocês, que o caminho da evolução começa pela sensação. [14] Está respondido o segundo caso?

E. — Basicamente é questão de valorizar a experiência do outro não é? Porque, às vezes, segundo o que o senhor explicou sobre a convivência, o outro pode ser exatamente aquele com quem precisamos conviver e que vai fazer com que se reflita sobre essas formas-pensamento que estão agregadas, não é?

B. — É.

E. — Terceiro caso. No trabalho a pessoa se coloca em evidência pelas suas realizações, pelo seu potencial, pelas conquistas morais demonstradas. É naturalmente uma liderança, uns o entendem, outros o bajulam, outros o agriDEM, e há aqueles que o auxiliam e compartilham os ideais com ele.

Queríamos que o senhor analisasse esse caso calcado na convivência não só dessa pessoa com os outros, mas dos outros com ela.

B. — O papel do líder, do diretor, sempre estará ligado à projeção que o homem faz de suas próprias forças, não tenham dúvida sobre isso; mesmo que ele seja humilde, simples e não queira sobressair, o comportamento, o gesto, o ato, projetam o que a pessoa é, isto é inegável.

Se a pessoa age assim de modo espontâneo e até se apagando para não sobressair, ela poderá despertar maiores e melhores emoções. Ela procura ser simples, não quer sobressair porque reconhece que as pessoas à sua volta não têm aqueles mesmos valores que ela tem, que poderão despertar a inveja, o ciúme, o despeito, a ignorância, então a criatura olha, percebe, e se mantém o mais quieta possível.

Mas, volto a dizer, toda ignorância é a projeção do próprio indivíduo, mesmo quando ele procura se manter apagado não pode fugir do fato de projetar quem ele é.

E. — Isso é inato?

B. — É inato, é inato. O indivíduo não consegue fugir desse fato, por mais que se controle, sempre dirigirá a sua personalidade, projetando-a para criaturas emocionalmente abaladas, inseguras, elas são abaladas por terem cometido falhas ou porque não acreditam em si mesmas. Essa liderança sofrerá comportamentos espasmódicos, ele a exerce e deixa de exercer; exerce e deixa de exercer; porque tem medo, tem angústia, tem sofrimento, não acredita nele mesmo, o que ocasiona isso, não vem ao caso agora, estamos dizendo no caso real; então ele se faz crer e se desacredita.

E. — Mas ele tem os valores da liderança.

B. — O indivíduo tem os valores, mas, por essa atitude espasmódica, ele exerce e não exerce: ele os tem, é uma conquista, então, projeta sua personalidade mas, por medo, encolhe a sua projeção e as pessoas que lhe ouviram a voz ou o apelo, se confundem: Quem é? Sabe ou não sabe? Pode ou não pode? É ou não é?

Então, essa instabilidade é que gera as confusões, primeiro nos outros, depois em si mesmo.

E. — As pessoas se sentem ameaçadas...

B. — Não, até aí as pessoas não se sentem ameaçadas, elas se sentem inseguras.

E. — Isso é inexperiência?

B. — Não. Vamos por etapas, isso não é inexperiência, é medo de assumir um comportamento.

E. — Não assumiu a posição.

B. — Não assumiu a posição, projeta, mas tem medo dos resultados da projeção.

E. — E por que a gente sente isso aqui, como encarnado, e na experiência no Plano Espiritual...

B. — Porque isso, se ocorre, pode ser resultado do medo que você tem das pessoas à sua volta.

E. — Eu acredito que no Plano Espiritual isso também acontece.

B. — Sim, tudo bem, mas eu volto a dizer, é o medo das pessoas à sua volta, não digo insegurança, eu digo medo.

E. — Medo de se mostrar em relação às pessoas.

B. — Medo de se mostrar em relação às pessoas. Cada um terá que ver o seu medo, isto é tema para um sem-número de análises. Mas por que elas têm medo? Vamos analisar em outra ocasião. Então isso faz com que a pessoa, se tem a estabilidade na sua liderança, inegavelmente despertará, e aí sim as pessoas se sentirão ameaçadas, aí sim terão o chamado sentimento de inveja, que pode ser provocado pelo despeito, pela insegurança, tudo porque elas se sentem ameaçadas na sua posição.

E. — É isso que eu não entendi. Mesmo que seja alguém, que não é formado em nada, que não representa ameaça à outra pessoa...

B. — Mas, você não tem medo pelo conhecimento, você tem medo pelo que a pessoa representa.

A segurança, a projeção da personalidade, dá ao outro a noção de experiência ante aquele assunto, então o que se sente ameaçado, como você diz, tem medo de que aquela experiência prevaleça sobre a dele, ainda é o medo de se mostrar.

E. — Seria incoerente, não entendo o que acontece. Eu não estou entendendo. Essa ameaça, como seria?

B. — Vamos supor que uma criatura que não seja psiquiatra, mas que tenha muito senso humano, chegue perto de uma pessoa e analise o quadro dela, de modo muito mais sutil e objetivo do que seus conhecimentos permitem.

E. — Entendi, as pessoas se sentem ameaçadas...

B. — Aí você dirá: “Essa criatura não tem a minha técnica, a minha cultura, mas sabe conviver”.

E. — Mas para isso eu preciso ter coragem de dizer tais palavras para mim mesma...

B. — Para você mesma.

E. — Porque senão eu vou me sentindo ameaçada, ameaçada...

B. — Você então, tem esse quadro de insegurança, ou, se não tem a elevação moral precisa, você tem o outro lado: o despeito, o ódio.

Isso ficou claro para vocês?

E. — Só uma pergunta. Quando o Dr. Hermann nos diz para sermos menos ostensivos na tarefa ou ficarmos um pouco mais afastados diante de alguns companheiros de trabalho, no local onde se exerce algum tipo de estágio ou função, seria o caso de a pessoa tentar se afastar cada vez mais para que tais companheiros a esqueçam e melhore a situação?

B. — Não, isso é uma fuga. Quando ele diz para a pessoa ser menos ostensiva, ele quer dizer apenas o seguinte: prossiga e mostre a esse ou àquele que você é amiga.

E. — Que não precisa ser uma ameaça.

B. — Que não precisa ser uma ameaça. E não adianta a pessoa fugir, porque se fugir, podem achar que ela está realmente querendo aparecer.

E. — Ou tomar-lhe o lugar ou coisa assim... Isso acontece bastante conosco.

B. — Muito mais do que vocês pensam.

E aí vocês me perguntam, em termos de sensibilidade, onde isso aparece? Aparece nos resultados positivos da vibração do ódio, da angústia, do medo. Aparece justamente no momento em que você precisa dizer ao outro que não é nada daquilo que ele está julgando, você é o que é, projeta sua personalidade, mas nada almeja dele.

Se ele aceita, ele terá você como um bom companheiro, o ajudará; se não aceita, você o transfere de lugar, se puder. Não há outra coisa.

E. — Em relação, por exemplo, à Doutrina, à multidão, às pessoas, como isso poderia ser analisado?

B. — Isso é um sentimento que é do homem, isso independe de fórmula religiosa, quem está na Doutrina tem como princípio a obrigação de se analisar e se corrigir, mas se não o faz, agirá como homem normalmente.

E. — Eu digo em relação a “vestir a camisa” da Doutrina, quer dizer, o indivíduo se projetar pela Doutrina; estávamos falando do medo, da insegurança, daquilo tudo que o indivíduo vem fazendo com a natural evolução, e, muitas vezes, vemos pessoas com dificuldades de assumir a Doutrina como realmente deveriam fazer.

B. — Porque isso representa uma mudança de comportamento.

E. — Ele tem aquela natural liderança e também a dificuldade de conviver no campo da Doutrina, não assumindo a tarefa como deveria assumir, por medo, e se recolhe.

B. — Medo ou desejo de não ceder para não mudar seus hábitos.

E. — Em relação à multidão, há pessoas que são líderes que atraem multidões em torno delas, mas têm dificuldades de convivência com a multidão, quer dizer, um assédio maior, problemas maiores...

B. — O princípio é o mesmo, é a pessoa ter que enfrentar a realidade do mundo que é o cansaço, o desgosto, o peso, os processos de sofrimento que a multidão traz. O princípio é o mesmo, não se esqueça de quando eu falei que a personalidade de liderança é a projeção de si mesmo, quem está diante da multidão projeta a capacidade de transmitir aos outros a segurança, é só isso.

E. — O quarto caso é sobre aquele que assume a liderança e não consegue exercê-la porque ela não é verdadeira. Lembramos aqui algumas causas: ela não foi natural, essa liderança foi imposta pela própria pessoa, porque esta

não consegue conviver com a diversidade, com a posição e com as diferenças dos outros.

B. — Você tem aí a resposta.

E. — Sim, mas pediríamos ao senhor para discutir isso na convivência.

B. — A liderança imposta ainda é uma projeção da própria personalidade, da mesma maneira que o autoritarismo. O autoritário não quer liderar, quer mandar, quer impor. O mando é um desvario do homem.

E. — As experiências de vida dessa pessoa serão no mando; ela não irá aprender com os fracassos, não irá aprender...

B. — Não, a não ser que ela passe, quando passar pelo período de análise, na hora do juízo é que ela irá ver que não construiu nada.

E. — Isso em outras vidas.

B. — Pode até ser na mesma.

E. — Essa hora do juízo pode acontecer na própria encarnação?

B. — Pode, pode.

E. — É um rasgo de luz que a pessoa tem...

B. — É um rasgo de luz em alguns casos e o estudo de si mesmo em outros.

E. — Naquela encarnação, ela está madura para fazer aquela reflexão.

B. — Naquela encarnação, quando a pessoa é amadurecida, ela pode fazer. Essa é a liderança falsa, a liderança que inclui imposição, sem o menor, vamos dizer assim, esforço por crescer, é o mando pelo mando. Essa liderança se desmorona, todo o seu poder vem pela força que impõe ou em função do cargo que exerce.

São os valores do mundo que dão uma liderança por força do cargo, sem ser conquistada, às vezes a pessoa nem mesmo acredita naquilo e só luta por valores na sua especialidade profissional, é muito comum isso. A pessoa vence pelo intelecto, aproveita-se de uma série de circunstâncias e determinações que passam a ascendê-la, no fundo não acredita naquilo e faz de tudo um veículo de aproveitamento para si própria.

É o exercício puro do poder. Essas pessoas, quando despertam, sentem muitas dores pelo mal que fizeram, se não fizeram o mal sentem que naquela existência, aquele tipo de experiência, não representou absolutamente nada.

E. — O cansaço pelo peso dos anos.

B. — Exatamente, não existe a menor vocação, então aquilo ali, se elas não têm atributos pessoais, atributos na sua vida de relação, sua família, elas passam por uma existência como se fosse extremamente vazia.

E. — Irmão Balthazar, e isso acontecendo em uma Casa Espírita?

B. — Isso o quê?

E. — Essa liderança artificial, isso até pode acontecer na direção de uma Casa Espírita ou nos grupos dentro da Casa Espírita, direção material, dentro do grupo de companheiros, de trabalhadores, aquela pessoa que quer se impor.

B. — Será sempre o resultado do autoritarismo da pessoa, esse desejo do mando ou o desejo, como eu disse, daquela posição, o fato de o indivíduo achar que a experiência dele é única, que é melhor que a dos outros.

E. — A nossa atitude deve ser de compreensão?

B. — E de resistência.

E. — Então, uma direção doutrinária firme, da Casa, irá diluir isso ou neutralizar...

B. — Diluirá à medida que esses assuntos forem ventilados com clareza, eles têm que ser ventilados para que as pessoas, por si mesmas, vejam que estão sendo, no mínimo, inconvenientes.

E. — É como se elas acordassem?

B. — Como se nós propuséssemos a elas que acordassem.

E. — Na Casa Espírita, notamos, às vezes, algumas pessoas com muita rigidez, porque lhes falta o amor, exercem o mando, exercem o poder. São diferentes daquele líder natural que exerce o mesmo poder, o mesmo mando e é amado. As que apenas agem com rigidez vão acordando nos outros a revolta, o pensamento ruim, o ódio, e isso vai fazendo com que, depois, elas descubram o quanto não são queridas, é isso?

B. — Exatamente.

E. — Como é que nesse ponto os espíritos atuam?

B. — Observam, claro que observamos.

E. — Só observam ou olham e deixam a coisa correr?

B. — Isso pode ser uma possibilidade de rebeldia do espírito que está exercendo aquela liderança naquele mando. Pode ser um processo de

resgate do próprio espírito a quem as pessoas atingem e pode ser também uma falta de cuidado da direção da Casa.

É por isso que em casas como esta, grande como tantas outras, as advertências devem ser feitas coletivamente através de estudos, aproveitando o tempo livre, esta é a razão dos inúmeros cursos que são feitos aqui e porque lhes falei da vantagem de se analisar a figura de Bezerra de Menezes e de muitos outros líderes, e não extremamente apenas a de um, para mostrar que a liderança deles é uma liderança que era a projeção de uma personalidade, mas exercida com carismas diferentes.

E. — Pelo que eu estou entendendo, essa liderança natural desperta uma sintonia com os companheiros, de uma maneira espontânea e natural as almas se congregam por um mesmo ideal.

B. — Exato.

E. — E naturalmente uma dessas almas tem essa qualidade de liderar esses companheiros.

B. — Ou tem o mesmo ideal ou recordações do passado.

E. — E juntando aí esses dois fatores, aquele que não tem esse poder de liderança, simplesmente quer sobressair, ele tenta pular mais alto.

B. — Ele tentará sobressair.

E. — Como agir com essa pessoa? Devemos nos posicionar? Expor o assunto a ela? Conversar?

B. — Sim, e ter convicção do que você sabe, do que você faz.

E. — Não é se apagar, deixar de lado.

B. — Não, isso não existe ou não deveria existir.

E. — É colocarmos o problema à nossa frente e solucioná-lo amigavelmente.

B. — Sim, porque fugir do problema não é a solução.

E. — Isso é o que eu queria entender, porque, às vezes, dá uma certa dúvida para entendermos e deixar a pessoa por si só encontrar o caminho.

B. — Você não vê isso no Cristo.

E. — Mas aí é...

B. — É o exemplo, aí é o exemplo.

E. — Veja bem, o problema da liderança, do mando, muitas vezes a pessoa não está na condição de ouvir, não aceita aquela observação em torno da sua personalidade.

B. — Daí os valores morais, por parte de alguns, fazerem com que alguém exerça esse poder para fazer o outro acertar.

E. — Muitas vezes uma liderança que tem ascendência moral...

B. — Quando não existe essa liderança, isso falando em Casa Espírita, ocorrem tristes espetáculos de dissoluções de sociedades.

E. — De disputa.

B. — De disputa, ou então dissensão, quando não há liderança.

E. — Aquele que está acima desse falso líder deveria esclarecer e não permitir que ele exerça a liderança errada.

B. — Totalmente.

E. — Aquele que está abaixo deveria resistir e não lhe seguir os passos, mas de forma pacífica.

B. — De forma pacífica. E aqueles que estão acima também deveriam resistir porque ele pode estar apenas querendo se acomodar.

E. — Complicado isso aí. Há pessoas que omitem suas ideias, suas opiniões e ficam sempre na indecisão. Temem o confronto porque têm medo de ser avaliadas, serem criticadas em suas ideias ou, se não temem, são omissas porque simplesmente não querem mudar.

B. — É a mesma coisa, você já respondeu se essas que agem desse modo têm liderança real.

E. — Elas nem têm liderança porque não querem liderar nada, ficam omissas.

B. — Elas têm projeção para liderança.

E. — Tem projeção, mas...

B. — Mas se omitem, então, nesses casos, são pessoas que, por força de sua pouca decisão, nunca serão líderes, quem se omite acaba não sendo líder. Por que você vai ouvir quem fica sempre sem se decidir? Vai perder tempo?

E. — Mas as pessoas não deixam de estar ali.

B. — Por outro lado, estando ali, cabe a elas dizerem o quê? Falar, e cabe a quem as ouvir, dizer também claramente — “Se vocês nunca falam, por que falar agora?”

E. — É comum essas pessoas darem, não opinião, e sim veredicto: “Isso não ficou bom”, mas, na realidade, elas não colaboraram para que ficasse bom, elas sempre ficam na defensiva.

B. — Elas são definitivas, dizem os resultados das coisas. Neste caso, você tem duas alternativas de convivência, a primeira é conversar com a pessoa para que ela seja alguém que colabore, e a segunda é continuar não ouvindo.

E. — Quando se assume a segunda alternativa?

B. — Quando as experiências nos dizem e sucessivamente se apresentam, isso vai doer, isso dói, e daí? Você terá que sentir dor, você continua não exercendo uma posição, se você perguntar, se você falar, eu poderei dizer, se você não perguntar eu não direi, mas se perguntar e eu não quiser dizer, você não pode falar nada, entende o que eu digo?

E. — Essas pessoas são, por exemplo, atraídas para a Casa Espírita, você tem que atrair o rebanho, mas o que as motiva é que a Casa Espírita é exemplo de trabalho, de dinamismo?

B. — É o exemplo do que elas gostariam de ser.

E. — Só estar perto para elas é suficiente?

B. — Não, elas gostariam de ser.

E. — E não conseguem sair daquela posição.

B. — Não conseguem. Aí se aplica, em alguns casos, a afirmativa evangélica que diz que o reino dos céus é tomado pela força.

E. — Isso tem níveis de gradação. Companheiros que começam assim, a gente convive de uma forma ou de outra pela própria força das situações que vão acontecendo e as pessoas vão tomando consciência disso.

B. — Claro, não tenha a menor dúvida. Tem alguma dúvida sobre isso?

E. — Já que o tema estudado é convivência, e o trabalho que estamos fazendo com os grupos de início, agora com a equipe médica do Núcleo Beneficente, irá tratar, no próximo estudo, do mesmo assunto, gostaríamos que o senhor, se possível, nos desse uma ideia ou diga se devemos abordar o tema como foi dito aqui.

B. — É só abordar como foi dito aqui, com toda essa realidade de transparência também.

E. — Quando se analisa a pessoa que hesita, ou que não está definida na

realidade do trabalho, não seria ignorar, a priori, a área do trabalho a que ela se destina ou a escolha que ela teve de determinado trabalho, porque há pessoas que querem trabalhar em certas áreas e não em outras, nós a convidamos para área a qual ela não se propõe e podemos achar que ela está sempre sem se decidir, que está hesitando, quando aquilo não é escolha dela. Então eu tenho a impressão que devemos analisar esse detalhe.

B. — E por que ela não diz?

E. — Sim, ela poderia dizer.

B. — Ela só tem que dizer, porque se a pessoa tem o valor dentro de si, para qualquer trabalho que for chamada, ela irá exercê-lo corretamente, com impropriedade, mas corretamente. Respondido?

E. — Nesses aspectos, o que o senhor considera convivência liderada para o nosso nível de relacionamento?

B. — No caso é você projetar a sua personalidade como você é, respeitar integralmente a personalidade da outra pessoa, entender as experiências que ela tem e que você não possui, orar, dizer à pessoa sempre aquilo que você sente, que você crê ou que você pensa que ela é, isso faz bem à pessoa para ela se sentir segura.

E mais ainda, é a vivência ao lado das pessoas, no sentido de demonstrar efetivamente as conquistas espirituais que você já tem, pela disciplina exterior e interior, sem o desejo de apenas querer aparecer sem ser espontaneamente. Entendeu?

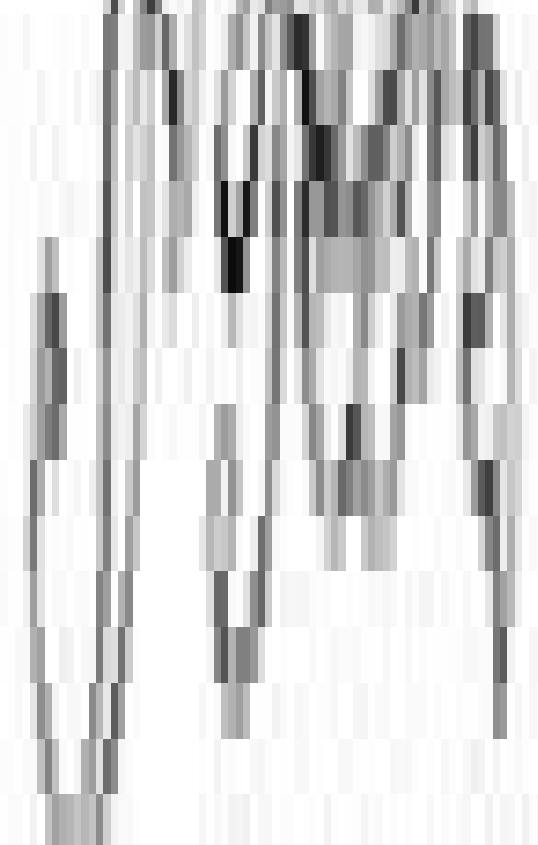
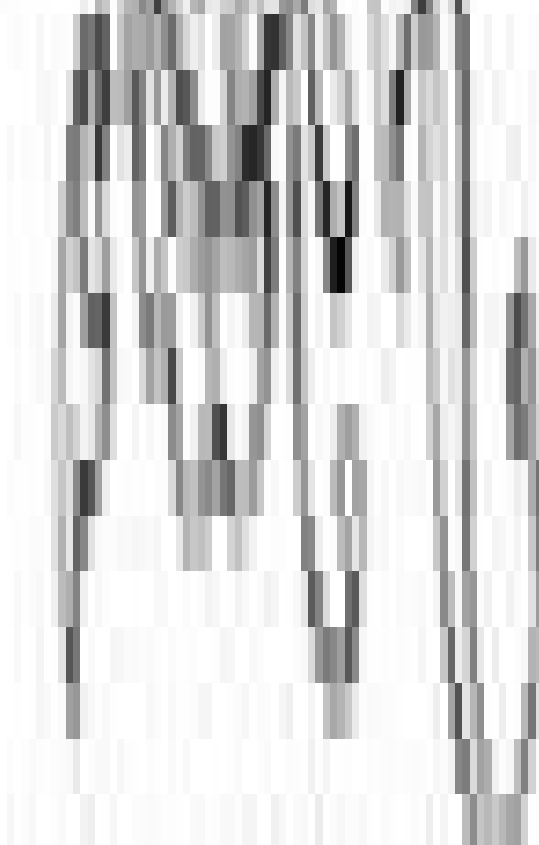
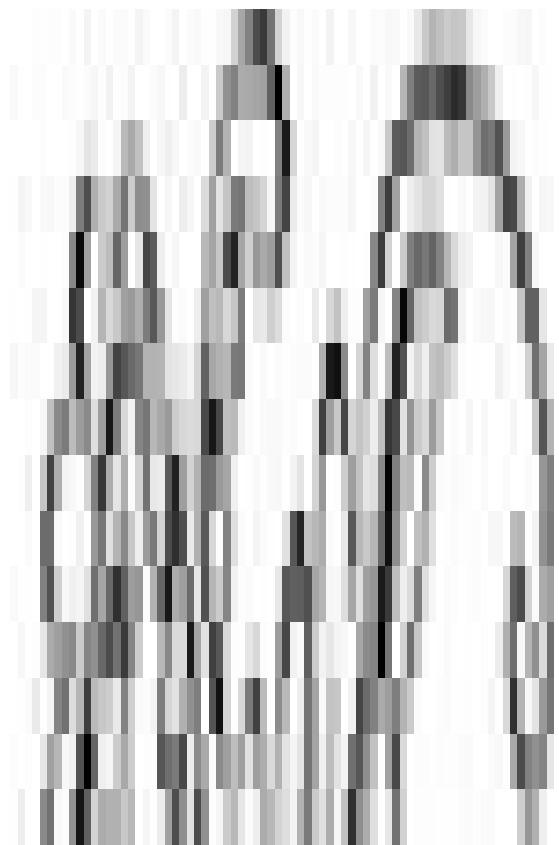
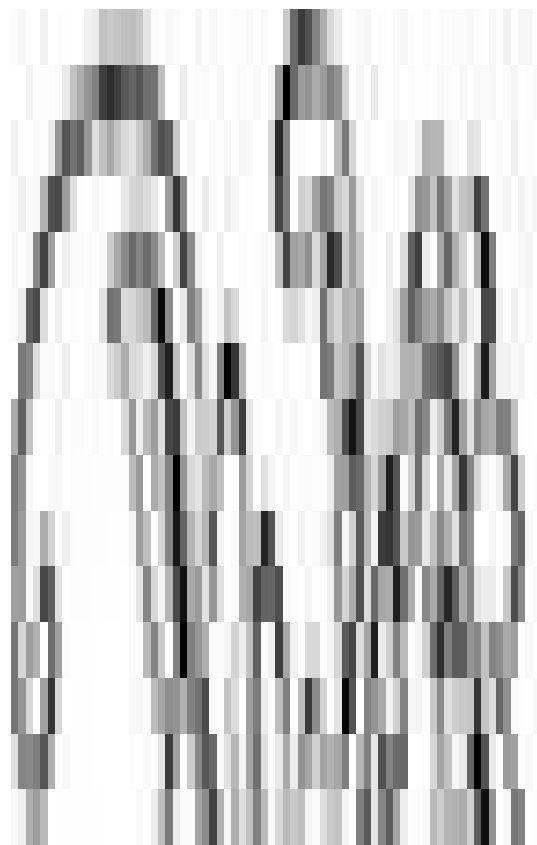
E. — Para uma boa convivência na Casa Espírita o que é fundamental para o trabalho dessa casa?

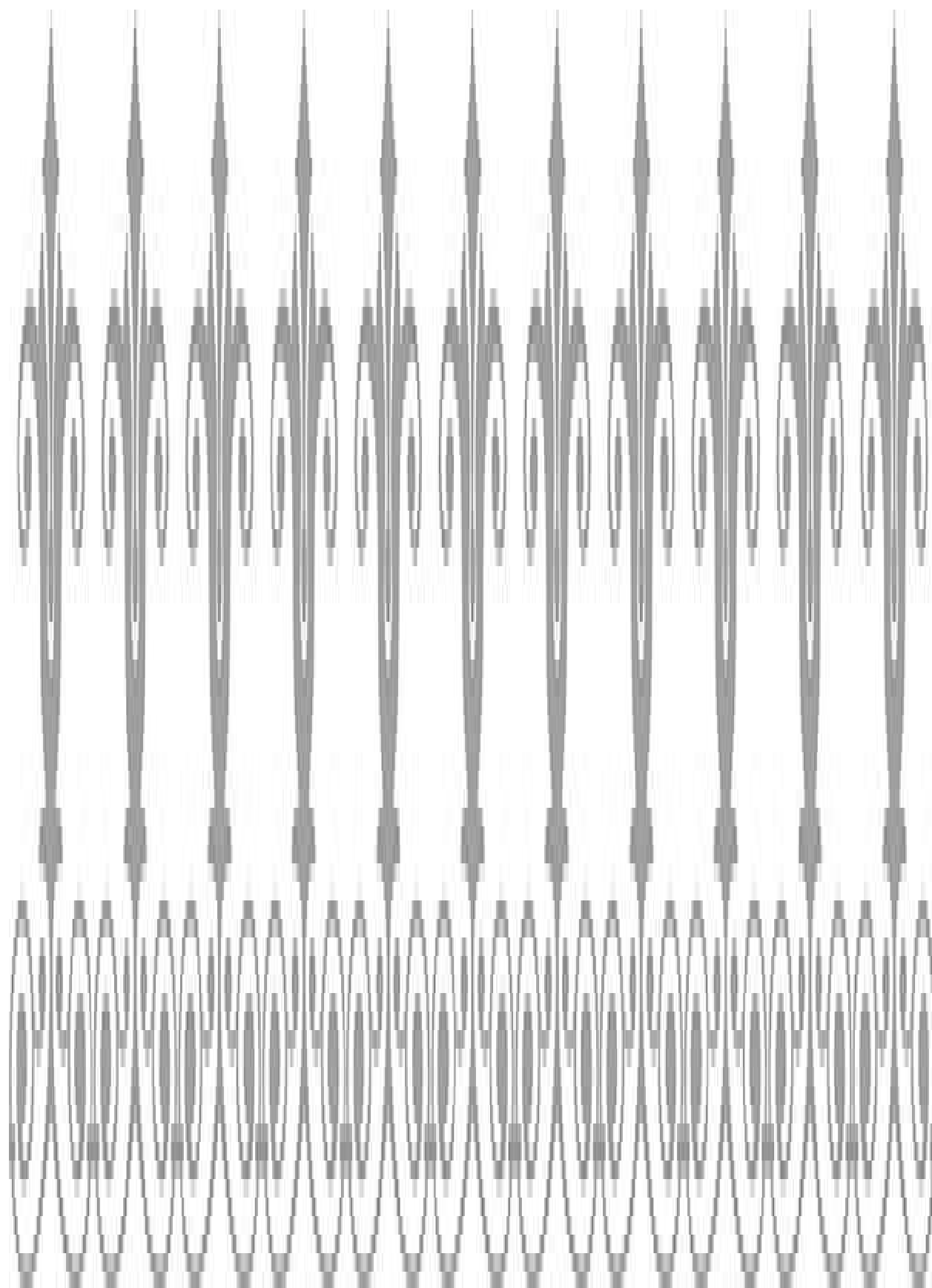
B. — A compreensão, não digo nem o amor, mas a compreensão, o amor seria o ideal, eu não estou falando em termos de ideal, eu estou falando em termos de possibilidade.

E. — O senhor não acha que seria importante esclarecer o assunto convivência na Casa Espírita em forma de Encontro, de estudo, de relacionamento?

B. — Isso é uma necessidade que deverá ser analisada brevemente aqui na Casa, isso é uma necessidade.

Deus fique com todos.





Capítulo V

Reunião 21 — Disciplina

26 de julho de 1991.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

Iniciemos a nossa reunião, como sempre, através do serviço de autopasse, harmonizando nosso psiquismo para o trabalho a ser efetuado.

Que o Senhor Jesus a todos abençoe nesta noite!

E. — Irmão Balthazar, daremos continuidade ao que estipulamos em relação ao estudo; agora estamos analisando a disciplina. Escolhemos frases de Léon Denis e tentamos situar as perguntas calcando nosso pensamento e raciocínio em relação a estas duas frases...

“Fiscalização do pensamento implica em fiscalização dos atos.”

“Imprimir aos pensamentos uma direção determinada, um fim nobre e digno.”

Primeira pergunta: Temos muitas dificuldades em conviver com normas, em geral todas as pessoas; não somos socialmente educados para a disciplina moral, recebemos regras de polimento e convivência social. Como iniciar o nosso esforço em busca da disciplina interior? Haveria uma rota, uma regra de ordem geral para nos ajudar?

B. — A disciplina interior chegará na medida do convencimento que o homem deve ter da necessidade de reger sua própria existência; isso deve ser uma atividade consciente, ele não pode apenas ser conduzido, ele deve saber que é importante ter essa atitude como norma de conduta, como maneira eficaz de ser feliz e harmonizado, como meio de se tornar coerente.

Quando a criatura humana se convencer de que deve ter regras dentro de si, terá dado o primeiro passo em direção à sua harmonização interior, se não der esse passo, terá sempre dificuldades para se posicionar diante do próprio pensamento. Para chegar a isso, o homem precisa da experiência de vida, do desejo de aprender e da continuidade no esforço do aprendizado.

A experiência de vida, porque amplia as suas noções de convivência; o desejo de aprender, porque isso deve se constituir uma atenção contínua do homem, que é a de se melhorar, por outro lado, podemos observar que o homem, no seu processo de amadurecimento, deve procurar, sem sombra de dúvidas, evoluir, e a sua evolução é um fato que resulta principalmente de um desejo solidamente estabelecido em si mesmo.

E. — A segunda pergunta está encadeada, então podemos dar sequência. Habitamo-nos a pensar livremente, sem pesar as consequências de nossos pensamentos. Habitamo-nos a crer que ninguém compartilha de nossos segredos mais íntimos. Qual o estímulo para tentar disciplinar nossos pensamentos. O que é disciplinar os pensamentos?

B. — A disciplina do pensamento é o resultado do esforço contínuo do homem em direcioná-lo para um objetivo.

Um homem convencido de sua atitude, da necessidade de se estudar, conduz seu pensamento, direciona-o continuamente para o mesmo objetivo; se ele não tiver noção de objetivo, não consegue disciplinar o pensamento.

Sem noção de objetivo, não há disciplina de pensamento. A disciplina de pensamento é principalmente o resultado de objetivos claros na vida do homem. Se o homem não traz dentro de si a vontade enormemente, firmemente, estabelecida de se espiritualizar, como irá direcionar o pensamento para Deus?

O homem, portanto, precisa ter, dentro de si, objetivos claramente definidos para ir atrás deles. Essa direção que ele dá aos seus objetivos é que chamamos de disciplina do pensamento.

E. — O estímulo seria então seguir o próprio desejo de progredir?

B. — Seria o maior estímulo que o homem pode ter, ele não pode ter um estímulo amparado nos outros, os outros poderão lhe dar um estímulo inicial, mas, em termos de progresso, ele terá que descobrir o próprio caminho.

E. — Existem regras disciplinadoras que são impostas, mas a imposição não se revela um bom método para disciplinar; com bastante frequência nos rebelamos contra as regras. Vamos, então, à terceira pergunta: Pode uma

pessoa disciplinar alguém ou ser veículo disciplinador? A disciplina é aquisição para os espíritos mais adiantados? Como entender a disciplina em relação à evolução espiritual?

B. — Não se pode impor, aos outros, disciplinas para progredir, pode-se sugerir, pode-se criar escolas e as pessoas irem ao encontro desses estudos porque assim o desejam; toda disciplina imposta só atinge a periferia, não atinge basicamente o conteúdo, o contexto maior do ser humano.

Vocês têm a prova disso na própria educação familiar, como crianças, todos foram disciplinados, como adultos, todos seguem o próprio caminho, guardadas as proporções e, às vezes, até mesmo se rebelando contra os destinos traçados pelos pais. O homem é instintivo por excelência, o instinto lhe diz que nem toda disciplina é correta, que quase todas elas visam, apenas, corrigir as manifestações externas, nunca as internas; se prestarmos bem atenção, veremos que as disciplinas externas valem para atos externos, somente isso.

Vocês estão numa sociedade, numa escola, é preciso pôr ordem, disciplina, mas sempre de um ponto de vista externo. Não é a mesma coisa quando se trata de uma escola disciplinadamente religiosa ou iniciática, ali as criaturas dedicadas a esse gênero de aprendizado dividem a disciplina em duas fases: a externa que, como qualquer outra disciplina, coíbe as manifestações ruidosas, as manifestações de violência e outros tipos, e a outra fase, em que a pessoa aprende para se submeter àquilo, ela deseja se submeter; qualquer que seja o modo a que o homem se submeta, a vontade deverá estar presente, sem o que nada se conseguirá.

E. — Na quarta pergunta, os fatos são os seguintes: as ideias e valores aprendidos são primeiro amadurecidos em nós; de acordo com a nossa condição evolutiva, passamos 11 anos na infância, oito na adolescência, 40 na vida adulta e aproximadamente 20 a 30 anos na senectude. O senhor poderia explicar o porquê de o processo de se disciplinar ser tão doloroso

para o homem?

B. — O homem tem a sua noção de liberdade, é doloroso porque ele tem, em si mesmo, a sua noção específica, pessoal, que ele considera intransferível.

Quando você traz dentro de seu conteúdo de vida, uma visão sobre certos assuntos, você não quer, de modo algum, sofrer interferência, você deseja manter seu ponto de vista só o fazendo quando existe determinação, a vontade do próprio homem. Nesse caso, vemos que o homem, campeão da própria liberdade, deve querer ser disciplinado, se ele não quiser, ninguém o obrigará, mas ninguém mesmo. É preciso que ele esteja convencido por uma série de conversas, atitudes, atividades que indiquem a ele que o seu melhor meio de viver em paz é ter a disciplina que vai reger a sua própria vida. Não há outro método, o homem só pode fazer alguma coisa insistindo, insistindo sempre, para que chegue à disciplina por vontade própria.

E. — Fale-nos sobre a disciplina dentro da Casa Espírita, irmão Balthazar.

B. — Para nós, a disciplina de uma instituição religiosa, deve estar calcada em três pontos básicos: o respeito à Doutrina, o respeito à Casa e o respeito aos representantes de Deus que trabalham na Casa, desencarnados ou encarnados.

O segundo fato é que para essa associação da sua vontade ao desejo expresso, você deve estar apoiado solidamente no princípio da liberdade espiritual de escolher; você tem que ser o que você é por escolha, por determinação, não por indução; este ato pessoal de escolha obriga você a servir, e a Casa se desobriga de umas tantas tarefas que, por exemplo, as igrejas não podem se desobrigar, por isso, o Espiritismo, por ser uma ciência e uma filosofia amparadas no livre-arbítrio de cada um —, se os homens se mantiverem estreitamente ligados aos

princípios kardecistas —, a Doutrina Espírita nunca será responsável pela vida de ninguém, cada um será responsável por seus atos. Por isso você só vai porque quer, entendeu?

O outro princípio básico de obrigação dentro da Doutrina, está amparado num outro desejo que é o sistema da oração, que é essencialmente individual, isso obriga o homem a ser alguém que quer caminhar, porque deseja vencer a si mesmo, ele quer servir, mas deseja vencer a si mesmo. Esse é o grande objetivo da disciplina na casa religiosa, é o homem que deseja combater a si mesmo, ele nunca será um bom espírita se quiser se disciplinar apenas na Doutrina Espírita, ele deve desejar se disciplinar dentro de si mesmo, para então, ser um bom espírita.

A disciplina, nesse caso, funciona nessa ordem de direção; ele tem que ter o desejo de ser espírita, mas se ele não tiver o desejo íntimo de ser disciplinado ele sempre vai ter esses episódios de indisciplina. Quase todos os processos de indisciplina observados nas casas espíritas se originam dessa não adesão e desse não desejo íntimo de ser disciplinado.

E. — Vamos analisar a situação: o indivíduo tem esse desejo íntimo de ser disciplinado, aí vem o problema da convivência e começa a se esbarrar com a convivência de um com os outros, que é um aprendizado, um amadurecimento; essa disciplina deveria ser colocada ali, mas a pessoa acaba por colocá-la em segundo plano, e aí vêm os pequenos entraves que decorrem dessa convivência. Neste contexto, neste caso ele tem que superar isto?

B. — Claro, não há alternativa, não há acomodação nesse sentido. Ele tem que ser disciplinado por dentro, conviver com o outro sem querer doutriná-lo, isso é uma regra difícil. O processo, repito, é interno. Quando ele vem externamente, não tem bases, veja as defecções existentes, são todas baseadas na disciplina externa.

Todas as disciplinas externas tendem a fazer o homem desistir da sua integração àquela sociedade, àquela escola, àquela religião, cedo ou tarde a disciplina sempre há de ser interna, ou não se realizará.

E. — Tarde seria provavelmente em mais de uma encarnação?

B. — Até em outras encarnações. Ocorrerá sempre, mesmo dentro da própria religião; o homem que se disciplina externamente poderá até mudar as suas ideias e se transformar no ser disciplinado interiormente, mas ele terá que fazer a mudança, senão, se for só externa, cedo ou tarde ele se questionará.

E. — Como podemos conseguir, dentro de uma Casa Espírita, e dentro de nós mesmos, nos disciplinar a ponto de não nos abatermos diante dessas circunstâncias, e como se consegue, dentro desse grau de convivência, amainar, aplainar esse problema de convivência, porque só a disciplina não vai resolvê-lo. Vai se deixar a coisa por si ou se resolverá o problema através de algo estanque dizendo que a Doutrina disse isso..., então vamos seguir isso, fechar os olhos e seguir, mesmo que as pessoas não entendam, não gostem?

B. — Diremos que cada um de nós deverá ser disciplinado exatamente como foi dito, no entanto, as regras de convivência fazem parte de um aprendizado de vida não interior, regra de convivência é fruto de aprendizado externo.

Recordando ainda aquela lição muito objetiva, antiga, a nos ensinar que numa sociedade todos são obrigatoriamente desiguais e não existe o ser igual; quando

se está num grupo associado a um serviço temos, intimamente, que ser disciplinados, mas se o companheiro de jornada traz dificuldades de convivência, isso prova apenas que ele não tem capacidade ainda de, exteriormente, ser como gostaríamos que ele fosse, a prova está no fato de essas pessoas também terem objetivos de fazer o bem, apenas, por força externa, não o conseguem. Entenderam? É só isso.

Imaginemos você dirigindo uma tarefa, imaginemos que, ao seu lado, exista uma pessoa com o mesmo objetivo de dirigir essa tarefa, ou com direção no mesmo sentido, mas cada um, por força da sua evolução, tem a sua noção do que seja a verdade. Imaginemos que essa pessoa ao seu lado o conteste, você dirá que isso é falta de disciplina interior? Ou dirá que é falta de educação?

Vamos supor, dentro dessa hipótese que estou apresentando, que se você sair do trabalho e passar para essa outra pessoa a direção do trabalho, ela poderá conduzi-lo tão bem quanto você, uma vez que tem o mesmo objetivo. Por isso, tais pessoas, quando não têm a disciplina externa, mas têm a interna, são capazes de dizer num dado momento: “Eu não quero ofendê-lo, não estou querendo o seu lugar”, e pensam isso seriamente, porque não desejam mesmo, mas externamente desejariam que você conduzisse a tarefa segundo a própria visão.

As sociedades religiosas espíritistas têm muita indisciplina externa, e há muita disciplina interna; a prova da disciplina interna existente é que a Doutrina mantém-se una, solidamente una, poucas foram as dissensões, mas a indisciplina externa é patente, na forma de dirigir os trabalhos, de dirigir passes, de dirigir desobsessão, decidir se deve ou não ter esse ou aquele serviço, porém, no fundo, todos creem em espíritos, sabem que há espíritos inferiores que precisam ser doutrinados, sabem que o passe é uma energia que cura, que sustenta, que anima e que corrige, mas quanto à relação de oportunidade esta não se faz adequadamente, repito, por força dos fatores externos de convivência que também podemos chamar de educação.

E. — De acordo com a análise que o senhor está fazendo, e de acordo com a nossa evolução espiritual no planeta, o senhor consideraria — avaliando o peso da disciplina interna e o peso da disciplina externa — que nós estamos precisando mais de disciplina externa? É isso?

B. — Em certo momento sim. Em todas as regras de convivência, em todas, existindo duas pessoas juntas, a disciplina externa é necessária.

E. — Porque existem regras mínimas, umas impostas, outras coercitivas, que vão conduzindo o ser humano, dentro de um caminho de convivência dessa disciplina externa. E essa disciplina interfere no ato de a pessoa se disciplinar interiormente?

B. — Interfere.

E. — As coisas estão relacionadas.

B. — Estão inter-relacionadas, e como o homem não consegue distinguir exatamente o hábito de viver internamente disciplinado, sem interferir na convivência do outro, ele provoca esse tipo de disciplina, disciplina não de necessidade. Apontando para vocês, eu diria que todos sabem intimamente que devem ser espíritas, trabalhadores do bem, amigos de Jesus, mas que têm dificuldades de aceitar certas regras de horário, de convivência e, às vezes, até mesmo de conduta, isso porque vocês, como todos os outros, têm seus próprios planos sobre o assunto. Saber conviver com o plano dos outros sem decidir, sem interferir, sem mexer na vida da criatura, é o grande segredo de tudo, e você não consegue manter isso, por quê? Porque a disciplina externa não é estimulada, a disciplina externa não faz mais parte do currículo evolutivo do ser humano. Não se faz mais isso, regras de civilidade, regras de convívio com determinados tipos de pessoas, de

convívio na sociedade, nas conduções coletivas, essas regras não se ensinam mais. Quando você não tem a regra externa, você estimula a sua força a se expor cada vez mais e quando você deixa essa atitude exposta, quando você deixa esse jeito de ser totalmente exposto, você pode provocar uma série de reações, que vão do abandono do serviço, do trabalho com inquietação à própria insegurança, que é relacionada à inquietação.

E. — Achamos que todos temos a nossa polidez no sentido da autoeducação exterior, uns mais, outros menos, isso também é o caso de maior disciplina externa e menos disciplina interior?

B. — Totalmente, porque a disciplina interior está registrada, está marcada, caracterizada nos seres que têm um objetivo determinado.

E. — É a tal meta.

B. — Sim, é a tal meta de que eu falei anteriormente; pode ser a meta do trabalho, a de uma profissão, a de uma religião. Você se disciplina para aquele objetivo, se você derruba uma pessoa para alcançá-lo, você derruba porque o seu sentimento de vivência externa não lhe permite ver que ela também tem direito de seguir adiante. Se ela demonstrar extrema capacidade em torno do assunto, se você tiver inveja, você até sentirá desejo de estar no lugar dessa pessoa, mas você reconhecerá o valor dela. Em resumo, a disciplina externa é muito importante em todos os sentidos, mas a disciplina externa não pode ser coercitiva, ela tem que ser educacional porque todas as vezes que é coercitiva, ela produz fanáticos, é o que vocês modernamente chamam de lavagem cerebral, isso é antigo, nossa escola iniciática chamava esses homens de fanáticos, eram aqueles cuja disciplina externa não permitia nenhuma forma de expressão.

E. — Mais preocupados com a forma do que com o conteúdo.

B. — Exatamente, nenhuma forma de expressão interior, não havia conteúdo, para nós eram apenas fanáticos, dirigidos por fanáticos, é o que Jesus expressa como cegos conduzindo cegos.

E. — Nesse processo de chegar à disciplina, exterior ou interior, o homem não passa por esse método coercitivo? O método coercitivo é uma distorção? É um atalho desse caminho?

B. — É uma distorção.

E. — Mas ele passa pela indução das regras de conduta.

B. — Pela indução, passa.

E. — Dentro desse processo de indução, estamos analisando o papel dos homens-exemplo, daqueles homens que são a prova cabal de que, a partir do momento em que você assume a disciplina e as outras virtudes, você alcança o objetivo que interiormente deseja e sente-se impotente em realizar. Estaria isso dentro da disciplina externa?

B. — Estaria. Observe o exemplo de um homem superior, que seja enobrecido, você verá não só o valor da disciplina que ele alcançou para chegar ao seu objetivo como também o valor dele diante da própria coletividade.

E. — Estamos inclusive analisando a vida de alguém que, para nós, está próximo do que o senhor falou: Ignácio Bittencourt. [15] Dentro do que estudamos, ele nos passa, a todo momento, essa noção de disciplina no trabalho. Observamos que, muitas vezes, assumimos uma posição condescendente diante do paciente, e Ignácio, dentro do receituário mediúnico lúcido, assumia um comportamento disciplinado de quem recebe aquela criatura que está precisando de auxílio, dá o auxílio e nada mais, no sentido de nenhuma atitude dentro da regra de conduta condescendente, e no entanto ele proporcionava aquilo que as pessoas precisavam, a cura.

B. — Nesse caso, você tem a análise da disciplina externa e interna. A interna como fato mediúnico em si mesmo, e a externa não dando essa chance aos outros de fazerem o que quisessem.

E. — Até por uma meta estabelecida de disciplina, pelo tipo de trabalho que exercia, da quantidade de trabalho que precisava executar.

B. — Nesse sentido é válido esse exemplo.

E. — Então a pessoa olha e percebe que é um trabalho muito grande para se interiorizar aqueles valores e começar a analisar, porque não adianta querer ser um Ignácio na vida externa e começar a tratar os pacientes como ele, porque não era a atitude externa que fazia com que Ignácio assumisse essa posição disciplinada, mas sim um conjunto de atos. Não é isso?

B. — Exatamente, a atitude dele, como de todos os trabalhadores da mesma categoria, do mesmo porte, é uma atitude voltada para os seus objetivos, mas, intimamente consciente do que fazia, ele poderia ser disciplinador ou

disciplinado, ou não deixar o doente fazer o que quisesse, porém, ele tinha consciência do que fazia, era a atitude interna. Aquilo, para ele, era como se fosse uma necessidade.

E. — Para nós é difícil assumir uma posição mais disciplinada, porque não temos essa visão, essa vidência, essa experiência?

B. — Eu direi que é porque não querem. Todos vocês têm muito desejo e pouca determinação, isso é uma característica de todos os presentes, até a determinação é algo da força interna associada à força externa, força interna por conquista e força externa para dar os passos objetivos na direção certa.

Se você não tiver esse passo correto na direção do que quer fazer, não chegará ao seu objetivo final.

E. — Essa disciplina leva ao compromisso daquilo que realmente você quer e do objetivo que determinou.

B. — Sim, o compromisso é uma consequência porque aí você não abre, em nenhum momento, a oportunidade para não fazer. Você só abre para fazer.

E. — Outro aspecto que estamos analisando é a questão também relacionada à disciplina externa e conseqüentemente trazendo a disciplina interna, questão que nós intitulamos de o homem-espelho, a pessoa-espelho...

B. — É uma titulação de vocês.

E. — Sim, um termo que define aquela pessoa para quem olhamos e vemos nela em que nós precisamos melhorar, até porque ela nos incomoda, nos perturba, ou porque apresenta defeitos, dificuldades com os quais não conseguimos lidar. Então nos parece que, com aquela pessoa, temos que ter a disciplina externa no sentido da educação e até atos de polidez, para que possamos entender os outros processos, porque aquela pessoa nos incomoda, o que devemos fazer em termos de confiança...

B. — Totalmente, totalmente, em nossa escola, uma das regras ensinadas aos discípulos era saber dirigir-se aos outros.

E. — Como falar, como agir?

B. — Como se posicionar.

E. — A pessoa que tem a disciplina interna, manifesta isso também pelos atos, não é?

B. — Naturalmente. Quando ela traz em si essa disciplina, acredito que na externa também, porque ela está convencida da necessidade da disciplina externa.

E. — Esse tipo de disciplina, o modo de se relacionar, de conversar, de falar, acabou um pouco, não é? O senhor já se referiu a isso há alguns instantes e

agora estou entendendo melhor a maneira pela qual um indivíduo se contata com outro. Percebe-se que houve um liberalismo enorme, que isso passou a ser muito informal, antes era bem mais formal. O linguajar, o modo de falar, de se expressar e até mesmo o pensamento mudaram muito.

B. — Eu direi que o homem não teve liberalismo, o homem abandonou as regras de civilização, ou de civilidade melhor dizendo.

E. — O senhor acha que isso também se reflete, por exemplo, no nosso convívio na Casa Espírita? Dentro deste contexto, Casa Espírita, que pontos o senhor acha que poderiam ser melhorados?

Eu faria ainda uma pergunta: o homem abandonou as regras de civilidade ou assumiu uma disciplina externa em relação a isso e não a incorporou dentro dele?

B. — Na maioria pode até ser isso, mas, a meu ver, ainda é um abandono. Agora, na Casa Espírita, essa necessidade se expressa de maneira clara no dirigir-se uns aos outros, no conviver sem interferir na vida uns dos outros, no estar juntos sem dominar ou sem tentativas claras de domínio de uns sobre outros, e até o fazer com que no trabalho, em si mesmo, haja a produção de um bem comum a todos, e às pessoas na Casa Espírita de um modo geral veem a produção de seu trabalho.

Aí entra o processo de egoísmo do homem, quando está inteiramente voltado para objetivos elevados, a sua posição de trabalho é sempre elevada, e aceita as posições alheias em função da própria visão elevada dos objetivos.

Deplora os que abandonam o serviço, os que não comparecem regularmente, mas não se acusa.

E. — E os que ficam, mas não entendem justamente esse contexto de disciplina?

B. — Ou não atingiram os objetivos, não descobriram os reais objetivos da convivência da vida, ou então são almas muito simples. A alma simples também provoca isso, a alma simples ainda não tem objetivos internos definidos no campo da religiosidade.

E. — Na nossa Casa, nós precisamos visualizar metas?

B. — Precisam sim, eu direi que uma boa parte está consciente da necessidade da disciplina interna, uma maior parte não tem disciplina externa, embora já tenha a interna no sentido de objetivar as metas, e uma pequeníssima parte consegue juntar as duas disciplinas.

E. — Na situação cotidiana? Vou falar de mim, mas acho que é algo que se passa com todos. De certa forma tenho lá um pouco dessa tal disciplina externa, mas, às vezes, por dificuldades de convivência, por dificuldades pessoais de entender o mecanismo do trabalho, eu me vejo em conflito, muitos conflitos, a minha cabeça fica confusa e fico me questionando quanto a me posicionar diante do trabalho naquela situação. A disciplina externa me faz vir, não faltar, acho que a disciplina externa está calcada na convicção.

B. — Que é uma disciplina interna.

E. — Aí eu venho para o trabalho com a cabeça perturbada, pensando mil coisas e nem sempre consigo me desligar das minhas dúvidas.

B. — No campo da disciplina externa.

E. — É no campo da disciplina externa.

B. — Essas dúvidas você as tirará com pessoas que lhe falem com clareza ou a esclareçam. As dúvidas que você tem estão certas e precisam ser analisadas com outros que mantêm o equilíbrio do trabalho.

E. — Isso faz parte do trabalho?

B. — Eu direi que isso faz parte da vida humana, vamos situar, como você diz, um caso, um episódio diário. Você tem uma realidade familiar, uma realidade financeira, uma realidade física, o desejo do repouso e o desejo de um dia ficar um pouco em casa sozinha com os filhos ou com o marido, tem a realidade do trabalho estafante, ou nem sempre estafante, mas todo trabalho produz cansaço, pelo menos desgaste de energia; você tem a realidade da cidade em que vocês vivem, distâncias, dificuldades de transporte, dificuldades de locomoção, as exigências familiares e as preocupações com a sobrevivência, então, você tem várias realidades; no momento em que você deve se dirigir ao Centro, todos pesam em você, o que você crê que prevalecerá aí, a disciplina interna ou a externa?

E. — Acho que tem que ser a interna.

B. — É a resposta adequada.

E. — Então a convicção estabeleceu a meta?

B. — Sim, a convicção estabeleceu a meta.

E. — Eu pensei que fossem as duas.

B. — Não, tem que ser a interna, a externa nesse caso é consequência.

E. — E quando eu passar pelos meus testes ou buscar os meus testes?

B. — Se você for buscá-los, só a disciplina exterior irá resolver.

E. — Não é a interna que tem que vencer não?

B. — Se você busca, não; a disciplina interna conduz naturalmente as coisas. Nesse campo, vamos continuar a análise... você, com todo esse contexto, humanamente, como se diz, ou dentro da disciplina externa, qual seria a sua atitude razoável? “Eu vou para casa, eu vou cuidar da minha filha, eu vou descansar, eu vou cuidar da minha vida financeira, eu vou apenas vivenciar horas de repouso, de lazer.” Compreende agora por que você não faz isso? Porque tem que ter a disciplina interna, que grita dentro

de você a necessidade de cumprir uma meta que você estabeleceu; qual seja, a de servir naquele campo de atividades, por isso você não repousa. Entendeu agora por que tem que ser a disciplina interna?

E. — E quando o homem tem interesse em progredir, mas tem necessidade de identificar as metas?

O que acontece, por exemplo, se uma pessoa está efervescendo, amadurecendo as ideias, mas está com alguns conflitos, esses conflitos são resultantes do fato de ela começar a interiorizar os valores que identificou como princípios da Doutrina Espírita?

B. — Isso existe.

E. — Porque agora a pessoa já está realmente vivenciando o que ela fala, que propaga a todos e em que acredita; mas, vivenciar aquilo gera algumas mudanças, e outra coisa, ela está nesse conflito, então busca alguém em quem confia, com quem ela se identifica, alguém que ela julga em condições superiores, a ponto de lhe dar um bom conselho, e essa pessoa lhe diz: “Silencia mais”. Eu ouvi isso, e foi muito doloroso de ouvir, e ao mesmo tempo muito bom, porque, a partir dali, comecei a ver que não era só falar, era ouvir, prestar atenção e aprender a silenciar, a não querer impor sempre meu ponto de vista e a não querer sempre falar aquelas coisas todas, nesse momento se estabeleceu a meta. Essa pessoa que falou me induziu?

B. — Poderá tê-lo feito, mas de um modo geral, dependendo de quem analisou, pode ser o fruto da experiência da pessoa, então isso já é meta alcançada por ela.

E. — Esse convencimento de que o senhor falou, a pessoa, para adotar uma atitude de disciplina, tem que se convencer a se disciplinar e ter uma atitude consciente, isso aparentemente não é tão lógico, certo?

B. — Para os espíritos desejosos de fazer o bem, toda lógica amparada no amor não é difícil, se você quer saber se está falando para uma pessoa adequada, veja se ela tem o desejo de fazer o bem, que é a conquista interna ou disciplina interna, ou se ela dá os passos corretos para fazer o que é a disciplina externa.

Se você diz a ela: “O caminho é esta estrada e não aquela”, ela dirá para você: “Todos os caminhos levam ao bem, o que importa é Deus”. Você, quando muito, poderá dizer a ela: “Mas esta estrada leva por um caminho mais reto, aquela não vai te levar por um caminho tão reto”.

E. — É válido dizer: “Esta leva, eu conheço”.

B. — É válido dizer, sem querer impor.

E. — Isso é muito do atendimento fraterno que fazemos aqui, não é?

B. — Exatamente, você propõe, mas não impõe. Porque nesse caso, você estará falando da sua própria regra de conhecimento.

E. — Irmão Balthazar, o tema é vastíssimo, demandaríamos muito tempo...

B. — Constitui a disciplina em dez anos em nosso núcleo. [16] Os discípulos saíam, voltavam, saíam, exemplificavam, voltavam para continuar.

E. — O que nós notamos é que essa estrada, desde que assumimos a Doutrina Espírita, de tempo em tempo é como se tivéssemos que reciclar tudo, até dizemos: “Li um livro quando me iniciei na Doutrina e agora, se eu o ler novamente, vou pegar outros dados, daqui a 10 anos, relendo-o, certamente pegarei outros e assim por diante, porque a nossa vida é esse contínuo”...

B. — Mas o homem é assim.

E. — A sensação que dá é que somos crianças, muito crianças mesmo. É como se estivéssemos dentro de um oceano, numa balsa, olhando para um lado, olhando para o outro, temerosos, embora protegidos pela balsa que nós sabemos que não vai afundar, mas ao ver aquela imensidão...

B. — É o fruto da experiência não adquirida ainda.

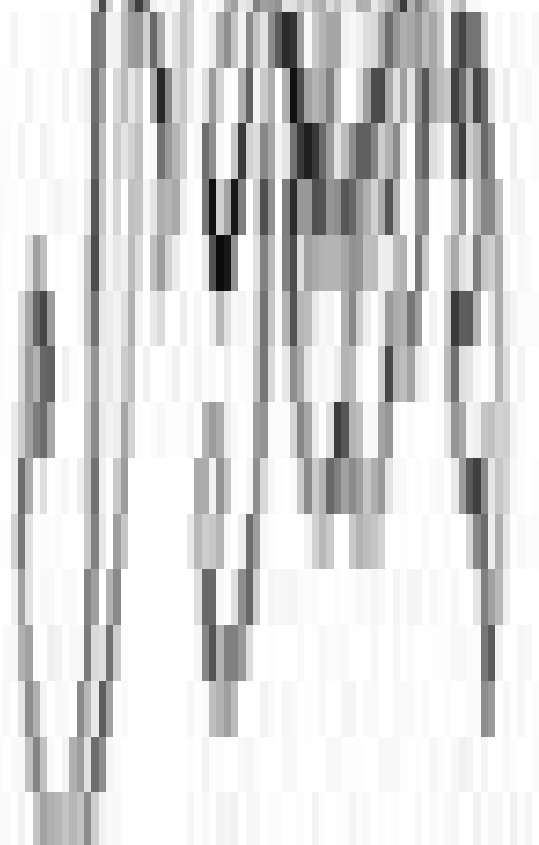
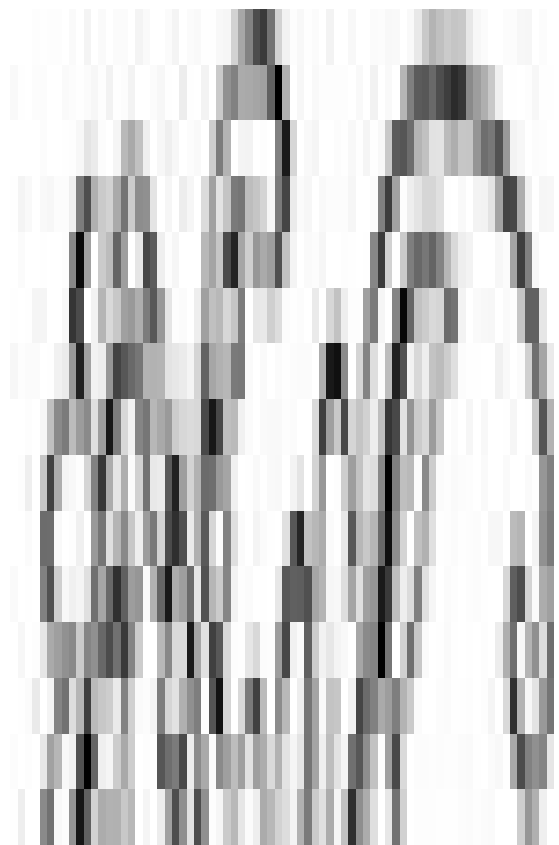
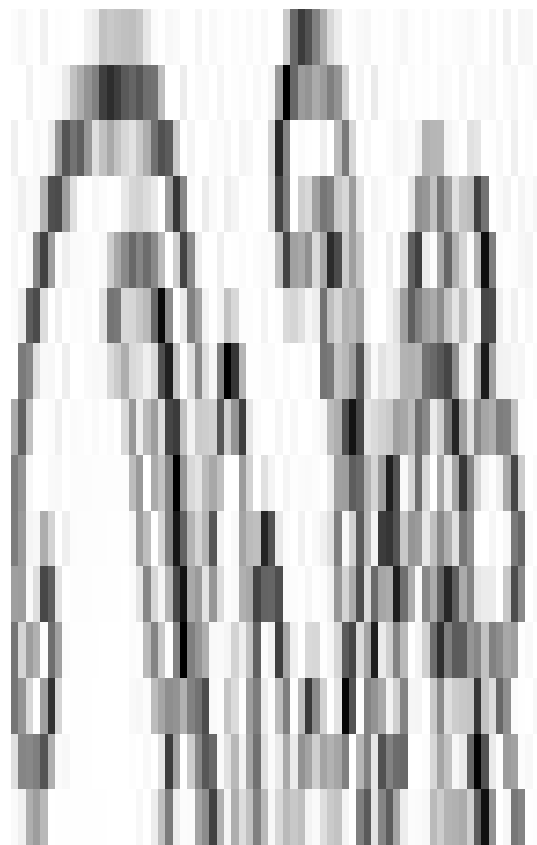
E. — Exatamente, então a pessoa olha, sabe que o barco está direcionado e deixa o barco ir...

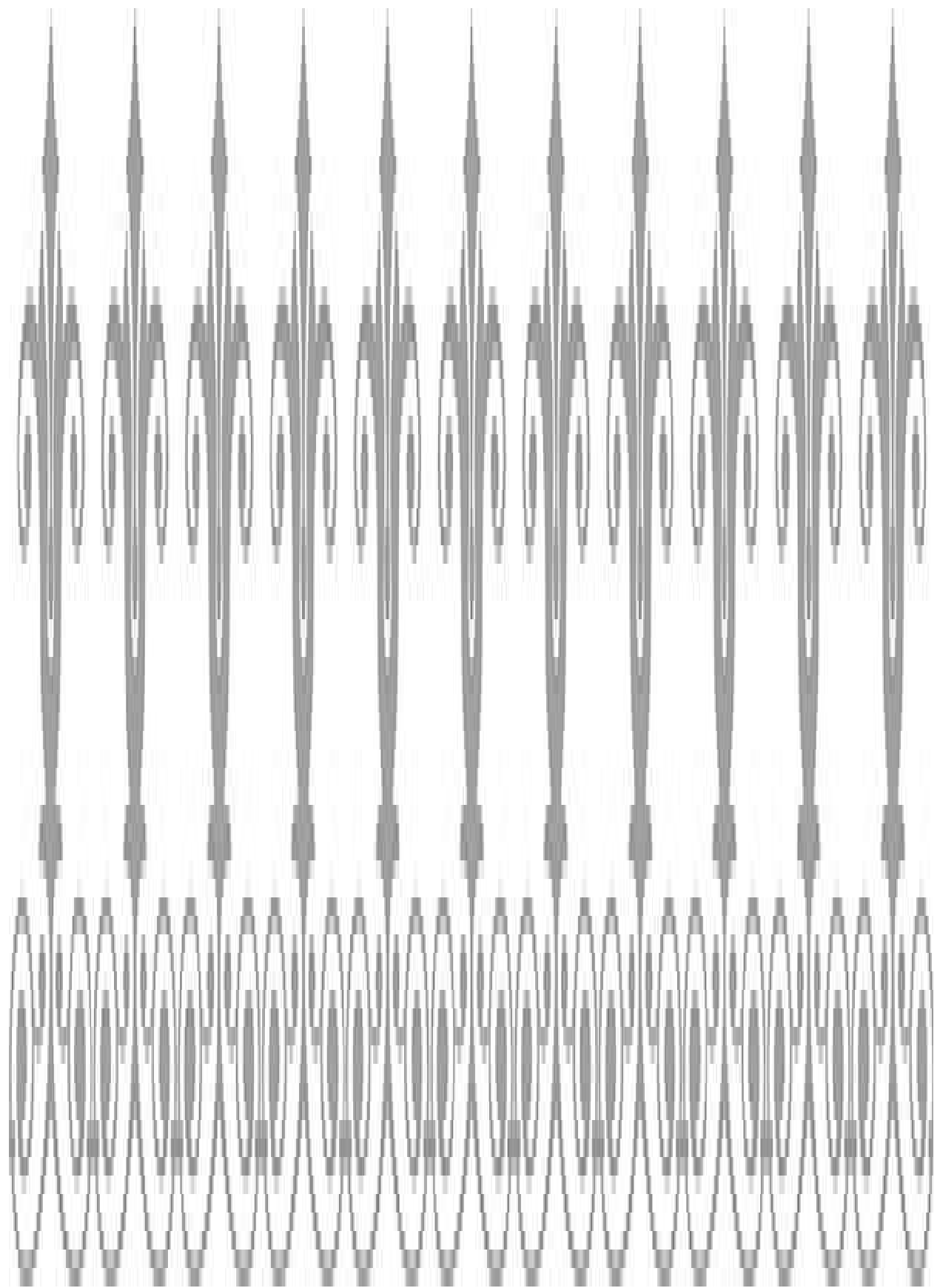
B. — Daí o valor da convivência com os amigos, com as pessoas que sabem mais, daí o valor desta palavra: amigo, e nunca deixem de ficar perplexos, pelo menos nesta fase da vida de vocês, porque isso é o sinal da busca. Vocês ainda não estão na fase da conquista plena, nenhum de nós está, o que é conquista plena para vocês, em relação a qualquer um de nós aqui, espíritos

integrados no bem, ainda há muita estrada a percorrer, com a visão mais ampla dos objetivos coletivos, dos objetivos de trabalhos gerais, dos objetivos amplos da libertação dos espíritos, e muitas outras tarefas. Todos precisamos crescer, há homens que crescem em objetivos de comunicação, se especializam na capacidade de se comunicar, outros ampliam suas áreas no campo da beleza, da forma, do linguajar, da música, da pintura, todos que crescem se dirigem para o alto e cada vez mais incorporam o seu próprio espírito pela cultura múltipla que vão fazendo e obtendo.

E. — Irmão Balthazar, nós terminaríamos aqui.

B. — Deus ajude a todos, meus filhos, conduzindo-os e protegendo-os; paz para vocês.





Capítulo VI

Reunião 62 — Evolução – I

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

E. — Irmão Balthazar, queremos enfatizar aspectos do tema que ora lhe apresentamos a fim de estudarmos questões práticas do nosso cotidiano.

Sabendo que o assunto é altamente filosófico, o organizamos em itens para não perdermos o objetivo que é o de, através do estudo, pedir ao senhor que disserte sobre temas que vivenciamos.

Estamos em um grupo de trabalho e vemos que ele nos faz evoluir. Sentimo-nos compromissados com o trabalho realizado em nossa Casa.

Pensando na evolução das criaturas, fomos ao O Livro dos Espíritos e estudamos, na parte que fala das Leis Morais, a Lei do Trabalho, a da Sociedade e a do Progresso. Formulamos, então, três itens para que o senhor dissertasse a respeito, com a sua visão de dirigente espiritual deste grupo.

São os seguintes:

1) A evolução em sociedade, analisando os subitens:

- a) leis humanas que regem a sociedade;
- b) o dinheiro que a movimenta;
- c) a sobrevivência particular à vida material;
- d) a necessidade de espiritualização do homem.

Concluimos que o homem deve evoluir lidando com esses valores.

Como o senhor vê este aspecto da evolução humana?

2) A evolução no trabalho. O trabalho no nosso século mostra uma evolução na exploração dos recursos humanos e tecnológicos. Novos métodos surgem aperfeiçoando o trabalho, e o intelecto se desenvolve mais, porém continuam os obstáculos:

- a) A escravidão, exploração do homem pelo homem;
- b) a miséria;

c) a doença.

Percebemos que evoluímos intelectualmente, mas não moralmente.

Na questão 784 de O Livro dos Espíritos lemos: “Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas”.

O senhor poderia nos falar sobre esta questão?

3) A evolução e o Espiritismo.

“A marcha do Espiritismo será mais célere que a do Cristianismo, porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e serve de apoio. O Cristianismo tinha que destruir, o Espiritismo só tem que edificar.” Questão 798, obra citada.

O senhor poderia dissertar sobre esta ideia dentro da realidade da Casa Espírita?

Voltemos ao item 1, “A evolução em sociedade”. Leis humanas que regem a sociedade, o dinheiro que a movimenta, a sobrevivência particular à vida material, a necessidade de espiritualização do homem, concluímos que o homem deve evoluir lidando com esses valores.

Como o senhor vê este aspecto da evolução humana?

B. — Então, você quer que eu faça quatro discursos diferentes de uma vez, numa mesma pergunta.

E. — A nossa preocupação não é que o estudo seja tão acadêmico, a nossa preocupação, o nosso desejo era formular perguntas mais filosóficas, mas, analisando o aspecto cotidiano nosso, porque todos nós lidamos com isso...

B. — Então faça a primeira pergunta.

E. — É sobre a evolução, todos os homens vivendo em sociedade de acordo com as leis humanas que regem essa sociedade.

B. — Vocês devem encarar o homem em sociedade como se olhassem para o Universo infinito. Olhem para a constelação mais próxima, olhem para aqueles núcleos de estrelas, todas elas brilhantes, e observem que cada uma delas tem um papel, que cada uma delas tem um brilho diferente, que cada uma delas tem uma tarefa a cumprir. Há estrelas que arrastam mundos que, por sua vez, trazem outros mundos agregados a eles, os planetas e as suas luas.

Deus, em sua infinita sabedoria, pôs, em cada núcleo maior, seres mais evoluídos, nos núcleos intermediários, seres menos evoluídos, nos satélites, aqueles menos evoluídos ainda, o homem é assim. Os grandemente evoluídos e envolvidos com múltiplas tarefas, a estes Deus deu o encargo de arrastarem consigo milhões de pessoas à sua volta que, por sua vez, passarão para outras pessoas o próprio conceito de vida que se ampara naquele ser maior. Dizer como

o homem vive é dizer para ele: “Ao invés de olhares para ti, olha para o Universo e verás o teu futuro, verás o que és e aquilo que poderás ser, um mundo apagado ou um mundo de luz, o que depende de ti. Se ficares apagado na estrela de alguém, serás sempre apagado, se te colocares em outra posição, terás condições de iluminar a ti próprio ou, pelo menos, passar a novo mundo e ali conviver com outros conceitos, com os bons e, um dia, ser um deles. Quando fores um deles, chegarás a outro mundo mais elevado e assim ascenderás, até que um dia olharás para tudo e para todos e dirás: ‘Onde estão todos aqueles que comigo conviveram?’ ou ‘Eis todos aqueles que andarão exatamente como eu já andei’”.

Querem saber como é o homem? Olhem para o céu, normalmente todos olham para as pedras quando deveriam olhar para o céu, para saber o que ele é. E aí o homem, que é capaz de olhar para dentro de si e olhar para os mundos infinitamente grandes, os que estão na abóbada celeste, esse homem é capaz de dizer assim: “Sou parte da criação divina, não posso me abster desse processo, não posso me abster da elevação, não posso me abster do esforço, não posso me abster da caminhada, esforço hercúleo que devo fazer, não posso me abster da velocidade para buscar esse mesmo mundo, essas esferas luminosas”.

Quando olhamos para um povo simples, nômade, que ainda anda de um lado para o outro sem ser capaz de se fixar num solo e dali progredir intelectualmente, olhamos e dizemos: “Eis ali a poeira celeste, aquele povo não conseguiu sequer criar condições de se fixar e servir de base para alguma coisa”. Quando olhamos alguém que constrói cidades e diz que caminha em direção ao mais alto; dizemos: “Eis ali alguém que cresce”. Porém, o homem, às vezes, é infeliz, seu tumulto o faz criar a Torre de Babel, a figura tão interessante do Velho Testamento em que os homens, que procuravam encontrar Deus, se perderam, se perverteram, se desconstruíram, se destruíram, porque não souberam dar unidade aos seus trabalhos. O progresso do homem também é assim, às vezes olho para vocês, da Casa Espírita, e os vejo como seres buscando a elevação, e vejo um e outro na caminhada, vejo um e outro empacados, parece que empacam para dizer que têm os seus próprios pontos de vista, não renunciam a nada, nem mesmo à vaidade, simplesmente empacam, uns, autoritários, outros não; e vejo outros seres sem condições de perceberem o que

está acontecendo à sua volta, que não souberam ainda dissipar, não souberam construir, falta-lhes olhar para os céus. Que falta faz aos infinitamente pequenos olharem para o infinitamente grande, porque no dia em que eles olharem para o infinitamente grande, saberão que são infinitamente pequenos, mas que estão convidados a se tornarem infinitamente grandes.

Os homens da Casa Espírita, na sociedade e em todos os lugares onde caminham, apenas caminham levados pelas circunstâncias, levados pelas forças dos céus, eles caminham e, aos poucos, aprendem, e assim nós todos vamos aprendendo.

Respondi a primeira parte?

E. — Respondeu tudo.

B. — Então, formule as perguntas agora novamente, você verá que nós poderemos descer ao chão.

E. — No item 1, “A evolução em sociedade”, analisamos alguns tópicos como, as leis humanas que regem a sociedade, porque os homens precisam ser regidos por leis...

B. — Nessa trajetória que ele faz, ele se atrita, e esse atrito provoca as leis. Reparem que toda lei é fruto de um atrito, não há lei que seja planejada para prevenir o que está por acontecer, todas as leis são fruto de atrito. O homem que ainda não é superior, e nisto se distingue o homem superior dos inferiores, obedece espasmodicamente aos apelos dos outros, os homens superiores planejam, evitam, protegem, conduzem. Os homens da sociedade

terrena, ainda trabalham em função do atrito: prevenir o crime, prevenir o soldo para os governos, prevenir as doenças, depois que conheceram a morte, depois que conheceram a dificuldade financeira, depois que conheceram, que sentiram a própria dor.

A sociedade do futuro será uma sociedade em que a liberdade é respeitada porque todos se respeitarão; a Lei não dirá ao homem o que ele não deverá fazer e nem o punirá, a Lei dirá o que ele deve construir, essa é a sociedade do futuro. Vocês já podem começar a fazer antecipadamente a vida de vocês, seguindo o modelo do Cristo, inegavelmente o homem mais puro da Terra, ele construiu, e vocês podem construir também.

Nossas sociedades espirituais, nos núcleos de vida onde estamos estabelecidos, todas vivem em função da construção para o futuro, não vivem em função das falhas, dos nossos erros cometidos, sequer vasculhamos a vida uns dos outros, basta a nossa consciência, mas convidamos os que são capazes de construir, a esses são dadas tarefas, trabalho, para que possam caminhar ensinando, permitindo que os outros também descubram a verdade.

Isso é o que vocês nem sempre percebem nas múltiplas tarefas que lhes são dadas. A maior parte de vocês reclama do tempo, das obrigações, do cansaço e até compara o que os outros fazem com o que vocês fazem também, esquecidos de que vocês foram convidados a construir a antecipação da sociedade do futuro, que podem vir a merecer. A oportunidade está sendo colocada nas mãos de alguns, é uma questão ver o que vão fazer.

A segunda pergunta.

E. — É em relação ao dinheiro que movimenta essa sociedade, que muitas vezes escraviza o homem e que não é para escravizar.

B. — Não deveria escravizar. O dinheiro é um móvel da sociedade moderna, sempre foi, o homem habitualmente precisou atribuir valores ao que faz, não podendo valorizar as coisas em espírito ele as materializou. Nós, que trabalhamos em processo sociológico das nações, entendemos que isso é uma necessidade do progresso humano, vê-se que decorre da incapacidade que o homem tem de valorizar o espírito. Ele não se assegura dos grandes valores da sua alma, ele se assegura dos valores que o possam manter de pé na sociedade em que vive, é uma decorrência da sociedade.

O homem poderá mostrar a sua evolução quando não juntar tantos tesouros, mas poupar aquilo que o possa sustentar, ele prevê para o seu sustento, mas não vive em função do que possa amealhar, ele não pode parar de trabalhar, não pode parar de ter, não pode parar de produzir para ter, mas mantêm o clima de trabalho para o seu sustento.

Já aqueles que lutam indefinidamente contra o tempo, contra as vitórias do espírito, para apenas amealhar, a esses se aplicam as palavras do Cristo, “Esta noite te pedirão a tua alma e o que juntastes para quem será?” [17] É a nossa visão no mundo em que vivemos, o movimento dos seres, dos homens da sociedade que vive no país.

Em outras sociedades, das quais também participamos do progresso sociológico, vemos o dinheiro como a forma que os homens encontram de materializar o desejo do progresso, ainda não materializam em espírito, materializam em espécie que acaba, mas são homens que buscam o futuro. Entenderam? No homem que progride, é um modo para o progresso; no homem que não progride, é apenas um modo de ajuntar tesouros. Entenderam?

E. — Essa questão gerou a outra, a sobrevivência, que é particular à vida material, ou seja, você aprender a sobreviver para ter essa vida material e

você fazer isso de modo que lhe traga evolução, aprendizado, desenvolvimento.

B. — Todo aquele que trabalha sem objetivo de somente amontoar é capaz de fazer um trabalho de progresso, se ele apenas amontoa recursos, não trabalha tendo em vista o progresso. É diferente daquele que planeja certas aquisições: a casa, a máquina, um instrumento para o trabalho, porque a Lei diz que todos têm o direito de fazer isso, já que na sociedade, ainda materializada, todos aqueles que têm o desejo de possuir esses bens podem, devem, precisam juntar, senão não terão acesso a eles. Porém, a própria Lei é bastante severa quando diz que todo aquele que junta sem objetivo ele perde, porque não há um trabalho com vistas ao progresso, então aquilo pesa se perde. Por quê? Porque o homem que junta tesouro, no dizer do Evangelho, sem nenhum objetivo, materializa, em grau extremado, os recursos de construção; para nós o dinheiro é visto como um elemento de transformação, então, desde que o dinheiro fique parado sem transformação ele se torna perdição.

E. — Torna-se uma coisa inútil e até obsta o progresso.

B. — A consequência seguinte é essa, é a obstaculização do próprio progresso, porque o homem está ali, numa sociedade, para promover o seu progresso. Saiam das esferas das grandes fortunas e se coloquem na sua pequena tarefa de sobrevivência; olhem para vocês quando juntam sem objetivo, parece que tudo está ensombrado em volta de vocês; olhem para vocês, quando trabalham com um objetivo a ser atingido, a própria alegria em chegar àquele resultado parece que traz luz, vibrações novas, alegrias e felicidade. É assim a vida, tudo que se produz resulta em luz, tudo que não produz resulta em sombra.

E. — Todo esforço do homem para ganhar dinheiro que tenha como objetivo um benefício dele ou da família, está sendo válido esse esforço?

B. — Estará, em benefícios reais, em construções necessárias e não as que não constroem para o progresso. Alguma dúvida quanto a isso?

E. — Qual seria a posição, o comprometimento da criatura que, em determinado momento, passa a olhar os bens materiais sem mais significado? Isso seria um processo de desequilíbrio ou já seria um desprendimento?

B. — A sociedade é composta de homens que caminham; o homem progride e, num momento da sua escalada ao mais Alto, ele já vai abandonando certos valores, alguns ele abandona de todo, outros ele abandona parcialmente, de qualquer modo sempre há um processo de desprendimento, é um começo, mas não significa que aqueles que ainda não têm esse poder sejam inferiores, isso significa que eles ainda não se desprenderam.

E. — Não há desequilíbrio nesse tipo de comportamento?

B. — Não; haverá desequilíbrio se você quiser exportar a sua ideia, querendo que os outros sejam iguais a você. Porque aí trata-se de uma imposição e a imposição será sempre algo desnecessário no progresso do homem.

E. — O item seguinte é a necessidade de espiritualização do homem.

B. — Essa a grande necessidade.

E. — O homem viver em sociedade, evoluir e, ao mesmo tempo em que evolui, ele se considerar um espírito, um ser que tem uma destinação.

B. — No dia em que o homem, como ser humano, entender que ele próprio é um espírito, é um ser em evolução, é um ser que está se espiritualizando, no dia em que ele entender que esse mecanismo é inerente ao seu progresso, no dia em que assim agir ele estará inegavelmente se espiritualizando, e todos os seus objetos serão usados para facilitar o seu progresso, nisso tudo ele verá instrumentos facilitadores do seu progresso, ele não amearhará, ele apenas terá condições de conviver com o progresso, com o próprio progresso, o que é totalmente diferente de amearhar, por isso não é um erro vocês terem uma máquina que facilite o progresso de vocês, ele estará espiritualizando o próprio progresso, deixando de ser bruto. A ferocidade, a bruteza indicam um estado de ânimo, de pouca evolução, de pouco valor para as coisas do espírito, isso é uma fase do progresso do homem. A própria vida em sociedade — dura, infeliz, sacrificial — há certos momentos em que ela deixa de ser necessária porque o homem já adquiriu uma espiritualização que não lhe permite mais ter sobre si, sobre seus ombros, dificuldades tão severas, por isso a máquina levar ao progresso, que se traduz por uma maneira de viver menos embrutecida. Aqueles que não entendem assim, ainda não conseguiram passar de um estágio para o outro.

E. — Então, o entendimento disso já é um progresso.

B. — Já é um progresso; por qualquer razão, as pessoas que não entendem isso tornam-se prisioneiras de um estado de vida; quando o homem entender que a máquina o espiritualizará, ele dirá: “Essa máquina me facilita um momento a mais no meu processo de aprendizagem, de elevação, eu me tornarei menos bruto porque ela está produzindo para mim”. Isso não é uma forma de evolução, quando ele entende que isso é uma forma de facilitação para que ele tenha maior soma de horas para se dedicar ao bem?

O progresso não pode ser visto como algo para tirar a elevação do homem, dar-lhe horas ociosas, e sim como um instrumento que o faz caminhar para regiões de mais paz, de mais progresso. Todos vocês lutam, às vezes por situações humanas que apenas indicam que “se o vizinho tem, eu tenho que ter também”, e quando agem assim, entra a inveja em jogo, quando agem com o sentimento de que “isso me será útil para viver”, entra a necessidade do progresso. Todas as vezes que qualquer coisa lhes chegar às mãos perguntem a si mesmos em que isso os vai ajudar no progresso. Se ficar parada não tem valor, se não tem valor, das duas uma: ou você não sabe valorizar o que tem nas mãos e é retrógrado ou então não se deu conta do quanto aquilo pode ajudá-lo na caminhada ou não pensa.

E. — Para nós evoluirmos, tudo que nos chega às mãos tem que ter uma utilidade.

B. — Sim, uma utilidade.

E. — Nada pode ficar parado.

B. — E se você ficar parado, deixar parado, repito o que acabei de falar, ou você não entendeu por que aquilo chegou às suas mãos e então você é um retrógrado, você não aceita, ou então, não sabe ainda evoluir.

E. — Uma grande maioria dos homens, ainda está presa...

B. — À posse e à vaidade, por inveja...

E. — Aí podemos dizer que essas pessoas não estão dando um passo na evolução ou o fazem de forma muito lenta.

B. — Exatamente, passos todos dão, só estão mais lentos do que o habitual.

E. — Irmão Balthazar, terminamos o item 1 em que estudamos “A evolução em sociedade”, agora entrariamos no item 2, sobre “A evolução no trabalho”.

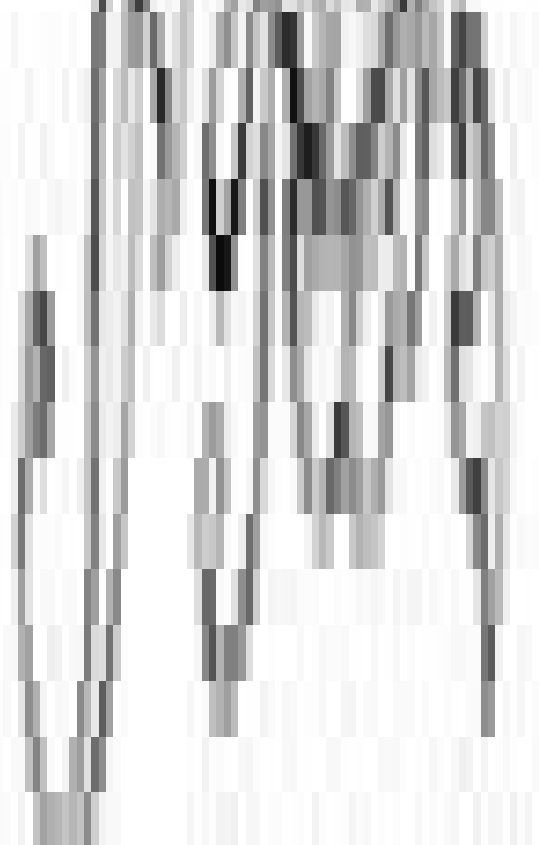
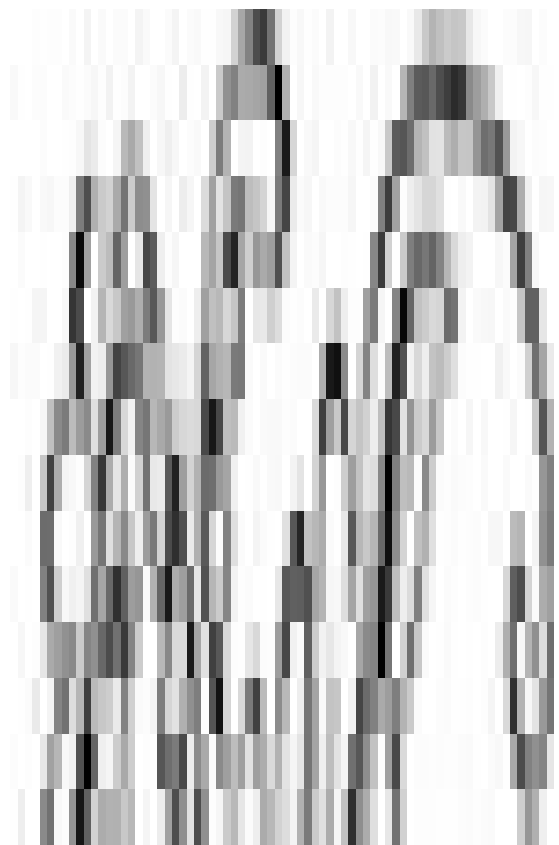
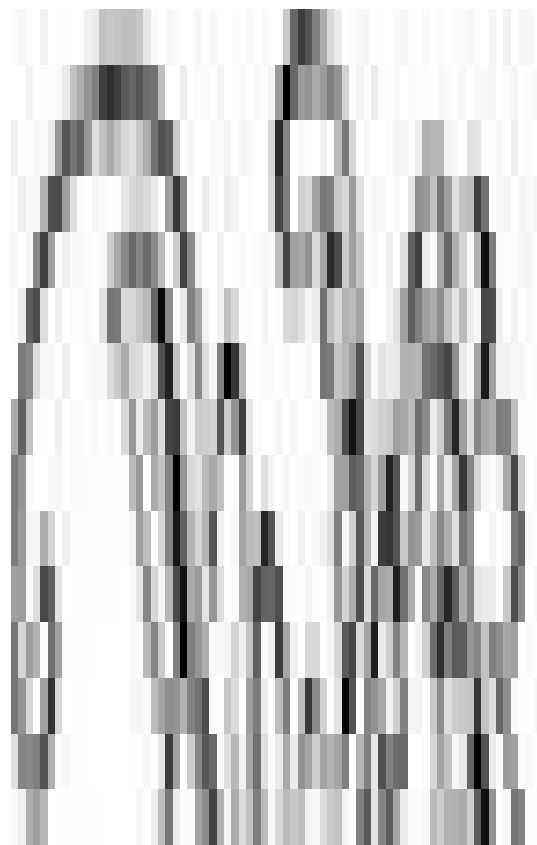
B. — Fiquemos por aqui. A evolução em sociedade pode ser encarada como uma forma que Deus dá ao espírito humano de buscar na convivência, uns com os outros, construir alguns sentimentos, a lei de Amor é um deles, é o mais importante, o mais distante também da execução. Porém, existem outras leis, como a do trabalho, que resulta em progresso para o homem que ainda não é capaz de dar passos poderosos na direção da evolução. Uma, duas, três, cinco encarnações para desenvolver apenas a lei do Trabalho, dizemos que ele está aprendendo porque a Lei o põe para aprender, não é ainda um progresso desejado, deliberado, a Lei o impôs.

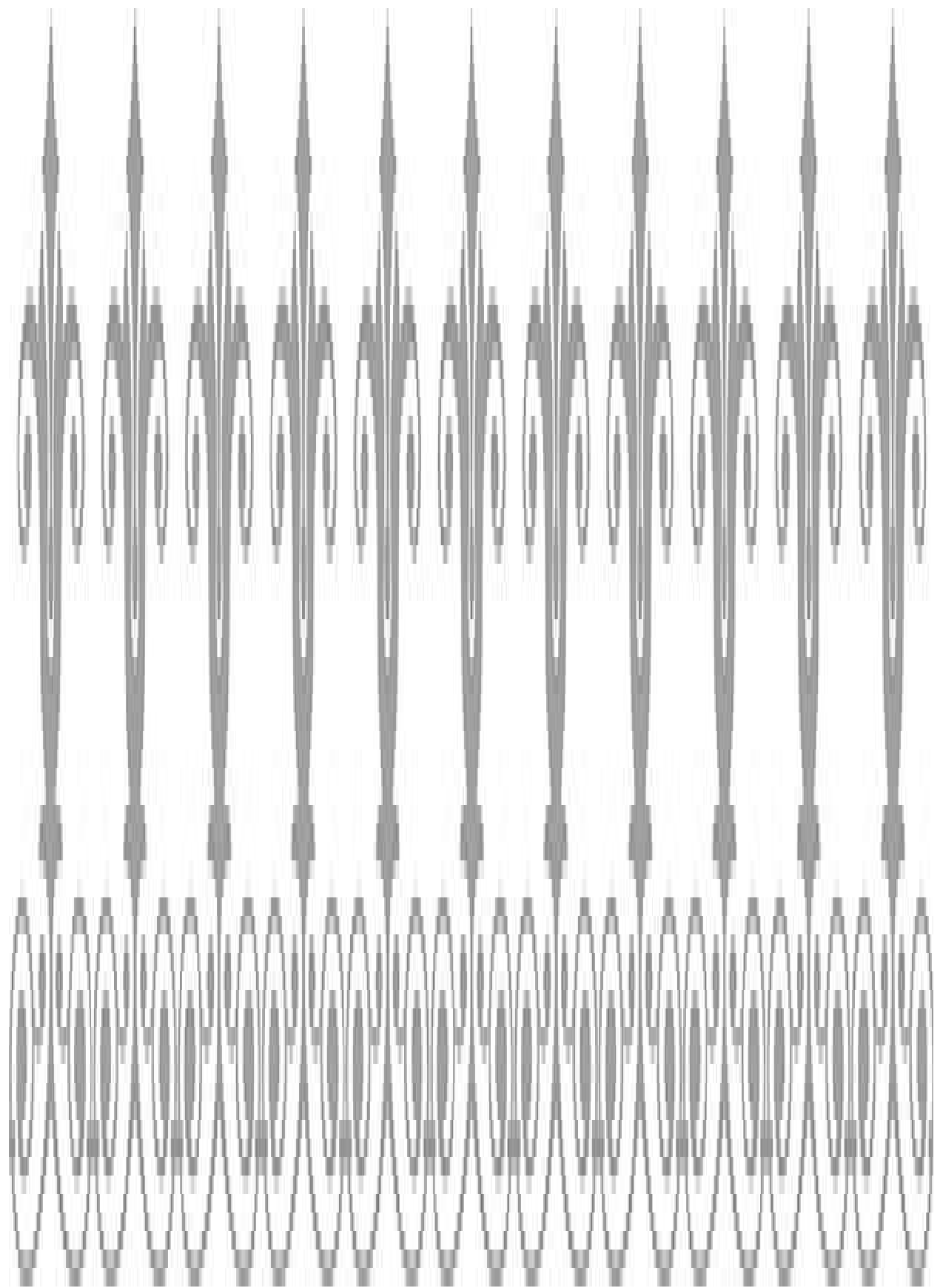
A outro que deseje caminhar naturalmente, a Lei, então, não está lhe impondo, está apenas ajudando na busca. Todo o processo de caminhar é encarado pela Lei de Deus como um estímulo à vivacidade do espírito e ao seu progresso; não pensem que vocês encontrarão ansiosos aqui na espiritualidade equilibrada, nem pensem também que irão encontrar ociosos, nem uns nem outros; vocês encontrarão pessoas trabalhando, produzindo sem serem tumultuadas, mas também sabendo que precisam produzir, isso é da Lei.

E. — Enquanto houver condição, elas têm que produzir.

B. — Encarnado e desencarnado. É preciso que vocês não se deixem envolver em nenhum momento pela ociosidade mental, descansar sim, ociosidade mental não. Este será sempre um fruto amargo na vida do homem, ele terá motivo, cedo ou tarde, de se arrepender pela ociosidade, não falo contra o descanso, e sim contra a ociosidade.

Deus nos ajude a todos. Paz!





Capítulo VII

Reunião 63 — Evolução – II

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

E. — O tema de hoje é continuação do estudo passado que não concluimos. As questões que faltaram são:

2) “A evolução no trabalho”. O trabalho no nosso século mostra uma evolução na exploração dos recursos humanos e tecnológicos. Novos métodos surgem aperfeiçoando o trabalho, e o intelecto se desenvolve mais, porém continuam os obstáculos:

a) A escravidão, exploração do homem pelo homem;

b) A miséria;

c) A doença.

Percebemos que evoluímos intelectualmente, mas não tanto moralmente.

Na questão 784 de O Livro dos Espíritos lemos: “Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas”.

O senhor poderia dissertar sobre esta questão?

3) “A evolução e o Espiritismo”.

“A marcha do Espiritismo será mais célere que a do Cristianismo, porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e serve de apoio. O Cristianismo tinha que destruir, o Espiritismo só tem que edificar.” (Questão 798, obra citada.)

O senhor poderia dissertar sobre essa ideia dentro da realidade da Casa Espírita?

Um item é relacionado ao trabalho, outro ao Espiritismo; no relacionado ao trabalho seriam todas essas questões que estamos vivenciando neste século de avanço tecnológico, avanço de recursos humanos, o homem compreendendo cada vez mais a importância do trabalho, valorizando mais o trabalho intelectual e, ao mesmo tempo, a permanência de obstáculos, como a escravidão, porque em nosso país ainda existe a escravidão, o trabalho escravo, a exploração do homem pelo trabalho e pelo próprio homem, a miséria, as doenças, e a observação dos espíritos de que é preciso que se chegue ao excesso, para que o homem compreenda a necessidade do bem e das reformas.

B. — O trabalho é visto na Espiritualidade como decorrência do progresso

do homem, do espírito; ele é uma lei que existe e é aplicada a toda humanidade, entretanto é uma lei que se distende mais junto àqueles espíritos que não alcançam um progresso maior. Quanto menos evoluído é o ser menos trabalho ele vê pela sua frente, ou observa o trabalho sem aquela visão de progresso, ele o considera apenas como uma forma de sobrevivência.

Na Espiritualidade, o trabalho é visto por dois ângulos: o trabalho do encarnado como uma necessidade da sua sobrevivência, neste caso ele é colocado na vida do homem somente para despertar nesse homem uma noção mais avançada, mais elevada, uma noção superior de vida. O trabalho chega a ele por força das circunstâncias, o trabalho duro, quase que escravo (em alguns lugares até trabalho escravo) tão somente para o homem despertar para a sua necessidade de trabalho.

Naqueles seres mais evoluídos temos o trabalho como uma decorrência do seu crescimento, o trabalho então, entra como forma de contribuição para o equilíbrio, para a Lei, para a paz. Para o equilíbrio, para manter tudo nos seus devidos lugares, com a Lei para que o homem não seja um desobediente, e para a paz porque o trabalho no homem elevado sempre visa a paz, nunca visará a destruição de quem quer que seja ou do que quer que seja.

O trabalho, para nós, referindo-se ao homem encarnado mais simples, é encarado como uma forma de fazer o espírito se encaixar numa determinada forma de vida; referindo-se ao homem mais superior, ele é encarado como a contribuição daquele homem para o equilíbrio das coisas. O trabalho funciona, para Deus, como um fator de evolução, principalmente um fator de evolução, mas, naqueles espíritos superiores, Deus não aplica a lei de Trabalho porque o homem, por si só, busca esta lei. No homem mais inferior, Deus a aplica; no homem elevado não há necessidade dessa aplicação, a própria criatura busca o trabalho e ela mesma faz com que o processo de evolução acione seu mecanismo.

Temos hoje o trabalho espiritual que é outra vertente do processo de trabalho e ainda assim se aplicam as leis de obrigatoriedade e as leis da associação, são médiuns com deveres por cumprir, médiuns falidos, o dever de trabalhar a sua mediunidade lhes é imposto, eles não têm opção.

Aos médiuns cujo equilíbrio faz com que eles possam optar, o trabalho não lhes é imposto, eles se autodeterminam a servir; então, mesmo no campo espiritual, o trabalho pode ser uma obrigação ou pode ser um estado de determinação pessoal. Agora, em tudo, no médium, no trabalhador, no homem, o trabalho é o grande dissolvente das forças negativas ou pesadas, ele não consegue pela sua própria dinâmica, conviver com a inércia, nem com a má vontade, não existe trabalho onde há inércia ou má vontade, porque são forças coagulantes e o trabalho é uma força dissolvente e construtiva. Dissolvente para a força inferior e construtiva para a força de elevação.

Numa Casa Espírita encontramos trabalhadores que classificamos como os da obrigação e os da determinação, e podemos, neste caso, aferir a responsabilidade de cada um deles pelo que eles trazem em si mesmos. Olhamos para um médium e o vemos com força de trabalho provacional, já sabemos o que ele é; olhamos para outro e vemos o médium sem o peso da obrigação, sabemos então de onde ele vem, mas olhamos para os dois e dizemos: “Ambos têm necessidades”.

Então, para nós, o trabalho é sempre visto como um núcleo de forças em processo de aceleração e, conforme seja a capacidade do trabalho do indivíduo, diremos que ele é alguém que está processando o seu progresso, ou que ainda está precisando ser conduzido pela lei do Progresso. Nós vemos trabalho em diversos setores; o trabalho da Casa Espírita, que envolve tantas frentes de ação melhor dizendo, é um trabalho que mostra, que dá ao homem uma oportunidade de progredir, valendo-se dos seus próprios meios simpáticos, ou seja, meios em que ele está habituado a viver a sua experiência de espírito. Você é um médium de trabalho de passes, é uma pessoa que provavelmente sabe que deve ser doadora. Você é um médium de trabalho na desobsessão, sabe-se que é uma pessoa habituada a lidar com almas em sofrimento. Você é um médium para a

psicografia, escrita de mensagens educativas, sabe-se que você é ligado às correntes educacionais do mundo. Então, o próprio tipo de trabalho nos indica qual é a categoria daquele médium e nos indica também o que esperar dele. Do médium de desobsessão você não pode esperar que seja curador, a não ser que a sua força de trabalho seja tão grande que ele tenha que atuar nas duas frentes, e, finalmente, temos a própria criatura que trabalha a parte educacional e assistencial. Caracterizam-se, todas elas, como pessoas que vêm com um programa de provas e simultaneamente de cooperação com a obra de Deus porque, tanto na área educacional como na área médica, a lida com os espíritos em sofrimento e em evolução é muito grande e é por aí que a maior parte dos seres se encaminha para pagar os seus débitos; a Lei de Deus faculta que você entre numa dessas duas faixas de trabalho e poderiam ser muitas outras, para aqueles que desejam fazer um processo de aceleração das suas funções, dos seus débitos.

Quase todos nós encontramos na área médica e nos profissionais de educação inúmeros espíritos que foram muito lentos no progresso em outras encarnações, e o trabalho de sobrevivência lhes impõe, agora, certa velocidade ao mesmo tempo em que impõe dedicação.

E. — Eu queria que o senhor elucidasse nosso raciocínio que considera a lei de Trabalho como alavanca para a intelectualização da criatura e, a partir do momento em que ela ganha em intelectualidade, vai mais adiante promover uma evolução...

B. — Com toda certeza ela faz isso.

E. — Evolução moral, não é?

B. — Com toda certeza ela faz isso porque a criatura, dentro do seu

trabalho, dentro da sua luta, tem que sobreviver, e se sobrevive desenvolve o raciocínio, o trabalho, os conceitos, descobre o caminho.

E. — Através da vida encarnada ela treina isso.

B. — Ela treina.

E. — Nós estávamos conversando exatamente sobre esta questão de a criatura sobreviver. Por exemplo, um médium, que é médium não por concessão, mas por uma questão de ter que trabalhar na mediunidade, como o senhor explicou, ele tem que lidar com o trabalho espiritual de uma forma quase que imposta; por outro lado, esse médium, como ser humano, em muitos casos trabalha num gênero de atividade que não é o seu ideal e que pode até estar indo contra aquilo que ele está aprendendo dentro da Casa Espírita. Nós vemos muitas pessoas no atendimento fraterno que falam das dificuldades que têm ao trabalhar numa firma, numa escola, no trabalho que desenvolvem porque essa atividade em si vai contra os seus princípios como espíritas e elas não sabem como vão desenvolvê-las. Por outro lado, às vezes, nós não sabemos como orientá-las, como lhes responder.

B. — Vocês terão sempre que dizer a essas pessoas, de modo bastante claro, que elas aproveitem aquela oportunidade de trabalho como uma forma de aprimoramento do próprio espírito.

Asseguramos a vocês, com toda certeza, que o trabalho é uma forma de aprimoramento, e na carne muito poucas vezes se encontram seres que trabalham espontaneamente, quase todos eles são tangidos numa encarnação com reflexos para outras. Muitos de vocês dizem que nunca foi preciso que lhes dessem ordens para trabalhar e que são capazes de fazer suas tarefas, só que as pessoas

se esquecem de que os intervalos das encarnações são relativamente curtos, quando você encontra um espírito com plena capacidade de trabalho agora é porque ele começou a fazer essa implantação em encarnações anteriores.

E. — Encarnações anteriores ou durante o período de erraticidade?

B. — Antes. Há espíritos que aprendem o trabalho na reencarnação, ficam pouco tempo na Espiritualidade e, de imediato, passam para um novo gênero de atividades e, mais imediato ainda, eles entram na faixa de trabalho. Por quê? Para que eles não percam o fruto daquele aprendizado.

Vocês têm que ver isto: vocês reencarnaram e nessa vida têm que trabalhar mais por um aprendizado; retornam na vida seguinte já com aquele aprendizado iniciado, por isso têm força para trabalhar muito rapidamente e se associarem à força de trabalho.

E. — É um prosseguimento

B. — Passa a ser um prosseguimento.

E. — Isso faz parte da evolução, não é?

B. — Do espírito; o espírito evolui por etapas, não se esqueçam disto; o espírito evolui como se fosse em cursos, León Denis fala da lei circular, [18] nós diríamos, se quiséssemos substituir este termo, que as pessoas evoluem por etapas, constroem uma etapa e passam para outra, exatamente como em

um edifício em construção, faz-se um andar, depois outro andar, depois outro e mais outros. Então o trabalho, nestas circunstâncias, é encarado por nós como uma etapa a vencer, e não vemos razões para ninguém se julgar tão melhor do que os outros porque trabalha muito, porque sabe fazer muitas coisas; isso é apenas uma continuidade do aprendizado.

E. — E tem como dever auxiliar o outro.

B. — E tem como dever auxiliar, isso é uma etapa natural na vida de todos nós, quer no trabalho material, quer no trabalho espiritual. Esse processo de aprendizado induz o espírito a se tornar móvel nas suas atividades porque o homem da Terra é muito lento, é bem pouco móvel e por isso é lento.

E. — Quando vemos uma pessoa num trabalho com maior desenvoltura é porque ela já adquiriu...

B. — As bases iniciais do trabalho. Aquela fase de progresso é, para ela, uma fase relativamente fácil, é o resultado. Entendemos sempre assim, cada vez que o espírito está em serviço, no dever, estudando, melhorando, aprimorando, ele está terminando uma tarefa ou iniciando um aprendizado, não precisamos ter dúvidas quanto a isso, justamente porque o trabalho é a lei da vida.

E. — E pessoas que não conseguem levar adiante um trabalho?

B. — São pessoas que não estão com conquistas feitas.

E. — Estão só iniciando mesmo, não é? E quando os espíritos dizem que trabalho para uns é expiação e para outros é iluminação, está nessa faixa?

B. — Exatamente nessa faixa. Está nesse processo, e aí o trabalho assume outras características. Nos mundos elevados, mesmo para aqueles que estão reencarnados, o trabalho já tem bastante ligação com as forças do bem, do belo e com as forças de elevação. Não existe uma indústria bélica nos mundos elevados, porque ela não tem nada a ver com o bem, com o belo ou com as forças de elevação, mas temos pessoas que desenvolvem artes, desenvolvem valores, que ajudam, e mesmo os espíritos mais simples — são os espíritos simples que, junto à Terra, são elevados — mesmo esses mais simples, que fazem aquilo que vocês aqui na Terra chamam de serviços mais simples, já escolhem a ação na construção do bem.

Para exemplificar, vamos supor que você deseje trabalhar na área da pintura, mas ainda não merece, pois não tem experiência em desenvolver aqueles quadros ou o que existe em termo de pintura; então, é muito natural que você reencarne começando a entender sobre forma, sobre a geometria das formas, sobre a bondade, a beleza, o belo; você vai fazendo esses trabalhos preliminares de fixação de conceitos para depois partir para a execução. Você não tem esse contraste que existe na Terra, de espíritos que são grandes pintores e passam por uma fase de sofrimento, exacerbação, disputa, desculpas; não teria cabimento o erro moral, a falha, e que era tão comum naqueles pintores e é até hoje em muitos artistas, que dizem que aquilo os estimula, isso não tem cabimento nos mundos superiores.

Nada disso existe aqui nestes mundos que conhecemos, as pessoas, mesmo fazendo um serviço de aprendizagem, estarão sempre num nível de estabilidade bem maior que o da Terra e estão apenas aprendendo, não são consideradas sequer espíritos capazes de pintarem, de serem conhecidos como grandes pintores. Temos então, o bom, que é o desenvolvimento de tarefas que elevam a sociedade; os engenheiros, nestes mundos superiores, são considerados os

técnicos do bom, não são do belo, são do bom porque facultam a oportunidade de outros espíritos morarem, viverem. As classificações nossas, aqui, são muito diferentes das do homem terreno; os engenheiros não são considerados, nestes mundos, como grandes engenheiros quando constroem uma ponte, são considerados como operários do bom, porque facilitam a vida dos outros.

E. — A visão é outra.

B. — Sim, até porque a pessoa não pode sentir nenhuma forma de vaidade por achar que construiu uma grande coisa para os outros, isso não existe aqui, é apenas a faculdade de ver as coisas de um modo melhor.

O superior sempre terá espaço nos mundos em elevação, são aqueles ligados às forças de bondade, de crescimento, são os espíritos que lidam com as forças mais altas que envolvem o planeta; este como qualquer outro planeta.

Está entendido até aqui? Alguma dúvida?

E. — Eu não tenho dúvidas, só queria que o senhor falasse um pouco mais sobre o que os espíritos dizem na questão 784 de O Livro dos Espíritos: “Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas”. Eu compreendo o seguinte: existe a necessidade do trabalho, do ponto de vista do espírito encarnado, como indispensável ao crescimento intelectual, o espírito crescendo intelectualmente... Vemos o exemplo, aqui na Terra, das indústrias bélicas, potências de espíritos inteligentes que trabalham com prazer na execução do mal, então, eu gostaria de entender mais esse aspecto do “faz-se mister que o mal chegue ao excesso”, ou seja, é uma escolha do espírito praticar o mal? E a minha pergunta gira em torno do planeta Terra que é um planeta de provas e expiações. Teria ele sido criado para abrigar, regenerar esses espíritos, que escolheram o caminho do mal? Como é que nós podemos

entender isso?

B. — Isso não é uma necessidade, nem eles escolheram trabalhar no mal, isso é uma associação natural daqueles espíritos que são belicosos; eles se sentem puxados para aquele gênero de atividade. Se você disser que eles são necessariamente voltados para o mal, você está consagrando a tese do empurrar o espírito para o mal. Então todos vocês dirão melhor, quer em palestras, quer nos escritos, quer em conversas, que esses espíritos são atraídos para o foco de mal que já existe.

E. — Nas suas tendências.

B. — Nas suas tendências. Então eles são atraídos, o belicoso inteligente não vai brigar com armas nas mãos, mas vai brigar com as armas da sua inteligência, construirá armas de guerra, ele já não se sente capacitado ou não querará ir para frente de batalha de arma em punho, mas fará com que as suas armas mentais sejam passadas para o mundo das formas e aí então elas sejam usadas.

Em realidade, eles são apenas atraídos; esses grandes homens, os militares de um modo geral, sentem-se atraídos por esse tipo de atividade. Então, quando ele vai para aquele tipo de atividade, é porque ainda guarda resquícios do que ele foi, por mais que aquilo lhe doa.

No vosso país, é muito comum as pessoas dizerem que querem ser funcionários militares para poderem ter uma sobrevivência financeira assegurada, mas e aqueles que obtiveram essa sobrevivência financeira de outro modo? Então isso traduz um estado de alma que ainda atrai experiências vividas em vidas passadas; às vezes, há muitas pessoas que são pacíficas como um todo, e estão na vida militar, por que escolheram essa atividade? São os finais de

reencarnações nesse campo, ele já está se despedindo desse tipo de vida, isso mostra um aspecto da vida do espírito. [19]

Sobre a questão de O Livro dos Espíritos que diz que é preciso que o mal chegue ao excesso, ao paroxismo, é porque a criatura vive tanto uma experiência por várias encarnações — e vocês não precisam falar só do mal, qualquer outra atividade não construtiva — só tem vivência naquele tipo de ação, só pensa nesse tipo de realização, só mobiliza forças numa única direção, que acaba criando, ao seu redor, um mecanismo de quadros mentais, de sujeições, de maledicência, de mal, enfim, até que essas forças terminam à maneira de um dique se rompendo numa represa, numa imagem forte, seria como uma “explosão”, não há mais como esse tipo de ação sobreviver na criatura e isso a Lei deixa ocorrer naturalmente. Isso tudo foi para explicar por que a Lei não intervém.

E. — Serve ao homem como lição.

B. — A Lei não intervém porque aquilo é que vai fazer o homem aprender; se você pegar o homem pelas mãos e falar “não é por aí”, ele não vai entender aquele mecanismo, então a Lei deixa que o homem desenvolva esse tipo de mecanismo até que ele reconheça, na própria pele, os resultados errôneos daquela maneira de pensar ou de ser.

E. — E tomar horror ao mal.

B. — Ele vai adquirir horror ao mal pela explosão do mal em si.

E. — Ele vai sofrer as consequências.

B. — Em si ou nos seus entes queridos. Ele causou destruição em torno dele e sente os resultados, e a destruição não se dá apenas no alvo do seu mal querer, ele como que destrói ou desequilibra dentro dele também.

Então, quando o homem vai ficando pleno de mal, o papel da Lei é não interromper aquele processo, é deixar. Ele terá que sentir na própria pele ou na dos seus entes queridos o resultado das suas ações; sentiu, espera-se que ele mude, é por isso que é preciso esse paroxismo, essa plenitude até ele atingir a explosão, não é uma obrigatoriedade, a associação de conceitos, de ideias, faz com que você se encaminhe; você se encaminhando para aquele setor você trabalha a retroalimentação, você trabalha as suas ideias com o seu próprio mundo interior, até que ele exploda.

Vocês podem observar isso em qualquer setor de trabalho, por exemplo, a pessoa que trabalha excessivamente, sem descanso, quando não há razões para isso, ela cansa, quando há razões para isso, ela não cansa, a Lei a alimenta, fortalece. Por isso, vemos pessoas desfavorecidas de posses, que levam a vida tendo apenas o básico e se sentem sempre cansadas, e outras, tão desfavorecidas quanto elas, que teriam também todos os motivos para estarem cansadas, que se dedicam a alguma tarefa de caridade, de elevação, de amor ao próximo e estão sempre dispostas. Vê-se isso em muitas pessoas em vários segmentos religiosos.

Alguma dúvida mais?

E. — Não, senhor.

B. — Então vamos a outra pergunta.

E. — É sobre a nota de Kardec na questão 798 de O Livro dos Espíritos, “A marcha do Espiritismo será mais célere que a do Cristianismo, porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e serve de apoio. O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar”. A questão é o papel do Espiritismo na evolução das criaturas.

B. — O Cristianismo tinha que destruir porque ele vinha destruir conceitos não muito úteis ao homem no campo da religiosidade, a própria falta de conceito claro e preciso sobre Deus, a falta de amor ao próximo, a falta de sensibilidade diante da dor alheia, os escravos eram mortos, os perdedores de uma guerra eram mortos, simplesmente. Então o Cristianismo veio trazer uma visão muito ampla, conceitos muito fortes no campo da convivência entre os seres, e não apenas entre homens de uma mesma família. O Cristianismo trouxe a visão do homem como cristão, não mais cidadão deste ou daquele país; ele é apenas cidadão do Cristo. O fato de o homem pertencer a este ou àquele país, dá a ele o direito de vivenciar a sua experiência própria naquele país; mas, a partir do momento em que está em outro país, ele vive a experiência própria de outro país que não tem nada a ver com aquele de origem.

E. — Veio destruir a noção de casta.

B. — Sim, veio destruir a noção de casta, mas respeitando o país de sua origem; o homem está num novo país, se sair desse para outro ele vai vivenciar o mesmo espírito de amor, de solidariedade e fraternidade por uma questão normal de vida capaz de entender que o homem de um país tem tanto direito a viver quanto um de outro país.

O Cristianismo trouxe essa visão muito globalizante de amor, mas a humanidade é lenta no aprendizado, e o Cristo não usou instrumentos globais para a

comunicação, ele partiu de um ponto e deixou que os seus discípulos espalhassem a ideia. A posição do Cristo é muito interessante porque ele não globalizou o seu ensino, ele veio trazer, porque o papel dele não poderia ser de imposição, teria que ser como uma semente que tem que crescer, a visão de amor dele é uma visão muito grande, muito maior do que o homem da Terra pensa ser. Ele lança a semente e deixa, ele não precisava, por exemplo, dar direção ao seu trabalho, coisa que nós precisamos dar, fazer, ele não precisava fazer isso.

E. — Como assim? Como seria essa direção?

B. — Por exemplo, se você constrói um Centro Espírita, você não tem que dar direção à Casa? Uma diretriz? Você tem que passar um conceito, você tem que cuidar para que não haja intromissão, o Cristo não precisava disso, bastava-lhe semear uma única ideia, e ela englobaria todas as outras.

E. — Aos poucos foi derrubando os conceitos.

B. — Os conceitos errados, nós ainda precisamos disso, porque até agora somos limitados, nós precisamos de muitas forças de comando e o Cristo não tem essa necessidade. Então, por isso, a lei de Amor que ele trouxe, foi uma lei que ele plantou num país pequeno, numa cidade menor e no meio de pessoas aparentemente incapazes de compreendê-lo, mas que não precisavam de inteligência para compreendê-lo, tinham que ter sentimento.

Então, dali a planta germinou, o conceito de Cristianismo é o conceito que todos já conhecem que é o amor ao próximo; fazer aos outros tudo aquilo que gostaríamos que eles nos fizessem, que é um conceito básico totalmente diferente do daquela época em que o escravo é sempre escravo, o perdedor da guerra tem que morrer, quer dizer, a visão era muito próxima da destruição. O Cristo veio trazer a noção de amor, não a destruição, mas isso não se constrói de

uma hora para a outra, essa planta posta na Terra cresce com o Espiritismo; ele não precisa destruir porque esse sentimento já está trabalhando; o Espiritismo veio trabalhar outros conceitos como a vida após a morte, a sobrevivência da alma, portanto a noção do futuro e a noção do retorno.

E. — Isso tudo já sustentado no Cristianismo.

B. — Esse sentimento de retorno é uma das coisas que pertencem legitimamente ao Espiritismo, não pertence a outras religiões que falam do retorno, pertence ao Espiritismo porque o Espiritismo fala de maneira racional, o espírito retorna não porque seja inferior, retorna por uma necessidade de continuidade do progresso, não há outra razão para isso.

A reencarnação, segundo o Espiritismo, deixa de ser punitiva como era para os hinduístas, adeptos do Hinduísmo, para os quais o homem poderia reencarnar do animal ao ser humano, sempre como uma forma de punição. A Doutrina Espírita não diz isso, quem o faz está falando de modo incorreto, a reencarnação não é punitiva, a reencarnação é uma forma de progresso, punição é para os que são maus, porque eles se punem em qualquer lugar. A Doutrina Espírita em nenhum momento fala em punição, ela é muito superior a esses conceitos, a Doutrina Espírita lhe diz que você retorna porque o seu espírito precisa retornar, se você considera esse retorno como punição é porque você se põe sob a forma punitiva, isso é o estado de alma de cada um.

Quando você vê o Espiritismo, alicerçado no Cristianismo, dar um outro salto em direção ao elevado, favorecendo a compreensão da humanidade, ele está apenas dizendo: “Uma vez que já sabemos que estamos todos amparados na lei de Amor, vamos começar a pensar na sobrevivência depois da morte, no retorno e no entendimento de que cada criatura que está ao meu lado, por força da reencarnação, representa a necessidade que eu criei ou que eu me propus a aprimorar”. É isso que os espíritos falam de modo muito sucinto, mas numa linguagem apropriada ao homem: que você reencarna por punição pessoal ou

porque está em missão; em realidade a missão aí deve ser encarada para os espíritos superiores, que não devem absolutamente nada, que vêm por puro prazer de construir, que reencarnam sem débitos e passam por conceitos de vida também sem se tumultuarem, esses espíritos não se tumultuam, mesmo vivendo num mundo em que predominam espíritos simples, ignorantes, eles não se deixam envolver.

E. — A percentagem desses espíritos?

B. — Que vêm a Terra?

E. — Sim.

B. — É pequena porque eles só vêm por uma necessidade.

E. — Missionário é aquele que não deve nada, por isso devemos ter cuidado ao analisarmos esses personagens.

B. — É.

E. — Porque muitos dos que consideramos missionários às vezes estão numa posição de débito com a coletividade.

B. — Eles são missionários porque são dedicados à coletividade, mas, de fato, eles são apenas bons.

E. — O senhor diria que eles têm débitos com a coletividade?

B. — Podem ter ou não, mas, em realidade, eles trabalham apenas porque são bons. Entenderam? Erroneamente muitos os classificam como missionários, mas eles não se consideram assim.

E. — São as pessoas que lhes atribuem isso.

B. — Sim, as pessoas lhes atribuem. Entenderam?

E. — E os que são considerados missionários pela Espiritualidade?

B. — Esses são evoluídos, e aí eles vêm e passam por qualquer prova. Eles são, acima de tudo, nobres no sentimento, na observação, no ser sem mesquinhas; os erros humanos não lhes são computados porque são erros da sobrevivência, não se leva em consideração pequenas falhas consideradas falhas para os espíritos, isso não se leva em consideração, porque aquilo é condição de vida, eles não são sequer considerados como culpados.

E. — É muito difícil identificar um espírito assim.

B. — Vocês apenas não conseguem identificar, não sabem, não conhecem. Eles vêm para impulsionar a sociedade.

E. — É muito difícil saber.

B. — Digamos que só os que são capazes de perceber são os que vêm para construir.

E. — Na realidade os que consideramos missionários têm geralmente alguma coisa a desenvolver aqui, uma virtude.

B. — O que ocorre é que eles não são missionários, eles são bons, homens bons.

E. — O missionário nunca passa por expiação ou prova, não?

B. — Não.

E. — O missionário tem tudo desenvolvido, não precisa desenvolver nenhuma virtude.

B. — É quando você consegue perceber que a virtude nele é imanente, ela já reside nele, não precisa ser acrescentada.

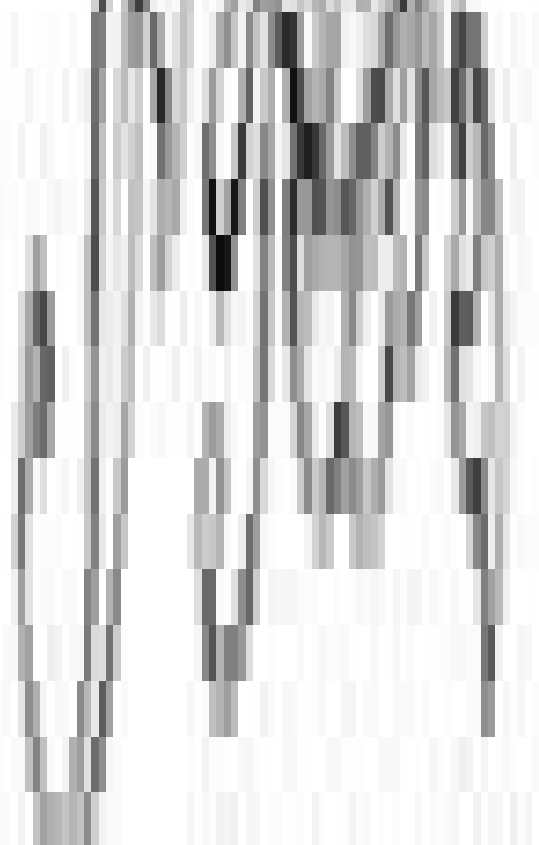
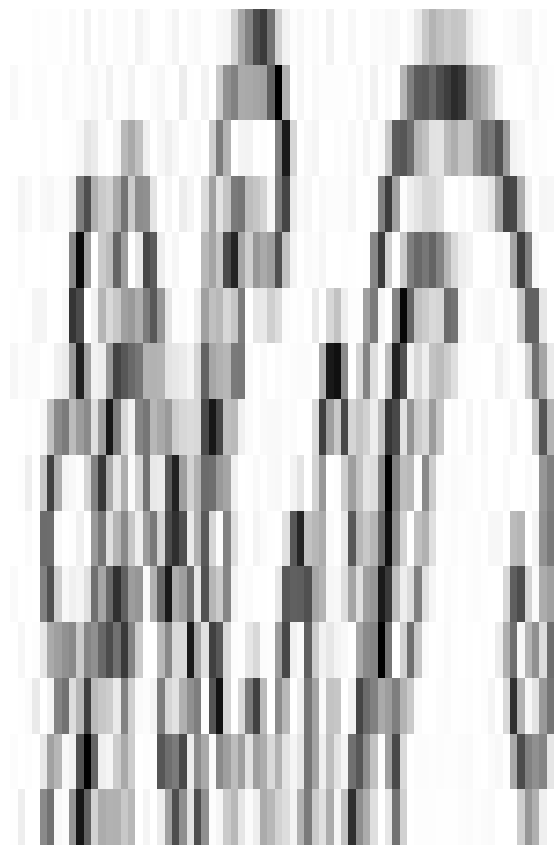
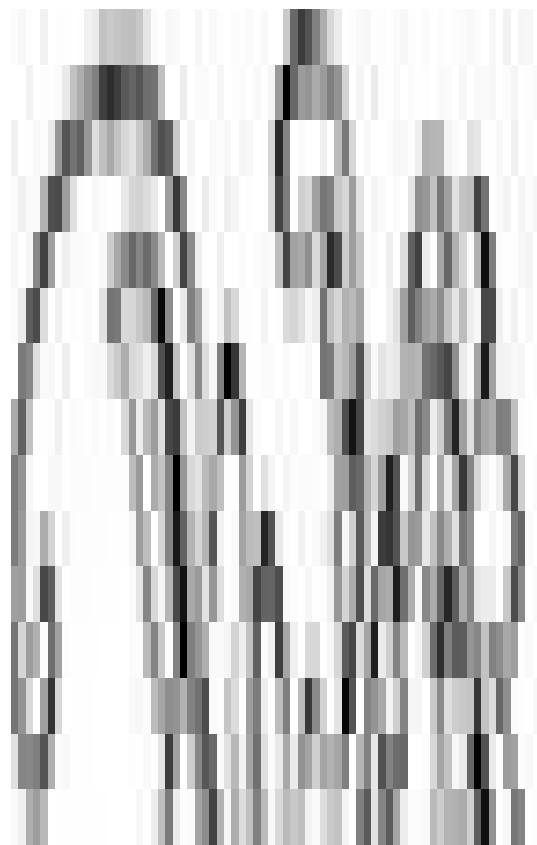
E. — Nós confundimos isso porque O Livro dos Espíritos diz que todos temos uma missão a cumprir.

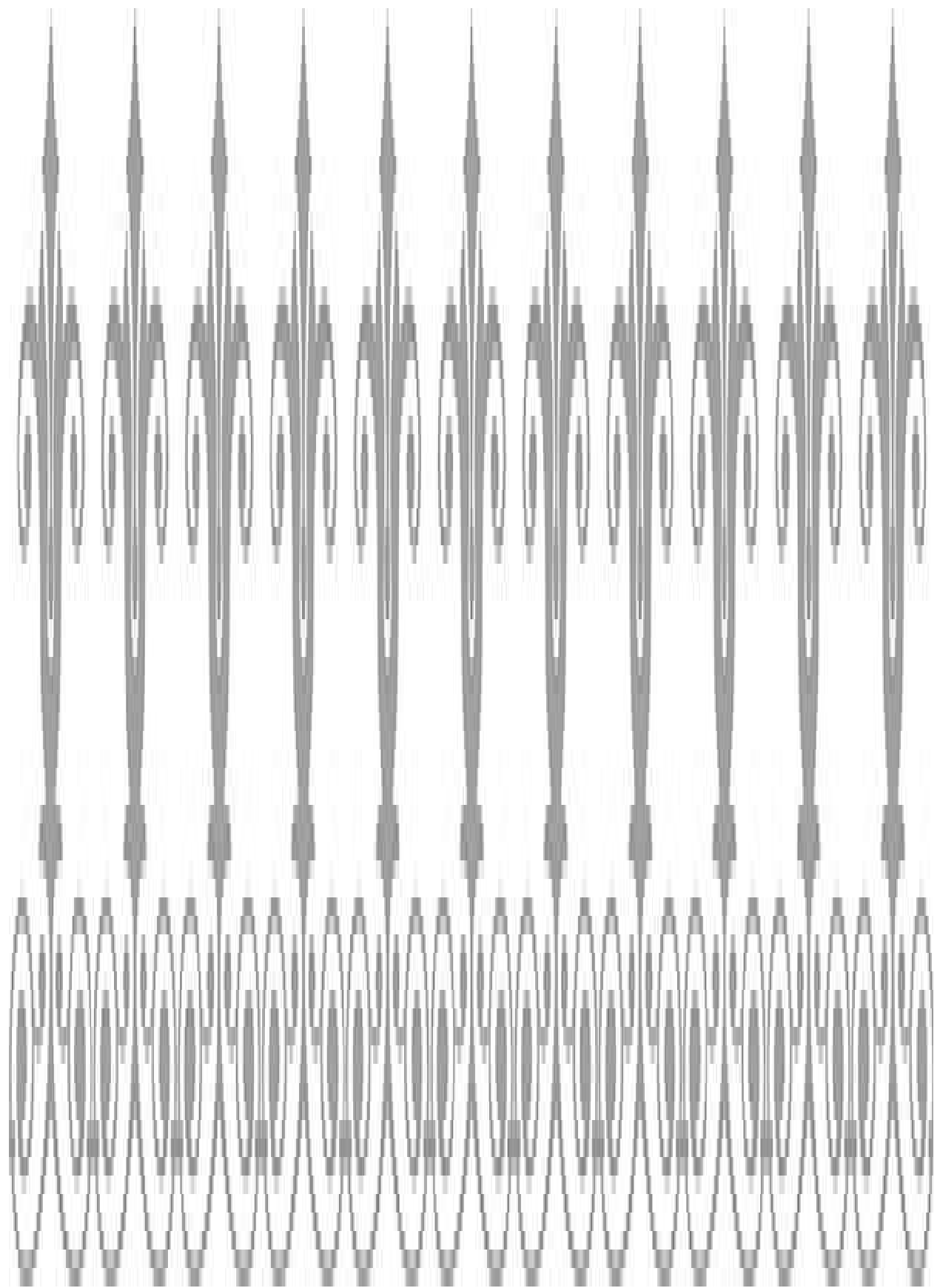
B. — Mas são missões circunscritas àquela vivência, àquela necessidade. O missionário chega, constrói e nem se dá conta de que está construindo. Entenderam?

E. — Sim.

B. — Você não desenvolve um sentimento de solidariedade por alguém, se não tiver o sentimento de amor. É nessa hora que vocês podem distinguir o missionário daquele que está em prova.

Que Deus ajude a todos. Paz para todos vocês!





Capítulo VIII

Reunião 31 — Sonhos

26 de junho de 1992.

B. — Pela Graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus.

Meus irmãos amigos, que Deus nos abençoe a noite de trabalhos e de paz, elevemos inicialmente nossas preces ao Senhor da Vida, buscando apoio na energia superior dos benfeitores espirituais aqui presentes, prontos para o serviço de passes, de socorro a todos.

Preparados pelo estudo, pela prece, preparemo-nos agora pelo autopasse.

Graças a Deus! Comecemos as tarefas da noite.

E. — Irmão Balthazar, na nossa aula de hoje começaremos a analisar os sonhos, foi uma dúvida que tivemos ao longo dos estudos que estamos fazendo. Preparamos um texto, depois passaremos às perguntas. Eis o texto:

“O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário

para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria.” (Questão 682 de O Livro dos Espíritos.)

“É com desgosto que o espírito está ligado ao seu corpo, porque sua vida normal é a liberdade, enquanto que a vida corpórea é a do servo preso à gleba de terra.” (A Gênese, cap. XIV, item 23, 1º §.)

“Ocorre, então, o fenômeno designado sob o nome de emancipação da alma, que acontece sempre durante o sono: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o espírito se desprende.” (A Gênese, cap. XIV, item 23, 2º §.)

“Nesses momentos, o espírito vive a vida espiritual... O espírito percorre o Espaço, conversa com seus amigos e outros espíritos livres ou encarnados como ele.” (A Gênese, cap. XIV, item 23, 3º §.)

Dentro do sono fisiológico há um estado psíquico que se chama sonho, é a este estado que nós nos prenderemos no nosso estudo de hoje. Freud dizia que o sonho é a realização dos desejos reprimidos do inconsciente; pela Doutrina Espírita sabemos que o sonho é a lembrança do que um espírito vê durante o sono.

Analisaremos basicamente três fontes do sonho que encerram as experiências mais comuns do ser humano, durante a emancipação de sua alma.

A primeira fonte seria a dos problemas cotidianos em que o indivíduo, durante o sono, continuaria a vivenciar suas ações. A segunda fonte seria — não pelos problemas, mas pelos desejos e pelos ideais da criatura de acordo com o que

forje no seu caráter — o campo das fantasias e das emoções reprimidas e recalçadas, consequentes ou não do mecanismo inibidor da encarnação. A terceira fonte é a vivência espiritual propriamente dita, sob vários aspectos. Vemos então, que o sonho traduz uma realidade vivida no Plano Espiritual, assim é nos pesadelos, nos bons sonhos, nos sonhos premonitórios, na visitação a pessoas e instituições no Plano Espiritual, na busca de realizar desejos, nas regressões de memória e nos sonhos chamados preparatórios em que o espírito é submetido a um adestramento para futuras experiências reencarnatórias. Admitindo a realidade do desdobramento suscitado pelo sonho comum, nada impede que a criatura, com o seu corpo em repouso, quando suas necessidades são mínimas, possa ir ao encontro daqueles a quem odeia ou ama.

Gostaríamos que o senhor falasse sobre cada uma das fontes citadas, trazendo suas experiências, nos ensinando a distinguir, nessas variedades de sonho, quando são vivências espirituais ou não.

B. — Basicamente podemos dizer que a fonte dos sonhos está na vivência espírita em sua grande maioria, não se pode deixar de reconhecer aspectos fisiológicos da questão que impulsionam o espírito encarnado a vivenciar problemas e dificuldades próprias daquela existência, daquele dia de existência, mas, basicamente, todos os sonhos têm origem numa vivência espiritual. Quando o reconhecido cientista disse que os sonhos eram o desejo recalçado, ele falou uma verdade parcial porque, na realidade, você, como espírito, busca as situações que lhe agradam, porém, elas agradam não porque você sinta prazer naquilo, e sim porque você vive com pessoas daquele tipo, é inteiramente diferente.

Às vezes, você, dentro do seu clima de trabalho material e do seu clima de vida espiritual, vive com certo grupo de pessoas que nem sempre vivenciam exatamente as suas sensações, mas são espíritos parecidos, assemelhados, são espíritos próximos nos pensamentos, nas sensações, nos desejos, nas descobertas. Então, você, saindo do seu corpo físico, vai em busca do seu semelhante, e o seu semelhante, em um dado momento, tem uma sensação

material qualquer, por exemplo, sendo glutão, ele sonhará, vivenciará mentalmente quadros de glotonaria, quadros de comida, de banquetes, e você, vivenciando aquela existência dele, conversando com ele, entra na sua faixa mental, as conversas são em torno daquele tema, o apetite é relacionado como um dos prazeres do mundo, as descobertas sobre novos alimentos são de espíritos que não estão mergulhando na comida, nem comendo no Plano Espiritual, estão conversando sobre aquele assunto, porque aquilo é a sensação, é o prazer, e a vida deles.

Você, então, ao conversar com ele, porque é seu amigo, você é comensal dele ou ele é seu comensal, você passa, para a sua experiência de sonho, as conversas, os desejos, o interesse, as sensações e diz que teve um sonho estranho com A, com B ou C em um grandíssimo banquete e, às vezes, tenta traduzir ou dar significado a assuntos que, na realidade, foram uma convivência, sem que houvesse uma vivência. Você conversou sobre o assunto, mas você não ficou comendo, jantando, almoçando ali, apenas conversou, isso é a chamada convivência; o mesmo se dá em certos domínios, por exemplo, na desobsessão, você se sintoniza demasiado com aspectos do serviço obsessivo, vive o serviço desobsessivo, ouve palestras em torno de obsessão e desobsessão, cultiva um aprendizado naquele serviço participando de palestras, de estudos e, eventualmente, de serviços socorristas.

Ao despertar, tal sejam as imagens que você tenha, e realmente aí entra muita fantasia do indivíduo, você terá em torno de si a imagem de quadros que, às vezes, o assustarão ou dirá: “Vi uma pessoa numa situação muito estranha, ela estava sendo seguida por um espírito”, quando, na realidade, às vezes ele era apenas um copartícipe dos estudos, isso continua sendo a convivência não a vivência.

Quando ocorrem os fenômenos da vivência no mundo espiritual, eles se traduzem em impressões, de um modo geral, próximas das sensações físicas. As imagens, os quadros, trazem a carga da emoção do momento, você não vê como se estivesse dentro de um filme e o assunto não está difuso em você, ele se

apresenta com imagem, som, dimensão, profundidade, ele se apresenta com a cor, assim você irá relatar um quadro de atuação obsessiva ou desobsessiva. Você sentirá o espírito próximo, como se ele fosse encarnado; você esbarrará nele; você será agredido por ele; você verá a sua roupa; a profundidade da imagem será parecida com a do corpo físico, as coisas terão obstáculos; você sentirá a necessidade de atravessar uma porta e não uma parede, porque você ainda estará muito cheio das lembranças físicas; você terá medo de altura. Essas sensações geralmente são as que caracterizam a convivência e a existência, não é só a convivência é a existência da experiência.

Na convivência você ouvirá o assunto, na existência você sentirá tudo que eu acabei de relatar, você terá todas as sensações próximas do homem terreno. Há quadros, no entanto, diferentes, porque há espíritos de todos os padrões e de todas as categorias; um espírito já adestrado na vida espiritual sentirá esses quadros de um modo bastante expressivo, porque já não precisará tanto da convivência.

Se eu posso assim me expressar, existe uma categoria de trabalhadores encarnados que já ouviu muito sobre determinado assunto, então é natural que, nesse tipo de trabalhador, não exista tanto a convivência, e sim a experiência; às vezes ele não se dará conta dessas sensações para-físicas a que me referi, mas, como já ouviu, como já não está ouvindo novidades é bem provável que aquilo que lhe parece uma lembrança, na realidade tenha sido uma experiência. Vocês terão que levar em conta, também, o chamado adestramento daquela pessoa, ela poderá já estar bastante experimentada naquele tipo de convivência a não ser que ela própria esteja falando, mas isso tudo é em sua maioria, não vamos generalizar.

Finalizando, coloquemos o “distinto trabalhador da psicanálise” neste assunto; ele via e ouvia muitas vezes, e, quando voltava para o seu corpo, relatava o que tinha convivido, e até experimentado. Mas ele via e ouvia quem? As pessoas de um teor de experiências muito próximas da vida dele. Se você ouvir ou ler todos aqueles inúmeros casos que ele apresenta, você quase não vê, ou nem sequer vê,

experiências elevadas, superiores, quase todas elas são muito próximas da vida material, o que prova que aquilo de que ele participou, na realidade, foram as experiências cotidianas que todo encarnado tem, sem desmerecer, pode-se dizer que ele foi uma pessoa que percebeu, mas não se deu conta da extensão do que ele percebeu.

Se realmente ele colocasse o conhecimento doutrinário naquilo que viu, ele faria um grandíssimo estudo; o que ele fez foi um estudo bom, a Espiritualidade o considera como bom, mas não como um grandíssimo estudo, e ele mesmo sabe deste fato.

Isso ficou claro para todos?

E. — Eu tenho uma dúvida referente, justamente, a esses fenômenos que o sono produz em relação ao próprio desdobramento, parece-me que não são todas as pessoas que têm experiências cotidianas de desdobramento. As que tentam, nem sempre conseguem ter condições de sair de perto do próprio corpo e ter um contato com outros espíritos mais elevados, umas ficam mais perto do corpo, outras em níveis mais inferiores e outras ficam, parece-me, dormindo. Seria assim mais ou menos?

B. — Sim, você só fez uma confusão entre desdobramento e o sono.

O desdobramento é uma faculdade da alma em que ela sai do seu corpo guardando todas as recordações da lucidez, da vida material. Geralmente o espírito não se desdobra para o passado, ele pode fazê-lo, mas aí, teria que participar de um núcleo de atividades que estivesse fazendo experiências do passado, como se fosse uma regressão de memória comum; de um modo geral, ele pode vivenciar as suas experiências como espírito no Plano Espiritual no mundo dele, mas não recordações do passado. Assim, às vezes, quando vocês

veem certas imagens seguidas, repetidas, de vocês se apresentando com determinados aspectos, pode-se dizer, de um modo geral, que aquele é o seu aspecto no mundo espiritual, ou aquela é a sua vida, ou aquela é a sua casa, ou aquela é a sua experiência no mundo espiritual. Nesse particular, você terá espíritos que passam para o outro lado com o mesmo aspecto da vida atual, aqueles que precisam. Você sabe disso porque Kardec passou para todos nós as instruções que os espíritos deram a ele. Às vezes você retorna para a vida na Espiritualidade diferente de como você está aqui, na vida terrena, por uma necessidade de compensação psicológica; lá você precisa estar livre, viver sua vida como espírito. Às vezes, você passa para o outro lado como é reconhecido nesta existência, porque você não precisa desse ar novo.

E. — Kardec até diz que muitos espíritos superiores aceitam reencarnar porque têm essa facilidade, essa possibilidade de desprendimento e de respirar atmosfera diferente.

B. — Exatamente. Então, o espírito, muitas vezes não se importa de passar para o outro lado com o aspecto terreno que tem, porque isso não interessa. O espírito, para ser como ele é no Plano Espiritual, precisa de tempo, precisa estar seguro de que não vai acordar, precisa ter garantida a sensação de um sono duradouro de algumas horas, de um modo geral de quatro ou seis horas, não é aquela pessoa que deita preocupada ou achando que a qualquer hora vai ser desperta, essa não consegue, ela vive o desdobramento com o corpo comum, não com sua experiência como espírito. Entenderam? O espírito precisa desse tempo para poder se recuperar, para sentir a própria vida, é muito diferente a situação.

No desprendimento pelo sono, o espírito sai integralmente do corpo, ele não está preocupado com o tempo, porque sabe que pode voltar a qualquer hora, nem com a experiência. No desdobramento faz-se outro tipo de experiência, no sono você encontra com diferentes pessoas, geralmente aquelas com quem você convive, ou revê os trabalhos com que está preocupado, e ali você viverá como espírito que você é, mas com as dificuldades próprias da vida.

Então, você terá um desprendimento pelo sono, e você terá, por exemplo, uma noite maldormida, embora você tenha trabalhado espiritualmente. Por que maldormida? Porque você está preocupado com as coisas aqui da Terra, você alimentou-se demais e aí entram todos aqueles processos físicos, coisa que não ocorre no desdobramento. No desdobramento, o processo físico quase não interfere, o corpo fica num estado parecido com o do êxtase ou do sonambulismo, ele fica realmente sem condições de interferir na vida do espírito.

O sonho, pelo desprendimento pelo sono, influencia decididamente na vida do espírito.

E. — Posso fazer uma subpergunta? Nesse desprendimento do sono, o espírito sempre sai do corpo? E, quando sai, ele pode continuar com as suas preocupações, suas tendências?

B. — Ele sempre sai do corpo, sempre se desprende do corpo, mas nem sempre vai para longe do corpo. O sono faz o espírito desprender-se do corpo, mesmo nas almas grosseiras ele sai, é o afrouxamento dos laços que prendem o espírito, então ele sai, não tenha a menor dúvida disso, mas nem sempre ele vai para longe do corpo. Às vezes, ele fica colado ao corpo, centímetros no máximo. O espírito muito materializado flutua, no máximo, a 15 cm do corpo, ele deita, às vezes tem sensações de sono, outras vezes dorme, mas ele sai do corpo, basta que tenha o mínimo de atividade intelectual que ele sai do corpo; não precisa ter muita, basta ter um pouquinho, isso é condição biológica, podemos assim dizer, o espírito é expulso do corpo, ele não consegue deixar de ser expulso do corpo, não é porque não quer, mas ele fica assim, dormindo e afastado do corpo, no máximo 15 cm, isso nos espíritos bastante primitivos, de um modo geral eles saem e ficam próximos ao corpo.

E. — Quando o espírito diz que no sono ele sai do corpo, vive no Plano Espiritual a sua vivência, depois volta e mergulha no corpo, é daí que ele, ao despertar, às vezes, traz lembranças que se confundem com a preocupação diária, é isso?

B. — É, porque a lembrança dele será uma lembrança contínua ou continuamente voltada para aquelas situações.

E. — Então, quando dizemos que essas preocupações estão na mente física está correto?

B. — Não, está errado.

E. — Por quê? Como se processa isso?

B. — Porque não está na mente física, a preocupação é do espírito, não é da mente física, é do espírito.

Vamos supor que você, ao deitar, esteja preocupada com um filho, quem lhe deu aquela preocupação, foi seu espírito ou o seu corpo?

E. — O espírito.

B. — É isso, assim é esse quadro, você vai dormir e quando acordar dirá: “Este menino me preocupou tanto, que eu continuei sonhando e vivendo

tudo aquilo”. Mas, na realidade, o corpo não tem nada a ver, é só o seu espírito mesmo.

E. — Então, a pessoa pode até viver outra situação como espírito, mas quando retorna é que retoma essas situações.

B. — Num outro caso, quando se tem preocupações somente materiais é assim que acontece.

E. — A pessoa volta e desperta para a preocupação diária.

B. — Diária. Mas não esqueça, o seu espírito, mesmo que você diga que não está preocupada, sempre estará vivenciando aquilo, em maior ou menor intensidade, mas ele sempre estará vivenciando aquilo.

E. — Então, nesse momento, quando ele sai do corpo pelo sono, ou quando ele sai pela morte, a matéria não tem mais nada a ver com as preocupações, é isso?

B. — Não, vocês não estão tão desprendidos da matéria a esse ponto.

E. — Então, a matéria ainda influencia alguma coisa?

B. — Mas claro, vocês ainda não estão tão evoluídos. Existem os automatismos biológicos e não se pode fugir deles.

E. — É isso que eu queria entender, como é essa preocupação biológica, o que tem de biológico.

B. — Você tem que fazer a sua pergunta de outra maneira.

E. — Como é que eu faria? Ele sai e, quando volta, tem a parte física.

B. — Você está confundindo problemas morais com problemas materiais, você terá, por exemplo, a preocupação com a alimentação, mas o seu organismo terá a preocupação com a fome.

Como espírito, você dormirá com a preocupação de como prover a casa amanhã, uma vez que acabou o dinheiro, mas o seu organismo dirá: “Estou com fome”, porque ele sentirá o vazio no estômago e o depauperamento orgânico, aí é o automatismo biológico.

E. — Que interfere na vida das pessoas e que nunca pode ser desprezado.

B. — Que não pode ser desprezado porque está ali mesmo. Compreenderam agora?

E. — Compreendemos, e que, quando retorna, entra novamente nesse processo.

B. — Ele não retoma, ele não entra novamente, ele só vivencia aquilo de uma forma diferente. Você fica preocupada com a fome do dia seguinte, com o que comer no dia seguinte, e está olhando o seu organismo vazio de alimento; ao retornar, a sensação de fome é muito maior porque se passaram várias horas, você sabe que vivenciou aquelas dificuldades.

E. — Até essa complementação vai dar para que a pessoa reflita mil coisas, não é?

B. — Exatamente, então o mecanismo da fome vem para a sua realidade.

E. — Eu ainda queria voltar a um ponto em relação ao sonho: a lucidez do espírito e o desdobramento, eu não sei se ficou muito claro, não sei se estou sendo maçante nesse assunto. Do que o senhor explicou eu entendi que o desprendimento pode ser pequeno ou grande, de acordo com a força moral do espírito e tudo que o preocupa.

E o desdobramento seria uma circunstância, que não seria o sono, mas que poderia ocorrer também durante o sono, e levaria o corpo a um estado parecido com o sono e faz com que o espírito conserve certa lucidez espiritual, a ponto de verificar, de sair. Aí eu pergunto: A vontade do espírito influencia ou isso é uma condição puramente biológica?

B. — No desdobramento, a vontade influencia, mas há de haver o fenômeno mediúnico, a possibilidade desse plano, ou a predisposição.

E. — Até a condição biológica em que a mediunidade estará incluída.

B. — Estará incluída a condição biológica, o desprendimento pelo sono independe da vontade do homem.

A vontade só irá funcionar na direção que você dê ao seu espírito, à sua vontade, ainda assim não se pode deixar de trazer para os nossos estudos, para nossas meditações a influência que terceiros têm sobre você. Exemplificando: no seu caso, se você dormir no hospital, o seu desprendimento ou o seu desdobramento certamente se dará para atender àquelas criaturas que ali estão, quanto mais não seja, as próprias criaturas vão lhe solicitar ajuda; doentes, desprendidos do corpo pelo sono, irão à sua procura tentando lhe falar das suas necessidades e dirão: “Veja, eu estou passando por isto, quando você acordar, recorde do que lhe falei”. Então, mesmo que você queira sair dali (até poderá), mas será difícil porque você estará no próprio limite das circunstâncias, visto que, se você está dormindo no hospital, sabe que está ali para atender quem precisa a qualquer momento, o seu espírito não sai para muito longe.

Vocês, que dormem habitualmente em hospitais, vejam se têm o chamado sono tranquilo, quantos, às vezes, dizem assim: “Quando estou com um doente, tomando conta dele, eu mal durmo, estou sempre alerta”. Isso porque você realmente está acordado em espírito, desprendido do corpo, mas ali tomando conta.

B. — A outra pergunta.

E. — Eu gostaria que o senhor explicasse mais o fato da convivência, que eu não consegui entender muito bem. Entendi quando o senhor falou da convivência durante o desprendimento do sono, perceber a convivência e a experiência, isso eu entendi, eu gostaria da experiência, eu queria entender mais sobre a convivência.

B. — Então, vamos exemplificar de um modo mais claro, e tenho certeza que clarificante. Aqui no Centro, com quantas pessoas você tem experiência de vida?

E. — Trabalhando?

B. — Sim.

E. — Bastantes.

B. — Mas no mesmo número de pessoas com quem você convive?

E. — Não sei.

B. — Compreendeu agora?

E. — Nós convivemos com multidão, e temos experiências com poucas pessoas.

B. — Ficou claro para todos? Viram como a coisa funciona? Então, você, tem uma experiência de trabalho, mas tem uma convivência que não é experiência.

Você tem uma multidão aqui no Centro, você os conhece, você convive, então, se uma pessoa dessas chegar perto de você e relatar a história de sua vida, ou chegar e disser: “Deixa eu te contar um problema que enfrentei hoje”, e contará, com todas as cores, todas as tintas, e aquela imagem ficará na sua cabeça. Mas, na realidade, você está recebendo a informação dela, você não viveu, não vivenciou. Ficou esclarecido agora?

E. — Ficou. O senhor incluiu esse conhecimento dentro dessa fonte que seria a das nossas vivências cotidianas, até porque isso também estaria incluído na área de interesse da gente e não só nas preocupações.

B. — Sim, na área de interesse, por isso é muito difícil estabelecer diferença entre convivência e experiência.

Porque você —, por força do interesse que tem na Casa Espírita, que se transfere para o trabalhador da Casa Espírita ou se transfere para o trabalho da Casa Espírita —, poderá ter até uma experiência muito rápida. Quantas vezes você se preocupa com a livraria, embora não tenha convivência com todas as pessoas que estão ali, naquilo que se refere à livraria, você tem convivência e tem experiência...

Você dirá assim: “Na realidade, não conheço o caráter deste companheiro que me ajuda aqui, mas, em termos de trabalho dentro da livraria, ele é um excelente companheiro, isso eu atesto”. É o trabalho como se fosse em camadas, ou seja, como se fossem experiências. Viram como é complexa a questão? Não é difícil, mas é complexa, bastante complexa.

E. — Podem existir também determinados momentos de convivência que

sirvam para o espírito, naquele instante, como experiência, ou seja, o observar-se algo, aquela lição, só pelo fato da observação, aquilo se incorpora no espírito...

B. — Pode, e isso é muito mais comum do que você pensa.

E. — E isso então vai se refletir, também, no sonho; as relações no sonho, de convivência e as relações de experiência, que o senhor chamou de vivência, não é isso?

B. — Exatamente, vejam que, repito, o ilustre doutor vienense quase chegou à verdade, se ele acreditasse na existência do espírito, isso seria muito bem esclarecido. Foi uma enorme pena, repito, que ele não tenha se esforçado para combater o orgulho intelectual, e ele tem consciência disto.

E. — Seria um grande avanço.

B. — Ele veio para dar uma contribuição à vida espiritual, não doutrinária, mas referente à parte da Ciência, à vida do outro lado, que independe de doutrina; ele veio para essa tarefa e não entendeu perfeitamente.

E. — Bom, a outra fonte seria não pelos problemas em si, mas pelos desejos, e pelos ideais das criaturas de acordo com o que elas forjam no seu caráter. Seria o campo até das fantasias, das emoções reprimidas, recalcadas e consequentes ou não dos mecanismos inibidores ou não da reencarnação. Que é um campo grande também, não é?

B. — Sim, a busca da fantasia, a busca do prazer, assim como a realização do ódio, todas elas estão ligadas ao potencial do espírito, se ele for um bom espírito, a vontade o acionará para boas coisas; um espírito sem méritos não conseguirá isso, mas dificilmente na vida de um homem encarnado você encontra um espírito internamente sem méritos, encontra sem elevação, mas sem méritos é difícil. O mérito está relacionado com a própria vida; você tem o mérito do trabalho, você tem o mérito do lar, o mérito do desejo de fazer o bem, o mérito de viver, de viver sem atrapalhar a ninguém, isso tudo são méritos diante de Deus, não é elevação, mas é mérito.

De quantas criaturas vocês dirão: “Não fazem mal a ninguém”, isso já é um mérito, e poderão acrescentar: “Mas também não fazem o bem”, são egoístas do ponto de vista moral, mas já têm o mérito, por serem pessoas que amam os seus, ao modo delas, mas amam.

E. — O livre-arbítrio aciona a Lei.

B. — Sim, o uso do livre-arbítrio aciona a Lei. A criatura já tem uma certa dose de méritos, e não se pode esquecer disso. A mulher na favela, por exemplo, que vive aquela dura experiência da pobreza, da fome, do ter que pedir, isso muitas vezes constitui mérito para ela.

E. — Como assim?

B. — Porque elas aprendem. Você teria coragem de bater num serviço assistencial, submeter-se a ouvir uma palestra sobre um assunto em que provavelmente não está interessada; ficar numa fila para apanhar um quilo de feijão; quantos de vocês seriam capazes de formar aquela fila na Mallet, [20] submeter-se àquelas inúmeras disciplinas que ali existem?

E. — Perguntas, questionamentos, cobranças...

B. — Indagações da sua própria natureza, da sua própria vida.

Por isso, quando vocês estão ali, eu faço questão de que entendam isso, e perguntem a eles: “Por que vocês estão no mundo?”, mas sem humilhar ninguém, com consciência das dificuldades daqueles espíritos que ali estão pedindo, isso já é um mérito para eles, pode não ser uma elevação, mas já é um mérito.

Essa visão é importante para vocês; assim o espírito muitas vezes sairá do corpo e buscará o seu prazer, a sua desforra, o seu interesse, atenderá a sua preocupação, ou resolverá o seu problema que não pôde resolver na matéria, mas ele resolverá no mundo espiritual, e neste momento ele vai acionado pela vontade.

E. — O Livro dos Espíritos diz que o espírito até pode desempenhar uma tarefa ou construir algo e que, quando ele desencarna e retoma o passo espiritual, vê obras concluídas que ele ajudou a construir durante os processos diários de desprendimento.

B. — Isto é muito mais comum do que vocês pensam. Por exemplo, nesta Casa, quantos contribuem durante a noite para que ela seja um núcleo de trabalho, e igual a esta, quantas outras casas existem.

E. — Irmão Balthazar, sempre que a pessoa sonha que está aqui, ela

realmente está aqui?

B. — Com toda certeza, a maior parte de vocês abriga-se aqui mesmo, a não ser quando há um serviço específico para fazer.

E. — Ou quando as preocupações não deixam.

B. — Sim, ou quando as preocupações ou ocupações não deixam, mas, na sua maior parte, vocês vêm para cá porque aqui sentem-se resguardados, além de ser o ambiente de trabalho que vocês já têm.

E. — Porque nós sempre sonhamos que estamos aqui e sempre sentimos uma gratificação da lembrança do sonho.

B. — Então, a pessoa vai em busca daquele local, daquele prazer, daquele ódio, de acordo com a sua vontade. Ela aciona o mecanismo de desdobramento, ou do desprendimento pelo sono, buscando a realidade, quer dizer, ela tem os casos.

Se a pessoa tiver o mecanismo do desdobramento, até para o prazer ela aciona, entendeu? É o caso de alguns sonhos, falarei com cuidado, alguns deles, os chamados sonhos eróticos. Muitas vezes é o desprendimento, a pessoa tem a possibilidade do desprendimento, ela sai do seu corpo e, às vezes, vai em busca do objeto amado, isso é muito mais comum do que vocês pensam.

Falo do erotismo para ficar dentro do que o médico vienense falou, é o comum

dele. Mas isso não se aplica só ao erotismo, há centenas de outras sensações, o erotismo até, pela nossa experiência, é pouco comum em espíritos a partir de uma determinada classe espiritual, é bem pouco comum, muito pouco comum até.

E. — É por isso que o senhor disse que ele lidou muito com questão material. Até o próprio pensamento dele atraiu aquele tipo de problema, de pessoa, a abnegação dele em perseguir aquele raciocínio, a vontade de fazer a teoria da libido, não é?

B. — Mas eu volto a dizer, a partir de certa categoria espiritual, e não é muito alta não, essa sensação de sonho erótico é muito pouco comum, a grande maioria dos espíritos não vai atrás disso não, mas há uma cota de espíritos que vai, não se pode deixar de reconhecer.

E. — Em relação ao dinheiro, à alimentação, aos desejos, às vezes, as pessoas dizem: “Eu consegui tudo que sonhei”. E, de uma certa maneira, elas estão certas porque iniciaram de repente, durante o sono físico, em espírito trabalhando, perseguindo o seu objetivo, e quando acordavam elas continuavam e assim por diante.

B. — Exatamente isso. Outra pergunta.

E. — Seria a terceira fonte, que é um pouco mais extensa, a fonte da vivência espiritual, propriamente dita, sobre vários aspectos. Vemos que o sonho traduz uma realidade vivida no Plano Espiritual, e classificamos algumas formas das pessoas expressarem isso: pesadelos, em que relatam até histórias de perseguição espiritual; bons sonhos, quando relatam que estiveram em lugares bons se refazendo, visitando pessoas amigas, em palestras, em ensino; sonhos premonitórios em que a pessoa vê a intercessão

da vivência espiritual; na visitação a pessoas em instituições no Plano Espiritual e até no plano físico também, na busca de realizar desejos e esses desejos não seriam mais os desejos cotidianos, mas sim os desejos espirituais; nas regressões de memória e nos sonhos chamados preparatórios em que o espírito, desprendido pelo sono, é submetido a um adestramento para uma futura experiência reencarnatória. O senhor poderia falar para nós sobre todos eles? Por exemplo, pesadelos...

B. — Tudo isso é consequência do que falei até agora, se você, por exemplo, tem um pesadelo, tirando os aspectos físicos da questão, considerando que você já está desprendido do corpo, a maior parte dos seus pesadelos são reencontros com inimigos ou, numa faixa muito menor, trabalhos espirituais. Tanto que você não vê pessoas boas terem pesadelos, elas têm desdobramentos, relatam trabalhos, relatam fatos, mas não pesadelos.

E. — Elas relatam até perseguição, mas aquilo não repercutiu nelas como pesadelo, não é?

B. — Não, elas serão capazes só de relatar. O pesadelo é a situação vivida pelo espírito na sua vida espiritual, ali reencontra com os antigos agressores, os adversários, os homens a quem ele prejudicou ou o prejudicaram, e há como que a continuidade daquela perseguição ou daquele prejuízo, é a vivência em torno daquilo. Ele não foge, é a continuidade, nesse caso terá um pesadelo e dirá assim: “Realmente, meu sonho foi um pesadelo”. Mas por quê? Porque ele se aninhou ao lado de alguém com quem não pode porque ele tem débitos, ou tem uma experiência doída, sofrida, dolorosa com aquela pessoa, por isso ela surge de uma maneira tão cruel, a ponto de ser classificada como pesadelo.

Difícilmente o pesadelo se dá em casos de trabalhos espirituais, os casos serão difíceis, serão opressantes trarão sensação de angústia, mas não serão pesadelos, trarão sensações estranhas, sensações complexas, mas não serão pesadelos,

sustos..., nesses casos você está observando, você está expectante. No pesadelo você convive com aquela realidade, com aquilo que você está passando.

Volto a dizer, é inteiramente diferente, totalmente diferente, não há como igualar as experiências. No pesadelo, o fato de você viver aquele quadro se traduz por sensações que não pode deixar de sentir, não consegue deixar de sentir; você vive, sente, porque está passando por aquilo. E poderá se refletir no corpo material, pesadelos são, em sua grande maioria, reencontros com o lado pior que a criatura tem, ou com os piores com quem ela conviveu.

O bom sonho é sempre o trabalho que você vive ou a sua experiência como observador dos inúmeros serviços de que você participa, às vezes, você o vive apenas como observador, mas é um bom sonho, porque você observa o guia, observa o trabalhador, observa o amigo, observa o trabalho, isso é um bom sonho.

E. — Você tem a sensação de familiaridade, de reencontro, não é?

B. — Sim, você tem essas sensações, mas com esse que está bem próximo da convivência, você também tem que ter muita cautela ao julgar a convivência que você acaba de ver. Às vezes, você diz assim: “Vi essa pessoa numa situação estranha”, mas, na realidade, você não está sabendo o que se passa naquela alma nem por que ela vive aquela situação estranha; ela pode estar vivendo uma experiência à qual você não tem acesso. Explico: vamos supor que você veja um trabalhador da Casa numa determinada situação, qualquer que seja, e você diz: “Mas, ele, nesta posição?”... Porém, você não viu a experiência, não sabe qual é a experiência dele nem por que ele está ali. O que lhe parece ser uma atitude estranha, é uma atitude estudada por ele para chegar ao objetivo. Você está entendendo? É uma atitude estudada por ele para chegar ao objetivo, que pode ser bom, mas também pode ser mau.

E. — Em relação às experiências, por exemplo, daqui da Casa Espírita, alguns médiuns e colaboradores, quando entram em contato com a Casa, têm algum tipo de aviso, durante o sono, de tarefas que vão cumprir, de determinados reencontros, avisos até mesmo dos espíritos que dirigem a Casa.

O senhor poderia nos falar um pouquinho sobre esse fato?

B. — Isso nada mais é que o relato do que está programado para vocês. Aqueles que estão programados para o trabalho têm acesso a informações nesse sentido, há os que lembram e há os que não lembram; esse acesso se dá aqui por quê? Porque aí, entre vocês, é muito difícil nós, por um médium, passarmos exatamente todos os programas de serviços a serem cumpridos, até porque, estando encarnados, podem ter um tipo de vaidade, de intolerância, de presunção, e direi mais, a maior parte das vezes, isso não é revelado, pois vocês estão sob teste; então, apesar de terem sido programados para trabalhar, têm que decidir de modo próprio, sem a interferência da informação material, porque a espiritual vocês tem.

E. — Ou seja, fazer ou não vai depender da nossa vontade.

B. — Da vontade do homem encarnado; eu posso chegar e deixar você ter acesso aos arquivos da sua programação reencarnatória, não necessariamente dizê-la a você; então, como espírito, você saberá da sua programação, mas, ao lado dessa informação, quando volta para a matéria, tem que optar.

Você vai ter seu processo de vida, vai ter a luta com seus familiares, quantos de

vocês desistem da Casa Espírita por causa da luta familiar? Mas é o teste de vocês, não podemos lhes dizer “não façam isso”.

E. — Daí, aquela sensação de desistência? Porque, às vezes, sentimos vontade de largar tudo e não fazer mais nada. Isso para nós é teste?

B. — Não tenha a menor dúvida disso, sensação diante da qual vocês não vão ter auxílio visível dos espíritos.

E. — Às vezes, essa sensação é de estar sozinho.

B. — Exatamente, vocês não vão ter auxílio visível do encarnado, mas terão sempre acesso aos arquivos.

E. — Entendi. Essa lembrança é como? Deve-se a quê? Uns lembram, outros não; tem a ver com mediunidade?

B. — Não, isso é só disposição orgânica. Vocês estão entendendo tudo? Alguns aqui já passaram por testes e podem dizer, não é? Mas nem todos vivem de teste não, e mesmo os mais antigos estão livres de uma grande maioria de testes, mas não de todos. Isso eu lhes asseguro: vocês ainda não estão livres.

Não se esqueçam da informação que já têm sobre a evolução em círculo, vocês passam pela mesma bateria de testes, estão mais aprimorados, mais conhecedores, mas a desistência pode ser igual a dos primeiros dias.

Vocês desistem porque já estão cansados, porque acham que já fizeram muito, mas é a mesma bateria de testes. O medo, a insegurança são os mesmos, exatamente iguais aos do primeiro dia. Mais experimentados, se é ali que vocês têm que demonstrar a estrutura já sedimentada, isso será na vontade de largar, na vontade de abandonar, na vontade de tudo.

Agora, repito, acesso aos arquivos todos terão, salvo por curiosidade, mas quanto à angústia, ao medo, à tristeza, à insegurança, nós deixamos vocês terem acesso aos arquivos. Mas para isso, é preciso que haja a vontade, vocês terão que vir e dizer: “Eu quero ver o meu arquivo porque eu estou a fim de desistir”. Então, seus guias deixam vocês verem os seus arquivos para que reavivem a fé. Compreenderam? É o reavivamento da fé.

E. — Balthazar, e quando passamos pelos testes e isso não nos abala, é porque já estamos estruturados?

B. — Exato. Porque o amadurecimento é tudo, você precisa do teste, porque precisa demonstrar o amadurecimento ou precisa apagar uma impressão de desistência de uma vida anterior, por isso, mesmo que vocês já estejam seguros, o teste não pode deixar de existir.

Prestem atenção para o que eu estou dizendo a todos vocês, mesmo que já estejam seguros, que já tenham passado das fases dos testes, vocês não deixarão de passar por eles, porque isso é que faz apagar as experiências de desistências que vocês tiveram anteriormente. É como se vocês dissessem: “Não basta eu dizer que sou forte, eu provo como? Passando pela experiência”.

E. — Esta semana eu ouvi estas palavras, irmão Balthazar: “Você ama mais

a Casa Espírita do que a nós”.

B. — Os problemas familiares existirão, vocês sabem, porque vocês fazem parte de uma coletividade da Casa Espírita, e isso é uma pequena abertura que eu faço para vocês. Vocês fazem parte de uma pequena coletividade da Casa Espírita que se propõe levar adiante a tarefa, independente de qualquer coisa, mas, como vocês precisam de todo o apoio, precisam de comida, precisam de família, precisam de lar, precisam de casa, vocês têm a estrutura familiar que todos estão obrigados a ter porque vocês não nascem de máquinas, vocês nascem de uma sociedade.

E. — E nós temos compromisso com eles.

B. — Têm compromisso pela afinidade que vocês têm, porque, por exemplo, podem não ter o marido ideal, mas têm um marido que a ajudou a formar um lar, que traz a estabilidade que precisam e que é importante na vida de vocês.

Quando você sente isso, sente que também não pode ser egoísta e dizer que ele é um objeto que está ali para protegê-la, isso já não existe mais em vocês como base, existe eventualmente em atitudes, um gesto ou outro de egoísmo próprio e isso é espontâneo no homem encarnado, alguns desses testes estão assim compreendidos naquela cota de atividades que vocês têm direito a falir, a ter pequenas falhas, vocês e todos nós, mas, na realidade, a tarefa é de fixação, da atividade da Casa Espírita, o projeto que é a instituição espírita Centro Espírita Léon Denis, vocês vieram todos, uma boa parte, para essa tarefa, cumpri-la nesse ou naquele setor de serviço, mas vocês não podem fugir dos testes.

Porque de uma forma ou de outra, muitos de vocês faliram nesse tipo de compromisso anteriormente, foram prevenidos, estão arrependidos, erraram,

desconheciam o caráter da Doutrina, valorizaram a mediunidade ou o mediunismo em detrimento da Doutrina, e agora muitos de vocês, que foram apenas médiuns na época de Kardec e de Denis sem a precisa visão doutrinária, fazem isso com o trabalho doutrinário.

Por isso que a mediunidade existe; vocês sentem que poderiam aprofundá-la, mas sentem que não devem fazê-lo porque não precisam de aprofundamento de mediunidade, vocês precisam é de aprofundamento doutrinário.

Há percepções em vocês muito claras, que caracterizam uma vida mediúnica intensa, mas não é por aí que vocês têm que caminhar; têm que caminhar dentro do doutrinamento porque todos, ou quase todos aqui presentes, faliram justamente por isso, usaram a mediunidade sem usar a Doutrina, então, vocês fizeram um projeto geral de implantação de uma casa com vistas muito mais ao fato doutrinário e com todas as dificuldades humanas, vocês estão levando a tarefa, e daí mais eu não devo falar.

Mas, o problema de teste, o problema de luta, o problema de dificuldade, o problema de convivência, vocês não podem fugir disso...

Há alguma pergunta mais?

E. — Nós temos, mas podemos encaixá-la na continuação do estudo. Temos a intenção de, na próxima vez, estudar o sonho e a memória, que têm muita relação.

B. — Muito interessante esse tema, o médium não tem tanto material na cabeça dele assim, mas eu tenho muitas coisas para lhes trazer.

Ele não tem material como encarnado, mas como desencarnado ele tem; eu terei que acionar esse mecanismo. Vocês têm mais alguma dúvida do que se falou até agora?

E. — Balthazar, eu queria fazer uma pergunta. Desde a minha infância, lá pelos seis anos, eu sempre sonhei ao contrário.

B. — Como sonhar ao contrário?

E. — Tudo o que eu sonhava era ao contrário, eu até tentava me habituar àquilo, eu sonhava uma coisa e acontecia o contrário do que eu sonhara, toda a minha vida, até hoje.

B. — É processo físico, só físico; um dia a Ciência vai aprofundar esse assunto colocando isso nos hemisférios cerebrais, e vocês irão entender com uma certa profundidade, eu não posso avançar no assunto porque não vai a lugar nenhum e vocês não vão entender nada.

Mas, em princípio, direi que cada hemisfério cerebral tem uma função específica, e que cada um deles é acionado no momento do desdobramento ou no momento do desprendimento, mais ou menos o mesmo princípio que faz com que você, atingindo o lado direito do cérebro, mexa com o lado esquerdo do corpo. Há certos mecanismos em certos hemisférios, cada um passa uma impressão física diferente.

Isso é um assunto que a Ciência ainda está longe de perceber, vocês falam, mas

não entendem muito não. Isso é algo que a Ciência ainda não deve saber, ela não deve saber não, ela não tem capacidade para perceber.

E. — Em relação ao desprendimento existe algum programa? Por exemplo, quando nós, por acaso, aparecemos por aqui durante a noite, existe algum programa de estudo, de aulas?

B. — Nesta Casa não há noite sem curso, sem trabalho, isso não existe, nem de noite nem de dia. Aqui são comuns os estudos para vocês que são médiuns de cura conhecerem, para vocês que são médiuns de passes saberem, o trabalho continua durante a noite, muitos espíritos entram aqui para receber passes.

E. — Balthazar, só mais uma pergunta, é sobre a lembrança e a não lembrança. É mais comum não lembrar?

B. — Mais comum é não lembrar.

E. — Não se fica com registro nenhum.

B. — Pode-se não ficar.

E. — Uma impressão às vezes.

B. — Porque você também tem muita coisa que lhe interessa como espírito e

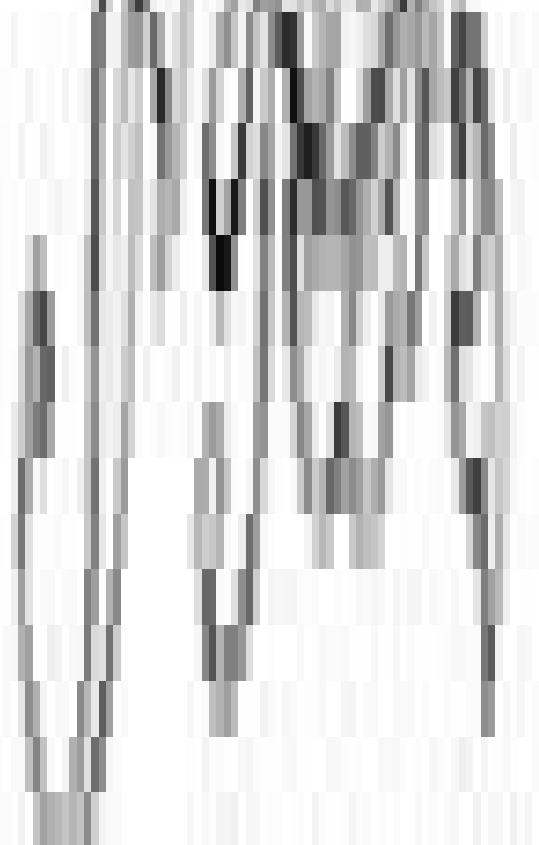
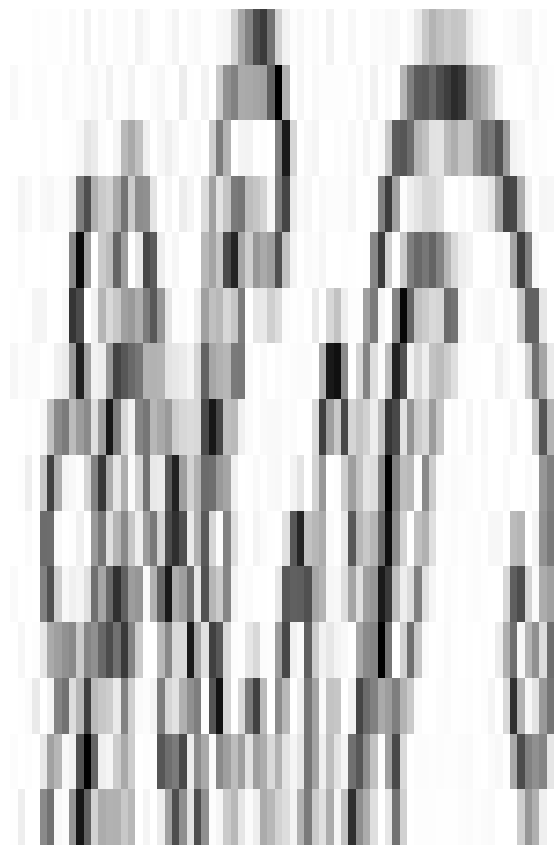
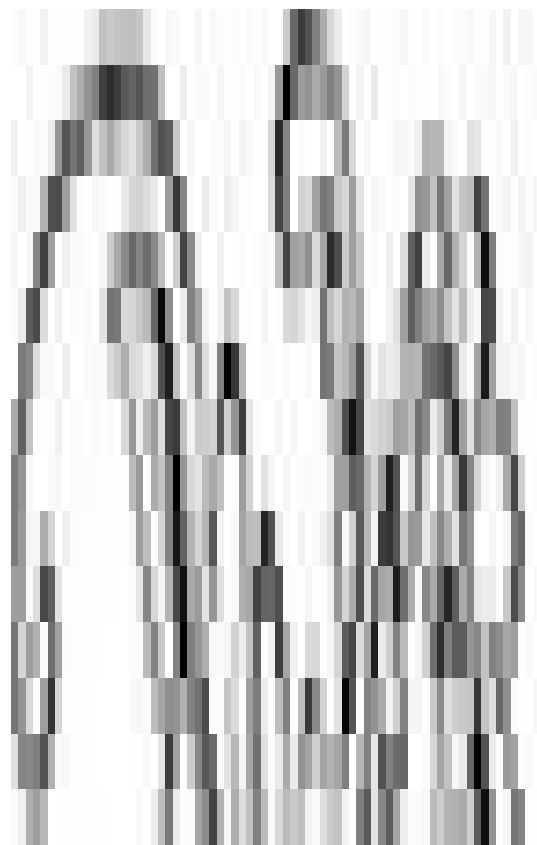
não interessa como ser humano; mas perde-se, ao acordar, a lembrança do que viveu durante o sono físico, para o espírito a lembrança jamais fica perdida, seria como se dissesse: “Não há necessidade do meu corpo lembrar disso”.

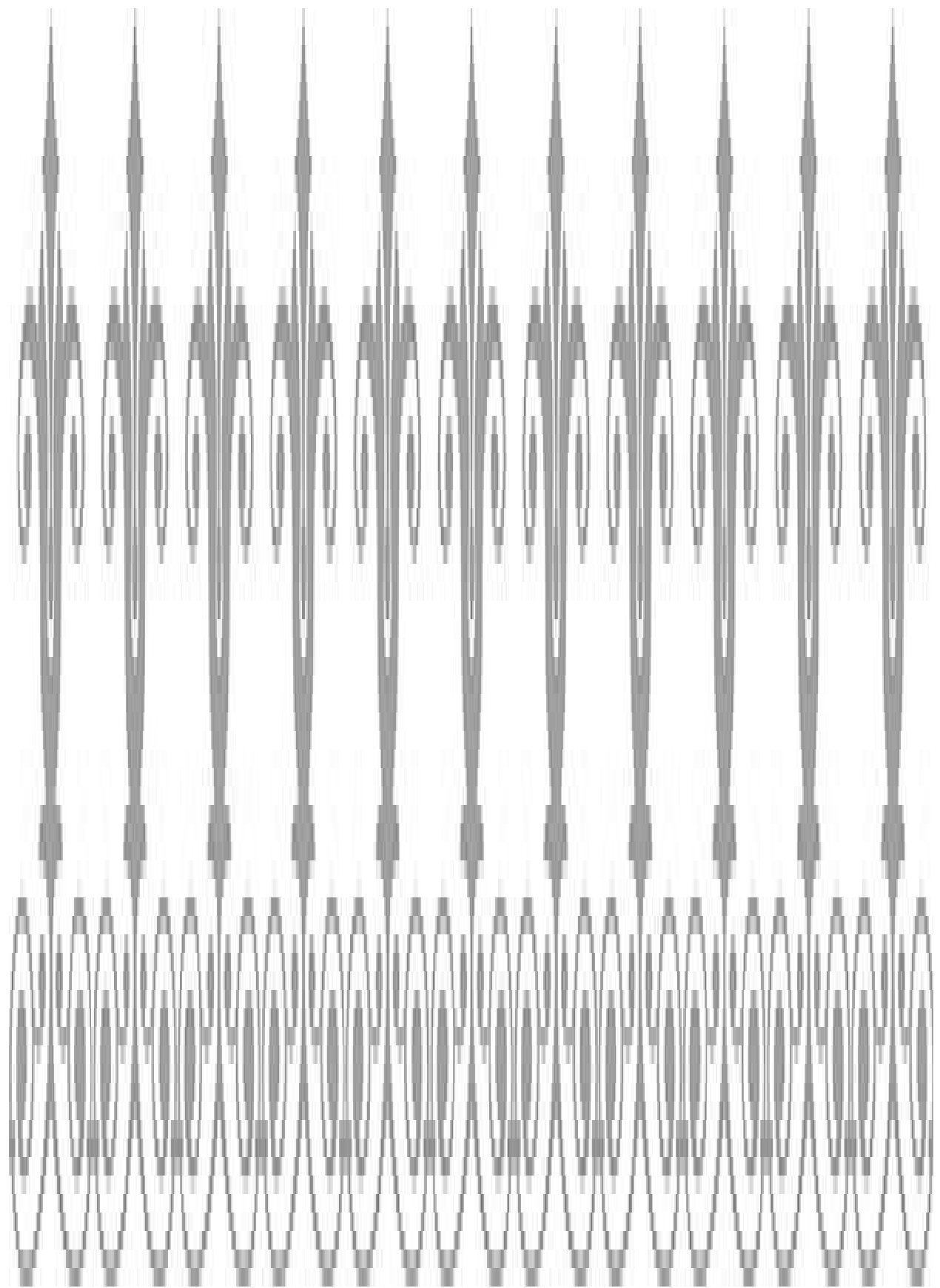
E. — O sonho de todos os dias, o espírito, no processo do sono, se afasta do corpo, mas necessariamente ele não vai guardar todas aquelas lembranças.

B. — Nem pode fazer isso. Nem pode nem deve, nem o corpo aguenta.

Nenhuma pergunta mais?

Deus fique com todos vocês!





Capítulo IX

Reunião 32 — Memória do Sonho

31 de julho de 1992.

H. — Graças a Deus, meus queridos filhos. Que Jesus Cristo esteja com todos vocês, trazendo forças de Paz e de Luz. Deus permaneça conosco.

E. — Hoje nós gostaríamos de estudar o papel da memória no sonho. Passamos um terço de nosso dia dormindo, sendo o sono e os sonhos componentes importantes de nossa vida.

Durante esses momentos, de emancipação de nossa alma, retomamos parcialmente a nossa condição espiritual e a nossa memória. Em uma citação do livro *A Memória e o Tempo*, Hermínio C. Miranda nos fala o seguinte: “Como o sono fisiológico proporciona certa autonomia do ser, em relação ao dispositivo biológico inibidor do cérebro físico, o acesso à memória integral, inconsciente em grande parte, fica facilitado. Porém, os eventos de nossas vidas não são uma narrativa verbal numa fita magnética, são um videotape multidimensional que captou não apenas o diálogo nas cenas inteiras das quais participamos ou que presenciamos, mas também as emoções que vivemos.

Quando algum material desses emerge no sonho, é compreensível que se apresente sob aspectos que nos pareçam incongruentes, não somente porque é

fragmentário, mas porque tem que se compatibilizar com as estruturas e os conhecimentos da nossa experiência de vigília. E esta é apenas uma fração diminuta de todo o acervo que trazemos nos arquivos da memória integral, onde se depositam lembranças indeléveis de muitas existências.

Nesse estado de relativa liberdade, o espírito se desloca no tempo e no espaço, visita locais, encontra-se com outros seres, aprende, ama, sofre, enfim, vive uma porção importante de sua vida que é contínua”.

No livro de André Luiz, Entre a Terra e o Céu, encontramos o exemplo de experiência durante o sono, no caso Esteves. Através da evocação de Leonardo, Esteves é atraído à sua presença e à de Antonina. Assistidos por benfeitores espirituais, os três vivenciam experiências do passado delituoso. Esteves retorna à vigília e com os recursos da sua imaginação, interpreta a realidade distorcida, vivenciando-a como pesadelo.

Baseando-nos nesses trechos que retratam situações relativamente comuns, pedimos que nos fale a respeito do papel da memória nos sonhos. Também gostaríamos de saber se o fato de nos prepararmos para dormir, mas não para sonhar, ou para nos emanciparmos, influencia nas vivências espirituais durante o sono.

H. — Em parte, uma vez que o indivíduo quando se prepara para uma vida do outro lado, busca regiões, criaturas e situações próprias; quando não se prepara não busca situações nem criaturas, nem regiões próprias e então fica ao sabor da circunstância, que poderá ser o convite de alguém para uma andança no Plano Espiritual, poderá ser a convocação de uma sensação e poderá ser o próprio desejo demonstrado pelo espírito naquele momento.

Então, ele poderá ver, por exemplo, uma criatura — isso é muito comum nos seres mais inferiores que buscam sensações materiais como bebida, sexo, jogo — uma criatura que lhe lembre essa situação e ele vai atrás, sem que tivesse programado aquilo; ele passa a ser convidado pela emoção, pela sensação, passa a ser convidado pela circunstância do momento e ele aceita, quando tem tendência a aceitar, é claro.

Às vezes as situações convocam o espírito, mesmo que ele seja aquilo que vocês costumam chamar de desligado, uma grande comoção pode chamar a atenção dele: uma guerra, um desastre, um amigo que morre; à noite, muitos de vocês vão para velórios de amigos que morreram, porque a comoção os chamou, a emoção os convocou; no trabalho de desobsessão isso também acontece, é muito comum alguns de vocês virem para o trabalho de desobsessão em função da continuidade da tarefa, há como que um compromisso de vocês nessa continuidade, então há os que saem do corpo e vêm para cá.

O fato de a pessoa se preparar influencia e não se preparar também influencia, de acordo com as circunstâncias. Se a pessoa é médium de uma Casa Espírita e sabe que ela passa por algum problema ou está diante de um ataque (o corpo de carne não sabe de nada, mas o espírito sabe) então ela procura a Casa Espírita para socorrê-la, para vivenciar aquilo que ela está vendo, em espírito, acontecer.

Às vezes, há homens que ainda são defeituosos da alma, então eles se veem, olham para uma pessoa no Plano Espiritual e vão atrás daquela pessoa, sem estarem preparados para o sono, não se programaram para ir, para praticar um vício, mas as circunstâncias favoreceram e eles vão atrás.

Isso ficou claro?

E. — Eu tenho uma pergunta: esse “não se preparar” estaria ligado,

relacionado ao fato de nós termos uma vivência muito materializada, à falta da crença na sobrevivência da alma, que faz com que a pessoa vá vivendo a vida sem parar para pensar que ela é um espírito, que tem uma atividade.

H. — Com toda certeza é isso, mas você não pode deixar de lembrar que o espírito tem seu grau de evolução e, muito embora não esteja preparado para o sono, nem por isso ele deixa de ser o espírito elevado que é, então, mesmo com uma vida materializada, se ele atingiu um determinado grau de entendimento, durante o sono, ele vai buscar o mundo espiritual, independente da vida materializada que tem.

E. — Mas, para entender o que o senhor falou, ele, essa pessoa, tem princípios, é uma pessoa boa...

H. — Tem sentimentos dentro dela.

E. — É, eu não achava que era assim não, eu achava que ficaria preso aos interesses de durante o dia.

H. — Não, não, tem muito espírito que não fica, tem muito espírito de valor, que vive a sua vida material por absoluta necessidade de propósito, o trabalho dele é material, mas ele tem sentimentos de trabalho.

Por exemplo, há muitos homens de indústria que têm um sentimento enorme de trabalho, de comércio também, e aquele sentimento, aquele senso de produzir, de ser fiel ao trabalho que executa, caracterizam uma alma com variantes próprias, com nuances próprias quero dizer, e as nuances, por exemplo, podem ser o trabalho, o amor ao trabalho; então, essa alma, pelo amor ao trabalho, mostra

que não tem tão pouca estatura espiritual assim. Você compreende? Ela pode ser apegada à matéria, mas tem estatura de trabalho, de amor ao trabalho. É porque você está colocando as criaturas muito dentro de determinados figurinos, porque na vida material ele não é elevado, não, isto é um figurino, está entendendo? O homem tem valores muito característicos. Você poderá dizer que um homem desses, que se apegava a determinadas práticas no comércio, em certas épocas tem um comportamento aético, mas ele poderá dizer também a você, com toda a franqueza ao olhar os seus olhos: “Posso ser aético, mas amo o trabalho”.

Então, isso lhe propicia buscar regiões de trabalho, e você o verá no trabalho. Muitos homens desses são, às vezes, conduzidos por nós a desempenhar tarefas específicas aqui em cima, junto a almas em sofrimento, para aprenderem a amar, porque eles podem aprender esse trabalho, eles são do trabalho. Outro exemplo para a sua cabeça trabalhar melhor. Quantos músicos demonstram sensibilidade e são absolutamente incrédulos? Ou até mesmo são voltados para certos vícios como bebida ou outra tolice qualquer. No dia em que não estão alcoolizados, eles conseguem ir para regiões de beleza onde captam, com sensibilidade, verdadeiros quadros espirituais do outro lado, que os inspiram até mesmo a escrever música. Muitas vezes esses músicos são inspirados a escrever músicas de revolta, os grandes músicos militares que fazem aquelas músicas incentivando os homens à guerra, vocês creem que eles são bons homens? No entanto demonstram capacidade de captar o estímulo guerreiro, que aqueles músicos espirituais, que têm esse estímulo, sabem fazer. Vocês entenderam?

E. — Mesmo estando no trabalho do bem nem sempre conseguimos nos preparar para dormir, não lemos nem uma página e nem fazemos uma prece de tão cansados que estamos... Haverá necessidade de algum preparo especial para que sejamos levados a regiões de aprendizado durante o sono ou o próprio fato de já estarmos no trabalho do bem nos conduzirá para essas regiões?

H. — O trabalho conduz, mas não põe você automaticamente nisso. Porque no caso em que a pessoa diz, por exemplo, que “desmaia” na cama, ela está

no trabalho, ou doando uma parte da vida dela no trabalho do bem, então, estará preparada e quando eu digo ela, eu digo todos os outros; ademais todos sabem que existem essas vivências no mundo espiritual. Mas, se vocês pudessem se preparar uns 15 minutos antes de deitarem, no lugar de ficarem vendo determinados programas de televisão, se vocês chegassem logo, tomassem um banho e ficassem lendo e se preparando uns 15 minutos antes, vocês predisporiam seus espíritos, dos quais muitos, pelo automatismo, vão ao encontro do Plano Espiritual, porém normalmente se passam uma ou duas horas para que vocês consigam entrar na relação conosco. Vocês ficam com os quadros da vida, com os quadros dos programas da televisão e até conseguirem entrar em relação conosco, demora. Vocês não descansam, não vão ao banheiro, não jantam logo e o organismo começa, depois que vocês dormem, a exigir que vocês acordem para utilizarem o banheiro, e tudo isso são complicações para a entrada no sono profundo. Como eu já disse, vocês demoram, de um modo geral, cerca de uma hora para poderem entrar em relação efetiva conosco, em relação efetiva, há uma relação razoável, mas não efetiva a ponto de podermos levar vocês para um estágio de serem conduzidos.

E. — Existem momentos em que percebemos perfeita busca dos benfeitores espirituais para determinados tipos de trabalho e outros em que nós sentimos que dormimos, e acordamos no dia seguinte, e não nos lembramos de nada. Existe algum preparo dos benfeitores espirituais, especificamente os da nossa Casa, no que se refere aos médiuns em geral a respeito de estudo?

H. — Sim, quanto mais vocês se credenciam ao trabalho no bem, mais vezes têm oportunidade de serem levados a esses lugares, não todas as noites ou quase todas as noites, mas quanto mais se credenciam, mais merecem os convites para o estudo, para o trabalho e para tudo mais.

Porém, nem sempre nós os buscamos; na maior parte das vezes há convocação, isso tudo terá graduações. Há médiuns que, por força do seu trabalho, são

buscados porque precisam ser instruídos, precisam trabalhar, mas há médiuns que devem vir, nós não vamos buscá-los.

Isso variará de acordo com a vontade, porém, haverá aqueles que, por força do trabalho, são obrigados a vir mesmo, para tomar conhecimento das coisas, para participar de reuniões nossas, então eles são obrigados a vir queiram ou não queiram.

E. — De acordo com a citação de Clarêncio a respeito de Leonardo e Antonina: “(...) regressarão à consciência normal, melhorados para a boa luta (...)” e considerando-se que no sono retomamos a memória integral, perguntamos que influência as experiências durante o sono podem desempenhar na vida da criatura encarnada?

H. — Quem disse que no sono nós temos a memória integral? Você crê mesmo que se conhece e aparece assim como você é como espírito, no curto espaço de uma hora de sono?

E. — Não, absolutamente.

H. — Então, no mesmo processo que você tem, a criatura encarnada não apanha a memória total da vida que tem, ela não pode ter isso, porque se ela tivesse seria um ir e vir que a tumultuaria.

E. — Seria correto dizer que, quando saímos do corpo durante o sono físico, não tomamos consciência do que somos como espírito?

H. — Não. Pode-se tomar consciência parcialmente, mas também não tomar, porque você pode, por exemplo, sair do corpo físico com um aborrecimento com o seu marido, e vir para o Plano Espiritual durante o sono, mas, ao chegar aqui, veem exatamente como você é, com a personalidade que tem. Então, se parar e pensar intimamente: “Por que, meu Deus, isto está acontecendo na minha vida de relação?” e tiver sossego e capacidade para ir mais fundo no espírito, poderá fazer o que vocês chamam de regressão de memória, que não é bem regressão de memória, é o retorno às suas origens. (Vocês dão o nome de regressão de memória, mas é retorno às origens.) Mesmo retomando às suas origens, irá retomar de acordo com uma série de fatores. Por exemplo, se você tem que dar demonstração de firmeza, de luta, o espírito-guia não deixa você vir para cá fazer essa regressão, porque aí você vai ter firmeza espiritual apenas do lado de cá e não vai ter firmeza na personalidade. Firmeza espiritual você já tem porque já conhece o lado de cá, mas o que você precisa é firmeza aí, na matéria. Então nós, os benfeitores, não deixamos que essa visão das origens seja obtida. Você terá que agir de acordo com aquilo que já consolidou intimamente.

E. — Então, não é só a carne que impede que ele retorne ao passado?

H. — Não, não é só a carne, por essa razão eu digo: quem é que disse que você volta integralmente?

Então você não volta, você tem essa dificuldade, embora tenha condições como espírito imortal, pelos valores que possui, os méritos que tem; às vezes, na carne, não está passando provas que queiram mostrar o seu valor íntimo, e sim as provas por estar trazendo uma ideia nova. Neste caso, é que você tem mais reforço espiritual.

Por exemplo, você renasce para viver com a sua esposa, então, ali é uma prova para valor íntimo, a prova é sua, você não pode fugir. A lembrança é

relativa.

Mas você, às vezes, vem para um aprendizado, trabalha em um hospital, lá nem sempre será uma luta para demonstrar valor íntimo e nisso você está sendo testado por força daquela circunstância. [21]

E. — Esse ponto não fica bem esclarecido dentro de O Livro dos Espíritos nos termos em que o senhor o está trazendo; eles, os espíritos, dão uma pincelada no assunto e não o desenvolvem.

H. — Plenamente, não, porque o caminho da Ciência ainda não estava aplainado. A Ciência não sabia exatamente que existem as fases do sono, inclusive aquelas de maior aprofundamento da consciência, onde ocorrem os sonhos; eles não tinham muito conhecimento, então Kardec não discutiu melhor o assunto. Por isso, eu lhes digo que vocês não têm nunca uma memória plena no mundo espiritual, têm uma memória parcial. [22]

E. — Tal fato se deve à nossa condição evolutiva...

H. — Condição evolutiva, circunstância de trabalho, o momento que está passando, porque você pode ter evolução, mas, se estiver no momento da provação, não tem isso. Compreenderam? Você pode até ter muita evolução, mas precisa passar por aquela prova, e, tendo que passar, não tem jeito.

E. — Mesmo que não se tenha muita evolução pode ser permitido para que se aceite melhor, para que se entenda melhor uma situação.

H. — Claro, eu só quero dizer que não existe padrão, você não pode chegar e dizer que, quando se dorme, é sempre do mesmo jeito em relação à memória daquilo que ocorreu durante o sono.

E. — Então, não é um processo automático, nem mecânico...

H. — Não, não é, teremos sempre que ver cada caso.

Volto a dizer, se vocês chegarem aqui e contarem muitos casos de pessoas em que aconteceu terem posse plena da memória, eu vou dizer que pode até ter acontecido, mas não que seja normal, não que tenha que acontecer.

E. — Diante disso, em relação à memória integral, nós podemos até pensar o seguinte, mesmo espiritualmente, o espírito desencarnado nem sempre fica de posse da sua memória...

H. — Não fica. Vou explicar por que não fica; nem sempre o conhecimento do seu passado fica aberto para o espírito. E por que não fica aberto? Porque o próprio espírito cria uma camada protetora para a sua existência, ele mesmo não tem interesse em saber tudo, e nem pode. Porque, mesmo como espírito, se ele tivesse o passado constantemente visível aos seus olhos seria tão pernicioso como se vocês tivessem vidência total de tudo o que vivem.

Ademais não esqueçam nunca do seguinte: o espírito, quando no sono, quando está na vida espiritual, quer caminhar para frente, então projeta a sua vontade, os seus hábitos para frente, ele nem sempre deseja viver o presente como consequência do passado, ele quer viver o presente como projeto para o futuro.

Porque, às vezes, vocês vivem o presente ligados no passado, esses casos de depressão que todos veem, o que são eles senão a pessoa que vive o passado no presente ou o presente no passado. Então ela diz: “Ah! eu fui assim” ou “Eu deveria ser aquilo, aquela pessoa fez isso comigo”, vive todo o passado no presente, e há aquele que diz: “Vamos realizar aquilo”, “Vamos projetar aquilo”, “Vamos fazer aquela tarefa no bem”, “Vamos construir”, ele quer viver o seu presente de olho no futuro, ele não quer nem saber o que fez no passado, ele espera que o próprio trabalho do futuro dilua o que ele fez no passado.

É uma atitude de vida; particularmente eu acho que é mais prático agir dessa forma, mas isso é uma atitude de vida, aos que querem sofrer a gente deixa sofrer porque não se pode fazer nada, não é?

E. — No livro No Mundo Maior, André Luiz tece alguns comentários sobre as regiões do Sistema Nervoso Central, responsável pelo Automatismo, a região cortical propriamente dita e os lobos frontais, à medida que a evolução do homem vai aumentando ele vai sepultando as lembranças reflexas automáticas para ficar somente com as lembranças conscientes, mais abrangentes de uso habitual para a sua visão futura. [23]

H. — Crê você que espírito superior fica lembrando o passado? Para quê? Os erros que cometeu ele já pagou; as experiências que viveu, ele é superior o bastante para ficar toda hora lembrando, então, o presente dele é trabalhar para o futuro, por isso ele olha só para o futuro. Entenderam isso? Ele não tem motivo para pensar no passado, por que vai pensar no passado? Não vai dizer o mal que fez, nem os acertos que teve porque o mal já se diluiu, ele já pagou, e o bem ele não vai ser vaidoso dizendo a toda hora o que fez, espírito superior não faz isso. “Ah! eu vivi numa casa bonita”, isto é de espírito mediano, não de superior. É como se você quisesse dizer — só para completar o raciocínio de vocês, para vocês raciocinarem bem — que um daqueles grandes trabalhadores do Evangelho, nas conversas que tivessem conosco, dissesse: “Quando eu estive na Palestina, a minha casa

era assim... “, não, ele não vai dizer.

Compreenderam? Não vai porque tal casa não tem mais nada a ver com ele.
Como incomodar-se com uma casa que para ele era circunstancial?
Compreenderam direitinho isso?

E. — A utilização dessa visão futura, que André Luiz coloca apenas como sendo no lóbulo frontal, é uma necessidade do homem, no crescimento para atingir a sua meta?

H. — Sim, é só isso.

E. — O que eu queria perguntar é o seguinte: a fase do sono não tem nenhum poder determinante na vida da pessoa?

Como é que seria isso? Porque, pelo que nós estudamos e entendemos, o período do sono também é determinante, embora as pessoas pensem que, ao estarem dormindo, estão quietas, paradas, para o espírito aquilo é ativo, dinâmico.

H. — É tudo isso, você não errou; o seu raciocínio está em ser tudo assim, dormiu tem que acontecer de tal forma. Compreendeu? Cada caso é um caso, tudo que vocês quiserem falar sobre o sono vocês sempre vão generalizar. Por isso, o próprio Plano Espiritual não fala muito sobre o assunto, reparem que nós quase não falamos a esse respeito.

E. — Por que é difícil passar essa ideia?

H. — Porque vocês não partem do espírito, partem do sono, então, tudo que falarem vai ser generalizado; vocês estão errados nisso, vocês têm que partir do espírito. Vocês têm que dizer: “Meu espírito, quando sai, age desta maneira... O que é isso?”... Então eu vou lhes responder: “Teu espírito...”, entenderam?

E. — Seria mais a experiência, a vivência...

H. — Exatamente. Vocês falam tudo partindo do fato, e quase que podemos dizer do fato físico, que é um fato generalista, o corpo é generalista, reparem bem como o corpo é generalista, o que é particular é o espírito. O estômago, por exemplo, funciona do mesmo jeito para todo mundo, para qualquer corpo humano, mas o espírito não funciona, porque cada espírito é um espírito, o corpo em si é uma máquina generalista e vocês partem do corpo e aí vão sempre generalizar tudo.

Quando vocês falarem de sonho, lembrem sempre que foi o espírito de vocês que saiu e viveu aquela situação. Então, quando receberem respostas, elas serão sempre para o espírito de vocês.

É claro que vocês não vão poder deixar de dizer que o corpo encontra certos limites, porque isso é o corpo que impõe, por exemplo, diante da atividade exaustiva de durante o dia, é natural que, à noite, o espírito, se quiser sair do corpo ele sai, mas não consegue passar impressões saudáveis para o corpo, porque o corpo está totalmente desarticulado. No sofrimento, nas doenças, por que a pessoa no sofrimento quase sempre sonha coisas doloridas? É imposição do corpo, mesmo que o espírito vá para regiões de paz, ele não consegue lembrar-se de outras coisas; nessas horas vocês veem que o corpo realmente é aquele tirano da alma, aí o corpo consegue influenciar as lembranças, não consegue influenciar o espírito. Lembrem-se sempre disto, não influencia o

espírito, influencia a lembrança. Entenderam?

Aqueles sonhos todos que vocês têm, muitas vezes misturados, são as sensações que vocês guardam estereotipadas nas suas cabeças, não é no espírito, é na lembrança.

E. — O corpo dorme, o espírito sai e vai trabalhar, passear, fazer o que quiser, porém sabemos que o próprio espírito, quando desencarnado, precisa repousar, descansar, dormir, ocorre a mesma necessidade de descanso na hora da emancipação da alma?

H. — Espírito desprendido do corpo físico não precisa descansar para dormir, nem dormir para descansar, ele precisa é do descanso do corpo, ele precisa sair do corpo, porque o corpo pesa nele, é o corpo que cansa o espírito. As pessoas que dormem muito é uma fuga, porque o espírito sofre aqui, então ele quer fugir do corpo, mas, no fundo, ele não quer fugir do corpo, quer fugir das circunstâncias.

Então, quando você diz que o espírito precisa descansar, você poderia acrescentar: do corpo, porque não é ele que precisa dormir, volto a dizer. Há espíritos que dormem, sabemos disso, mas eu falo do espírito de condições medianas para cima, esse não dorme, passa para o outro lado em plena condição para o trabalho, mas ele tem que descansar do corpo, porque o corpo pesa nele, o corpo o limita, o corpo o irrita, aquelas pessoas que têm o corpo pesado, que têm o corpo doentio, o espírito fica aborrecido por estar num corpo daqueles. Então, ele quer que chegue o sono para descansar, largar a carga e ir cuidar da vida dele. Aquelas pessoas que são prisioneiras, presidiárias, isso é muito comum entre elas, querem dormir para poder ter a vida livre, o espírito inferior fica junto do corpo, estou falando de espírito mediano para cima, ele quer sair do corpo para ter liberdade e sabe que o corpo está constrangidamente preso a um leito, a uma prisão qualquer, então ele quer sair dali, não é que ele precise dormir, ele só quer descansar do corpo. Entenderam isso?

E. — Na hora de dormir, nós mesmos colocamos o corpo para recuperar energias em horários adequados ao nosso modo de viver, essas horas são determinadas para a recuperação material do corpo, para que o espírito, acomodado dentro dele, tenha condições; então, na hora de dormir, o corpo fica ali com o espírito ligado a ele, mas o espírito continua trabalhando, pensando...

H. — Ele não precisa daquele repouso, o princípio é esse, entenderam agora? O espírito não precisa repousar, ele precisa descansar do corpo.

E. — A memória funciona no corpo material como um arquivo para o espírito poder viver a vida de encarnado.

H. — Ele precisa manipulá-la a todo instante.

E. — Porém, na hora do desencarne, essa memória passa para o perispírito?

H. — Sim, a memória do corpo passa para o perispírito, mas nem sempre a memória espiritual passa para o corpo. A memória do corpo sempre passa para o perispírito, isto é da Lei.

Qual a outra pergunta sobre isto? Dentro dessa fase, vocês não têm outra pergunta?

E. — Não, ficou tudo esclarecido. Porém, eu queria saber: o espírito não dorme mesmo, não há necessidade de o espírito desprendido do corpo, durante o sono físico, dormir?

H. — Alguns espíritos sim, mas eu disse dos espíritos de condições medianas para cima. O inferior dorme, ele não precisa, ele julga que precisa.

E. — Entra o automatismo.

H. — Entra o automatismo biológico. Isso é o automatismo do corpo que influencia o espírito porque o perispírito está próximo do corpo. Esses espíritos, quando vocês os veem adormecidos, são casos de espíritos que estão dormindo grudados ao corpo, geralmente a uns 15 cm acima do corpo, eles ficam, em média, de 15 a 20 cm acima do corpo, dormindo.

E. — Bem enfraquecidos.

H. — Enfraquecidos não, bem materializados. O enfraquecido varia de pessoa para pessoa, porque ele pode ser um espírito liberado das coisas. Pronto?

E. — Os personagens de André Luiz, Antonina e Leonardo, foram submetidos a uma regressão de memória, Clarêncio diz que: “(...) determinados centros da memória se reavivam, ao passo que outros empalidecem. As sensações do presente dão lugar às sensações do passado, para efeito de reajustamento perante o futuro”. Perguntamos: o que faz o espírito “estar lá”, naquele ponto específico de sua vida? Poderia nos falar da regressão de memória como um todo?

H. — Nesse caso que você está citando, da descrição de André Luiz, o Clarêncio fez o espírito acordar para o seu passado porque, se não o fizesse, os personagens viveriam a experiência daquela vida que eles estavam levando, tanto é que muitos deles não conseguem lembrar exatamente o que foram no passado, a não ser que sejam convocados. Você compreende isso?

O espírito encarnado vem para o Plano Espiritual durante o sono com as suas experiências de espírito, experiências de espírito encarnado. Quando é muito evoluído, ele se encaminha para a companhia de um ser igualmente evoluído; o contato entre aqueles dois seres faz com que esqueçam a vida encarnada e vivam a vida de espírito com os amigos que eles estão vendo. Saindo dali, o espírito volta para a matéria e fica a sensação de conhecimento, de vida espiritual. Então, às vezes, ele fica ali, como espírito, lembrando do passado que teve, ou do presente espiritual que tem, melhor dizendo, outras vezes o espírito não consegue sair daquele corpo, mesmo que seja convocado, ele está tão preso, tão materializado, a vida dele está tão sujeita a fatores externos que ele esquece que é um espírito; há casos de pessoas em que o espírito não vai para regiões superiores porque fica muito preso às circunstâncias do momento, embora ele tenha valores.

Isso se dá, por exemplo, quando vocês sabem que terão uma noite entrecortada, que acordarão muitas vezes; vocês não conseguem passar para o plano dos espíritos, vocês ficam presos à matéria, à circunstância material; mesmo que vocês durmam, mesmo que saiam do corpo, o espírito fica alerta naquela circunstância, ele vai e vem e não consegue ir, mesmo como espírito.

Há outras vezes em que você, como condutor do seu destino, diz: “Deixa-me saber do meu passado”, se você tiver autoridade para saber disso, poderá ter acesso a esse conhecimento, se não tiver, não terá acesso, por mais que tente não conseguirá saber. É importante que você saiba que isso é da Lei. Não é o que você quer ou não, isso é da Lei. A Lei de Deus impede. Você quer acessar aquelas lembranças e não consegue porque, quando reencarna, quando sabe que

tem possibilidades de saber, sobre você desce o véu do esquecimento. Por exemplo, se, como espírito, você disser: “Deixa-me ver o que fui no passado”. E a Lei diz: “Nessa encarnação ele não precisa saber disso”. Então, desce o véu do esquecimento, é a Lei que lhe impõe isso; você pode ser um espírito superior que não conseguirá saber, mesmo que tente vasculhar o passado, por mais superior que você seja, a Lei o impede. Por que acha que a Lei o impede? Porque, às vezes, você não pode ter o passado no presente para poder escolher com liberdade o seu presente.

É muito difícil lhes dizer coisas que vocês não entendem, que custam a entender por força da matéria; por exemplo, dizem as tradições espirituais que Francisco de Assis, o generoso João, não poderia ter acesso às lembranças dele no tempo de Jesus; por que isso? Porque se ele tivesse essas lembranças, plenas pela sua característica, ele viveria somente a vida espiritual que teve no passado, então, com toda a experiência dele, ele teve que se projetar nessa encarnação sem lembrar que foi o Apóstolo para poder incutir ideias de renovação no homem da sua época.

E. — Valores que ele adquiriu.

H. — Não, eram os valores que ele trazia, moldados pelo mundo em que ele estava vivendo, ele tinha que modificá-los para projetá-los para frente. Vejamos: aquele é um espírito da categoria de Francisco de Assis, para chegar a essa categoria, ele teve que ter uma vida, no passado, importante, com progresso, caminho, evolução feita. Então, Jesus diz a esse espírito: “Vá para a Terra porque você tem que mudar aquele esquema de vida, aqueles conceitos da Terra”. Porém, se o espírito voltasse para a Terra lembrando todo o seu passado, ele diria que, com Jesus, isso seria diferente, que se ele estivesse ao lado de Jesus, se pensasse como Jesus pensa faria assim, assim... Então, ele nada renovaria porque continuava a trazer a ideia da época de Jesus, estão acompanhando até aí?

O espírito volta para a carne, mas chega Jesus e lhe diz: “Olha, você tem que renovar os homens, pelo que os homens são hoje”, então, todo o conhecimento do hoje entra na cabeça daquele homem, daquele espírito. Se ele se lembrasse do passado, iria continuar pensando no passado, ele precisa renovar tudo aquilo que sabe hoje com a visão já superior, sem ser fragmentada, uma visão estável... e ele começa a impor novos moldes de viver para os homens daquela época, para frente, sem trazer as recordações do passado, e por que ele falha e por que, às vezes, ele tem erros humanos? Francisco de Assis teve erros? Claro, ele andou de burel, quando todo mundo sabia que aquilo não era necessário, passou fome, quando todo mundo sabia que aquilo não era necessário e nem a Lei pedia aquilo a ele; construiu uma igreja de pedra quando ninguém pediu para ele construir, mas ele estava vivendo a época dele, então isso estava no percentual de erros admitidos para as pessoas que mudam o período, estão conseguindo entender? Então ele traz aquele momento, é por isso que, muitas vezes, vocês dizem assim: “Esse espírito quer ser superior a Jesus”. Ele não quer ser superior a Jesus coisa nenhuma, é que ele tem que trazer coisas novas e não pode lembrar do passado, o acesso ao passado é só naquilo que o faz ligar-se a Deus, a Jesus.

E. — Nós dizemos até, que essas coisas, são coisas humanas, não é?

H. — Exatamente, àquilo que é de Jesus, esse acesso é só isso, então o espírito terá que vivenciar esse presente. Vamos pegar Allan Kardec; como homem ele viveu a vida de homem, mas e o espírito que ele foi? Você já imaginou se ele lembrasse tudo o que foi como espírito? Ele faria uma “embrulhada” com todos os conhecimentos que tem do Catolicismo, do Protestantismo e tudo o mais que ele teve.

E. — E ele trabalhou a Doutrina com a experiência de agora, certo?

H. — De agora.

E. — Mas com a bagagem de ontem.

H. — A bagagem de ontem que ele não teve acesso conscientemente.

E. — Que é mais de conteúdo do que de detalhe.

H. — Do que de detalhe, foi justamente para ele mudar todo o esquema, senão ele iria dizer assim: “Porque, quando Jesus falou”... porém o povo já estava sabendo o que Jesus falou e ele não teria nada novo a fazer. Compreenderam?

E. — Ele ficaria paralisado.

H. — Ele ficaria paralisado ali. Ele, Kardec, ficaria ainda com os pensamentos de outrora sobre Jesus, então, ele não é superior a Jesus e nem quis ser superior a Jesus de modo algum, mas a verdade é que Kardec, muitas vezes, em uma fase da Doutrina, não ignorou porque não podia ignorar, até pela origem dele, mas a muitas coisas ele não teve acesso sobre as vivências anteriores em contato com a Doutrina de Jesus, tanto é que ele diz o quê? “Vou pegar a parte moral”, porque ele sentiu que a experiência de Jesus não caberia na Doutrina Espírita. A experiência mediúnica, as experiências de desobsessão de Jesus não caberiam na Doutrina Espírita, entenderam? Assim como as experiências de cura não cabem na Doutrina Espírita. Ela explica, mas isso não cabe na Doutrina Espírita, porque ele teria que pegar a experiência de hoje justamente para fazer a divisão, entenderam isso? Mesmo?...

E. — Eu estou pensando em todos os espíritos de escol, Dr. Bezerra,

Eurípedes e todos os outros.

H. — Nos seus planos de trabalho, todos fizeram isso.

E. — Porque vemos que não é um privilégio, ouvimos falar de Napoleão Bonaparte, por exemplo, que teve uma oportunidade como os outros e não cumpriu.

H. — Mas ele tentou cumprir dentro do seu círculo de evolução como guerreiro, ele apenas se tumultuou, mas foi como guerreiro... Vocês crescem nas experiências, nós todos crescemos nas experiências que vivenciamos, nós acrescentamos valores.

Isso tudo mostra a vocês uma coisa: o espírito chega a um determinado momento, traz lembranças do passado, mas enfrenta o presente para construir o futuro, porque ele já tem uma visão maior.

E. — Quando o senhor e Balthazar recomendam que mostremos às pessoas que Bezerra e Eurípedes tiveram lutas dentro da experiência de vida por que passaram, é para trazermos as vivências deles para os dias atuais?

H. — Vocês poderão dizer nesse caso exatamente, todos os que organizam cursos, os que dão aulas em cursos, os que são dos Encontros, vocês devem, e vocês não conseguem pegar isso de Bezerra, nem vocês nem ninguém consegue pegar isso de Bezerra com tanta profundidade. É um espírito que vem com o seu valor, com todo o seu mérito, mas que veio daqui para frente.

E. — Nós vemos a vida desses espíritos depois que eles já passaram pela Terra. Na época, as pessoas não viram o valor deles realmente.

H. — Exatamente, mas isso era muito difícil, até porque não havia muita comunicação. A lembrança desses espíritos deve ser trazida para vocês assim: esses homens foram grandes porque eles eram grandes, se não fossem grandes, não teriam tantos gestos grandiosos. Entenderam? Como espíritos, eles tinham esse enorme valor, com esse enorme valor eles reencarnaram e não tiveram acesso ao passado, foram convocados para fazerem o futuro, enfrentarem o futuro, e aceitaram o convite, o que é mais difícil. Eles foram assim, exatamente, almas nobres que puderam atender à convocação e disseram:

“Eu estou respondendo presente”. Com dúvidas e tudo mais, porque todos eles tiveram dúvidas, eram homens e estavam na carne, até descobrirem certos valores, até “terem aquele estalo”, palavras que vocês ouvem desses homens da literatura: “tiveram um estalo”, e deixaram de ser ruins. “Santo Agostinho foi um devasso e depois deixou de ser”, é o que dizem, mas Agostinho não foi devasso coisa nenhuma, ele vivia no mundo, com as coisas do mundo, de repente viu que as coisas do mundo não eram só as que prevaleceriam, percebeu; no momento em que despertou, que a vida não era só aquilo, então mudou. Entenderam? O espírito viu, assim como o próprio Francisco de Assis, que era um homem do mundo, mas é claro, nascera numa família abastada e tinha que ser o garoto mimado das coisas presentes... Até chegar o momento em que ele descobriu que as coisas verdadeiras não estavam ali, que a vida não era aquela, ele sentiu... e a grandiosidade, inclusive estava nisso, ele percebeu e disse, “Não é por aí que eu vou vencer a vida com Jesus”.

E. — É, ele teve que deixar toda aquela riqueza...

H. — Isso não foi sacrifício para ele. Porque no momento em que essas almas descobrem a trajetória, o resto não tem nada a ver, tudo fica para

trás.

E. — Ao acordar, a pessoa traz suas lembranças. O que impede as lembranças integrais é só a carne?

H. — Sim, na maior parte é a carne e, às vezes, a lembrança do próprio espírito é o impedimento, mas pode-se dizer que, na grande maioria dos habitantes da Terra, o que cria obstáculos é a carne, não estou dizendo dos espíritos superiores não.

E. — No livro Entre a Terra e o Céu, de André Luiz, onde ocorre “uma regressão” de espíritos encarnados, durante o sono físico, a uma personalidade de outra vida, eles, ao acordarem não se lembram do fato em si, apesar da grande emoção que todos vivenciaram.

H. — Claro que é.

E. — Porque quando o senhor diz que é a carne, para mim fica muito orgânico.

H. — Observe: se você tem pouca elevação, a máquina o domina, se tem mais elevação a máquina o domina menos, tudo é o espírito realmente, quanto mais elevado, menos ele sofre influência da carne, então, nesse caso que você cita, ele era um espírito de condições medianas, podemos dizer assim. Mas o espírito, quando renasce, traz uma atmosfera de trabalho para duas ou três reencarnações, é como se ele criasse um problema e passasse duas ou três reencarnações para pagar. Alguns de vocês, aqui na Casa Espírita, estão envolvidos com a divulgação doutrinária e o trabalho na

mediunidade nesta encarnação e provavelmente estarão na outra. Por quê? Porque em vida passada uns não divulgaram como deviam, outros foram médiuns ocasionais, outros conheceram mas não valorizaram. Aqui, nesta Casa Espírita, há três tipos de pessoas, três vertentes de trabalhadores que já tiveram experiência na mediunidade com a Doutrina e não fizeram nada, aproveitaram pouco, não fizeram o que deviam, então, hoje estão tentando entender a Doutrina, tentando deixar de ser médiuns ocasionais para serem médiuns disciplinados, com dia e hora certos, e trabalhando como deviam, então isso já é a segunda existência.

Na próxima existência, muito provavelmente, com o círculo de amizades que construíram, com o círculo de trabalho que desenvolveram, com a disciplina que adquiriram ainda reencarnarão com esse mesmo gênero de trabalho, visando o quê? Visando consolidar o que não conseguiram consolidar nesta vida, visando apagar os erros de todo o passado como médiuns ocasionais, deixando de atender a alguns, deixando de valorizar o discurso dos espíritos, então, eles querem continuar no trabalho e na próxima encarnação eles vão aparar as pontas que deixaram nesta.

Aí, quando passar por essas três existências, a pessoa vai olhar e dizer assim: “Bom, já que estou com tudo isso quite, deixa-me começar outro tipo de tarefa”. Então, dentro da mediunidade, o que você vai fazer? Vai implantar a mediunidade num país bem atrasado, vai ser líder espírita bem longe. Entenderam?

Aí vocês dizem assim: “Ah! eu me lembro da época de Kardec, da época de Léon Denis”, mas claro que vocês lembram, porque quase todos ouviram, leram em jornais, participaram dos livros deles, porém não valorizaram como deviam e continuaram como médiuns ocasionais, por isso, agora, estão nesse afã de tentarem progredir naquilo que deveriam ter começado a fazer lá trás, e vão ter outra existência para consertar tudo.

E. — Então serão muitas...

H. — Não, às vezes, uma só basta. Quando vocês liquidarem tudo isso vão dizer: “Já que agora vocês estão tão conscientes de tudo, na Etiópia, estão todos querendo entrar na Doutrina”, e falam para o médium ocasional: “Você quer trabalhar lá como médium? Médium de cura? De desobsessão?

Ou médium divulgador do livro?” “Ah!, sim”. Então, com lembranças do passado, vocês irão para lá, mesmo que não se sintam daquele lugar.

Porém, lembrem sempre de uma coisa, quando a lei nos permite clarear tudo isso, é porque vocês estão com a obrigação, com a educação, e com um certo cuidado esclarecendo essas mentes todas que estão chegando a vocês, porque, não tenham a menor dúvida, há uma boa camada de criaturas aqui no Centro Espírita Léon Denis e em centros espíritas de um modo geral, que estão sendo espíritas pela primeira vez, estão tomando conhecimento da Doutrina Espírita agora; por isso trazem aquela bisonhice de quem não sabe nada, ignorância, bisonhice mesmo. Então, para eles não faz mal sentarem de qualquer jeito, virem com as saias lá em cima, com a blusa lá em baixo, que isso não tem nada com ser espírita. Falta o sentido de moral em termos religiosos. Aí eles dizem: “Mas o que tem isso?”... Não tem nada, mas tem tudo, porque você não deveria entrar assim num Centro Espírita.

Eles acham que não há nada de errado cometerem erros capitais, porque isso não tem nada com a mediunidade, mas tem, e isso tudo está previsto em O Livro dos Médiuns. Compreenderam bem?

E. — Vocês preparam as pessoas para as tarefas da Casa e dão essa lembrança depois que elas acordam?

H. — Não. Quando preparamos uma pessoa para a tarefa da Casa, lembrem sempre disto, acesso a qualquer tarefa, as criaturas têm fases, elas podem ter, dependendo do espírito; eu não passo, mas há espíritos que passam pequenos quadros de aviso: “sua tarefa é nesse campo”.

Às vezes, passamos pequenos quadros de aviso, que é uma mostra do que você tem a realizar, mas só das pequenas coisas. Por exemplo: “Você vai ter que trabalhar com a pobreza, para se ver em meio à pobreza”.

E. — Em geral sem detalhes, não é?

H. — Sim. Ele mostra, por exemplo, que você vai ter uma pequena lembrança, como se fosse um pequeno aviso: “Você terá que realizar trabalho no campo da pobreza”. E, de acordo com a sua cabeça, você vai dizer que se viu no meio de um grande grupo de crianças ou junto a uma criança, se for um trabalho com a infância, ou se viu no meio de idosos, se for trabalho com idosos, então, você verá aquilo mais adiante.

Se você for uma pessoa esperta, com sentido perceptivo, diz logo; “Meu trabalho é em tal campo”; se você não for esperta então dirá assim: “Parece-me que meu serviço é esse, parece-me que minha atividade é essa”, vai ficar sempre no parece. Quando você tem seu retorno à matéria, sabe que está aqui, então, aquela lembrança, aquele aviso, aquele quadro, aquelas situações surgem de um modo espontâneo; você é conduzida a desempenhar aquele papel, e você então vai trabalhando exatamente naquilo que lhe dão, você começa de repente a trabalhar junto à favela, porque teve a lembrança das crianças, depois você começa a pensar: “Trabalhar junto à favela, em quê?”, “Com a criança, em quê?”, “Como médium passista ou como cuidador de criança?” Você começa a pensar em detalhes, essa busca de detalhes cabe ao seu progresso, porque se eu tivesse lhe mostrado exatamente que você seria médico de criança, você aí já teria

escolhido, e eu não tenho direito de fazer isso porque a sua prova é saber se você vai ser médico de criança ou vai apenas limpar a criança. Por isso, nem sempre vocês sabem tudo, por isso não podemos dizer o que vocês têm a fazer.

Quando dizemos, por exemplo: “O seu trabalho é na mediunidade de cura” é uma informação geral, eu não posso dizer que isso é porque ele deve saúde às pessoas; porque se suicidou, porque gastou a sua saúde. Eu não posso dizer isso, porque senão a pessoa se assusta, às vezes eu apenas digo: “Trabalhe na cura por uma necessidade do seu espírito”, “É preciso que você trabalhe na cura porque você precisa vencer umas tantas inibições que causou no corpo”.

E. — Esse é o quadro de aviso.

H. — Sim, é o quadro de aviso, mas eu não posso dizer, “Trabalha na cura Fulano, porque você tem este, esse, aquele débito”. Isso eu não posso fazer, o quadro de aviso é este: “Trabalha na cura porque você precisa”.

Você tem dois meios de saber: ou você mesmo pesquisa, vasculha e descobre ou algum espírito, inadvertidamente, lhe diz, e isso não é bom, até porque, volto a dizer, às vezes você tem um papel preponderante nesse caminho, e a dúvida é justamente o que faz você caminhar.

Se eu lhe disser que tem que trabalhar, você vai trabalhar por disciplina, mas isso é seu débito, você era médium ocasional, trabalhava quando queria, então agora está trabalhando porque tem que ser disciplinado. Se eu dissesse você não iria trabalhar porque foi determinado, e sim porque foi mandado. Compreenderam?

E. — Isso é o amadurecimento do espírito.

H. — Por isso o encarnado sempre tem dúvidas, e isso é da Lei, ele ainda não cresceu.

E. — É preciso também dar ao espírito chance de crescer.

H. — Porque ele ainda não tem o crescimento a ponto de já saber escolher por causa própria. Quando for suficientemente crescido, ele já escolhe, não precisa de ninguém que indique para ele. Entenderam? Ficou bem claro?

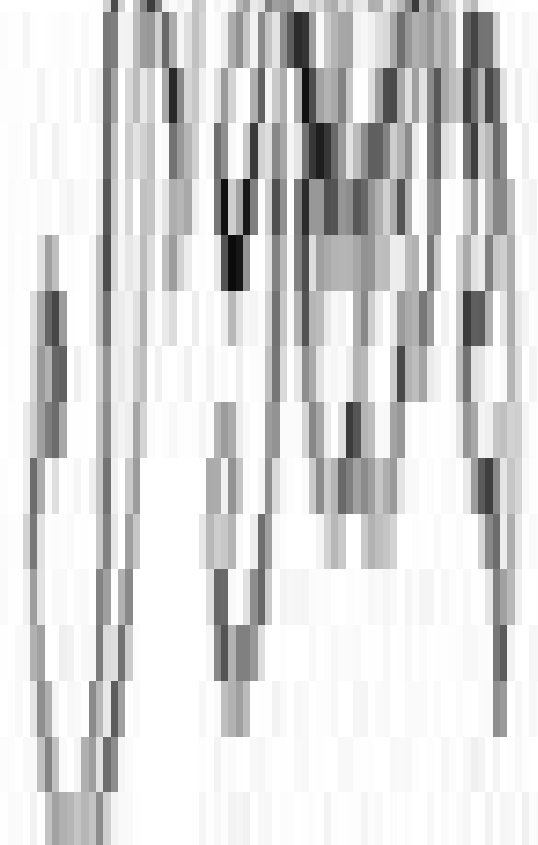
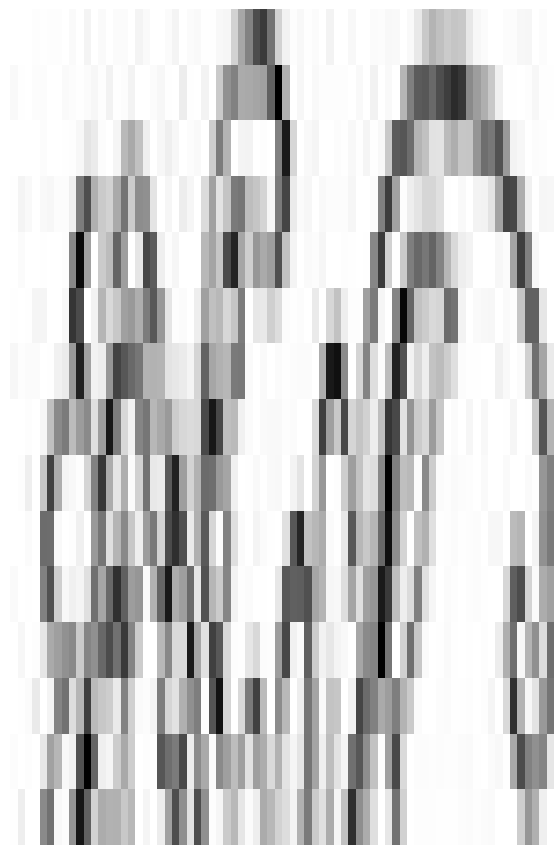
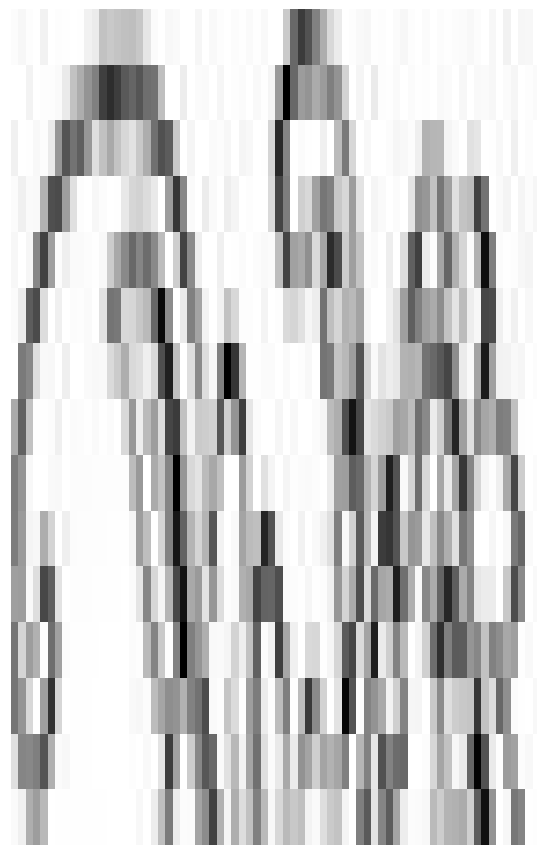
Quando aparecer a oportunidade, vocês devem partir do seguinte princípio: “Já que apareceu a oportunidade, pegarei”, depois vocês vão ver se é aquilo ou não, senão, a oportunidade se perde, porque, quando está na hora de acabar, acaba. Quantas coisas vocês já passaram e que, de repente, sem que vocês saibam, acabaram.

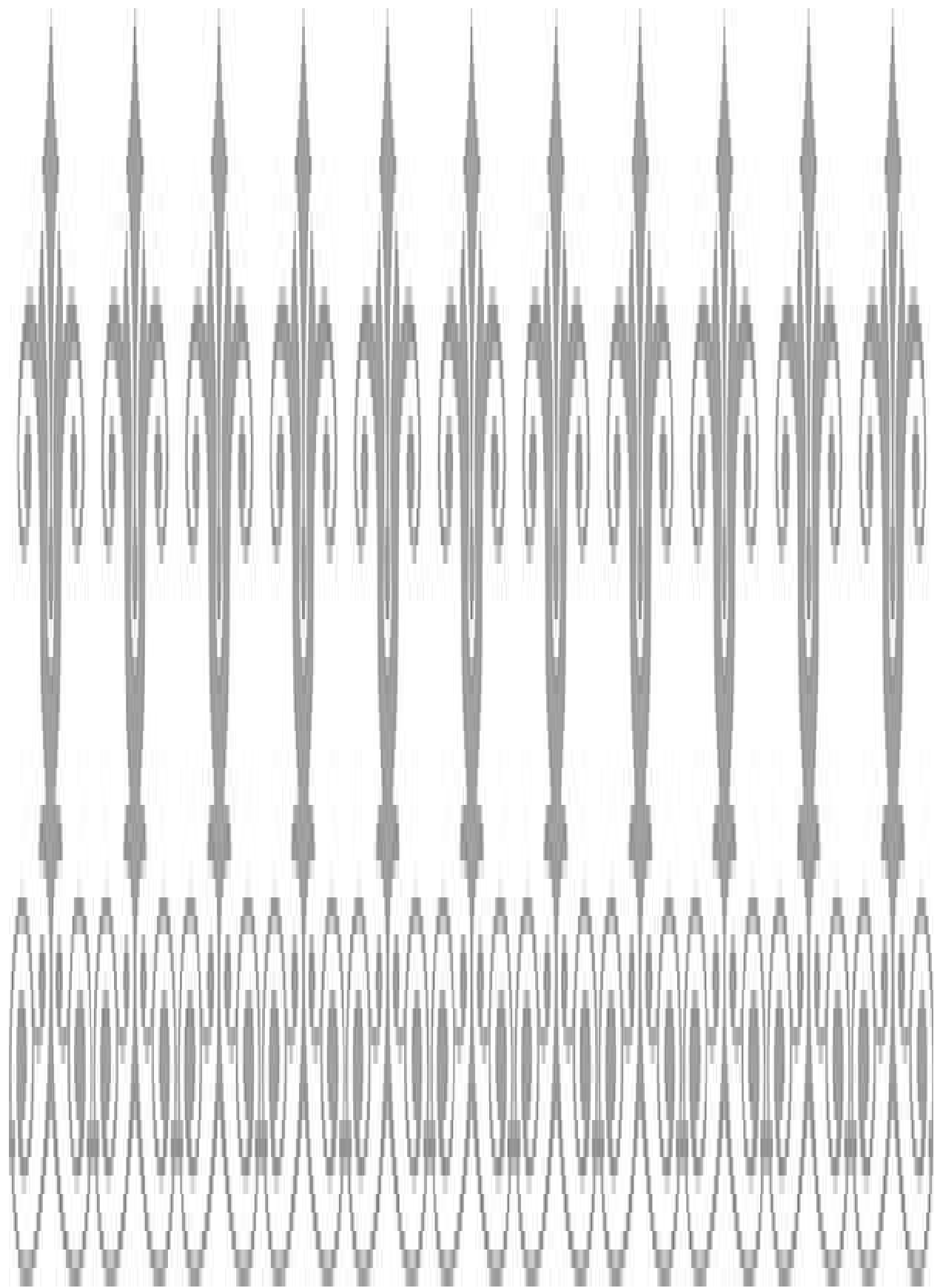
Há muita indecisão e confusão ainda nos encarnados quanto ao que se deve fazer para acertar. O ambiente terreno, as paixões terrenas, as faixas de aprendizado fazem com que a Terra seja um lugar confuso. Mas por que ela é confusa? Por causa dos variados tipos de homens que a humanidade tem, os homens são todos complexos, por isso este planeta, por ainda não ter atingido um estágio de elevação, se permite ter tipos extremamente variados.

No futuro, a Terra será estável, vocês terão estímulo pelo serviço a fazer e não estímulo para lutar contra os outros porque, hoje em dia, muita gente luta contra os outros para mostrar que é mais do eles, que pode mandar neles, que pode conduzi-los.

No futuro o homem não vai agir assim, o homem não vai ter esse tipo de procedimento, a competição não fará parte do arsenal da convivência humana, o homem fará porque ele deve fazer, só isso.

Deus fique com todos.





Capítulo X

Reunião 33 — Sonhos. Casos – I

25 de setembro de 1992.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus. Forças poderosas do Bem e da Paz, da Harmonia e da Luz, vibrai, vibrai sobre todos nós.

Que o Senhor Jesus nos ajude, abençoe e proteja agora e sempre. Começemos as nossas atividades.

E. — Irmão Balthazar, estudando as duas aulas anteriores e vendo alguns pontos que gostaríamos de reforçar, analisamos três aspectos em que nos baseamos para preparar os casos que ora lhe apresentamos.

O primeiro aspecto, em palavras do Dr. Hermann, diz: “Para se entender o sonho, tem que se partir do espírito”; o segundo aspecto é: “O que chamam regressão de memória não passa de retorno às origens”, e o terceiro seria o da memória em duas situações: a memória do espírito, quando está desprendido do corpo no sono e a lembrança que ele traz ao despertar. Então, temos sete casos para que o senhor nos explique:

B. — Leia um de cada vez.

E. — Caso 1. É o da pessoa que sonha muito, mas não se lembra do conteúdo dos sonhos, acorda cansada de tanto sonhar; quando criança não distinguia a atividade do sonho, do sono e da vigília; os sonhos eram tão vivos que não julgava dormir. Experiência que teve: em mudança de cargo no trabalho, tendo grande necessidade dessa promoção, percebeu que não conseguia dominar o novo serviço, seu chefe insiste para que ela fique no cargo e até faz hora extra para ajudá-la a entender as tarefas. Sonha então que está sendo treinada pelo próprio chefe e, no dia seguinte, se surpreende pela desenvoltura com que executa suas novas tarefas.

B. — O que você gostaria que eu falasse sobre isso?

E. — Que analisasse o caso para entendermos o sonho a partir do espírito e a memória.

B. — Nesse caso, pode-se perfeitamente entender o esforço daquele que é um amigo antes de ser um chefe, ensinando ao espírito, ou à personalidade a tarefa que precisa desenvolver e de modo que ela possa fazê-la bem.

Isto é muito mais comum do que vocês pensam, de um modo geral, todos são treinados no Plano Espiritual para exercer algumas atividades aqui na Terra. No Centro Espírita é comum, instrutores da vida material também serem convocados a ajudar no plano dos sonhos, os novatos, principalmente no campo dos passes, no campo de treinamento para o serviço da desobsessão e também no treinamento para o voo, isto é, para o desprendimento do espírito do corpo e o consequente aprendizado de voar, isto é, desprender-se do corpo e andar no plano sideral, aprendendo a não ter medo de deixar o corpo físico.

Neste caso, pode-se perfeitamente dizer que os instrutores encarnados, teoricamente mais experientes que os novatos, vêm em socorro desses novatos, até porque há como que uma necessidade de ampará-las, eles conhecem os problemas dos mesmos aqui na Terra e tentam ajudá-las no mundo invisível. Nos casos em que as pessoas estão situadas tão somente no corpo físico e não têm nenhum contato com a Doutrina ou com a mediunidade, nem por isso elas deixam de ser amparadas ou socorridas por esse processo, porque sabemos que o espírito age independente da religião que professe, o espírito é livre e ele, mesmo durante o sono físico, mesmo não pertencendo a uma religião espiritualista, terá o amparo daqueles que sabem que o espírito se desprende, portanto, podem se falar.

Resumindo, podemos dizer a você que todos os espíritos vivenciam uma vida espiritual sem exceção, os casos de exceções, raras, são aqueles espíritos tão inferiores que dormem com o corpo, mas basta que ele tenha o mínimo de cultura espiritual, mesmo sendo inferior, e ele sairá do corpo, poderá receber instruções fora do corpo e as recebe de um modo geral. Há casos de espíritos, aqui mesmo na nossa área de trabalho, espíritos bastante simples que vêm para a porta do CELD ajudar na vigilância noturna, evitando o ataque das forças do mal, aqui ou na OSAA, eles se desprendem do corpo e seguem para esses locais. Alguma dúvida sobre isso?

E. — Não. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o cansaço que essa pessoa tem, que ela traz para o corpo, mesmo dormindo.

B. — Nesse caso específico, poderá ser um processo físico da própria pessoa, independentemente da atividade espiritual, cansaço dela mesma que pode se exaurir com facilidade no trabalho. Quando a pessoa tem tendência a exaustão, até o trabalho no Plano Espiritual a deixa cansada porque a exaustão, nesse caso, está sediada não na matéria, e sim no perispírito.

Todas essas pessoas com tendência ao sono excessivo, a esse desgaste permanente, a esse estado de sempre estar cansada, seus problemas são do perispírito, não são do corpo. Assim é que, muitas vezes, elas trabalham e, após fazerem exames, não se consegue detectar nelas nenhum problema de ordem física, ou os problemas são tão pequenos que não justificam aquele estado d'alma.

Normalmente, nessas pessoas, de tanto o seu perispírito trabalhar aquele ponto de doença, ela acaba se impondo ao corpo físico; a doença, cedo ou tarde, surge, é quando a pessoa diz quase que satisfeita: “Eu não disse que estava doente!” Na verdade ela estava trabalhando aquela ideia dentro de si, ela não consegue se libertar, por dentro, dos conceitos de doença. No dia em que o homem aprender a se libertar dos conceitos de doença, ele só terá doenças que estiverem no seu carma ou por esgotamento natural, compreensível, ou então aquilo que ele pecar pelos excessos ou qualquer descuido que tenha, senão ele não terá doenças, porque seu perispírito será liberado delas.

Por isso, muitas vezes vocês encontram pessoas que não precisam das chamadas férias, e vocês reclamam, mas por que não ter férias? É que, na realidade, se elas conseguirem manter um perispírito sadio, ordenadamente equilibrado, aproveitar durante o sono físico as energias espiritualizantes à sua volta, ela será capaz de ter um corpo perispiritual sadio e passar para o seu corpo físico essa energia.

E. — Esse cansaço estaria também relacionado ao fato de a pessoa ser uma criatura tensa?

B. — Sim, porque a tensão é outra coisa que está profundamente registrada no perispírito, não tenham a menor dúvida. Nos seus casos de tratamento, (casos que vocês podem perfeitamente julgar, em sua maioria, como tendo origem no perispírito) trata-se de cansaço perispiritual, porque no caso da tensão, do distúrbio neurovegetativo como vocês chamam, ou no distúrbio de desarmonia, provocado pela desarmonia do espírito, o primeiro a ser

atingido é o perispírito, porque o corpo físico é pesado, ele é uma couraça, o corpo físico de vocês é uma peça anatômica de muita resistência, muito mais do que vocês possam imaginar. Vocês exaurem o organismo por força de trabalho, pela comida irregular, pelo cansaço, pelas inúmeras bebidas fora da água pura, todos esses fatos são formas de agressão ao organismo, então ele é uma peça, realmente, anatômica de muita resistência, ele absorve vibrações sem que vocês se deem conta. O mesmo não acontece com o perispírito, o perispírito se dilata, a resistência dele está na razão direta da força mental, e se você não tiver uma força mental ativa, sadia, você terá sempre um perispírito fraco.

Se você tem um corpo físico que absorve uma vibração de mal-estar, de ódio, de rancor, ele absorve sem que você registre, o corpo físico absorve e não registra, o perispírito absorve e registra, de modo que você, com toda certeza, pode dizer que o perispírito é o primeiro a ser atingido na vibração, na discussão, na desarmonia. O perispírito é um elo fraco, paradoxalmente ele é o elo fraco das lutas que vocês têm, é o elo fraco mesmo sendo o que tem maior resistência, porque ele é alimentado por forças não da matéria, forças que vocês absorvem, do ar, do descanso, das idas para o Plano Espiritual, pelo passe que recebem. Basta que vocês saiam desta Terra de angústias e sigam para um mundo mais elevado, e absorvam as vibrações desse mundo mais elevado, se o perispírito é órgão mais fraco, sob este ponto de vista, entendam bem que é sob este ponto de vista, ele absorve melhor as energias, coisa que o corpo físico não tem: esse poder de absorção. Respondido? Alguma dúvida mais?

E. — Caso 2. A pessoa diz que sonha com frequência e relata um sonho marcante; ela é bastante simples, perdeu a mãe bem criança e, inconformada, chorava muito com a sua perda, pois era agarrada com ela. Um dia, com saudades, se isola, e, após tanto chorar, tem uma experiência viva, sua mãe a visita, a consola e, depois de algum tempo, vai embora. A pessoa acorda, descobre que estava sonhando, não havia percebido que adormecera. Então ela conta esse sonho.

B. — Na realidade não foi um sonho, trata-se de um desprendimento espiritual, o fato tem todas as características de desprendimento espiritual. Apresenta peculiaridades muito vívidas, não é? Esses casos de desprendimento são mais comuns do que vocês pensam, o que lhes parece que seja um sonho é um desprendimento. Como não há uma característica formal de desprendimento, a criatura pensa que não se desdobrou. A característica formal é o repouso, a retirada lenta do corpo, o ficar de pé, para se dar conta de que está retirada do corpo e, em seguida, o convívio com o objetivo a que se propôs conhecer, buscar.

Depois desse estágio há uma convivência, momentânea ou não, com aquela criatura ou criaturas a quem se buscou, depois há o retorno para a matéria, que também obedece a princípios básicos, você tem que se aproximar do corpo, tem que se aparelhar junto ao corpo, tem que assumir as suas funções vitais, todo o processo de desprendimento obedece a esses princípios, são princípios básicos. Acontece que quando você está próximo ao sono físico, não se dá conta da primeira fase que é o sair do corpo e ficar de pé, você pensa que está dormindo, como o corpo fica num estado de semiconsciência, parece que você está dentro de um sono físico, quando na realidade está desprendido, e, estando desprendido, faz aquilo que todos podem classificar como fase seguinte, a do convívio, que é o estar com a pessoa; você ficou de pé e vai estar com a pessoa, estando com a pessoa, pensa que não tem mais nada a ver com a criatura humana, com o corpo.

De modo que se pode dizer perfeitamente que, nesse caso, o que houve foi apenas um desprendimento, a criatura já está propensa ao sono físico. O sono físico tem a única função de amortecer as condições do corpo, ele não tem outra função senão amortecer o corpo para o espírito sair fora do corpo, da matéria; nesses casos assim, ele amortece, afrouxa todos os laços, os mecanismos de vivacidade, e o espírito, então, fora do seu corpo, promove a sua caminhada. Ficou entendido isso?

E. — Ficou. Em relação ao corpo, no sono o corpo está dormindo, houve o desprendimento e logo em seguida o sono, as duas coisas podem se

confundir porque são dois estados de emancipação da alma, e, às vezes, para quem teve essa experiência, fica difícil. A constância da experiência é que permitirá distinguir quando é um e quando é outro.

Sabemos que esse desprendimento, essa emancipação da alma pode ser provocado. Quando provocado, como age o benfeitor espiritual? Como se dá o processo? E no caso de ser espontâneo?

B. — Veja bem, quando você vai adormecer, você põe o corpo em repouso; seu espírito, atuando sob a sua consciência de encarnado, põe a sua mente em repouso. Você, em repouso, sai do corpo totalmente desligado, o corpo passa a ser uma massa material deitada na cama, então, seu espírito põe a sua mente para adormecer, o seu consciente para adormecer, o seu espírito, preste atenção nas palavras que eu estou dizendo.

Quando há o desprendimento, o seu corpo adormece e o seu espírito põe o consciente para atuar, ele não desliga a sua mente do corpo e você, então, sai do corpo, mantém a sua mente alerta e mantém ainda mais a plena consciência do que você está fazendo.

Como a matéria (o cérebro físico) tem o limite de resistência, de um modo geral não é uma forma absoluta, os desdobramentos têm, em termos geográficos, uma atuação pequena, porque o seu espírito não consegue dar ordem ao seu corpo à medida que ele vai se distanciando, é como se fosse um sinal mandado a uma máquina que não tivesse tanta condição de registro assim, então, à medida que o distanciamento é maior, menos o corpo tem condição de registrar o desdobramento.

Os desdobramentos geralmente acontecem melhor quando você está perto do corpo, então, o seu espírito deu ordem ao seu consciente, à sua mente para que

ele fique acordado, entenderam isso?

Então, quando você está com um sono físico, provocado pela exaustão temporária que todo corpo sente, você dorme, e, por um mecanismo conhecido pelo nome de automatismo, você decreta para seu espírito, para sua mente “durma também”, isto é um condicionamento, você declara para sua mente “durma também”.

Quando você não consegue decretar à sua mente que durma, seu corpo repousa, mas sua mente não repousa, é o caso de todos os que você atende e lhe dizem que não têm sono. Se você olhar a gênese de todos os processos, eles não conseguem dormir, eles ficam envolvidos naquelas ideias básicas das suas existências, que eles chamam de preocupações, e que nem sempre são preocupações.

E. — Às vezes são fixações.

B. — São fixações, não são preocupações. São as ideias básicas que eles mantêm, e aquelas ideias básicas os retêm conscientemente despertos, se eles pudessem prosseguir um pouco mais no exercício, se desdobrariam, continuariam perturbados porque as ideias não se modificaram, e eles teriam um estado de ânimo muito pior, porque eles sentiriam que além da perturbação e da falta de sono veriam realmente como são perturbados.

Então, a bondade de Deus é tão grande que não os deixa perceber que estão acordados, que estão sem dormir, mas que não conseguem entender que aquilo é do espírito.

E. — Seria um mecanismo de defesa?

B. — Claro que isso é um mecanismo de defesa de Deus para nós. Isso é da Lei, isso não é mecanismo de defesa do indivíduo não, isso é mecanismo de defesa da Lei, a Lei não permite que ele acorde, que desperte, que entenda que está debaixo de um estado próximo do desdobramento, a Lei não permite, isto é da Lei, senão o homem ficaria bem mais tumultuado do que vive. Então, ele apenas julga que está com uma noite maldormida, e o remédio, quando se lhe dá, adormecendo os centros nervosos, fá-lo dormir, mas não o tira da preocupação.

Muitos desses a quem vocês aplicam remédios para dormir, continuam ali, lado a lado com o corpo, argumentando, alimentando aqueles conceitos, convivendo com aquele sistema de dor, com aquele sistema de problema, com aquelas dificuldades. Se vocês pudessem vê-los como nós os vemos, os veriam ali, mas, de pé, lado a lado com o corpo físico adormecido pela força da medicação atuando nos centros nervosos.

Quando eles estão muito tumultuados, não sabem dizer onde começa a perturbação deles, e o estado de ânimo do seu corpo para eles tanto faz como tanto fez, eles pensam apenas que tiveram uma noite maldormida, mas, na realidade, é o espírito que está ali.

E. — Porque o remédio não está fazendo efeito.

B. — O remédio não está fazendo efeito, então será a sua falta de sono.

E. — Então será essa a sua perturbação, esse resmungar.

B. — É, exatamente isso. Então, se você tem um desdobramento provocado por um espírito, se esse espírito estiver estritamente associado ao seu espírito, você cederá, o desdobramento se fará de modo natural; mas se você não está associado àquele espírito, se você não aceita a ordem que aquele trabalhador está lhe dando, o desdobramento se dará de modo incompleto, sofrido, desarmonizado melhor falando. Está bem claro isso? Está certo?

E. — Há uma certa briga para sair do corpo...

B. — É, porque ele não aceita, principalmente a ordem que lhe estão dando.

E. — Esse princípio é o mesmo princípio da magnetização na retirada do espírito do corpo?

B. — Sim, obedece a princípios básicos da magnetização.

E. — Eu queria perguntar ao senhor se esse processo também se dá entre encarnados?

B. — Mas isso é de encarnado principalmente.

E. — De encarnado para encarnado?

B. — Mas eu só estou falando de encarnado.

E. — Falando em relação a encarnado, eu me lembrei de um fato narrado por André Luiz em Nosso Lar, onde ele dorme e se põe em contato com a mãe dele em outro plano, esse é um processo também?

B. — Sim, principalmente nos espíritos recém-desencarnados que ainda precisam do sono físico, é o que falei sobre condicionamento, à medida que o espírito vai se habituando com o mundo dos espíritos o sono físico vai desaparecendo, a necessidade desse automatismo, desse sono físico vai desaparecendo. E aí vai havendo repouso para o perispírito que, de acordo com cada um, terá um grau maior ou menor de existência.

E. — E ao homem terreno é adequado utilizar esse processo de desdobramento como uma forma comum ou isso de repente tem que ser espontâneo?

B. — Não é aconselhável, ele deve deixar que a coisa ocorra espontaneamente dadas as circunstâncias do mundo em que vocês vivem.

Um mundo de violência, de agressão, se você se habitua a se desprender, você pode incorrer no risco de desprender-se a qualquer momento, até como um mecanismo de fuga, e você está na Terra para passar as lutas que a Terra lhe chama a passar.

E. — E não tem como controlar isso conscientemente?

B. — Não, porque passa a ser mecanismo de defesa ou mecanismo de automatismo, porque você, ante o perigo, sairá do corpo para agir como espírito.

E. — É o que ocorre com alguns epiléticos?

B. — É o que ocorre com alguns epiléticos, o princípio é o mesmo. Vocês não sabem disso, mas, em muitos casos, do ponto de vista espiritual, epilético nada mais é do que o grande mau utilizador das suas forças psíquicas; são os grandes médiuns fracassados, não significa que não sejam bons, eu disse fracasso no campo da mediunidade; não disse bons nem superiores eu disse apenas fracassados no campo da mediunidade.

E. — Por isso é que eles jogam aquelas vibrações em cima de nós, e que nós registramos.

B. — Toda aquela vibração... eles são os grandes fracassados da mediunidade.

E. — Mesmo nos mais simples, a gente vê espíritos assim, muito simples, pessoas muito simples...

B. — Vocês sabem não existir simplicidade nos espíritos; todo espírito, quando atinge um estágio de elevação, não é mais simples, ele pode ser inferior, mas não é mais simples.

O homem é ainda a grande obra de Deus, da Criação, atingida a fase hominal ele caminha na direção do mais Alto, ele caminha na direção de Deus numa velocidade muito célere, mas há espíritos que ainda estagiam nas regiões mais inferiores. Só para comparação: há o habitante da selva, há o habitante da mata, há o habitante dos campos e há o habitante das cidades, seriam assim, esses mais simples a que vocês se referem, os habitantes da selva, diferentemente dos da mata, diferentemente dos da fazenda, diferentemente dos da cidade.

E. — Mas todos já complexos, certo?

B. — Todos já complexos. Uma vida na selva é necessariamente uma vida diferente da vida na cidade, uma vida no campo é necessariamente diferente da vida na fazenda, uma vida na fazenda é necessariamente diferente da vida na cidade.

Atingida a fase hominal, creiam, o homem é complexo, ele já é uma estrela que caminha para a direção de uma grandeza infinita, aprendam a ver no homem, em vocês mesmos, em nós mesmos, a grande obra da criação. Temos somente, por obrigação, crescer no conhecimento e no amor, já passamos daquelas fases grosseiras e rudes da aquisição dos sentimentos, das percepções, somos seres inteligentes, individualizados. Quando se diz que o homem não progride porque não quer é pelo fato de ele ainda estagiar nas regiões de sofrimento, de inferioridade, mas, desde que ele o queira, esse estágio se torna nulo ou bem menor. Nulo não, mas bem menor.

Quando o homem passa duas ou três encarnações imobilizado em áreas inferiores, pode-se dizer que ele está escolhendo deliberadamente o atraso, mas o sinal do progresso já está caracterizado nesse espírito, ele se atrasa por deliberação própria, por desejo de fugir, por desejo de ocultar-se, mas ele já é um ser assinalado, já é uma obra da Criação.

Quando você olha para um homem mau, perverso, que utiliza sua inteligência para a destruição do próximo, encare esse ser como aquele que ainda não entendeu a sua grandeza divina, ele apenas está vendo a sua grandeza de força, ele ainda não entendeu que a sua força tem que ser associada à obra de Deus. Os grandes assassinos, os homens violentos sabem que são fortes, sabem que são poderosos, só que eles pensam que essa força é deles, no dia em que um desses espíritos entender que o que ele tem, e que chama de força, pertence a Deus, ele será um daqueles que se voltarão para o progresso, e aí caminhará, antes disso o espírito não está conscientizado de que ele é de Deus. E um dia vem o troco da Lei de Deus, que o humilha na figura de outros que também pensam que a força provém deles próprios e os matam e os torturam, os derrubam, e a Lei de Deus permite isso para humilhá-las, mas isso não é Deus que determina, é a Lei que manda que aqueles que são orgulhosos sejam rebaixados, e aí vem a morte, vem a violência, vem a agressão, vem o poder mais forte, para que eles sejam humilhados, não é porque Deus manda, é a Lei que diz que aqueles que são orgulhosos sejam humilhados. Compreenderam?

E. — Caso 3. Essa pessoa sonha muito, lembra dos sonhos com detalhes e relatou-nos alguns. No primeiro, ela se via como uma mendiga, dotada de beleza, porém em andrajos, estava num lugar onde recebia cuidados e isso a agradava muito.

O segundo sonho ela classificou como um sonho revigorante. Em fase de doença grave (a pessoa é portadora de câncer) ela se encontra muito debilitada, mas, em sonho, se vê em um lugar exuberante, com o mar, que lhe proporciona benefícios. Após o sonho, sente-se revigorada e melhora o estado físico. O terceiro sonho é simbólico e premonitório; sonha estar vendo um prédio ruir, sendo dragado pelo solo, as pessoas, na circunvizinhança, estavam aflitas e angustiadas com o acontecimento. Esse sonho é uma experiência intensa; duas semanas depois dele, extingue-se um órgão público que funcionava num prédio similar ao do sonho, seu filho era funcionário dessa instituição extinta.

B. — O sonho em que sente-se revigorada junto ao mar, está explicado na

ida do perispírito dela para regiões que podem ser as marítimas, porque ainda são os grandes focos de energia do homem não atingidos pelas forças do pensamento, pelas forças de destruição. O mar ainda é o grande manancial não atingido pela avidez do homem em produzir para destruir, o mar ainda é..., então, é muito comum levarmos as criaturas para o mar, durante o sono físico, para que elas possam se revigorar pela imersão do perispírito naquelas fontes de energia, principalmente à noite, com luar, as noites com luar são as mais propensas a isso porque o magnetismo lunar, agindo sobre as marés, provoca também o aumento do magnetismo do mar. Isso pode parecer estranho a vocês, mas é uma realidade, então, muitas vezes retiramos vocês, durante o sono físico, e os levamos para essas regiões marítimas nessas ocasiões, para que haja um bom aproveitamento por parte de vocês das forças revigorantes que servem de apoio aos seus corpos físicos.
[24]

No primeiro sonho, em que se vê como uma mendiga, na realidade, ela se lembra de uma existência; ela misturou, muito provavelmente, as recordações dela como espírito e a visão de como ela é hoje. O estado de mendicância pode se dar em momentos de prova buscada, não imposta; a prova imposta não impõe mendicância, a prova imposta por Deus impõe uma grandíssima pobreza, mas não a mendicância, esta sempre é escolha do espírito. A Lei de Deus impõe a prova da pobreza, da pobreza absoluta, aquela em que você depende até do alimento que os outros lhe dão, mas não da mendicância; a mendicância sempre é escolha do espírito, não deixem de pensar nisso.

Repito para que fique bem gravado: a Lei de Deus impõe a prova da pobreza, às vezes até absoluta, e a mendicância é escolha do espírito, é o espírito que mergulha no terreno do medo, da falta de coragem, da desvalia, mergulha numa postura extremamente negativa capaz de fazer com que ele perca as noções interiores de credibilidade, de interesse próprio, de respeito próprio e até mesmo de dignidade.

Quando vocês virem um mendigo na rua, vocês deplorem pela sua pobreza, mas

deplorem muito mais porque aquele espírito resolveu se abandonar àquela situação. Já é diferente da pobreza, lamentem a pobreza porque é um espírito em provação, é resultado do seu passado, sabemos disso, mas não porque ele mergulhou naquela situação, a pobreza assim como a indigência pode-se dizer que são recursos da Lei para fazer com que o indivíduo quite alguma situação do passado ou que descubra valores maiores para o seu futuro.

Mas isso pode ser uma provação, como pode também ser uma busca de valores novos; então, nesse caso, ela deve ter se visto como mendiga, se é que ela não se viu em caso de pobreza absoluta, e ali ela se viu como espírito que era, porque vocês não deixam de lado o raciocínio. Muitas vezes o mendigo mergulha naqueles estados de sujeira, de álcool e ele “apaga” temporariamente, no seu perispírito, os seus valores internos; olhando para o perispírito de um desses mendigos vocês poderão dizer que é um ser inferior também, mas, se olharem o espírito, vocês poderão ter surpresas por se tratar de um ser com conhecimentos, não superior moralmente, mas com conhecimentos. Porque eles podem estar temporariamente inquietos, com dor, preocupados, com ausência de força, inseguros, perturbados... e assim passarem para o corpo perispiritual todas essas imagens de angústia, perturbação, inquietação, e se passa mesmo, mas o espírito, esse não. Então você me perguntará, mas como pode um espírito se deixar invadir por este quadro de mendicância?

E. — Parece um torpor da vontade, não?

B. — Sim, parece um torpor da vontade, isso quer dizer que um espírito, como espírito, ainda, não é tão elevado moralmente, eu insisto em falar moralmente; ele poderá ter conhecimento, mas moralmente não é tão elevado, por isso ele se deixa ir nessa direção.

Quando eu lhes disse que Deus é o grande criador, e que o espírito é a grande obra da Criação, eu disse que progredir é destino de todos nós, e essas almas de que falamos um dia progredirão também, não tenham a menor dúvida disso,

esses espíritos já atingiram a fase hominal, serão puros, serão bons um dia.

Quanto ao terceiro sonho, em que ela vê ruir o órgão em que o filho estava trabalhando, isso foi um sonho simbólico naturalmente, algum espírito deve ter lhe dito o que iria acontecer, e ela traduziu, para sua mente, a imagem do prédio acabando, do prédio em si.

E. — Seria assim: o espírito amigo estaria conversando com ela e, à medida que ele falava, ela ia imaginando, como se faz numa conversa, em que vamos imaginando aquilo que a pessoa está nos falando, plasmando na nossa mente aquelas figuras. No sonho seria mais ou menos isso e, ao acordar, ela se lembra do que imaginou e não da conversa.

B. — Em princípio seria isso. Certo?

E. — Certo. Nós percebemos que as pessoas sonham diferente, cada uma tem o seu modo peculiar de sonhar, de se colocar durante o sonho, e percebemos também que as lembranças dos sonhos são muito complexas.

B. — Tão complexas quanto a alma humana, porque vocês lembram do que querem, lembram do que são capazes, lembram do que pretendem aproveitar, vocês lembram do que lembrar.

Então, realmente, há muita complexidade.

E. — O caso dessa senhora abre um leque para esses tratamentos ou

recursos que o Plano Espiritual utiliza para diminuir, minimizar os males dos encarnados, um desses recursos seria a retirada do espírito e os banhos ao luar. Certa feita eu li em num livro, psicografado por Divaldo Pereira Franco, o relato de Manoel Philomeno de Miranda, em que ele retirava um espírito do corpo, levava para um lugar de plantação, com árvores, trazia um médium, deitava ambos numa maca e fazia uma transfusão, como se fosse uma transfusão sanguínea, seria isso uma outra forma de socorro?

B. — Isso é possível, nos momentos em que se leva o espírito para junto de árvores, trata-se, de um modo geral, de assunto específico; a maré fortalece o corpo como um todo.

E. — O paciente era tuberculoso.

B. — Sim; junto às árvores ele deve ter usado qualquer coisa em torno da terebintina. [25] As árvores geralmente servem para tratamentos específicos. Dificilmente você traz um corpo perispiritual para uma mata, por exemplo, para uma recuperação geral, há casos, claro, mas, de um modo geral, são levados para os lagos ou principalmente para os mares, noventa e poucos por cento para os mares.

E. — Alguns centros espíritas têm pouca noção sobre esses processos ou recursos que o Plano Espiritual utiliza, aparentemente deve ser uma coisa, segundo a permissão de Deus, simples de ser feita pelos espíritos, havendo permissão e possibilidade disso, será que é assim mesmo ou...

B. — Eu não entendi o que o Centro Espírita tem com isso.

E. — O Centro Espírita facilitaria por exemplo: o fulano está doente, retira-se o seu espírito e coloca-se no médium aqui no centro, e faz-se o tratamento no ser espiritual junto com o médium incorporado, ou não precisa nem estar incorporado, só no ambiente do centro, poderia ser no ambiente de cura...

B. — Então, ele sairia do seu corpo e viria para cá, isso é possível.

E. — Frequentemente?

B. — Com muito mais frequência do que você imagina, mas o Centro Espírita, não esqueça, é um hospital, ele não é um centro de força, se você observar, pelo desdobramento do sono físico, os tratamentos feitos na Casa Espírita são sempre hospitalares e nunca para dar força ao indivíduo, a força que você recebe aqui é a força que você recebe no passe.

E. — E moral também.

B. — Principalmente.

E. — Para dar forças, geralmente são lugares da Natureza, não é?

B. — Para dar forças físicas, vamos dizer assim, de um modo geral, busca-se a Natureza.

Para dar forças morais, espirituais ou tratamentos feitos através dos passes, a pessoa busca o Centro Espírita, porque no Plano Espiritual também se aplica o passe, você sabe disso, então, a pessoa vem aqui com o seu corpo e recebe o seu passe, ou vem com o seu espírito e recebe o seu passe, é a continuação do tratamento ou, no caso daquelas pessoas que não são espíritas, é a única forma pela qual podemos tratá-las.

E. — Os que fazem o tratamento de cura aqui na Casa podem muitas vezes voltar, retornar durante o sono físico trazidos pela ideia de se ligarem, de pedirem socorro, ou serem trazidos pelos seus benfeitores espirituais.

B. — Isso pode acontecer.

E. — Ouvir uma palestra para terem resignação e tudo mais, e ainda receberão o passe.

B. — Isso pode acontecer perfeitamente. Alguma dúvida mais?

Agora, então, me permitam falar alguma coisa para vocês, em caráter de instrutor para instruídos. A posição física e mental de uma boa parte de vocês não está condizente com um trabalho deste; o desleixo corporal, o ar de enfado que apresentam, como se vocês estivessem fazendo um sacrifício, compreensível de nossa parte, sempre com aspecto de quem está cansado, mas que, mesmo assim, veio, não é compatível com um serviço deste.

Queremos dizer isso em nome da honestidade que temos com vocês, somos daqueles que entendem que um curso é um curso, aprendizado é um aprendizado; toda mente, todo corpo, todo espírito tem que estar voltado para o

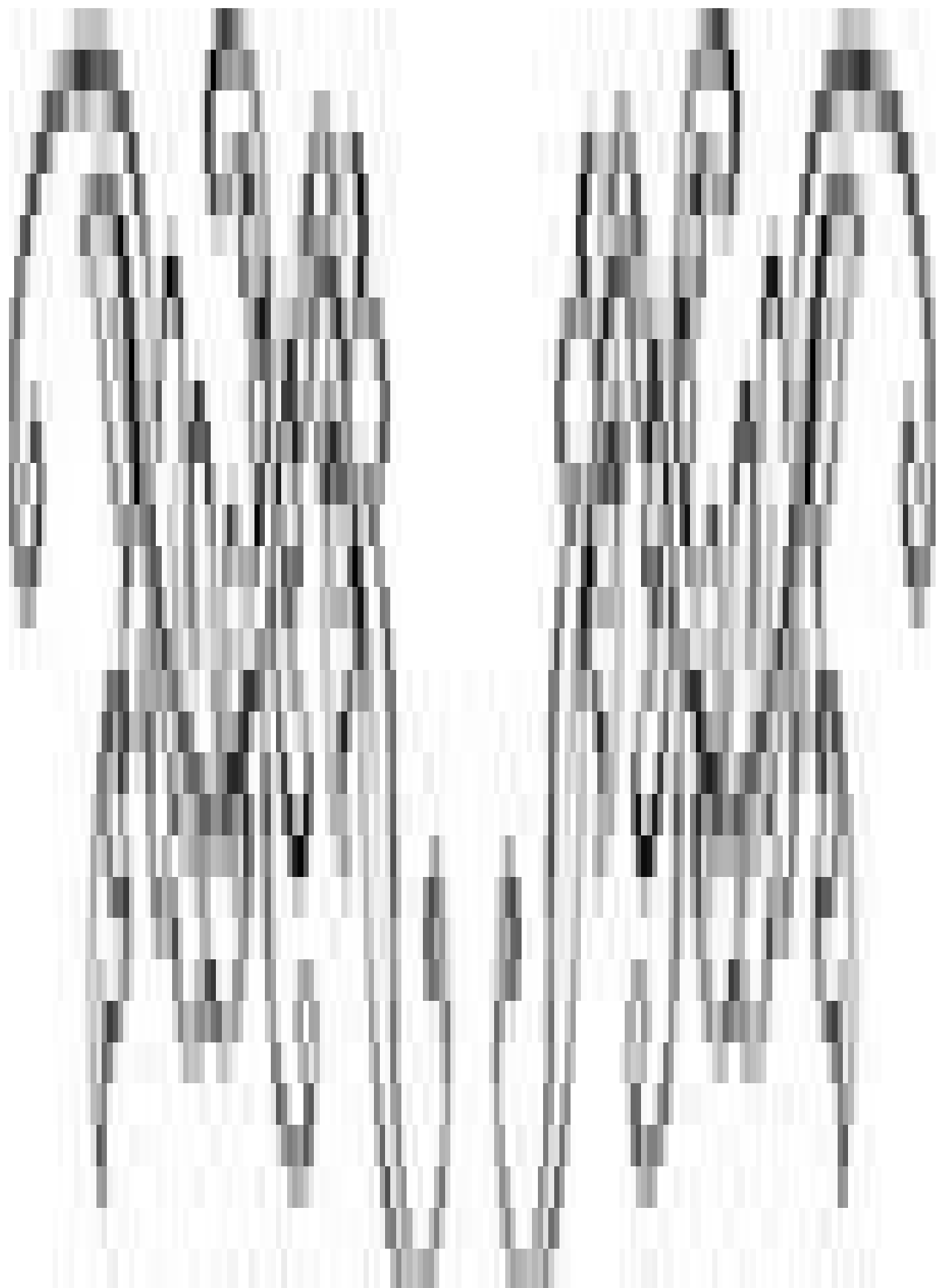
objetivo que foi programado. Queremos dizer isto a vocês: estão cansados, repousem antes, descansem antes, mas, na hora do estudo, tenham a postura de alunos que aqui estão para aprender, mentalmente, espiritualmente e corporalmente, isso é importante para nós instrutores.

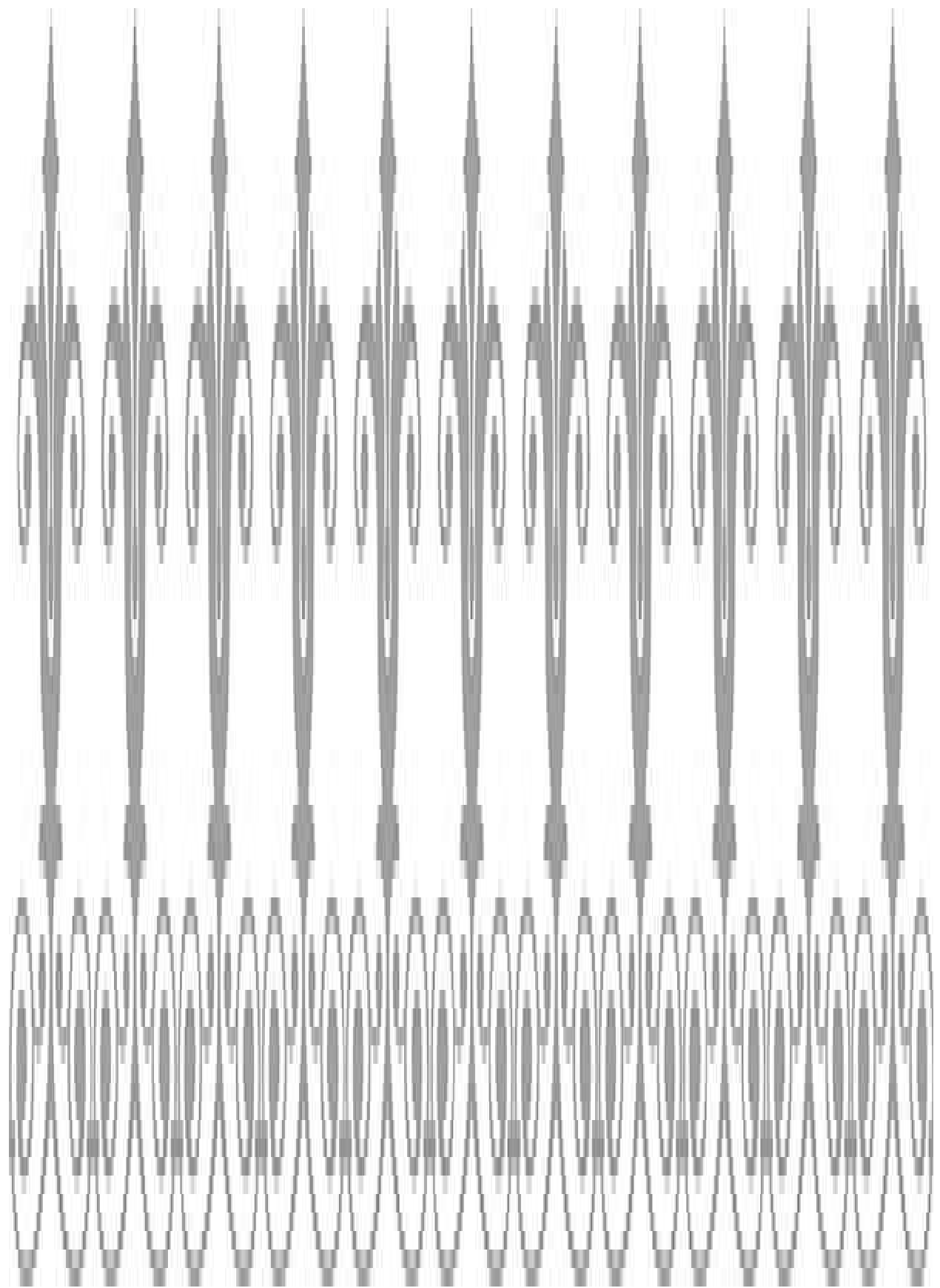
Não nos custa, absolutamente não nos custa, falar para vocês a quem reconhecemos com problemas e dificuldades, não nos custa, mas é importante para a vida espiritual de vocês que aprendam a ter essa posição correta, essa postura de corpo firme e a mente também firme. Talvez vocês não saibam, mas essas posturas de mente relaxada influenciam muito o fenômeno mediúnico; o médium é seguro, exercemos um razoável domínio sobre a sua vontade, sua mente quero dizer, não sobre a sua vontade que não nos cabe fazer isso, mas sobre sua mente no trabalho da mediunidade e isso não o atrapalha nem a nós, mas é necessário que vocês saibam que é importante e interessante, para o aprendizado, a postura correta, o pensamento correto, a superação das próprias forças de exaustão, que reconhecemos serem grandes pelos dias de trabalho que vocês passam e, para isso, recomendamos o descanso antecipado para que haja uma visão muito clara.

Este assunto é riquíssimo, e se vocês tivessem outra posição mental, não me teriam deixado chegar ao segundo caso; sei que vocês têm condições de fazer perguntas muito além das que fizeram e alguns nem sequer fizeram, tudo isso por causa da falta de preparo para o serviço. Entendam estas minhas palavras, esta minha conversa como um respeito muito grande a vocês, a quem desejamos ver sempre como alunos aplicados, futuros instrutores de outras almas que chegarão aqui, que precisarão de vocês; por força da própria vida, vocês terão que dar essas aulas a elas, porque o médium, apesar de ainda ter muitos anos pela frente, declina suas forças para o convívio com a grande multidão, e vocês terão que fazer isso passar para outros também: é importante que vocês tenham essa força íntima para o trabalho do aprendizado.

Entendam isso como um respeito por vocês, por ver que vocês têm condições de fazer mais e melhor. Está entendido isso? Todos entenderam? Então Deus nos

ajude a todos e a todos conduza. [26]





Capítulo XI

Reunião 34 — Sonhos. Casos – II

23 de outubro de 1992.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus. Forças poderosas do Bem, da Paz, do Amor e da Luz vibrai sobre todos nós que aqui estamos, vibrai sobre estas almas, sobre esta Casa Espírita, vibrai sobre todos nós.

Comecemos o trabalho da noite de hoje.

E. — Irmão Balthazar, no mês passado iniciamos nosso trabalho trazendo sete casos para serem estudados, estudamos três. Fizemos o estudo tendo por base três aspectos: a análise dos sonhos partindo do espírito; a memória e o retorno do espírito às suas origens; a memória ao despertar e as lembranças.

Dos casos estudados, ficaram cinco dúvidas que trazemos ao senhor.

Vejamos o caso em que a pessoa conta que sonha muito e não se lembra do que sonhou, acorda cansada de tanto sonhar, e teve como experiência durante o

sonho um treinamento para determinada tarefa que deveria assumir no seu trabalho.

A análise feita pelo senhor, foi do treinamento recebido durante o desprendimento, o senhor disse: treinamento feito pelos espíritos. Um dos treinamentos que anotamos, porque está relacionado à nossa dúvida, é o de aprender a voar. O senhor falou que os mais experientes vêm em socorro dos novatos para ensiná-los; os que não têm contato com a Doutrina Espírita ou com a mediunidade, nem por isso deixam de ser auxiliados; o espírito age independentemente da religião; todos os espíritos, sem exceção, vivenciam a vida espiritual, basta que tenham cultura espiritual.

A primeira dúvida é sobre o caso da pessoa que sonha e fica cansada. O que seria a cultura espiritual da pessoa que a capacita a aprender? Todos os espíritos, sem exceção, podem aprender a voar, a fazer várias coisas, a vivenciar uma vida espiritual, basta que tenham cultura espiritual?

B. — Quando me referi à cultura espiritual falei de todo aquele aparato que deve existir no médium, no espírita, no espiritualista de um modo geral; o aparato do conhecimento da vida espiritual, suas relações, sua vivência e, principalmente, as condições em que a sua vivência pode se dar.

Poderei exemplificar: na Terra o homem tem a sua própria maneira de viver, circunscrita aos seus limites de percepção, preso ao chão, andando mais rápido em função de mecanismos físicos e alimentando-se dependendo de fatores externos, sustentando a saúde quase sempre, também, em função dos fatores externos.

A cultura na Terra tem um valor relativo, a moral nela estabelecida, apenas como ética de viver, também tem um valor relativo. No Plano Espiritual esses fatores

são inteiramente diversos, o homem movimenta-se por força da sua vontade, ele não depende de veículos externos, salvo aqueles casos de espírito extremamente materializado que não consegue sair do chão. Ele alimenta-se dos nutrientes existentes no éter, no todo universal, ele não depende de fatores externos. A saúde é consequência de seu estado mental, por sua vez, ele próprio, com a sua cultura, o seu conhecimento, a sua bondade, avança, independente de fatores como diploma, para poder atuar num campo ou noutro, como interferências de A ou de B, para que ele possa ser realmente reconhecido, e o que é mais importante em todo esse assunto é que aqui os homens têm uma liberdade muito ampla de fazer o que desejam. Ao mesmo tempo em que esta liberdade lhes é dada, lhes é cobrada. O homem pode, por exemplo, estabelecer uma escola iniciática em qualquer recanto do Universo, pode plantar um hospital em qualquer recanto das zonas sofredoras, pode criar um núcleo destinado à difusão, ao estudo, ao conhecimento de alguma ciência, de alguma arte. Ele é livre, não precisa de licença para isso. Mas muito lhe será pedido porque, se ele não conhecer o terreno em que vai se instalar pode, pura e simplesmente, ser sufocado pelas forças externas, se estiver na Terra, próximo à Terra ou em qualquer planeta que se lhe equivalha.

Assim, o homem precisa conhecer muito o que vem a ser o mundo espiritual. As almas que implantam escolas, hospitais, núcleos de socorro têm que ser poderosas na acepção da palavra. Terão que ter o amor para compreender as dificuldades de todos, para ajudar aos renitentes e para criar uma obra que perdure. Terão que ter o conhecimento para ensinar, para socorrer e para ajudar, no amplo sentido do termo. Sem conhecimento e amor aqui nada se constrói, não se faz nada sem esses dois fatores. Só o amor não basta porque o amor não é tão grande em nós que permita, por exemplo, implantar um núcleo de socorro em plena área de sofrimento próxima à Terra. Teremos que ter conhecimento para estruturar barreiras, criar condições para que as pessoas se estabeleçam dentro de um grupo, uma casa, um castelo, o que seja, e obter conhecimento para criar condições para a sobrevivência dos seres que vamos recolher ali.

Só o amor não constrói nada aqui, só o conhecimento também não basta para construir. Se você tem a construção do castelo, do núcleo de socorro, por exemplo, as áreas de sofrimento, se você não tiver amor, você não estrutura essas

barreiras sólidas, porque essas criaturas precisam de muita compreensão. Inteligência por inteligência não vale. O aparato espiritual significa tudo isso, ainda que de forma superficial.

Um médium que queira trabalhar na desobsessão deverá ter conhecimento do mundo invisível, da convivência com as forças inferiores e amor ao próximo também. Ele vai conviver com forças inferiores e não poderá se assustar com elas. Ele tem que ter amor no coração para socorrer os outros, ter sensibilidade para perceber as dificuldades dos outros.

Por isso lhes digo que todo esse conhecimento espiritual é uma necessidade para todos nós.

Terminando esta parte direi a vocês que o conhecimento do mundo espiritual, dará, principalmente aos médiuns, uma condição, não digo permanente, mas uma condição contínua de compreensão. Compreensão das dores, das dificuldades e dos envoltórios das criaturas. Quem tem visão do mundo espiritual, no amplo sentido do termo, tem visão das dificuldades que as criaturas passam porque vê as inúmeras facetas da dor, do mal, e as inúmeras nuances do bem. Então ele compreenderá aquele que está na Terra.

O médium, portanto, deverá aprimorar essa sua sensibilidade, para aumentar o seu poder de atuação entre os homens terrenos. É isso que nós entendemos, superficialmente falando para vocês, desta convivência com a Espiritualidade.

E. — Quando estudamos, ainda não conseguimos analisar as situações sempre sob a ótica de que somos espíritos imortais; até agora temos dificuldades de perceber que todo o trabalho que realizamos, mesmo no mundo encarnado, tem estreita relação com o mundo espiritual.

B. — Total relação. Nós fazemos questão de lembrar a vocês por várias maneiras. Isto é um fato, não há nada que se faça na Terra, que não tenha correspondência no mundo espiritual, nada. Tudo tem relação com o mundo espiritual. Até o gesto de impaciência que vocês, às vezes, têm, alegando cansaço, saturação, tem repercussão no Plano Espiritual. A indiferença, a indolência, tudo tem repercussão no Plano Espiritual, porque quando você se apresenta para agir num campo qualquer e têm essas marcas da intransigência, da preguiça, da má vontade, tudo isso antecede a sua presença, antes de você chegar como personalidade você chega como vibração. É por isso que, muitas vezes, num ou noutro médium mais descontrolado, vocês ouvem o espírito replicar ao que vocês falam, porque o espírito, mesmo inferior, percebe isso. Daí a necessidade de vocês continuarem no exercício do aprendizado, porque vocês não aprenderam nada ainda, todos estão no exercício do aprendizado. Se nós não aprendemos tudo, o homem encarnado aprendeu menos ainda. Particularmente, aqui todos são aprendizes. Se não se aprendeu tudo, é preciso que vocês entendam que a necessidade dessa melhoria interior tem a ver com a própria condição do trabalho que vocês pretendem desenvolver. Não esqueçam, aqui, antes de vocês chegarem, de qualquer um de nós chegar, chega a nossa vibração.

E. — Quer dizer que essa cultura espiritual, que o senhor afirma que independe de religião, é aquilo que o espírito já traz em si mesmo de entendimento de vida espiritual. Mas observa-se que o homem, muitas vezes, abafa esse aspecto.

B. — O que não quer dizer que o homem prescinda da religião. O que eu quis dizer é que muitos homens procuraram desenvolver os seus sentidos, a sua cultura espiritual, mas, num dado momento, eles cortaram, isso por qualquer razão. Porém, eles já têm a conquista feita, e ela não se perde, no momento de serem convocados, eles põem essa conquista na dianteira. Olhem o que eu disse: o que vocês são vai à frente.

Apesar de, nas últimas existências, o indivíduo não ter religião, ele tem esses sentimentos já conquistados, isso segue na frente, independentemente do que ele possa ter aprendido na última encarnação.

E. — A Doutrina Espírita nos ajuda muito porque sempre nos ensina a aprender a voltar o pensamento para as coisas.

B. — A Doutrina Espírita clareia tudo isso. Você pode reduzir todo o seu sentimento pensando assim: a Doutrina Espírita clareia tudo isso.

E. — Esse tipo de homem é a regra ou a exceção?

B. — É a exceção.

E. — Quando o senhor fala dessa vibração que chega no Plano Espiritual antes de chegarmos como personalidade ela seria como um cartão de visita, que fala das características da criatura?

B. — Da criatura. Do sentimento e das características da criatura.

E. — Como encarnados nós também sentimos ISSO, quando a pessoa se aproxima.

B. — Já se começa a sentir. O homem já está aumentando a sua sensibilidade e, é claro, que isso é um resultado.

E. — De acordo com o que foi dito, para ficar mais claro na minha cabeça: a exceção é aquele homem que já tenha experiência sobre o mundo espiritual, sobre a cultura espiritual, sobre a religião que cortou. A maioria seria formada por aqueles espíritos, aquelas almas que ainda não começaram a travar laços com a religião?

B. — Não. Eu disse que a exceção é o homem com conquistas e atualmente sem religião.

E. — Há muitos homens hoje, sem religião.

B. — Sem religião oficial. Eles têm sentimento religioso, não é vibração boa. Eles não se adaptam às religiões que existem, mas têm sentimento religioso.

E. — Uma criatura que se diz incrédula, mas que vibra bem...

B. — Se ela for uma pessoa que vibre bem com religiosidade, crença em Deus, por exemplo, ela é uma religiosa para a nossa visão. Mas aquela criatura que diz assim: “Creio no que vejo e amo o que vejo, vivo pelo que vejo”, sem nenhuma ligação com a espiritualidade, essa é a que eu digo que cortou os laços anteriormente.

E. — É aquela pessoa que já está transformada?

B. — Já está transformada e ama. Vocês não veem quantos homens no mundo atual dizem que não têm nada a ver com Deus. Fazem o bem e não vibram com Deus. Há os que dizem que nada têm a ver com Deus, mas vibram com a ideia religiosa, têm um sentimento religioso dentro de si; eles não vibram é com qualquer uma das religiões que existem, mas têm o sentimento religioso. Há outros que não têm o sentimento religioso, têm o sentimento, por exemplo, do respeito à vida, à Natureza, são éticos. Esses eu digo que já passaram pelo sentimento religioso e que, a partir de certo momento, cortaram esse sentimento das suas relações.

E. — Algumas pessoas apresentam respeito pela Natureza, pelos animais e nem tanto pelos seres humanos. Até, às vezes, têm essa relação com os seres humanos de forma conflituosa, um pouco egoísta. Com o animais, com a Natureza a pessoa tem uma relação de extrema sensibilidade. Estariam enquadrados mais ou menos nesse item?

B. — Não mais ou menos, e sim totalmente. Essas criaturas só têm medo de conviver com o ser humano. Elas preferem colocar nos animais o seu afeto porque é onde não há conflitos.

E. — Outra dúvida em relação ao primeiro caso, seria sobre o aspecto do cansaço ao acordar. O senhor falou do cansaço na pessoa com tendência a se exaurir, do cansaço na pessoa que trabalha a ideia de doença dentro de si, consequentemente impondo a doença ao corpo físico, e do cansaço relacionado à tensão. Falou também que a resistência do perispírito está na razão direta da força mental, referindo-se ao cansaço perispiritual, porque no distúrbio provocado pela desarmonia do espírito, o primeiro a ser atingido é o perispírito. A dúvida é quanto ao que seria esse cansaço perispiritual, poderia falar mais a respeito?

B. — Para que vocês percebam o perispírito, é preciso que vocês se habituem a se desprender do corpo, de um ponto de vista de encarnado. Vocês precisam fazer exercícios de desprendimento para que vejam o próprio perispírito, para que, pelo menos, pressintam o perispírito de vocês.

E. — Por que nós temos medo de fazer isso? Eu particularmente tenho medo de fazer isso.

B. — Vocês têm medo de desencarnar. O corpo, para vocês, é a segurança. Quando vocês aprenderem a se exercitar no desprendimento do próprio corpo, vocês vão aprender a ver o perispírito, senão vocês não conseguirão fazê-lo, nunca terão noção desse fato. Para que vocês possam sentir isso de maneira mais clara, eu direi a vocês que experimentem concentrar-se intimamente em uma ideia, a ideia de Deus. Quem é Deus? Um ser, uma inteligência muito acima da nossa. Tentem atingir essa ideia, como se vocês mentalizassem algo a distância. Tentem ficar parados com o corpo e tentem atingir pequenas distâncias, aquela porta, por exemplo, no final do corredor. Vocês certamente não sairão do corpo, porque não poderão fazê-lo, mas vão sentir que algo sai do seu corpo. Por esse simples exercício, que tem que ser feito em silêncio, sem interrupção, vocês vão começando a perceber que algo sai de vocês. Quando começarem a perceber esse algo que sai de vocês, já estarão começando a ver, a sentir o perispírito de vocês, porque é o próprio perispírito que sai. Para isso é preciso o exercício. O encarnado não pode ver o perispírito, a não ser por esses exercícios, salvo se for vidente, então poderá ver o de alguns dos homens encarnados. Se ele não tiver esse poder de vidência, só verá pelo desprendimento, esta é a maneira que vocês vão encontrar de visualização. Mas não pensem que basta dizer: vou sair daqui para aquela porta. Não, é preciso, por exemplo, principalmente, amortecer as condições orgânicas, não permitir que o corpo tenha a sua força tão grande sobre o espírito, afrouxar.

E. — Um relaxamento.

B. — Não do ponto de vista humano, mas a partir da mente. Em seguida a esse afrouxamento, caminhar com sua inteligência plena; ele não pode se esquecer da inteligência, não pode apenas querer sair daqui para lá. Ele tem que fazer com inteligência, tem que saber que está saindo do corpo, tem que pôr para fora essa sensibilidade. Em seguida ele tentará ver a sua mentalização, o afrouxamento dos laços físicos, ver aonde consegue chegar nesse exercício. “Eu consigo ir até àquela porta, como se visitasse a estrutura metálica dela, e deixar o corpo aqui?”

Isto é o que acontece; agora, quais são as doenças que existem no perispírito? Eu tentei mostrar a vocês como os encarnados podem ver o seu corpo espiritual. Mas o corpo espiritual, diferentemente do corpo animal, tem um outro tipo de alimento. O corpo animal visa a extrair da massa alimentícia os recursos nutrientes à sua sobrevivência. No Plano Espiritual o princípio é assemelhado, mas é diferente para os espíritos superiores. Nos espíritos superiores a mente busca Deus, regiões cada vez mais elevadas. Essas regiões elevadas trazem na sua estrutura valores alimentares muito grandes, porque tudo é obra de Deus, o grande foco gerador de tudo. Essas forças nas regiões mais altas, são totalmente fortificantes, quanto mais você ascende mais penetra nesse todo, mais você se nutre.

E. — Como se a pessoa fosse se sentindo mais vital? Como nós sentimos no corpo físico a vitalidade?

B. — Exatamente. Como se ela fosse se sentindo mais vital. Ela faz isso, ascensão, mais força, mais nutrição, que vem de Deus.

E você me dirá: “E quando você encontra um ser doente?”, mas a doença no perispírito — não se esqueçam disto — é sempre resultado do desequilíbrio do homem. O homem funciona como se fosse uma célula doente no organismo sadio. Por que ele fica doente? Porque baixa o padrão vibratório, porque comete o mal, porque provoca dissensão. Nem o homem ignorante fica doente no seu

perispírito, mas o homem quando começa a adquirir o conhecimento das coisas, começa a praticar o mal, começa a provocar a dissensão, então, começa a adoecer. Ele é a célula cancerosa no meio do todo sadio.

O selvagem, o homem simples, não tem perispírito doente. À medida que ele vai adquirindo livre-arbítrio, vai começando a fazer o mal e vai sendo a célula doente no meio do organismo são.

E. — O selvagem age dentro da Lei; quando começa a usar o livre-arbítrio, ele começa a sair da Lei?

B. — Totalmente, ele absorve as coisas simples. Dizem que as grandes cidades são focos de doenças, por quê? Porque em sua volta há inúmeros pensamentos, inúmeras células malsãs. No campo? Poucas células malsãs, uma ou outra, mas se você não se misturar com aquelas pessoas ruins. Na cidade pequena ou no campo, você dirá assim: “Que ambiente excelente!”... Mas basta você chegar perto de um ou de outro que seja ruim e você vai dizer “Eu pensei que este campo fosse muito bom e não é”. Por causa do campo ou por causa da pessoa que você encontrou ali?

E. — O campo continua o mesmo.

B. — Continua, mas você não pode dizer o mesmo em relação à cidade, onde a soma das criaturas presentes, muito grande, quase sempre abafa os sentimentos, as vibrações.

O homem, à medida que provoca o mal, ou à proporção que entra nessa faixa, mesmo sem provocar o mal, tem o perispírito malsão. Exemplificando: homens

inteligentes em meio a sociedades perversas, se eles não adquirem a perversidade, adquirem frieza, adoecem o perispírito. Homens bons se esforçam continuamente, sem tréguas, para conseguir manter a integridade do seu perispírito. É uma permanente tarefa, a de se elevar. Se não tiver em si essa vigilância, ele se deixa envolver, não poderá fugir — salvo aquelas almas angelicais — ao resultado do ambiente. É assim, por exemplo, que ele pode sustentar o ânimo, mas o corpo impõe a doença, que passa de uma forma ou de outra para o perispírito. Não passa para o espírito, mas passa para o perispírito. Passando para o perispírito, ele, de qualquer modo, fica com o perispírito doente, salvo condições especialíssimas, inexistentes praticamente no planeta Terra.

Vocês veem esses espíritos de escol, encarnados na Terra, com o corpo doente, não tenham a menor dúvida, se vocês olharem para o perispírito deles, verão marcas da doença. Mas se olharem para o espírito deles, verão uma constante reação contra a doença do perispírito. Logo que desencarnam eles passam a mostrar a pureza em seus espíritos, eles conseguem fazer com que seus perispíritos sejam imediatamente sãos.

E. — Como se toda aquela enfermidade ficasse na matéria.

B. — Deixam na matéria toda aquela doença.

E. — Então, quando o homem pratica o mal, quando age mal, o perispírito não só vai absorver enfermidades do ambiente como também dele mesmo, e ficam marcas profundas, que acompanham o perispírito um certo período até curar.

B. — Tal seja a intenção com que ele tenha agido. Há casos aqui de espíritos notoriamente inferiores que não têm o perispírito tão atingido quanto certos espíritos que não foram tão inferiores. Esses seres inferiores, às vezes, não

têm a intenção do mal, razão de não atingir o perispírito.

E. — Agem mais por ignorância?

B. — Que atinge, mas não na profundidade do mal daquele que age com espírito premeditado.

E. — Maldade consciente. Sempre que eu estudo O Livro dos Espíritos, ele me traz este raciocínio que eu gostaria de expor para ver se está certo: o espírito evolui pela própria força das coisas, a ação da Lei, sem ainda ter desenvolvido o livre-arbítrio e o consequente discernimento; então, ele dá essa noção do selvagem que comete, aparentemente, menos mal do que o outro da cidade. À medida que ele adquire o livre-arbítrio, que começa a errar, porque está treinando discernimento, ele adquire doenças, e todas essas coisas. Por isso, o selvagem não tem marcas tão profundas no perispírito e o outro tem. E também me fez raciocinar em torno do cansaço perispiritual, como sendo, realmente, consequência do processo evolutivo do espírito.

B. — Exatamente isso. Consequência do processo evolutivo do espírito e do mundo em que você vive, das vibrações, todas malsãs, que existem em torno da Terra.

E. — Essa evolução, nós podemos falar que do espírito mais simples até à complexidade da alma, isso se dá com todos os espíritos, adquirir essas doenças? Faz parte da evolução do espírito?

B. — Todos os espíritos. Faz parte da evolução do espírito.

E. — Sabemos que o espírito não retrograda, e pensando assim, à medida que ele vai adquirindo o raciocínio, a inteligência, aumentando a sua potencialidade nesse campo, ele prefere ainda, agir de forma errada?

B. — Quem disse que ele prefere? Ele está descobrindo, ele ainda não tem preferência. O selvagem é puro não por pureza, e sim por não ter adquirido as condições. Ele é selvagem, é puro, porque não teve o exercício das paixões.

O espírito não retrogradou, ele está adquirindo. O perispírito é que está com marcas, mas o espírito não retrogradou. Ele saiu da fase da infância espiritual e está aprendendo a conhecer suas próprias potências.

E. — Comparando com a criança, ela passa por uma fase inicial de egocentrismo; com o aprendizado ao longo dos anos, esse egocentrismo vai sendo apresentado, mas não com tantas marcas evidentes, vai mesclando com o aprendizado intelectual e moral. A imagem que dá é semelhante a isso. O selvagem nasce assim e de certa maneira ele se abre, chega uma fase em que ele tem esse egocentrismo muito evidente, muito marcado, que é o problema da disputa do eu, do “querer só para mim”. Posteriormente, até essas lutas e esse aprendizado humano do dia a dia das reencarnações fazem com que ele vá se abrindo, como uma pequena casca que vai rompendo esse egocentrismo.

Esse egocentrismo é quase que uma fase essencial, normal, natural do processo evolutivo?

B. — Melhor dizer natural.

E. — Até o significado da Lei: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, seria uma escala inversa, o indivíduo aprende a amar a si mesmo, a amar ao próximo e depois amar a Deus. Numa fase muito primitiva ainda, em amar a nós próprios.

B. — Exatamente. Porque você não tem o discernimento das coisas superiores, você apenas viveu, você trabalha em cima do seu mundo próximo, e o mundo mais próximo de você, é você mesmo, é o seu corpo.

Repare que o egoísta, de um modo geral, é profundamente narcisista. Ele se admira, se defende, se ama, independentemente de estética. Não confundam esse narcisismo com estética, é no sentido de se amar muito, se admirar muito.

E. — Eu acho muito importante entender esse aspecto, porque nessa fase de egocentrismo, que poderia ser natural, a pessoa pode descambar para o egoísmo mesmo.

B. — Com toda certeza.

E. — E o egocentrismo seria uma forma natural de evolução, mas não necessariamente um ser egoísta vivenciar egoisticamente só para si todas as coisas. O centro, o polo do mundo?

B. — Não necessariamente.

E. — Seria uma fase pela qual ele passaria para, posteriormente, pelo entendimento, pela força de contato com a sua realidade ele se abrir e se adequar à realidade do mundo?

B. — Exatamente.

E. — Foi puro no período selvagem, sujou-se no aprendizado das paixões e vai aprender a se limpar por si mesmo.

B. — Exatamente.

E. — O senhor estava falando da lesão do perispírito e eu me lembrava de que, quando tenho um pensamento menos digno, quando falo alguma coisa menos digna, eu me sinto muito mal, mal comigo mesma. Agora eu compreendi, o princípio é o mesmo.

O senhor falou nesse processo de nós lançarmos o nosso perispírito para adiante, para podermos visualizar e compreender o que é o perispírito. No Plano Espiritual pode o espírito deslocar o perispírito de um encarnado para atuar nele? Com o homem consciente, trabalhar fazendo operações, trabalhos curadores no perispírito?

B. — Pode.

E. — O senhor, às vezes, fala do perispírito como se ele fosse uma entidade quase independente, é isso? Suas palavras dão essa noção, essa ideia.

B. — Perispírito não é independente, ele é sempre veículo do espírito, mas o homem não tem consciência do seu espírito, ele tem consciência do seu perispírito. Você não distingue o seu perispírito, muito menos o espírito. E eu falo como se ele fosse uma entidade independente, já que o homem não tem noção.

E. — As minhas referências são como eu espírito, isso não é identificar?

B. — Você pensa que se referencia a você como espírito, mas se referencia como alma. Eu explicarei e você entenderá. Você se referencia como alma porque se referencia com as suas qualidades, conhece as do seu espírito? Você não se referencia à sua alma com as conquistas que você tem.

E. — Com as conquistas anteriores não, mas com as tendências, com o jeito de ser, a maneira de agir.

B. — Mesmo suas tendências têm proximidade com a alma.

E. — Isso é tão apagado assim? Eu não imaginava que era tanto.

B. — Muito. Há uma força, uma potência. Vocês, encarnados, não têm a menor noção da potência da alma. Encarnado não consegue ter noção da potência da alma.

E. — A cultura espiritual ainda é pequena?

B. — A cultura espiritual é pequena. Você se referencia à sua alma, você diz, que se referencia às suas tendências, que tendências?

E. — A tendência para o bem é uma delas.

B. — E você acha que a tendência para o bem é uma linha estreita, ou uma rua pequena?

E. — Não, cada vez que eu entendo mais essa tendência em mim, eu vejo que é uma coisa enorme.

B. — É imensíssima. Você será capaz de referenciar o bem que você diz já referenciar, o bem com relação ao próximo?

E. — Eu percebo que eu achava que tinha, e agora eu tenho certeza que eu não tenho.

B. — Você vê que é muito egoísta ainda.

E. — Muito.

B. — Então, você se refere à sua alma e não ao seu espírito.

E. — É complicado isso.

B. — É extremamente fácil isso. Vamos fazer a análise utilizando-nos de uma outra virtude, a do amor ao próximo, que é a mais chegada a todos, diz você que tem isso. O que é amor ao próximo? é a primeira pergunta. Em seguida passaremos à análise da virtude maior do amor ao próximo, que é a caridade. Depois, à análise, tão grande quanto a caridade, que é o do sentido de convivência. Depois, para a análise da superação das dificuldades. Poderíamos ainda analisar a total incapacidade de prejudicar a pessoa, sobre qualquer aspecto. Se quiser aprofundar mais um pouco, você poderá dizer que não é capaz de pensar, sequer, qualquer coisa contrária a nenhuma criatura humana. Depois diríamos assim: seria incapaz de levantar a mão para destruir qualquer coisa com referência a um ser, a coisas, a sentimentos. Depois avançaríamos um tanto mais, depois de você ser incapaz de fazer qualquer coisa, você realizar todos os movimentos para fazer com que o outro cresça nos seus valores, fazê-lo crescer no amor, na caridade, na incapacidade de qualquer mal a qualquer pessoa, na capacidade de pensar, enfim, você terá condições de fazer tanto bem aos outros quanto você já vislumbra para você próprio?

Então, você começa a abrir um enorme campo de concepções de amor ao próximo em que, eu repito, você só se referencia à sua alma, porque o seu espírito, ao longo dos milênios, vai adquirindo esses valores lentamente, pois não existem saltos no progresso humano. Existe conquista.

Apresentei apenas valores que eu dou na escola de espiritualização, princípios básicos de espiritualização dados aqui num núcleo específico. Para as aulas de nível médio, fazemos isso tudo para ensinar a criatura a projetar para o seu futuro espiritual, criar condições para projetar para o seu futuro espiritual essas conquistas todas. Num nível superior, será aprender a conviver com os que já são tudo isso.

Você sempre se refere à sua alma, não consegue se referir ao seu espírito. Quando eu falo em perispírito como uma entidade independente, estou falando de alma mesmo. Porque para homem encarnado chegar a este ponto em que nós estamos, de dar esta aula, são precisos mais de 200 anos fora da Terra.

E. — No caso de a pessoa ser ostensiva no trabalho com os pacientes, seria um aprendizado desse amor ao próximo? Mas quando você está num meio, como o de uma enfermaria, nota que as pessoas têm outros valores. Isso, até certo ponto, parece que vai ferindo as pessoas, como se não fosse sincero, elas acham que aquilo que você faz é para se sobressair ou para magoá-las.

B. — Eu disse que vocês vivem numa sociedade difícil.

E. — Até várias brigas, as pessoas ameaçam. Você para e pensa: “Ou eu estou provocando, ou está tudo errado, ou eu não posso mais ser assim”. Dá uma confusão, dá um nó. Aquilo é sincero.

B. — Porque você é assim, é a sua natureza. Isso é um exercício de convivência que faz parte dos homens da Terra.

E. — Eu não entendo que sentido tem, para certas pessoas, destruir a carreira de outras pessoas, humilhar.

B. — Isso é o mal que ainda existe nas criaturas humanas. São as influências que se sofre no mundo.

E. — Isso é um aprendizado, pequenininho ainda, de amor ao próximo, mas já é um começo?

B. — Um exercício para você descobrir os valores da sobrevivência espiritual, no meio desta floresta de paixões que é o ser humano.

E. — E, em espírito, como fica essa criatura que está nesse exercício, nessa luta?

B. — Todo o mal que você faça, tenha ele o tamanho que for, à medida que você se conscientiza dele, você sofre. Enquanto você não tiver consciência, você não sofre.

E. — Uma pessoa boa, que está se esforçando, se dedica ao bem, como é, em espírito, essa pessoa?

B. — Uma pessoa que está em processo de aprendizado. Se for uma pessoa perceptiva, irá ver que seu espírito está aprendendo a adquirir uma coisa chamada resistência, é a sua primeira lição. Depois que ela aprender a adquirir resistência, vai aprender a adquirir o amor, incipiente, ou seja, começar pela compreensão da inferioridade dos outros. Depois vai adquirir a noção de que se a coisa não lhe chegou naquele local, era para preveni-la de problemas maiores. Depois ela vai compreender que aquilo tudo faz parte da vida de débitos e créditos que cada um de nós tem. Os princípios básicos são esses.

E. — Todo mundo fala que, nesses casos de carreira, as lutas serão sempre maiores.

B. — O homem percebe de modo espontâneo que, para exercer alguma coisa, ele tem que ter autoridade moral. Autoridade, no caso, é a autoridade do conhecimento.

E. — Pelo que estou entendendo, para o espírito seriam aquelas aquisições totais, ameadadas pelas existências, e para a alma seriam as desta existência, mais superficiais.

B. — A personalidade.

E. — Pelo que podemos observar, na verdade, a pessoa nem se conhece; ela tem dificuldade de se conhecer. Olhar no espelho, ver como realmente somos e aceitar essa nossa realidade é muito difícil. Primeiro reconhecer, segundo aceitar.

Léon Denis nos fala a respeito das potencialidades da alma. Ele começa a esboçar um raciocínio, em torno de colocar a nossa mente do ponto de vista filosófico, projetando esses aspectos da alma para o futuro. Quais são as aquisições que podemos adquirir para atingir esses objetivos, já que nós temos dificuldade de nos reconhecer e de nos aceitar como somos?

B. — Ele falou das potências da alma para homens, não esqueça. O que ele falou está exato para os homens.

E. — Como poderíamos entender melhor isso, para homens, na nossa visão de encarnado. Como poderíamos entender essas potências da alma aplicadas às nossas dificuldades terrenas, tendo em vista o nosso progresso, o nosso futuro?

B. — Se você olhar para si mesmo e disser: “Tenho que chegar a um objetivo, vou chegar a esse objetivo. Para chegar a esse objetivo, devo me esforçar”, você tem todo o caminho traçado. “Vou chegar a um objetivo”, que é o progresso. É preciso que você tenha em si a noção de progresso. Você precisa ter noção de progresso para querer crescer.

Você pensa que na Espiritualidade o ser que se incapacita voluntariamente, que estaciona voluntariamente, progride? Ele não tem noção do futuro, assim ele não progride, falta-lhe a noção do futuro, ele precisa aprender a ter essa noção do futuro. Se ele não a tiver, não progredirá.

Essa enorme massa humana vivendo naquele simbolismo do nascer, comer, procriar e morrer, trabalho no meio para a sua sobrevivência, ela trabalha porque, se não trabalhar, não come. Se tivesse tudo nas mãos, provavelmente não trabalharia. Você crê que isso é progresso?

Essa enorme massa de seres, muitos dos quais até fazendo parte da convivência diária de cada um, você pensa que eles estão progredindo? Certamente que não. Porque não têm noção do progresso, têm a noção da sua sobrevivência, mais nada.

Então, não serão levados em conta os seus esforços? Sim, mas não do ponto de vista de progresso. Como um homem simples, um pai que promove a educação de um filho com vistas ao seu progresso, ele o faz por amor ao filho, é um sentimento, é um tipo de sentimento, o desejo de que um filho tenha um futuro

bom, seja uma pessoa que vença no mundo, é um tipo de sentimento. Quando esse pai diz: “Vou dar uma educação ao meu filho porque eu não tive” é um outro tipo de sentimento, é um sentimento egoísta, vaidoso também. Quando ele diz: “Vou permitir que meu filho possa ter as suas condições de alma para fazer o seu caminhar como espírito” é outra visão das coisas. É o começo da visão superior, é o criar a oportunidade para que ele próprio caminhe depois.

Esses espíritos de um modo geral, quando chegam ao Plano Espiritual têm grandes decepções, porque são acordados os seus valores de espírito. Eles veem que agiram muito mais pelo egoísmo, muito mais como alma do que como espírito. Aí retornam com novas concepções, às vezes, pedem vida simples no meio de pessoas, dos seus próprios, para que voltem a ensinar perspectivas mais amplas para eles, para os seus. Porque ele, às vezes, já tem o valor, mas a alma ficou condicionada às condições de sua sobrevivência.

Reencarnam em países pobres, em aldeias pequenas, no Brasil também. Qual é o grande anseio daquele pai? A sobrevivência, o assegurar o seu futuro. Há alguns, por interesse pessoal ou porque apoiam os seus filhos, que vislumbram como se aquele filho, numa tarefa, pudesse dar um salto adiante. Eles dizem assim: “Vai, segue”. É um espírito com uma outra doação. “Segue, porque você tem direito ao progresso.” Por isso eu disse, ele tem que combater o egoísmo dentro de si mesmo para manter o filho junto dele, porque ele sabe que vai perdê-lo. Aquele nível de convivência da alma, precisa desprendimento e só o espírito faz isso. Só pelas conquistas do espírito, não faz pela conquista da alma não.

Há muitos pais que vocês dizem que são simples porque vocês não são capazes de vislumbrar o valor da alma deles. Há muitos que têm grande cultura e são simples, são só almas.

E. — Então, o nosso amado Léon Denis estimula o homem a buscar suas potencialidades, como homem, como alma, para ser espírito.

B. — Exatamente.

E. — Nesse ínterim entram os conflitos, os testes, os testemunhos, as dificuldades.

B. — Nenhum progresso é feito em linha reta.

E. — Parece que a vontade é tipo marcha de carro, às vezes está em primeira, outras em quinta, volta para a primeira, enfim, é uma coisa muito oscilante. A pessoa está dentro da Casa Espírita, tem todo aquele apoio, aquela força, se robustece, parece que projeta o futuro, vai até outro planeta e volta, quando nós somos colocados em determinadas circunstâncias, vamos ver que, na verdade, aquele projeto é o mesmo que pesa. Há uma dicotomia entre o peso da alma e o valor do espírito.

B. — A isso você pode acrescentar um fator que eu não disse, e agora direi em termo do seu raciocínio, é que a vida na Terra, além de ser muito curta, é muito transtornada pelos fatores externos. Não acontece isso na vida do espírito. As nossas decisões, quando tomadas, são mais firmes. Na Terra vocês têm muitos fatores adversos, a heterogeneidade é um deles.

E. — Existe um exercício físico em que se coloca um peso na cintura para pular, a ideia que eu tenho é mais ou menos essa, nós estamos no corpo, e tentamos, com esse peso todo, ficar pulando...

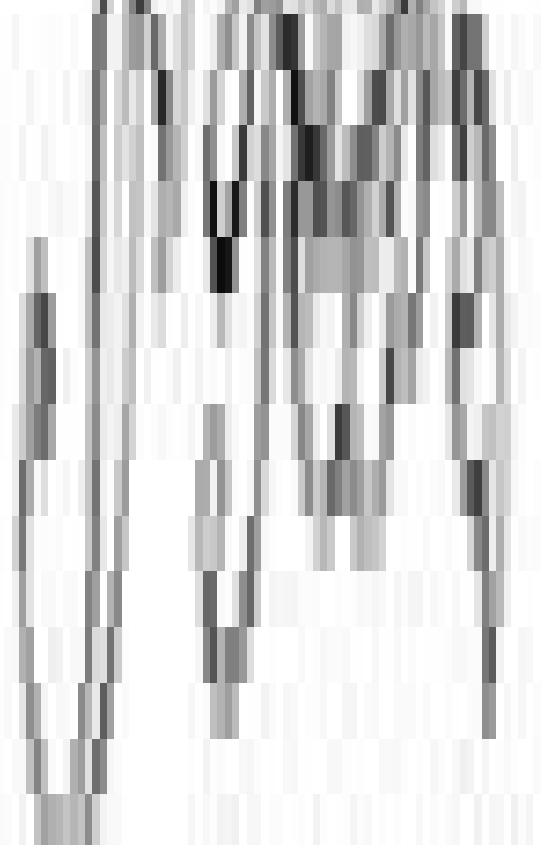
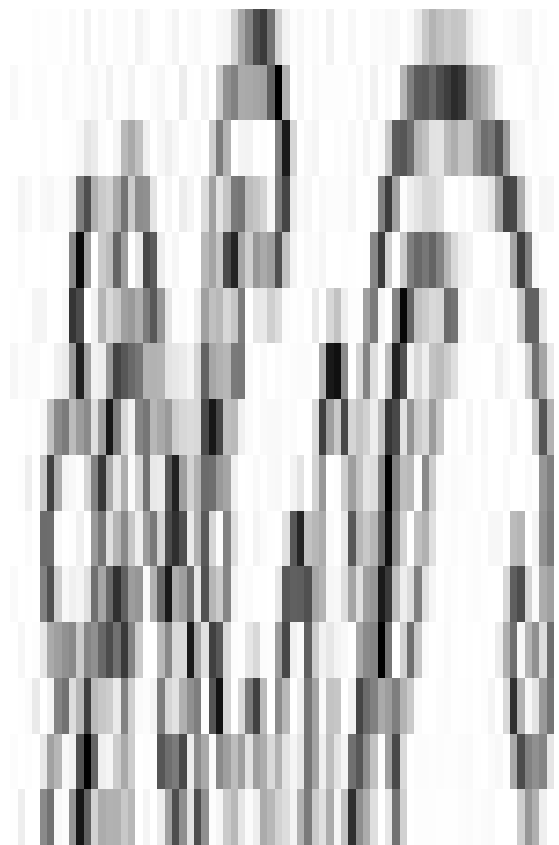
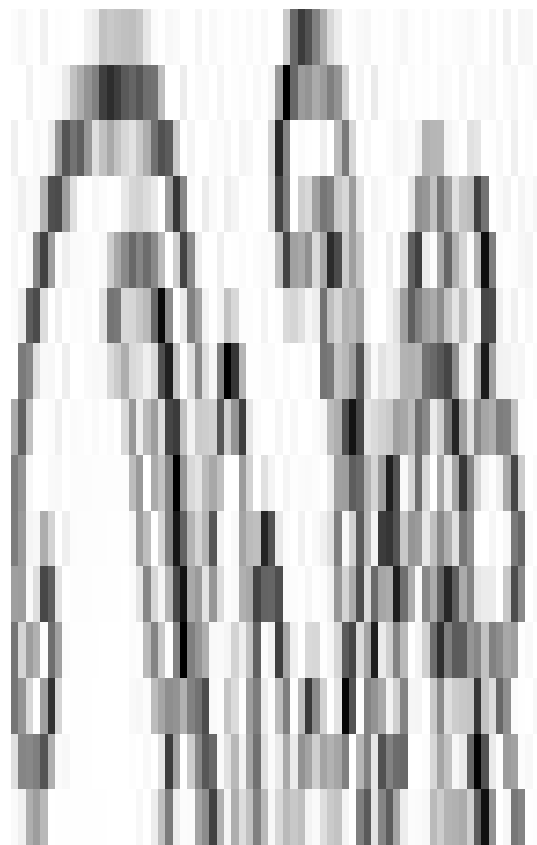
B. — Para chegar a algum lugar.

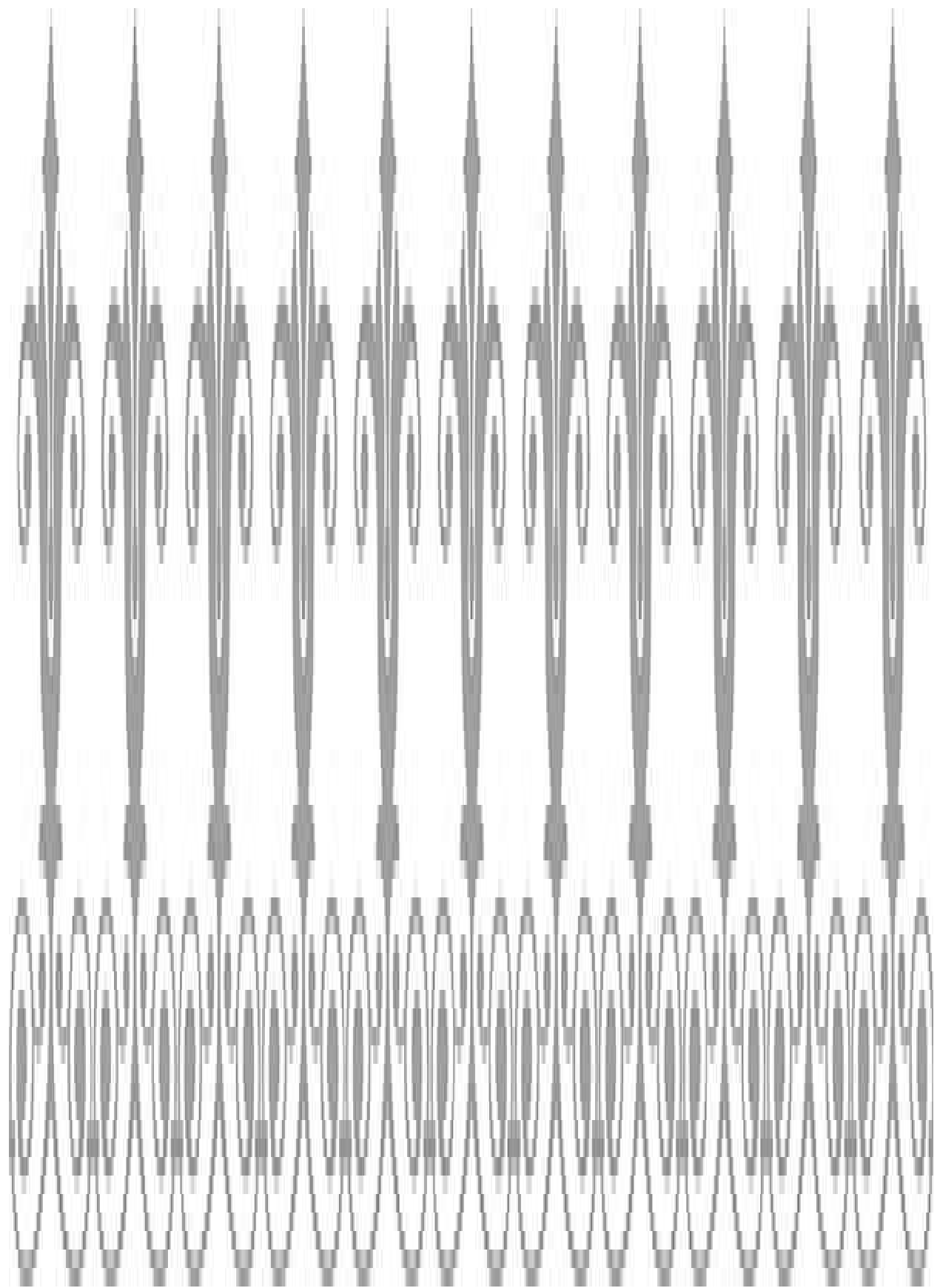
E. — E quando saímos do corpo, tendo uma visão mais ampla, com a mesma vontade que aplicávamos para subir com o peso, com a saída do corpo se consegue dar um salto mais alto.

B. — O princípio é esse.

Bom, vamos parar aqui, as outras perguntas, baseadas no que eu já lhes falei, complementem e façam as outras perguntas que serão relativamente simples de serem respondidas.

Que Deus ajude a vocês todos!





Capítulo XII

Reunião 35 — Sonhos. Casos – III.

27 de novembro de 1992.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus. Irmãos e amigos elevem as vossas vibrações até os vossos mentores e neles sintonizem, aplicai o autopasse. Deus ajude a todos.

E. — Irmão Balthazar, estamos dando continuidade aos casos que estávamos estudando e à revisão dos já estudados. Temos dois casos, relato os dois juntos ou um por um?

B. — Leia só o segundo caso.

E. — A pessoa sonha muito, o sonho marcante que nos foi contado é o seguinte: “ela perdeu a mãe muito criança e, inconformada, chorava muito. Era muito agarrada com a mãe, um dia, com saudades, se isola e, após tanto chorar, tem uma experiência viva: sua mãe a visita, a consola e, após algum tempo, vai embora. Acorda e descobre que estava sonhando, não havia percebido que adormecera”.

A análise feita pelo senhor e pelo irmão Hermann é a seguinte: “Não foi um sonho, foi um desdobramento espiritual, se desprende e depois dormiu”.

O senhor diferenciou o desprendimento do desdobramento informando que, no desprendimento, quando se adormece, primeiro se põe o corpo em repouso; o espírito então atua sobre a sua própria consciência de encarnado e põe a mente em repouso também; que o espírito sai daquele corpo que está em repouso, totalmente desligado, mas que ainda não adormeceu completamente, e que o corpo se torna uma massa material deitada na cama. Disse também que o espírito então adormece sua mente; seu consciente adormece.

Quanto ao desdobramento, o senhor explicou que o corpo adormece; o espírito então põe o consciente para atuar, ele não desliga sua mente do corpo; ele sai do corpo, mas mantém sua mente alerta e plena consciência do que está fazendo.

Outro assunto que o senhor abordou, em relação a esse sonho, foi a existência de um fato, conhecido pelo nome de automatismo, que acontece no mecanismo do sono e sonho, onde o espírito decreta para sua mente: “durma também”, e que esse mecanismo é um condicionamento.

Explicou o mecanismo da insônia, quando o espírito não consegue decretar “durma também” para a mente, pois seria uma forma de a pessoa conviver mais intensamente com seus conflitos, durante o sono seria um aspecto de defesa. Seu corpo até repousa, mas sua mente não.

Então, diante do estudo, surgiram duas dúvidas. A primeira dúvida é a seguinte: mente, que instituição é esta? É material, espiritual? Com base nessa explicação, o senhor poderia nos falar, novamente, sobre o mecanismo do desprendimento e as diferenças ocorridas no desdobramento? O assunto não ficou muito claro para nós.

B. — Iniciemos pela definição de mente, de cérebro, de espírito. O espírito, em sua natureza íntima, é um ser pensante, ele vibra como um todo, registrando com toda a sua plenitude as sensações externas; você não pensa pelo cérebro, você não pensa pela mão, como espírito, o seu todo registra o que existe à sua volta. Se pudéssemos assim falar, diríamos que os espíritos da categoria superior têm olhos por todo o seu corpo e, da categoria mediana para cima, têm uma percepção muito aguda de todos os fatores, de todos os fenômenos, de tudo o que existe à sua volta, isso caracteriza o espírito já liberto da sensação física de enxergar pelos olhos; os espíritos medianos para o alto, sem que sejam espíritos puros que enxergam pelo todo, também têm uma capacidade restrita àquilo que se convencionou chamar de região cerebral. Eles teriam capacidade de ver por toda a cabeça, sentiriam por todo o corpo; os espíritos de condições medianas para cima olham para você, que está defronte dele, e serão capazes de ver a todos. Você, sendo um espírito mais simples, pensará que ele está olhando somente para você, porém, simultaneamente, ele estará olhando para os lados, vendo o comportamento de todos e até mesmo olhando para trás. Quer dizer, na cabeça desses espíritos reside a sede da percepção, que na Terra se chama a percepção da vidência. Nos espíritos bastante elevados isso se dá pelo todo, nos espíritos medianos para cima isso ainda está condicionado à região cerebral, é o que poderíamos chamar de automatismo biológico espiritual; eles se acostumaram a olhar pelos olhos, mesmo elevados enxergam pelos olhos.

Já naqueles que perderam as lembranças do corpo físico, isso não existe, então enxergam por um todo. Isto está claro?

O espírito de mediano para baixo verá exatamente como se fosse um ser encarnado, embora a sua vidência possa ultrapassar uma parede, um obstáculo qualquer, possa até ver um pouco mais à frente, ele ainda tem aquela sensação da capacidade de ver. Isso mostra que é o espírito o ser que pensa, no cérebro físico. Nós temos, e isso vocês conhecem muito bem, toda uma série de mecanismos que implementam a ação da vontade do espírito. Mas, entre o cérebro físico e o

espírito imortal, existe aquilo que nós chamamos de mente, ou seja, o registro dentro do próprio corpo espiritual, dentro da sua textura espiritual de todas as suas experiências, até então, o homem, limitado ao seu mecanismo de automatismo, considera que pensa pela cabeça quando, na realidade, ele todo registra, ele todo pensa; então, nos espíritos medianos esse processo é o mesmo da vidência, esse processo vai se distendendo até chegar aos espíritos elevadíssimos, que não têm a forma conhecida, que para os homens pode parecer absurdo. Quando querem se apresentar, o fazem com a forma humana, mas, repito, eles não têm forma sequer conhecida pelos homens, a forma deles é totalmente irregular para os homens materiais, os homens da Terra.

E esses espíritos, medianamente para baixo, têm essa lembrança no corpo espiritual, que nós chamamos de mente. Então, você, encarnado nesse seu corpo com a facilidade de apreensão, de percepção que você tem, diríamos que a sua máquina cerebral está razoavelmente identificada com a sua experiência de espírito, por quê? Porque você registra fatos, adquire conhecimentos e é capaz de projetar, um pouco mais para frente, matérias que já são de interesse do seu espírito, mas que já são também do conhecimento do seu espírito.

Pode-se dizer então, que o seu cérebro está razoavelmente próximo daquilo que você tem na sua mente, ou seja, daquilo que você é como espírito, mas vamos pegar um indivíduo que, por força das circunstâncias, não tenha tido alimentação adequada na infância, possibilidade de estudar e já esteja mais envelhecido, cujo cérebro não responde aos convites que se lhe façam em torno de uma matéria qualquer, mas cuja mente diga assim: “No entanto, eu sei, eu conheço, eu tenho essa experiência”, diremos então que essa lembrança, esse conhecimento que ele não consegue expressar na Terra, é porque não teve uma alimentação adequada, porque já está cansado, já está envelhecido, a vida não o favoreceu, o embruteceu pelo trabalho, entretanto ele não pode apagar aquilo que já tem conquistado dentro de si, quer dizer, a sua mente tem aquisições que não consegue correspondência alguma, ou pouquíssima correspondência com o cérebro.

Enquanto que, no seu caso, diremos que o seu cérebro tem uma correspondência relativa com sua mente, neste outro caso que eu citei o cérebro não tem quase que nenhuma correspondência com a mente. Se vocês forem colocados mente a mente provavelmente são mentes iguais ou diferentes, mas com capacidades que o cérebro não ensina, não permite ver. Isso ficou agora suficientemente esclarecido para você?

E. — A mente do espírito, quando ele retorna e mergulha na carne, ele mistura as imagens que tem, que realmente vivenciou no Plano Espiritual, ele mistura com as imagens (que eu entendi) do cérebro, como é que é isso?

B. — Eu explicarei, mas antes quero que me responda, se você conseguiu entender.

E. — Pelo que estou entendendo, o senhor nos relatou que existe uma correspondência entre essa visão espiritual e a evolução do espírito, e essa visão espiritual está ligada, esse cerceamento da visão está ligado à matéria, à forma, quer dizer, o espírito recém-desencarnado, ou de mediano para baixo, tem conservada a sua forma perispiritual pelo menos como na sua última reencarnação ou próxima, e mantém, pelo seu automatismo, a visão, a força visual mais concentrada nos olhos e que, com o passar do tempo e a sua evolução, ele vai conseguindo ultrapassar isso.

Não existem limites precisos, lógicos para esse tipo de situação, então o espírito, de mediano para cima, como o senhor disse, não tem uma forma definida, ele toma forma definida conforme o seu desejo, uma bola, uma centelha, isso espírito superior, e ele vê como um todo. Poderíamos, com isso, entender que, na verdade, os espíritos superiores, por irradiarem energia, irradiarem luz, nada mais estão projetando do que o seu próprio espírito para fora, e com isso percebendo a atmosfera em torno de si mesmos?

B. — É parcialmente isso, eles não estão projetando, eles são. A natureza deles é assim, eles não estão projetando, eles são assim.

E. — O senhor falou em mente, e falou textura espiritual, o pensamento parece que circula o perispírito, é mais ou menos assim?

B. — Não.

E. — Existe um foco, em O Livro dos Médiuns, eles falam da centelha...

B. — Ele não circula, ele é a mesma coisa, ele é uma natureza, é uma propriedade do espírito. Não se esqueça de que o perispírito é o resultado da mente.

E. — Essa relação eu entendo.

B. — O perispírito é o resultado da mente, é matéria também.

E. — Porém, de qualquer maneira, existe, é matéria, e matéria nós sabemos que não pensa, matéria não tem memória e muitas das aquisições do nosso passado são atribuídas, nos livros dos pesquisadores mais antigos, ao perispírito, e muitas pessoas, até hoje, falam que a memória reside no perispírito.

B. — Isso está errado, a memória não reside no perispírito, a memória é do

espírito e se expressa no perispírito. Você diz que a sua memória visual reside nos olhos ou na lembrança que está no seu cérebro?

E. — Eu entendo que seja na lembrança.

B. — Assim são as lembranças do perispírito. Elas não são do perispírito, o perispírito representaria aí, os olhos, em comparação com a matéria. A lembrança do espírito reside no espírito, mas você tem um perispírito que, à semelhança dos olhos, é o instrumento de ligação com o mundo exterior.

E. — Espiritual no caso.

B. — Do ponto de vista espiritual. Então, se você vê e sente no perispírito, na realidade quem sentiu? Foi o seu perispírito ou o seu espírito? O princípio é o mesmo, quem viu foi o seu espírito, seu perispírito é apenas o elemento exterior que registra todas as suas sensações.

Ela fica arquivada no seu perispírito como? Sendo veículo de exteriorização, você dirá que fica arquivada nesse meio de exteriorização, mas aquilo é do espírito, assim como o seu cérebro, você diz que os conhecimentos ficam armazenados no seu cérebro, mas se assim fora, nos casos de amnésia e com retorno posterior da memória, como ficou arquivado no seu cérebro? Se você voltou depois à memória?

E. — Então fica registrado na mente?

B. — Fica registrado na mente ou espírito.

E. — Sanou a dificuldade do cérebro...

B. — Volta toda a lembrança.

E. — Então, as experiências, as lembranças, tudo fica registrado no espírito?

B. — No espírito, que passa para a mente, que passa para o corpo físico. A cadeia é esta, os elos são esses, vocês podem tornar as coisas mais simples, lembrem-se das vidas passadas; por que é que a pessoa se lembra de um fato da vida passada?

E. — Porque tem gravado na sua mente experiências...

B. — Ou no seu espírito se você quiser dizer, você lembra de um fato ocorrido em três, quatro encarnações atrás, mas o seu cérebro já não existe mais, o cérebro de três, quatro encarnações atrás, por que é que o seu cérebro registra isso se ele não tem um outro arquivo? Se é o próprio arquivo espiritual que representa o seu próprio conhecimento?

E. — É porque seu perispírito modificou.

B. — Seu perispírito modificou com toda certeza.

E. — A pessoa diz que está lá no perispírito porque o espírito está refletindo no perispírito aquela situação, não é?

B. — O seu perispírito já mudou, então é incorreta essa informação.

E. — Tanto é que, quando os espíritos saem do planeta, eles podem mudar a textura espiritual, mas não perdem a memória...

B. — As experiências teriam se perdido, se ficassem no perispírito apenas.

E. — O que ocorre é que, quanto mais evoluído é o espírito, ele, logicamente, vai sepultando determinadas lembranças, porque os fatos vão ficando no tempo e no espaço, muito longínquos...

B. — O negócio é que não interessa recordar, porque o crescimento impõe isso.

E. — Isso é, a pessoa lembra, mas não há interesse em ficar lembrando o que aconteceu.

B. — O fato de você ter tomado uma mamadeira, deixa de ser significativo para o seu progresso. Isso ficou bem esclarecido para vocês? Vocês entenderam?

E. — Quando o senhor estava falando de espírito e conhecimento da pessoa que tem o cérebro lesado, mas as experiências anteriores existem, lembrei-me de que, às vezes, sinto uma necessidade muito grande, do meu espírito, pelo conhecimento, ele tem necessidade de conhecer, de saber, de pesquisar, seria isso que o senhor explicou?

B. — É a necessidade do espírito, todos os sonhos, desejos, sensações que vocês têm refletem aquilo que são como espíritos, nas coisas elevadas como nas coisas menos elevadas. Há sensações que o homem obtém no seu próprio arquivo espiritual, ele vive a lembrança de satisfações porque a busca em sua vivência espiritual; não coloquem lembranças fugidias nesse rol, falo das coisas efetivas, das coisas fortes do espírito, ele retira isso da sua vida espiritual. A resistência moral, ele busca de sua vivência espiritual, o cérebro não tem resistência moral, a resistência moral é obtida na sua condição de espírito. Muitos dirão que é a educação, mas a educação não dá a resistência; dois irmãos podem ter resistências diferentes para o mesmo problema pois, embora recebessem, originariamente, o mesmo tipo de formação de seus pais e seus mestres, eles têm comportamentos éticos totalmente diferentes, podem até raciocinar do mesmo modo, mas o comportamento ético é completamente diverso.

E. — A inteligência pode até se assemelhar...

B. — Mas o sentimento, a capacidade interna...

E. — E a moral pode até se nivelar por baixo, muitas vezes isso acontece.

B. — Se o espírito for assim, pode. Se o espírito for inferior, pode. Não esqueçam nunca que o espírito é a sede de tudo, não há o que mudar nisso, o espírito é a sede de tudo. As lembranças são do espírito, você muda o seu

cérebro, mas as lembranças continuam as mesmas, você muda o seu perispírito, mas as lembranças continuam as mesmas, mostrando tão somente que o espírito é imortal, é isso que vocês não podem deixar de ter na mente.

E. — Na verdade o espírito, a sua estrutura interna é a mente, é aquilo que pensa, que vive, que cresce, que aprende, que sofre.

B. — Eu direi que a estrutura interna do espírito é ele, é a sua evolução; a sua estrutura interna é a sua evolução. Se você pudesse medir a evolução do espírito, diria que a estrutura externa ou a estrutura interna do espírito mede-se pelo seu grau de conhecimento e sensibilidade. Entendeu? Nesse ponto está claro o que é mente, o que é espírito, o que é cérebro?

Quando dizemos que o espírito é a fonte única de todas as coisas queremos passar para vocês a ideia precisa do autopoder de resistência, de conhecimento que o espírito tem; quando se diz que o espírito é fraco, diz-se apenas que é um espírito sem resistência, ele pode ter conhecimento, mas não tem resistência. O tempo que um espírito leva para adquirir certas virtudes é o tempo que ele gasta para acrisolar o conhecimento, experimentá-lo, fortalecer-se, vivenciar tudo aquilo, passar por provas que o levem a dizer que já venceu realmente aquilo, que aquilo está realmente incorporado em si, perceberam? Então, o espírito conhece uma situação, passa por ela, ele a acrisola, põe dentro de si, e passa por provas que o experimentem para que ele diga: “Isso já está dentro de mim”.

E. — Isso leva várias encarnações, não é ?

B. — Isso varia de espírito para espírito, pois a reencarnação é demorada, esse aprendizado é demorado nos espíritos mais simples, mas, à medida que o espírito vai evoluindo, a determinação é muito maior, o poder de

assimilação também é grande e o passar pelas provas que o experimentem é escolhido rapidamente, o espírito não tem o temor de passar pelas provas. Nas esferas elevadas, essas provas não são necessárias — não pensem que são as esferas elevadas da Terra, são as esferas elevadas mesmo — não são necessárias porque já há a determinação do espírito, e ele não precisa dar demonstrações, embora haja uma lei geral, que é a Lei de Deus, que obriga todos nós a mostrar aquilo que conhecemos, então essa demonstração, nas esferas elevadas, se faz por meio de dedicação aos outros, como se disséssemos assim: “Se eu aprendo uma virtude nova, diferente daquelas conhecidas na Terra, eu não preciso reencarnar para demonstrar essa virtude, basta que eu me dedique a alguém para que ela seja verificada em mim, isto é, seja visto se eu já acrisolei aquela virtude”.

E. — Não precisa reencarnar para isso, não é?

B. — Para passar por essa prova, isso nas esferas muito superiores, que não são as esferas da Terra. Conseguiram entender isso? Então, essa aplicação da prova é tão necessária no homem encarnado porque ele escamoteia os seus conhecimentos, tenta fugir da prova, o espírito superior não foge da prova, até porque ela não tem essa característica dolorosa que tem para o homem encarnado.

E. — Característica material. Ele, o espírito superior, passa pela prova que não é considerada prova.

B. — Não é considerada prova, é determinação; uma vez adquirido o conhecimento, ele tem que mostrar que tem conhecimento, e então se encontrará em circunstâncias tais que vai mostrar aquilo que estudou, que aprendeu, sem que isso seja considerado uma prova. Está claro? Todos entenderam?

E. — Eu sempre tive um pouco de dúvida em relação à reencarnação, à matéria e à evolução do espírito. O espírito começa a sua evolução simples e ignorante e, através das reencarnações, vai adquirindo experiência; isso dá a entender que a matéria é necessária para esse processo, porque ele precisa inicialmente adquirir esse automatismo para que depois, como um diamante bruto, necessite se lapidar até encontrar o brilho máximo, é como eu entendo esse processo de crescimento. É como se essa criação mergulhasse na matéria e, através dessas reencarnações, fosse sendo polida e seu interior fosse aparecendo, como se sua casca fosse se rompendo. Essa é mais ou menos a analogia que faço, na minha mente, para entender isso.

B. — Isso é uma analogia errada. O espírito não reencarna por necessidade, a visão errada começa por aí, ele reencarna porque é material, ele ainda não dispõe do poder de “preciso reencarnar para evoluir”. Nessa faixa, ele reencarna porque é material, então, passando para o mundo espiritual, não sabe o que fazer nesse mundo porque as suas experiências são as daqui da Terra.

E. — Em lugar de material, teria outra palavra? Materializado ou coisa assim?

B. — Materializado, mais materializado seria mais delicado, então o espírito renasce porque é mais materializado, ele vem para a matéria como uma decorrência do seu estado; ele não reencarna porque quer passar pela experiência, ele é material.

Ele vem para cá, para a matéria, isso é a condição dele, neste vai e vem de reencarnações, ele começa a perceber a diferença entre os dois níveis de vida, e começa a deixar, no Plano Espiritual, seus afetos, suas lembranças. Reencarnado, ele pensa nas lembranças que ficaram, desencarnado sente falta das sensações físicas, neste vai e vem, ele vai aprendendo a diferenciar os valores, e tantos sejam os valores que ele deixa em um lado preferentemente ao outro que ele fica

no plano que deseja, então, se os afetos dele, os desejos estão muito próximos à matéria física da reencarnação, ele vai preferir aqui.

E. — A Lei faz com que as coisas sejam naturais.

B. — Naturais, a lei é natural, o homem só complica porque quer complicar, assim como ele reencarnam milhares de espíritos, uns percebem essa diferença mais depressa que outros, os que estão mais junto à matéria, ficarão presos à matéria, os outros estarão caminhando para o Plano Espiritual. Você, no meio daqueles dois extremos, começa a somar; a maioria dos amigos, das percepções, dos interesses estão em um lado, você então deseja ficar do lado deles; se a maioria está do outro lado, você almeja ficar desse outro lado, por isso a Lei de Deus não acusa ninguém por ficar preso à matéria, ela deplora de uma certa forma porque é uma vida mais materializada, mas, se ali está o seu interesse, o maior número de seus amigos, por que a Lei iria acusá-lo? É uma consequência do progresso feito, é uma medida em que você vai descobrindo mais e mais valores, ampliando o seu nível de conhecimentos, de cultura, o nível de amizade vai crescendo e seus amigos vão ficando no mundo espiritual. Por sua vez, você já começa a sentir que o corpo pesa, já começa, como espírito, a perceber a diferença entre estar de um lado e estar do outro, e também começa a desejar ir para o outro lado. A intenção da Lei, nessa hora, é tão somente provocar a deliberação do próprio espírito, a Lei não tem interesse em determinar faça isso, faça aquilo. A Lei tem interesse em fazer com que a criatura descubra por si mesma onde está o seu tesouro — numa palavra feliz apresentada por Jesus: “Onde estiver o teu tesouro, aí está o teu sentimento, o teu coração” — por isso vocês todos têm a liberdade da escolha. À medida que esses grupos vão evoluindo, em maior número eles vão ficando no Plano Espiritual, perdem o interesse de ficar na matéria. Então você perguntará: e o que acontece com aqueles que têm que passar por provas, passar por expiações, o que acontece com eles? Mas esses são aqueles que criaram condições de ficar na matéria, por quê? Por exemplo, à medida que você agrega um sentimento extremamente materializado, citamos o da gula, ou um outro sentimento moral, o apego aos bens terrenos, ou se comprometeu tirando a vida de alguém, com isso você está criando laços com aqueles que

vivem junto à matéria ou com a matéria, por que a gula, o apego aos bens terrenos são recursos materiais.

E. — Os referenciais passam a ser todos materiais.

B. — Os referenciais passam a ser materiais. É por isso que vocês não veem em nenhum momento a Lei acusar ninguém, o que Jesus expressou muito bem e claramente no episódio da mulher adúltera, pegue aquele episódio e ponha qualquer outro valor ali, que a posição do texto será a mesma, como foi a mesma quando ele, conversando com o jovem rico, disse: “Vai, e já que gostas tanto da Lei, vende tudo o que tens”. O jovem gostava, mas ainda não tinha perdido aquele referencial dele, ele se dizia cristão mas seguia triste, porque não podia deixar seus amigos. Porque o apego era grande. [27]

E. — Mas nesse ponto a reencarnação passa a ter para o espírito um outro valor, não é? Por exemplo, um espírito que se compromete com outro cria laços, mas com o objetivo de ajudar o outro, nesse aspecto a reencarnação para ele serve como progresso? Ele não reencarna porque está materializado, porque é mais materializado, ele reencarna porque tem o objetivo nobre de auxiliar o outro.

B. — Em alguns casos isso pode se dar, mas se ele tem o objetivo nobre de auxiliar o outro, preso à matéria, quem você pensa que ele é a não ser um espírito também próximo da matéria? Você percebe? Não, não percebe.

E. — Então como é que fica a situação de espíritos como, por exemplo, Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Ignácio Bittencourt?

B. — São espíritos de todo respeito, mas presos à matéria. Espíritos que vocês estão longe de compreender, muito longe de compreender.

E. — Mas que continuam presos à matéria. Enquanto tiverem necessidade de retornar, ficam presos à matéria.

B. — Exatamente.

E. — Mesmo que esse interesse seja o de ajudar?

B. — Sim, o que eu acabei de dizer? Mas pensam que eles são quem? Vocês creem que se eles pertencessem a Sirius, [28] por exemplo, teriam capacidade de ajudar aqui na Terra?

E. — Seriam tão elevados que não iam conseguir ficar aqui, não é?

B. — Não teriam utilidade nem pessoas amigas. Repito: vocês estão longe de entender a estrutura de Bezerra, Eurípedes, Ignácio, estou falando desses espíritos conhecidos, citaríamos milhares de outros de igual ou maior categoria do que eles, mas eu estaria enganando a vocês se dissesse que são anjos caídos na Terra.

E. — E, no entanto, podem ser exemplos para nós.

B. — E são exemplos para todos nós.

E. — Mais próximos da verdade.

B. — Eles já estão caminhando para isso. Esta afirmativa pode escandalizar, nas palavras de vocês, a muitos, mas é a realidade. Eles todos anseiam o encontro de valores mais altos, não tenham a menor dúvida. Quando dizemos que o homem é um ser muito pequenino, não é para humilhar os outros desnecessariamente, na realidade, o homem é um ser muito pequenino, essa pretensa vaidade de muitos se acharem elevados não encontra nenhum respaldo na verdade das coisas, não mesmo. A elevação de cada um dos presentes é mínima diante da excelsitude, da magnitude do sistema solar, não precisam ir adiante; a inteligência de todos os presentes, diante da magnitude dos seres que dirigem o sistema solar, é comparável com a de uma criança recém-nascida diante de uma criatura idosa, estruturada em conhecimento, cultura e amor, repito, não é para os humilhar é somente para falar de lições claras da vida.

E. — Da realidade.

B. — Da realidade, isso não desmerece ninguém, diga-se de passagem, apenas nos coloca na posição exata que temos.

E. — Poderia ser considerado como um indicador da compreensão da vida espiritual, dos valores da vida espiritual a saudade que, como encarnado, se tem do mundo espiritual?

B. — De valor não, de lembrança sim; você naturalmente está querendo dizer valores...

E. — Valorização da vida espiritual. As saudades.

B. — As saudades, eu não digo que estejam valorizando a vida espiritual, digo que estão recordando mais a vida espiritual do que a vida da matéria, recordando é diferente; agora é claro que se vocês sentem muita saudade do Plano Espiritual é porque têm mais experiências lá, ou as experiências lá já lhes interessam mais do que as daqui.

Porque o que eu quero é desmistificar a desencarnação e a encarnação, quero mostrar para vocês que isso é um episódio absolutamente natural, encarnar e desencarnar é um fato totalmente natural na vida, na Lei de Deus, totalmente natural. E quando vocês têm essas sensações, como você expressa, de saudade, significa apenas que, estando na Terra como encarnado, sua lembrança ainda está no Plano Espiritual onde reside a maioria dos amigos e onde suas experiências são muito mais interessantes.

E. — Têm mais identificação.

B. — Têm mais identificação. Então dirão assim: porque eles estão lá e eu aqui na Terra?

E. — É um sentimento de fuga das provas que a pessoa está enfrentando na vida terrena?

B. — Não, isso poderá gerar a sensação de fuga naqueles seres menos adestrados, mas nunca será num ser relativamente adestrado.

Você dirá assim: A saudade é um indicativo? Eu direi: é sinal de que o espírito está há mais tempo lá, tem vivência maior lá; na realidade essa vivência decorre de quê? Decorre de vários fatores, entre os quais eu direi as amizades todas que você tem, espíritos afins, os sentimentos que você convive, há sentimentos que são próprios do Plano Espiritual, o sentimento do belo é próprio do Plano Espiritual elevado, se você soubesse que alguns de vocês vêm de regiões onde as flores são naturais na sua vida, como se eu lhes dissesse que em tudo existe aquela profusão de cores dada pelas flores. Alguns de vocês vêm de regiões em que é natural esse estado de vida, é como se esta Casa estivesse cheia de flores, os corredores cheios de flores, tudo obedecendo a um padrão de beleza natural, a um padrão estético, não vamos pisar em flores, é claro! Então, é próprio que um espírito desses, reencarnado na Terra, terá os seus prazeres, aproximados dos da Terra, mas terá suas lembranças dos seus mundos de origem. Entenderam? Todos entenderam?

Então, isso tudo para vocês é difícil de entender, compreender.

E. — Aí nós poderíamos lembrar de uma vez em que o senhor nos falou de um benfeitor da Casa que só reencarnaria aproximadamente de 700 em 700 anos, que isso estaria diretamente relacionado com o fato de ele estar muito mais ligado às tarefas do Plano Espiritual, então, à medida que isso vai crescendo nele...

B. — O distanciamento vai aumentando. Observem assim: quanto mais vocês crescerem, mais serão espíritos, menos serão mente e vocês não têm nem mais relação com o cérebro físico, o cérebro físico está inteiramente perdido nessa história toda, inteiramente perdido, ele nem sequer existe. Então, quando você retornar à matéria, terá que ter um cérebro físico claro, mas será aquela pessoa cheia de ideais, cheia de sonhos e aquela máquina pequenina filtrando uma porção minúscula, ou mínima, melhor dizendo, da sua realidade, e nesse momento eles poderão dizer como o Cristo disse; que o Pai vivia nele e ele vivia no Pai, mas o Cristo já não tinha o cérebro físico [

29], conseguia sim conjugar o cérebro espiritual, ou a mente ou espírito, como vocês queiram, com o cérebro físico, então ele não pensava com o cérebro físico, entretanto usava o cérebro físico, por quê? Porque vivia entre os homens.

E. — Ele precisava se expressar entre os homens, certo?

B. — Você vê que todas as suas histórias são rurais, porque a sociedade em que ele vivia era uma sociedade rural, “olhai os lírios do campo”, “um homem andava de Jerusalém para Jericó”, “a mulher estava conversando no templo”, quer dizer, tudo do próprio mundo em que ele vivia, Jesus tinha que usar o cérebro físico, não poderia citar um exemplo do mundo de onde veio porque seria incompreendido.

E. — Jesus até tentou quando, no diálogo com Nicodemos, fala da reencarnação.

B. — Não conseguiu. Há três grandes diálogos: o primeiro deles é com Nicodemos, o segundo com os discípulos, na chamada ceia, em que ele fala da sua origem divina, e o terceiro grande diálogo, em que ele tenta mostrar quem é, ocorre quando Jesus conversa com Pilatos e pergunta claramente o que é a verdade. Ele mostra que a verdade era ele, pela visão que tinha do mundo espiritual. E o que era a verdade para Pilatos naquele momento? Uma procuradoria simples da Judeia no meio de homens atribulados, ignorantes, presos à matéria. E Jesus, com aquela visão enormíssima do mundo, é como se dissesse assim para Pilatos: “Mas que verdade você expressa? Essa lei dos homens, mutável? Você, daqui a poucos anos, estará morto, que lei você defende? Esses homens todos, dentro de poucos anos estarão mortos também”. Vocês compreenderam? Ainda há alguma matéria de tudo isso que me perguntaram?

E. — Dentro da sua explicação...

B. — Bem, a mente está clara para vocês, o espírito está claro.

E. — Nós estamos analisando o sonho em cada criatura, então, com base na explicação que o senhor nos deu a respeito do sonho relatado, queríamos lhe pedir para falar novamente sobre o mecanismo do desprendimento e as diferenças do desdobramento porque aquela sequência, não ficou muito clara. O senhor quer que se repita a sequência?

B. — Sim.

E. — Quando adormecemos primeiro pomos o corpo em repouso, depois o espírito atua sobre a sua própria consciência de encarnado e põe a mente em repouso; o espírito sai daquele corpo que está em repouso, totalmente desligado, mas que ainda não adormeceu completamente, e o corpo se torna uma massa material deitada na cama; o espírito então adormece sua mente, seu consciente adormece, isso seria o desprendimento.

O desdobramento seria: o corpo adormece e o espírito põe o consciente para atuar, ele não desliga sua mente do corpo, ele sai do corpo, mantém sua mente alerta, e, mais ainda, mantém plena consciência do que está fazendo.

Então, seria em relação a esse desdobramento e esse desprendimento, o automatismo que o senhor falou no sono.

B. — O desdobramento. Eu não entendi o que você quer que eu explique mais ainda.

E. — É que o senhor falou em relação ao sono, disse que era um desdobramento espiritual.

B. — Repita os itens que eu vou explicar.

E. — No desdobramento o corpo adormece, e o espírito põe o consciente para atuar, nós ainda não conseguimos entender isso, exatamente porque é uma coisa nova. Isso não está nos livros. Ele não desliga sua mente do corpo, ele sai do corpo, mantém sua mente alerta, e mais ainda, mantém plena consciência do que está fazendo.

B. — Então vamos assim, você deita o corpo.

E. — Isso é desdobramento, certo?

B. — Sim, você deita o corpo, seu espírito sai do corpo, quer sair do corpo, sua vontade espiritual quer passar para o corpo todas as suas experiências, quer que seu corpo guarde lembranças das experiências vividas; a mente, que é o espírito, é o resultado do conhecimento do espírito, quando o espírito não tem interesse em passar nada para a matéria, ele como que se desliga, deixando o mínimo de ligação. Não esqueça, quanto mais o espírito tem experiência nesse campo com mais liberdade ele poderá atuar, então há momentos...

E. — Em que ele manipula, com mais facilidade, o ato de reter ou não reter na memória física, ao acordar, as experiências vividas.

B. — Sim, ele manipula com mais facilidade, no momento do desdobramento, quer que seu corpo recorde, então é como se ele deixasse (aqui eu vou ter que usar uma expressão que vocês provavelmente não entenderão e complicarão) um pedaço da sua mente no corpo e esticasse o resto, eu sei que vocês não vão entender mais nada.

E. — Aquele pedaço se torna...

B. — É mais, não é um pedaço, é uma extensão.

E. — É como se fosse uma dupla vista mais prolongada e mais separada...

B. — Não diz tudo isso, vamos supor ou idealizar o seguinte quadro, ao olhar para você, eu transmito parte da minha existência, mas por que eu faço isso? Pelo poder de plasticizar a minha mente, eu saio daqui, vou para lá, mais continuo com a lembrança em você aí. Então, estarei trabalhando lá e lembrando de você aí, vou para onde quiser e estarei lembrando de você aí.

E. — Quase a ubiquidade.

B. — Princípio da ubiquidade. Eu vou para lá e continuo lembrando de você aí. Quando não tenho esse interesse, eu, pura e simplesmente, saio e

deixo você aí. Eu não me esforço para manter o pensamento aí, compreendeu? Não entendeu também.

E. — Isso quer dizer que põe a consciência para atuar?

B. — É.

E. — Quando nós estudamos isso formalmente, teoricamente até que entendemos, mas para projetar é que fica difícil, por exemplo, quando o senhor fala: “coloca a consciência para dormir”, “diz para a mente dormir”, aí ficamos com dificuldade de entender.

B. — Existem cursos que promovem esse tipo de metodologia como uma coisa até corriqueira, como se a mente pudesse ser programada, autodeterminada.

E. — Sugestão, autossugestão. Aí é o espírito que vai determinar que sejam plasmadas as cenas que ele quer que você recorde.

B. — Porque é seu interesse que tais cenas sejam recordadas ou que funcionem como experiência, o que, no fundo, também é serem recordadas.

E. — Em O Livro dos Espíritos, 2ª parte, cap. VIII, “Da Emancipação da Alma”, leem-se muitos questionamentos de pessoas, no trecho em que fala dos sonhos e do sono, quando a criatura sai do corpo e quando retorna, confunde tudo. Então, lembrei-me daquela história da memória, em que

André Luiz nos diz que quando o espírito mergulha na carne, vai misturar as sensações espirituais com as da matéria, e criar toda aquela confusão, isso eu queria entender para explicar.

B. — O cérebro não é uma máquina mecanizada, mesmo sendo mecanizado; ele reflete aquilo que você tem como espírito, ele não é uma máquina tão mecânica como uma dessas máquinas que estão sobre a mesa (gravador), as lembranças...

E. — Então o cérebro tem uma ligação com o espírito.

B. — Ele tem uma ligação com o espírito, aquilo que ele vivencia aqui na Terra e que o espírito valorizou, fica em estado latente na mente e se constitui no que os médicos chamam de recordação pelo sonho; eles dizem: “O que você sentiu nada mais foi do que reflexo das suas atividades da vida”.

Mas por que isso? Porque você vivenciou uma experiência em que o seu espírito estava interessado.

E. — E ficou marcado.

B. — E ficou marcado; você vivenciou uma grande luta, uma grande emoção e mesmo que você seja indiferente, você não pôde deixar de pôr o seu espírito em atividade, naquele momento, o seu espírito participa daquilo. Então, você dorme, o seu cérebro físico guardou aquela emoção pela lembrança do seu espírito, é como se fosse uma máquina que não tivesse o registro durante algumas horas, alguns dias talvez. Você sai e vai

ter a sua experiência fora daqui, vive a vida de espírito, ao retornar para o corpo, a “máquina” está com aqueles registros ainda latejando dentro dela, e o espírito entra com a experiência dele (a sua lembrança naquela hora do sonho) entra no corpo como uma experiência qualquer do Plano Espiritual, mas, quando ele chega perto da “máquina”, ao se justapor, as duas imagens se chocam, a que você dá vida espiritual e a que você tem lá, latente, batendo na vida material, aí se dão aqueles sonhos confusos que vocês não conseguem entender qual é a realidade deles, porque a pessoa que sonha mistura as lembranças das coisas terrenas com as espirituais, nesse momento ela mistura e vocês não conseguem entender nada.

Mas é exatamente isso que acontece, vocês vivem uma vida na Terra com emoção, quando se recusam a viver com emoção pelas tolices de cada um, pelos medos, pelos ciúmes, vocês se recolhem, se ofendem, então não vivem com emoção, não passam para o cérebro as sensações daquilo que vocês são como espírito. Têm os seus sonhos. “Ah! estou inteiramente desprendida da matéria”, isto aqui em cima não tem a menor expressão, ao contrário, isto aqui é um sinal muito próximo da criancice, porque vocês não passam para o corpo as emoções que têm como espírito, isto é muito próximo, para nós, da criancice espiritual, muito próximo; então nós olhamos e dizemos com toda seriedade para vocês: são crianças espirituais.

Mas se vocês estão na matéria, é para viverem com intensidade as lutas de cada dia, criando, como espírito, condições de trabalho, de progresso de aprendizado, já que estão mergulhados na matéria; intelectualizem a matéria lendo em O Livro dos Espíritos a q. 25. [30] Bem, aquilo ali não é intelectualizar, é melhor dizer espiritualizem, é por isso que vocês podem, com toda tranquilidade, dizer que misturam os sonhos.

Há casos muito específicos de pessoas que conseguem de tal modo distinguir as duas lembranças que elas como que apagam as lembranças do cérebro físico e só têm as lembranças do cérebro espiritual.

E. — Quando nós acordamos, sabemos que sonhamos, e que sonhamos alguma coisa importante, mas de que não nos lembramos. É o espírito que não quer que nos lembremos?

B. — Não, o próprio espírito é que não tem interesse em lembrar.

E. — Mas fica a intuição.

B. — Não tem interesse em passar aquilo para a matéria, você não tem interesse.

E. — Existe um efeito físico? Quer dizer, a mente que está desdobrada, o espírito que está vivendo a vida espiritual permanece, por exemplo, três, quatro horas ali naquelas experiências, quando retorna o espírito tem que colocar menos três horas de experiências naquele cérebro...

B. — Minúsculo.

E. — Então é como se pegasse um filme de três horas e o colocasse em flash, as imagens cortadas, intercortadas, não só pelas nossas coisas terrenas, mas também há coisas que sabemos que são da vida espiritual, isso seria talvez uma explicação de tentar colocar uma coisa tão extensa, tão bonita dentro de uma cabeça tão...

B. — Mas, na realidade, é uma determinação do espírito que nem sempre tem interesse em passar as impressões espirituais para o corpo físico, pois

sente que o cérebro está muito ocupado, na matéria, com certas lembranças. Compreendeu?

E. — É diferente do desdobramento nesse campo.

B. — Totalmente. O espírito não tem interesse em passar para o cérebro físico o que vivencia durante o sono, ele quer conservar o cérebro livre para as atividades que tem que desempenhar na Terra, quer conservar a vida espiritual apenas como lembrança na vida espiritual. Para quê o cérebro vai se lembrar da vida espiritual? Ele próprio, como espírito, sabe que não deve recordar, na Terra, de certas lembranças. Não esqueçam os compromissos que vocês têm em que o espírito não pode e, como espírito, não quer misturar a sua liberdade espiritual com a sua prisão, o seu aprisionamento na luta, aí sim ele pode fazer isso para não se complicar. [31]

E. — Mas quando ele tem que mandar uma mensagem ele deixa.

B. — Quando tem que mandar a mensagem ele deixa.

E. — Então, quando o senhor disse que o espírito coloca o cérebro para “dormir”, coloca a mente para dormir é que não há interesse dele em lembrar, quando ele dorme profundamente temos as nossas atividades, mas não trazemos a lembrança. Isso faz parte do automatismo?

B. — Será automatismo porque ele já pode fazer isso espontaneamente, sem grandes sacrifícios.

E. — Sem o apelo da vontade?

B. — Não, ele terá sempre que usar a vontade. Ele não deixa de usar a vontade, o automatismo aí seria em casos extremamente simples, mas desde que haja complexidade a vontade tem que ser usada.

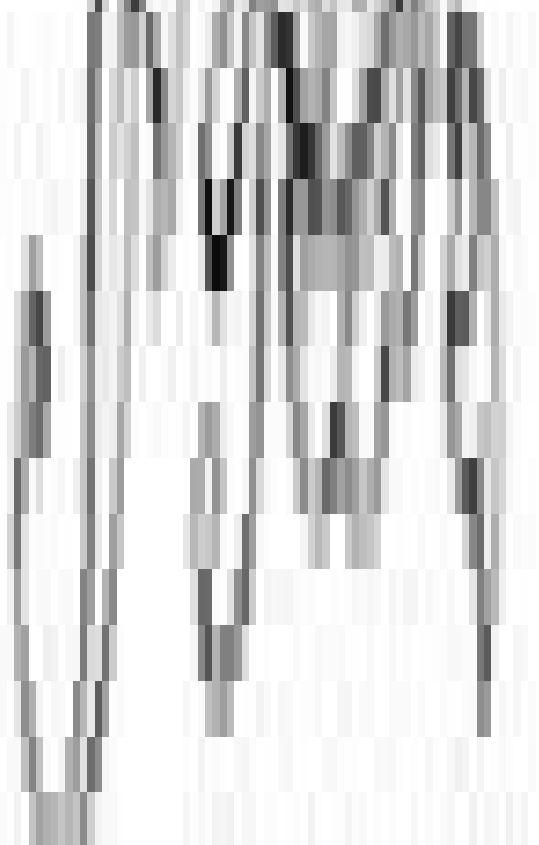
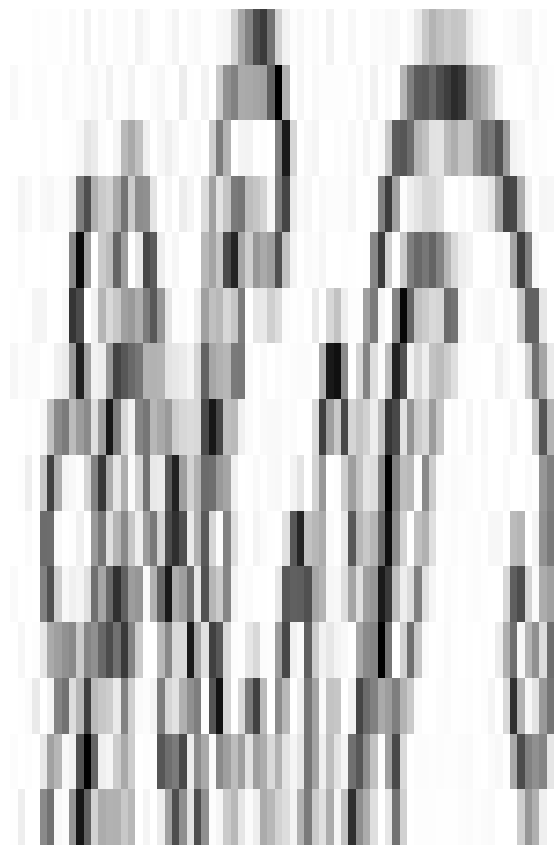
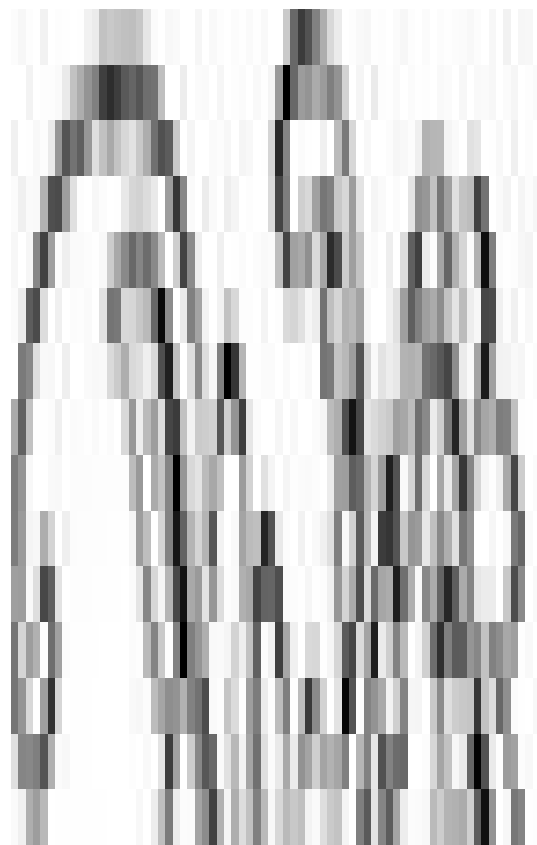
É preciso que todos se lembrem de alguns pontos. Vamos dizer que quando você, (ou qualquer médium) têm certas lembranças características, essas lembranças funcionam como postes de sinalização para o espírito, como marcas para o espírito, lembre-se de que você é deste ambiente. Tolamente, às vezes, o espírito encarnado atribui às vidências fatores miraculosos, quando eles não existem, é o espírito se lembrando da sua própria convivência com a espiritualidade que lhe pertence.

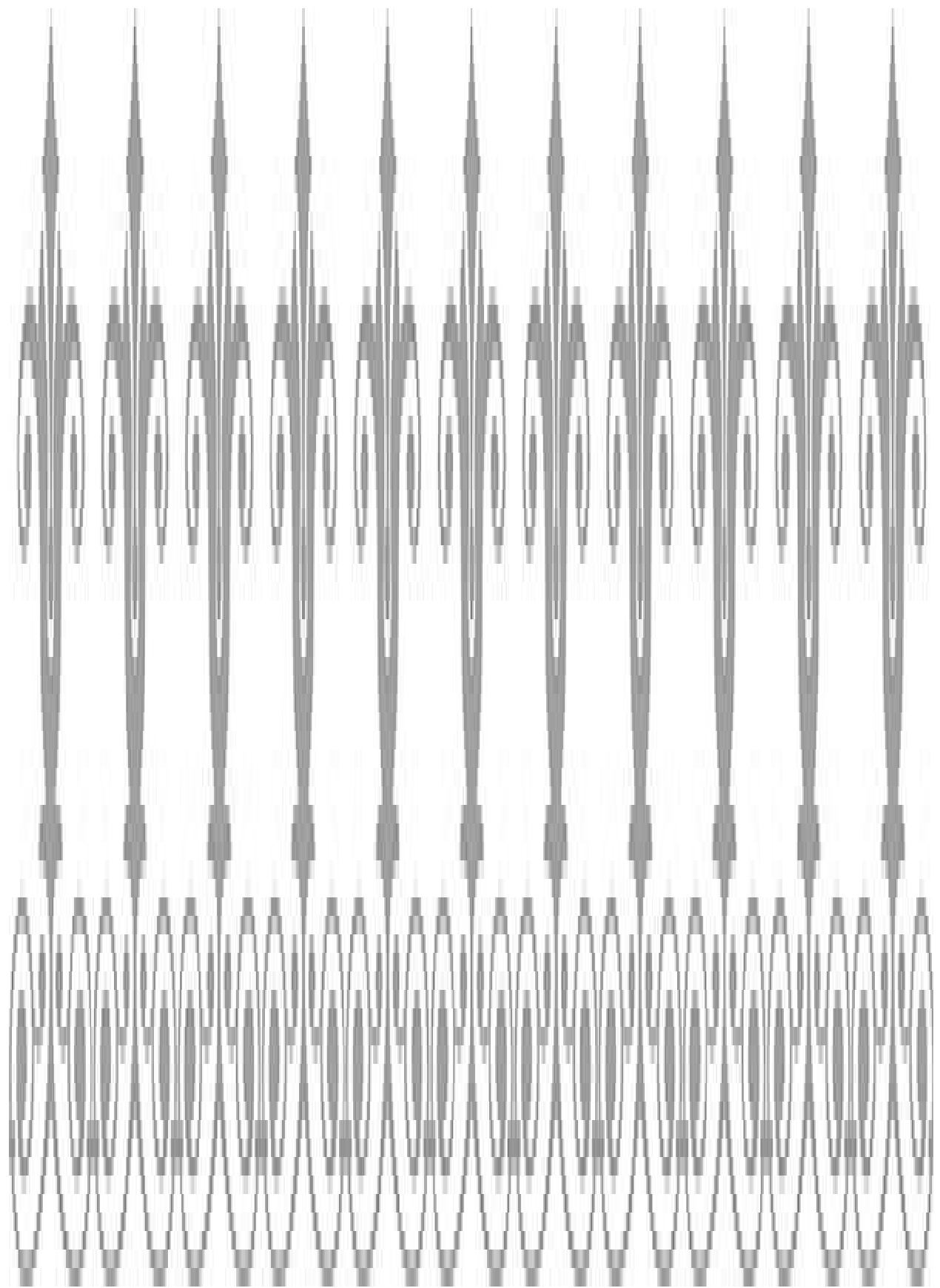
Quando essa imagem é passada para a matéria é para que o espírito veja que ele pertence àquele mundo e que não pode, na matéria, esquecer das suas obrigações. Vocês pensam que isso é dado ao espírito como uma forma de elevá-lo, estimulá-lo, não, isso não tem nenhum estímulo não, é responsabilidade, responsabilidade mesmo, é como se lhe dissessem assim: “Você tem esse tipo de trabalho, esse gênero de vida e não esqueça de que ele tem que ser continuado aí”.

Então, esses sonhos, essas lembranças que vocês atribuem a fatores de quase engrandecimento pessoal, vocês deveriam ter até vergonha de dizer que isso lhes foi lembrado. Vocês estavam se esquecendo dos fatos.

Está certo? Para todos está tudo certo? Este caso está encerrado?

Deus fique com todos vocês, meus filhos.





Capítulo XIII

Reunião 36 — Sonhos. Casos – IV.

22 de janeiro de 1993.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus. Que Deus nos ajude e abençoe; iniciemos o trabalho da noite.

E. — Irmão Balthazar, estamos retomando o nosso estudo sobre os sonhos e pretendemos analisar hoje o finalzinho do segundo caso e o terceiro, dentro do que estudamos. Então, para rememorar o segundo caso: a pessoa sonha muito e conta-nos um sonho marcante: perde a mãe muito criança, e, inconformada, chora muito. Era muito agarrada com a mãe. Um dia, com saudades, se isola, e, após tanto chorar tem uma experiência viva: sua mãe a visita, a consola, e após algum tempo, vai embora. Ela acorda e descobre que estava sonhando, não havia percebido que adormecera.

O senhor fez a seguinte análise: “Não foi um sonho, foi um desdobramento espiritual, se desprende e depois dormiu”.

Na época, há cerca de três meses, quando o senhor estudou esse caso pela primeira vez, falou-nos a respeito da insônia, que foi uma das dúvidas que tivemos, formulamos então uma pergunta para que nos esclareça.

No tratamento convencional da insônia, o médico anseia fazer o paciente dormir; na visão que o senhor trouxe, a insônia é um mecanismo de defesa da Lei de Deus para aquela criatura que não dorme. Como conciliar esses dois aspectos no tratamento médico, propriamente dito, e na orientação a essa criatura dentro da Casa Espírita? Poderia explicar novamente este conceito que o senhor nos deu: “O corpo dorme, mas a mente não dorme”. O senhor falou a respeito desse mecanismo biológico do sono e do sonho, e nós lhe perguntamos sobre as criaturas que têm dificuldades de conciliar o sono, são muitas as pessoas na Terra que têm esse problema; aliás, o assunto está sendo tratado em jornais, revistas, etc.; porque há uma grande preocupação médica, até de saúde pública se podemos dizer assim, quanto a ele.

B. — Considero ainda uma vez que o mecanismo da insônia é, em muitos casos, o mecanismo que o espírito adota se defendendo, ele não quer entrar em contato com a realidade do mundo espiritual dele ou muitas vezes não quer deixar de fazer as atividades que faz como criatura encarnada. O sono é sempre uma espécie de desencarnação, cada vez que você dorme, você desencarna, o processo da liberação corporal é o mesmo, o espírito sai do corpo, vai ao encontro das suas potências invisíveis, dos seus amigos invisíveis e de seus inimigos também. Quando o indivíduo, na Terra, pressente a presença desses inimigos ou dos que vão ao encontro dele, ele procura não dormir, sabe que é uma forma de se resguardar desse contato, desse encontro. Quando temos o caso da pessoa estar excitada, do ponto de vista médico, com as suas preocupações da Terra, as dificuldades, os desacertos dela, no mundo corporal, como vocês costumam dizer, é a insônia decorrente de uma preocupação objetiva.

E. — Uma reação.

B. — É uma reação, nós diremos até que, do ponto de vista espiritual, o que acontece é que o indivíduo não quer deixar ou não pode deixar aquela realidade que ele está vivenciando. Há, sim, a pessoa muito envolvida numa

tarefa e que diz: “Eu não dormi pensando na minha tarefa, fiquei preocupada”. O que aconteceu, na verdade, é que ela não teve interesse em se despreocupar daquele assunto, então, não dorme, o que não deixa de ser uma espécie de defesa também. Mas é uma defesa do próprio espírito que quer continuar na sua atividade pois, ficando acordado, ele continua com a sua mente girando em torno do assunto.

Quando encontramos uma pessoa que, com a força do remédio, acaba dormindo, dizemos que é, pura e simplesmente, agressão medicamentosa ao organismo, não há outra classificação; seria como se você, num outro nível, tirasse o oxigênio da pessoa para ela não respirar, batesse nela para que ela não desmaiasse, só que é uma agressão química. Quando vocês ouvem falar que, na Espiritualidade, há espíritos que não dormem isto acontece porque eles próprios já desenvolveram essa convivência e, como não possuem corpo físico, não têm necessidade do descanso, e, além de não terem necessidade do descanso, a sua própria vida continua, os seus trabalhos continuam. Objetivamente falando, neste caso podemos dizer que o espírito não dorme porque não quer e não precisa.

Na sociedade moderna, o sono está sendo uma preocupação médica gerando uma série de pesquisas em torno do assunto. Se, juntamente com o remédio moderado, se fizesse um tratamento na vontade, na mente do espírito, um tratamento dito psicológico, do tipo desses na mente, se fosse feito um tratamento simultâneo com pessoas que entendam do assunto, que saibam que aquele espírito está reagindo e que pudessem fazê-lo compreender que o que ele precisa é se desligar, porque ele tem que dar oportunidade de repouso ao corpo, certamente esse seria o tratamento ideal, a mente trabalhada juntamente com o remédio aplicado, ou, então, que o próprio profissional pudesse atender às duas faixas de necessidade. Esse seria o grande tratamento e vai ser o tratamento do futuro porque todas essas pesquisas, todas essas preocupações do homem moderno, ele vai relacionar, não tenham a menor dúvida, com o seu estado de ansiedade e, fatalmente, irá buscar recurso, e o recurso que ele irá buscar é alguém que o ouça, o que ainda é o grande problema do ser humano.

E por que o homem ainda busca tanto pessoas que o ouçam? Porque ele nem sempre sabe elaborar coisas, gestos, atitudes que o reconfortem ou reorientem ou redirecionem os seus momentos de indecisão, a sua vida, e isso porque, às vezes não tem fé, ou não sabe procurar essas coisas, ou não tem parâmetros, mas, na realidade, à medida que ele cresce espiritualizando-se, essa necessidade de buscar no outro as respostas para os seus problemas vai se diluindo, vai se alterando, porque aquilo que hoje ele busca com o psicólogo para o seu dia a dia, amanhã buscará no seu guia para as suas necessidades maiores de espírito, entenderam?

Então, o homem vai deixando de procurar as respostas com os seus companheiros de jornada, iguais a ele próprio, porque aqueles companheiros não têm uma resposta tão maior quanto a que ele já tem em si mesmo, por isso ele terá que buscá-la no seu guia, enquanto isso não se dá, vai procurar o psicólogo. Como no futuro, muitas dessas doenças que vocês podem classificar de comuns também não existirão — porque o homem saberá superar as doenças provocadas pelas formas alérgicas, pela mente desavisada, pelos desequilíbrios de alimentação — no futuro, o médico não irá tratar delas, porque o próprio espírito já terá condição de, por si mesmo, manter-se equilibrado.

Aqui há mundos elevados em que as artes médicas são circunscritas às operações e também a algumas formas moderadas de doença mental, quando o espírito se desequilibra diante de uma realidade em que não sabe como agir e o médico entra aí como moderador da sua situação. As doenças comuns infectocontagiosas não existem em certos mundos, estão tão isoladas que já não fazem parte da sociedade, os médicos conhecem-nas porque alguns desses homens visitam mundos atrasados e têm que conhecê-las para poder tratá-las; elas, porém, não existem como forma de doença naqueles mundos, seria como se você soubesse de uma doença de contágio simples que na sua sociedade já não existe mais, já não acontece mais. Então, resumindo a minha palavra acerca do sonho, eu direi que o sono ainda é o grande refúgio da alma, mas também pode ser uma reação do espírito.

E. — Então, essa defesa seria o adormecimento até do corpo, um adormecimento relativo do corpo, mas com a mente alerta.

B. — Exatamente.

E. — Por isso o senhor diz que o corpo dorme, mas a mente não dorme.

B. — Mente alguma dorme, mesmo nos espíritos inferiores; você não encontra mente que durma. Mente nenhuma dorme, mesmo nos espíritos bem simples, a não ser naqueles seres tão simples que ajam por puro automatismo, sabem que têm que dormir mas, quase todos eles, na sua imensíssima maioria, continuam vivendo no mundo espiritual o padrão que têm que viver. Esses povos selvagens, os indígenas do vosso país, todos eles têm uma vida noturna muito grande, todos eles. Quando chegamos a essas tabas, por qualquer razão, para visitá-las, dificilmente os encontramos dormindo, dificilmente.

Nós os encontramos adormecidos quando dormem pelo uso de remédios ou bebidas, porque aí o espírito não aguenta, aí o espírito se embebede tanto quanto o corpo, mas nos casos de sono físico provocado pelo cansaço do corpo, eles não dormem, eles passam para cá despertos perfeitamente.

Alguma dúvida quanto a isso?

E. — O senhor falou a respeito dos espíritos que não dormem, e André Luiz se refere, no livro Os Mensageiros, a um ambiente em que ele entra e no qual inúmeros espíritos estão dormindo, eu entendo que seja o reflexo mental do automatismo vivido na Terra ou alguma coisa parecida. O senhor

poderia explicar melhor?

B. — O caso desses espíritos nessas hospitalizações são espíritos que passaram para o plano espiritual, acreditando que a morte era o fim, eles morreram no corpo, pensando que os seus espíritos não acordariam.

E. — Existe o caso em que o próprio André Luiz dorme e “sonha” com a sua mãe, como se houvesse um desdobramento do seu espírito dentro do espírito, ou do perispírito, ou uma parte do seu espírito se colocasse em relação com a sua mãe. Quer dizer, isso torna um pouco mais complexo esse entendimento.

B. — Não, não se torna mais complexo, nos primeiros momentos da desencarnação, eu digo, primeiros momentos, no tocante à lucidez mental, não em número de anos, os espíritos dormem tanto quanto o encarnado, isso é muito comum nos recém-desencarnados e nós temos que proporcionar a eles horas de repouso, como se fosse um sono físico.

Nos espíritos assim, muito avançados, esse período de adaptação dura de três a seis meses, é o tempo que levam para se adaptar à vida espiritual, eles dormem pois, na hora do sono habitual, sentem sono. Seria o automatismo. Passam um período assim, vocês os encontram nas horas habituais da vigília, nas de sono vocês não os encontram. Isso leva de três a seis meses, dependendo de cada espírito evidentemente, depois desse tempo eles perdem isso, e vão tendo sono de acordo com as necessidades do seu cansaço; isto é muito sério aqui na espiritualidade, o cansaço perispiritual, o perispírito tem um limite de resistência assim como o corpo físico do homem nesses espíritos. Então, ele fica cansado e são obrigados a parar porque se na Terra o homem tem vitaminas e outros mecanismos para manter o corpo de pé, na Espiritualidade isso não existe. O único mecanismo para manter você de pé é o trabalho e a oração. Se você ainda não atingiu o estágio de se sustentar pela oração e, além disso, tem cansaço, não vai conseguir rezar, então terá que deitar e descansar bem. Entenderam o

mecanismo? Entenderam bem?

Na Terra, você toma vitaminas e tenta reagir por forças externas, mas na Espiritualidade não há forças externas, é aquisição. Se você está nesse momento de cansaço, por não ter o vigor dado pela oração, terá que se deitar e dormir mesmo, isto também pode demorar anos. De um modo geral nos 10 primeiros anos de desencarnação o espírito tem necessidade de umas três horas de sono desse repouso como o conhecemos na Terra, (falo em tese; três é o número de horas de sono compatível, parecido com o da Terra); daí para frente é que o espírito começa a caminhar segundo suas próprias conquistas, mas até 10 anos de desencarnado, ele está submetido a certo mecanismo que nós chamamos de automatismo.

Há momentos de repouso para o espírito, momentos em que muitos deles saem das tarefas de desobsessão porque precisam repousar o perispírito, não é dormir, é repousar. Quando esses comboios saem daqui, nós levamos esses espíritos para as cidades espirituais no último núcleo; geralmente, após distribuir os espíritos, os trabalhadores, esses recém-desencarnados ou desencarnados nessa faixa de tempo em que estão nesse serviço; eles precisam repousar, sem dormir, só repousar.

E. — Uma espécie de lazer seria isso?

B. — Não, repouso mesmo. Geralmente eles vão para jardins, parques, núcleos de refazimento, há muitos núcleos de refazimento aqui na Espiritualidade, há núcleos de luz em que as pessoas se encantam com jogos de luz e aquilo repousa a mente; esses jogos de luz, às vezes, são árvores, às vezes são águas. Isso é o que a cidade espiritual oferece, e você que trabalha neste ou naquele núcleo escolhe esse ou aquele lugar. Assim, como em uma cidade comum, você tem várias praças oferecendo diversos tipos de repouso, de entretenimento e, dentre eles, você escolhe aquele que lhe agrada mais.

Isso existe aqui, não pense que não existe, é a pura realidade; há parques que o assustariam com pequenos animais, são os animais desencarnados que são levados para lá e têm uma vida de um, dois, três anos; até reencarnarem outra vez; eles ficam nesses parques. Vocês se assustariam ao ver essas coisas aqui. Os parques das luzes são sustentados por espíritos que têm o poder de mentalização enorme, eles não são sustentados por qualquer espírito, não é todo espírito que pode manipular luzes no Plano Espiritual, são coisas que vocês também não conseguem imaginar, a mente deles é voltada para o belo, para o claro, para o positivo, eles não se podem permitir um único pensamento tristonho, não há campo mental, não há espaço nas mentes deles para quaisquer pensamentos de tristeza, porque se houver pensamentos de tristeza, eles perdem a capacidade de iluminar.

Por essa razão eu digo que há coisas que se vocês começarem a ouvir a descrição vão se assustar, ou então vão pensar que o médium está fantasiando, são coisas que vocês não conseguem imaginar, vislumbrar sequer.

As árvores aqui, nesta localidade em que alguns de nós estamos sediados, não somente têm viço, elas têm vida, ao tocá-las você sente a vibração delas, não há frutos, na acepção da palavra, como na Terra, mas os frutos são decorrência da própria vida que elas têm, se um espírito bastante simples pegar um daqueles frutos e comer ele se alimentará, porque a árvore tem vida, tem vitalidade.

Mas quantos espíritos recém-desencarnados ou quantas almas encarnadas que nós levamos para esses locais, semelhantes a pessoas que vivem em cidades e que visitam um campo, um pomar, ficam extasiados, pegam aquelas frutas, querem comer todas, quantas vezes isso acontece entre nós; trazemos alguns de vocês aqui e vemos todos pegando aqueles frutos e não se cansam de comer, porque eles são “perispirituais”, eles alimentam, mas não sobrecarregam o estômago, quer dizer que esse repouso, esse sono no mundo invisível tem nuances enormes que, se falássemos sobre todas, todas as nuances, certamente vocês se cansariam de nos ouvir, porque são muitas.

Está tudo respondido?

E. — Em relação ao tempo: o espírito de uma criança que desencarna e que, teoricamente, terá menos automatismo impregnado, o tempo de recuperação no Plano Espiritual será menor que esses 10 anos...

B. — Enquanto ela se lembrar da sua vida material terá ligação com esse espaço de tempo que eu dei; a criança que desencarna só perde esse aspecto infantil quando deixa de ter relação com esse mundo material em que viveu. Enquanto estiver, mesmo como criança, lembrando de alguma coisa do mundo material ela manterá o corpo infantil. Quando se desprender totalmente, isso é muito comum, o espírito logo retomará à sua individualidade como espírito, e isso acontece com os recém-nascidos porque eles não tiveram a menor comparação para fazer.

Mas há crianças de um ano, de quatro anos que se lembram muito de seus pais, amam muito seus pais, e morreram cedo por força de suas provações; enquanto eles lembram de seus pais, ficam presos à matéria, [32] então, neles o automatismo existe.

E. — A outra pergunta é referente ao desdobramento de André Luiz quando ele teve até a possibilidade de entrar em relação com a mãe num outro plano. Embora entendamos esse processo do automatismo e do sono, como é que isso pode ocorrer já que é o próprio espírito que se desdobra...

B. — Nesse caso citado por ele, quem dormiu foi o perispírito, o corpo espiritual; e o seu espírito desdobrado, sua inteligência, seu pensamento foi ao encontro da sua mãe. Isto é difícil para você entender, mas será fácil se

você lembrar que, quando vem para cá, você não vem porque o seu perispírito mandou, e sim a sua vontade; você veio com o corpo perispiritual, mas quem mandou foi a sua vontade.

Então, no Plano Espiritual seria como se o corpo espiritual tivesse uma espécie de desdobramento, ou seja, o espírito ainda pudesse ir mais além, como se o espírito tivesse um segundo desdobramento e pudesse atingir outras regiões, mas isso se dá no caso de espíritos ainda presos à matéria, quando vão se desprendendo da matéria, eles vão inteiros, vão com o corpo, o perispírito, vão com tudo porque eles têm a liberdade plena de movimento. Entendeu?

E. — Sim, entendi tudo, ele associou a ideia de que estava indo para um plano superior, já que a mãe tem uma posição superior à dele na escala evolutiva, e com isso seria melhor ele entrar com o espírito do que com o perispírito que ainda estava muito materializado, não é isso?

B. — Sim.

E. — Eu queria um esclarecimento sobre o repouso dos espíritos: com o tempo, eles não vão mais precisar dele ou sempre vão precisar? E isso se dará em qualquer categoria?

B. — Eles vão precisar de repouso e esse repouso irá diminuindo nas condições da Terra, irá diminuindo de tempo e qualidade. Eu falei que, numa média de 10 anos, o espírito precisa de três horas de sono; decorrido esse tempo, o espírito vai tendo mais e mais resistência para o trabalho e, com essa resistência, vai diminuindo a quantidade e a qualidade do sono porque o sono vai deixando de ser profundo e passa para um leve adormecimento. O sono profundo é bem característico da obtusidade do corpo.

E. — Da condição material?

B. — Sim, da condição material, com a obtusidade, o pouco vislumbre das coisas, então, nesses espíritos, depois dos 10 anos, não há essa necessidade porque eles vão trabalhando mais, vão aprendendo a se doar mais e o sono físico vai diminuindo. Quando há necessidade, não é um sono profundo como na Terra. Nesses espíritos, qualquer movimento, qualquer atividade próxima a eles os faz despertar, porque não é um sono profundo.

O que acontece com a maioria dos desencarnados no sono profundo é que se estiverem dormindo num cômodo e uma pessoa entrar nesse cômodo não darão conta de que a pessoa entrou ali, há exceções é claro, falamos em tese.

Repouso, só os espíritos muito avançados não necessitam, digamos até que precisem de repouso, mas o período em que precisam dele se distancia. Há espíritos que têm necessidade de repouso e tiram o que vocês chamam de férias, que é um isolamento de uma semana mais ou menos, após 50 anos de serviço. Vocês não são capazes de fazer isso. Há espíritos que precisam de menos tempo ainda.

Alguma dúvida ainda?

E. — Agora seria o terceiro caso. A pessoa sonha muito e relata três sonhos:

1º) Via-se como mendiga, dotada de beleza, porém em andrajos.

2º) Em face de doença grave, vê-se em local exuberante, onde há o mar que lhe proporciona benefícios; acorda revigorada.

3º) Num sonho simbólico, antevê a extinção de determinada instituição aqui na Terra, da qual seu filho era filiado.

Análise: Primeiro ela se vê como era e confunde as lembranças de vidas passadas com as atuais.

B. — Ela, estando como mendiga e muito bela.

E. — Sim, mendiga.

B. — Ela se vê como era. O espírito, quando está encarnado, leva sua vida de espírito independente da vida corporal, não são todos, mas há casos de muitos mendigos que o são por força da provação terrena; eles são atribulados pela vida material, mas não são atribulados pela vida espiritual. E se isolam no seu orgulho, na sua insensatez, nas suas lembranças. Isolados no orgulho, na insensatez, nas lembranças eles permanecem com a atmosfera que criam dentro de si, que é a lembrança de quem foram. Um princípio geral: todos vocês guardam a vida de espírito muito intensa, muitos dos presentes aqui não se enxergam como são na Terra, não se enxergam, veem a face, mas sentem-se superiores àquela situação; não entenderam?

E. — Mais ou menos, não sei se eu entendi direito.

B. — Vamos tentar explicar as coisas de outro modo.

Como você se enxerga interiormente? Você acha que é filha de seu pai, de sua mãe, uma imigrante que veio para um país paupérrimo, conscientemente, não falo espiritualmente.

E. — Não sei responder.

B. — Não sabe me responder. Como você se enxerga?

Como a mulher do fulano, a mãe de..., a médica que está aqui na Terra? Ou você faz um juízo melhorado? [33]

E. — Às vezes eu faço um juízo melhorado, às vezes.

B. — Como você se enxerga? Como uma médica com o raciocínio mais liberal ou como uma pessoa com extremadas opiniões sobre comportamento?

E. — Extremadas opiniões.

B. — É isso que eu quero dizer, assim são todos vocês. Todos levam uma vida diferente da que têm, é a vida do espírito. Por que Deus permite o

apoucamento das ideias? Porque senão a pessoa iria ser intransigente? Não, iria refletir o que ela é como espírito, todos aqui têm uma vida espiritual muito intensa que, se analisarem, é aquilo que vocês pensam sobre a vida, não aquilo que dizem sobre a vida.

E. — É bem diferente do nosso cotidiano.

B. — Totalmente.

E. — Sobrepe-se à vida, certo? A vida cotidiana.

B. — Sobrepe-se à rotina. E então, nesse momento, os mendigos, isso é da Lei, também exercitam esse direito. Quase sempre encontramos mendigos orgulhosos, em reencarnações de criaturas que tiveram posses, mando, beleza, conhecimentos; geralmente são estas quatro fontes: mando, conhecimento, beleza e posse.

Então, muitos deles reencarnam compulsoriamente ou passam pela prova da mendicância, não conseguem sair daquela situação, mas suas mentes não se dobram, a vida impõe, Deus não impõe. Vocês aí farão a diferença entre a Lei e a vontade de Deus. A vida impõe, impõe porque é da Lei, pois, à medida que o homem tiver procedimentos errados, tudo retornará para ele. Deus poderia esmagá-lo, dobrá-lo, mas não o faz, deixa que a vida o faça, é a própria lei de ação e reação. Para que o homem se dobrasse seria preciso que Deus chegasse e dissesse: “Dobre-se” e ele se dobraria, mas Deus não o faz, a vida o obriga, e ele continua orgulhoso... Vocês precisam aprender a entender isso: como espíritos, as criaturas se mantêm livres porque a Lei permite, melhor dizendo, Deus permite, mas a Lei obriga. Conseguiram entender essa diferença?

E. — Seria então quando nós nos interiorizamos e nos vemos de uma forma diferente daquela como você se vê, seria isso?

B. — Sim, exatamente.

E. — No caso que estamos estudando, ela recordou, e hoje, o que ela guarda do passado?

B. — A lembrança daquela experiência.

E. — Dentro do orgulho, daquilo tudo que ela não tinha? Está trabalhando em cima disso?

B. — Certo, vejamos por que você se lembra, nem sempre, mas, às vezes, da sua vida na sua cidade natal?

E. — Ah! porque foi muito marcante para minha alma.

B. — Mas, por que marcante se você tem coisas muito mais marcantes aqui com os filhos, com o marido, com o Centro Espírita?

E. — É, realmente tenho.

B. — O passado pesa, não é? Assim são essas lembranças, em um dado momento, elas foram importantes, é só isso. É por essa razão que, às vezes, você lembra a experiência de hoje, num quadro de ontem, não é nada, é apenas o quadro marcante.

E. — Quando o senhor fala a respeito do espírito que tem (não sei se vou usar as palavras certas) uma capacidade de pensamento maior do que quando ele está na matéria, porque a matéria tolhe, quando se realizam aquelas experiências por magnetização, hipnotismo, o que se faz então é liberar, aos pouquinhos — se o espírito tem capacidade e evolução para isso — essas camadas de conhecimentos, sentimentos e de experiências de vidas, que seria colocar-se em relação mais profunda com as experiências interiores do espírito; é a isso que o senhor está se referindo em relação à diferença entre o que nós somos hoje, pela imposição da Lei ou pela experiência que precisamos aprender, e aquilo que somos realmente como espíritos?

B. — É por aí, o seu raciocínio tem alguma coisa a mudar, mas é por aí, analisando por esse ângulo está certo. Todos entenderam esse aspecto?

E. — Sim, entendemos. Agora a segunda análise: o senhor disse que a condição espiritual do mendigo é prova imposta pelo próprio espírito, falou da condição de inferioridade dizendo que esse tipo de criatura pode ter conhecimento, mas não é elevado moralmente. E fez análise do sonho simbólico que a pessoa relatou e que é um sonho muito interessante em que ela, vendo-se como mendiga, lava-se e vai como se desprendendo do seu corpo e das mazelas e miasmas. Então, foi assim um fato muito marcante para a pessoa.

B. — Esses espíritos, quando fazem essa limpeza, limpando os miasmas, têm um razoável conhecimento do corpo perispiritual, não são todos que fazem isso não; para fazê-lo, como eu disse, eles têm que ter conhecimento do

corpo perispiritual.

E. — A lembrança do sonho está atrelada ao automatismo biológico ou é independente dessa função?

B. — Sim e não, ela pode ser atrelada ao automatismo e pode não ser. Quando há o atrelamento, são aqueles casos muito próximos das experiências materiais, isso não se dá em todos os momentos, em todas as horas, acontece em determinadas circunstâncias que o espírito vai buscar, uma convivência que lhe interessa pesquisar. Deixe-me explicar melhor: vamos supor que você é um espírito, em atividade assistencial a uma pessoa, você encontra nas reações dela, alguma coisa familiar ao seu espírito. Supondo que essa pessoa apresente um quadro de dor, qualquer que seja, física, moral — ela é um espírito encarnado ou desencarnado, você é um espírito desencarnado no socorro a ela — aquela dor lhe surge como familiar, então você poderá lembrar, por exemplo, de um desastre em que a dor foi semelhante, de um atendimento que você fez em que a dor foi semelhante, mas, nos casos morais, às vezes, ao atendê-los, recorda algo de sua própria vida. Você, ao ver passar uma dor motivada por isso ou por aquilo, recorda que já teve a mesma experiência há 300 ou 400 anos, e sente nostalgia ao lembrar dos personagens daquela ocasião, e diz para si mesmo: “Como estarão fulano, beltrano, cicrano?” E o seu pensamento voa, atravessando as recordações ao encontro dessas criaturas, se você não estiver fazendo isso só para lembrança, pois há uma coisa a distinguir aqui, a busca pela lembrança e a entrada do espírito no éter, nas camadas que ocorrem na Terra. Quando você vai nessas camadas, arrasta um turbilhão de situações, de ideias para si.

E. — Essa ida é espontânea, não é?

B. — Não, não é espontânea, você vai ao encontro dela.

Naquele exato momento em que faz isso, você vai penetrar num mundo que, se não estiver sossegada na sua casa, causa um transtorno onde se encontrar, porque pode ficar imóvel, pode sofrer convulsões, dependendo da lembrança do que vê, você pode aparentar um estado doentio, mórbido ou alienamento.

Isso é muito comum na nossa cidade nos recém-desencarnados, que começam a dominar essa ciência geralmente com uns 20, 30 anos de desencarne, de vez em quando somos obrigados a socorrê-los e hospitalizá-los, porque eles vão e não voltam.

E. — Como se fosse um êxtase?

B. — É. Eles vão e não sabem voltar, estou dizendo a vocês, se vocês começarem a penetrar o mundo dos invisíveis, vocês se assustarão.

Então, há muita coisa aqui que o espírito, antes de 20, 30, 40 anos, não domina, ele não consegue dominar. Nessas primeiras experiências é muito comum nós termos que interromper o processo hospitalizando-o, fazendo-o retornar exatamente como em um processo de sonambulismo ou um processo de vida passada; fazendo-o voltar para a realidade do mundo espiritual, para a atualidade do mundo espiritual, porque ele se perde nessas experiências, para nós isso é comum, é como socorro, encontrarmos esse tipo de coisa.

Para os espíritos elevados essas experiências são feitas de modo muito tranquilo, basta que se sentem em algum canto e poderão penetrar no tempo e no espaço, outros terão que fazê-las através de institutos especializados, outros ainda são proibidos de fazê-las, então, quando você me perguntou como é que se passam essas lembranças, do espírito se limpar, do espírito se desfazer de certos quadros

mentais, eu direi que depende do espírito, tal seja a sua lembrança, tal seja seu estado d'alma, tal seja a sua capacidade de penetração no mundo espiritual, tal seja tudo, é extremamente complexo.

E. — No caso, como espírito desencarnado, atendendo a essa pessoa, se eu me deixar levar por esse estado d' alma, eu posso não ajudá-la.

B. — Com toda certeza.

E. — Então, eu tenho que treinar realmente.

B. — Extremos e extremos.

E. — Tenho que ter um controle mental e emocional.

B. — Muito grande.

E. — Sim, muito grande, porque o senhor estava desenvolvendo o seu raciocínio e eu, com toda a devida comparação, lembrava de quantas vezes, estando no atendimento fraterno, ouvimos, da pessoa que nos falava, alguma coisa que já se passou ou que está se passando conosco...

B. — Assemelhado.

E. — Assemelhado com toda a devida comparação, muitas vezes a pessoa nos expressa uma dor que ainda é imperiosa em nós, e temos dificuldades de chegar aqui por causa daquela dor, sentamos e ouvimos da pessoa o relato da mesma dor que nos aflige, e temos que lhe falar de soluções que ainda não encontramos...

B. — Você falou em dois controles, o espiritual e o mental, e eu citarei outro, o controle físico do registro, no seu corpo, das emanções que saem das pessoas, nesses casos que você atende. Há casos, não são todos, em que as vibrações físicas são tão poderosas que abrem úlceras, nas pessoas que acabaram de se curar de úlceras.

Eu estou falando no Plano Espiritual, você acabou de atender uma pessoa, você acabou de se livrar, você própria, como espírito, de uma série de recordações do passado, curou suas próprias dificuldades, seus próprios problemas e, ao encontro dela, você conseguiu elaborar o raciocínio, conseguiu segurar a mente, mas não conseguiu segurar as vibrações perispirituais, então, você, que acabou de sair daquele estado, acaba de abrir as suas próprias úlceras, seus próprios machucados. [34]

Por isso, vocês ouvem falar da dificuldade que é colocar as pessoas em trabalho, porque elas vão ter que possuir uma série de conquistas.

E. — O senhor falou a respeito de o espírito penetrar, pelas lembranças, no tempo, no espaço, eu queria entender, nesses casos em que os espíritos, quando incorporam nos médiuns, vêm também com vivências, lembranças, que se assemelham às dos médiuns e, muitas vezes, esses médiuns se deixam envolver por essa vibração, por essas lembranças, isso também é um fator que pode perturbar?

B. — Exatamente.

E. — O senhor falou do espírito consigo mesmo, com as suas lembranças, mas sabemos que há espíritos que podem penetrar na lembrança dos outros, como se fosse uma clarividência.

Essa capacidade que os espíritos têm de penetrar na recordação e na vivência de outros espíritos é obtida por treinamento ou isso já é uma aquisição?

B. — Há treino para tudo, mesmo quando já existe aquisição, no momento em que o espírito começa a usá-la, ele tem que treinar. Guardem bem isto: seja qual for a aquisição, ela não surge espontaneamente em sua plenitude, ela surge, mas o espírito tem necessidade de treinamento.

E. — Esse treinamento pode seguir um sentimento instintivo do que se tem a fazer?

B. — Pode. Há alguma dúvida quanto a isso?

E. — Então, nestas duas situações, tanto o espírito desencarnado no trabalho quanto nós que estamos aqui na participação da assistência fraterna temos sempre que estar vigilantes para manter o equilíbrio.

B. — Para não entrarem nessas faixas mentais.

E. — Não deixar que esses sentimentos aflorem em nós, em nossa lembrança, trazendo-nos prejuízo.

B. — Exatamente, o princípio é esse. Entenderam?

E. — Sim. Pode-se fazer isso em relação ao atendimento fraterno, como forma de ajudar à pessoa, mas, às vezes, ela bloqueia os sentimentos, bloqueia determinadas coisas e o médium que o está atendendo, intuitivamente ou pela sensibilidade, registra que há algo a mais e vai por essa intuição sentindo coisas a mais para ajudar às pessoas.

B. — Se você estiver bem acompanhado pelo seu guia, poderá fazer. Se não estiver, não vá por você.

E. — Quer dizer, usar a própria experiência para ajudar ao outro.

B. — É, mas se você sentir a presença do seu guia espiritual, pode buscar isso, se não sentir, não pode fazer porque pode pegar um dos aspectos da vida da pessoa e se enveredar por um caminho que o levará por uma incursão errada.

Você terá que se assegurar de que há a presença do guia espiritual, de forma ostensiva ou não, repito: terá que se assegurar da presença do guia espiritual.

Está esclarecido isto? Para todos? Alguma outra dúvida?

E. — Em relação ao turbilhão de lembranças e vivências que nós temos, à medida que o homem se espiritualiza, ele lembra mais dos sonhos espirituais? Ele se liga mais a esse tipo de sonhos e deixa os sonhos de experiências materiais, das preocupações cotidianas?

B. — É assim. Mas, por outro lado, existem espíritos que não se ligam sequer em sonhos.

E. — Vão direto e não lembram. É possível não lembrar das experiências no Plano Espiritual por um mecanismo de defesa?

B. — É possível você não lembrar no corpo físico como espírito você sempre há de lembrar.

E. — Aí você não tem lembrança viva, mas tem a impressão, no corpo físico, de que teve aquela experiência e as coisas vão se acessando, então você vai puxando aqueles conhecimentos...

B. — Sim, aquelas informações, isso é muito comum, há espíritos que não querem lembrar na Terra da sua vida espiritual porque isso os faria sofrer, agem assim por uma defesa. Mas, como há espíritos que não querem lembrar, há outros cuja imperfeição dos órgãos não permite lembranças e há outros ainda que são incapazes de se lembrar da vida espiritual, totalmente incapazes. Por quê? Porque não sabem juntar os dois planos de atividades, o corporal com o espiritual. Por isso são totalmente incapazes.

E. — Balthazar, o nosso passado ainda é muito doloroso para nós, não é?

B. — Para o nível de vocês é. É doloroso pela consciência que estão adquirindo das virtudes celestiais. À medida que o espírito vai adquirindo consciência da vida espiritual ele sente muita vergonha, à semelhança das pessoas que aprendem as primeiras lições morais. Depois ele vai crescendo, vai entendendo os erros como forma de vida que caracterizou a sua experiência, já não tem mais vergonha da sua experiência, ele já conseguiu dominar tanto a emoção, já venceu, já quitou tanto os débitos que enxerga o passado como algo que resultou no seu progresso atual.

E. — Então, ter vivenciado essas situações no passado, que demonstraram a nossa ignorância, faz parte do nosso aprendizado?

B. — Sim. Então, para todos que estão aqui, que ainda são aprendizes das leis morais, essa recordação do passado ainda pesa muito, porque ainda estão como iniciantes da conceituação moral, é por isso que a Espiritualidade não permite que vocês saibam da própria vida, e aqui, nesta Casa, este serviço é feito com rigoroso controle. Todas essas lembranças que dizem ter, nós ouvimos vocês falarem, mas não damos a menor importância porque normalmente não é nada disso que vocês falam. São fragmentos mal levantados, vocês viram outras coisas da vida alheia e pensam que estão ali naquele episódio. Muitos fatos que vocês dizem que viveram nesta ou naquela época, é fantasia de vocês.

E. — Conforme seguimos estudando as leis morais, vamos sentindo como que uma responsabilidade maior, temos momentos como espírito e, nesses momentos, dá uma tristeza profunda, uma vontade de chorar.

B. — É a consciência moral que estou dizendo que vocês estão adquirindo agora, e quando eu digo agora, isso são uns 3000 anos mais ou menos, que é a medida do tempo de duração para o espírito consolidar os conceitos

morais.

A média de encarnações consideradas normais para o espírito ingressar no reino moral é de 50 encarnações; para ingressar no reino crístico [35] são necessárias algumas outras encarnações, não tantas, mas algumas outras muito severas, de um modo geral mais umas 10. De modo que o espírito, para atingir o estado de cristão, na acepção da palavra, geralmente necessita de uns 4 a 5000 anos.

E. — Esse reino crístico está ligado a fator temporal?

B. — Não.

E. — É, porque Cristo veio...

B. — Ele veio para a Terra para ser conhecido, mas o reino dele é interior, então é de uns 4 a 5000 anos.

E. — Com o advento da Doutrina Espírita.

B. — E muitos de vocês ainda não atingiram essa fase, vocês têm uma média de 30 a 40 encarnações conscientes, quer dizer, a maior parte ainda está no meio do caminho.

E. — Nós estamos no meio do caminho do senso moral para conhecê-lo?

B. — Sim, com profundidade. Ouçam depois o que falei que vão entender melhor. Ouçam: são 30 a 40 encarnações para adquirir esses conhecimentos, isso dá uma média de uns 2 a 3000 anos, no mínimo, entendem? Isso para chegar ao estágio de começar a conhecer o estado crístico, não é o Cristo, é o estado crístico, no mínimo 4000 anos, vocês têm uma média de 30 a 40 encarnações desta necessidade, então, ainda estão conquistando os efeitos morais, ainda não há condições de verem tudo.

E. — O que o senhor quis dizer com encarnações severas?

B. — São as reencarnações em que o homem aprende o abandono de si mesmo, aprende a humildade, conhece a lei de amor ao próximo, o desprendimento aos bens terrenos, onde ele cria laços profundos de luta interior, não é contra ninguém.

Há casos aqui em que o fulano, para atingir esse estágio crístico, passou quatro, cinco, seis encarnações sozinho, era para aprender o combate ao egoísmo, então, ele não podia viver ao lado dos outros. Quatro, cinco, seis encarnações sozinho, você pode admitir uma coisa dessas no espírito?

E. — Sozinho e isolado?

B. — Sozinho sem família.

E. — E isolado também?

B. — Quase sempre isolado.

E. — Por exemplo, essas reencarnações no Tibet, esses monges...

B. — Não, naquela situação seriam reencarnações puras mesmo, sem mágoas, sem requintes.

E. — No anonimato.

B. — No anonimato total. Você pode se imaginar ficar sozinho nesta reencarnação, sem ninguém?

E. — Ainda não pensei.

B. — Imagine você ficar seis reencarnações assim, seguidas. O espírito precisa ter um vigoroso estado d'alma. Esses espíritos, nesse período, só aprendem o hábito de convivência, eles e Deus. Ele será capaz de abrir a porta da casa dele, mas não terá ninguém na casa, será capaz de dar e nunca possuir, ele tem e dá, recebe e doa, não é por desprendimento, é porque ele não tem aquilo mesmo, é passageiro na vida dele, talvez vocês nem entendam muito o que estou lhes falando.

O que chega às mãos dele é para seguir adiante, para servir de ponte para alguém, ele aprende a viver só para se doar, é treinamento, ele sai dali e vai numa vila, trabalha, trabalha e quando termina, a vila continua na sua vida feliz,

e ele retorna, meditando.

E. — A irmã Dulce seria um exemplo inicial mais ou menos...

B. — Na escala dela, na escola dela, sim. Há escolas e escalas. Na escola católica dela, sim. Porque é um espírito preso ao Catolicismo, não no Catolicismo que os homens conhecem, mas nas correntes espirituais do Catolicismo. Talvez vocês não entendam, mas não se preocupem muito com isso não. Guardem só essas informações.

E. — Isso que o senhor disse é extremamente consolador para nós.

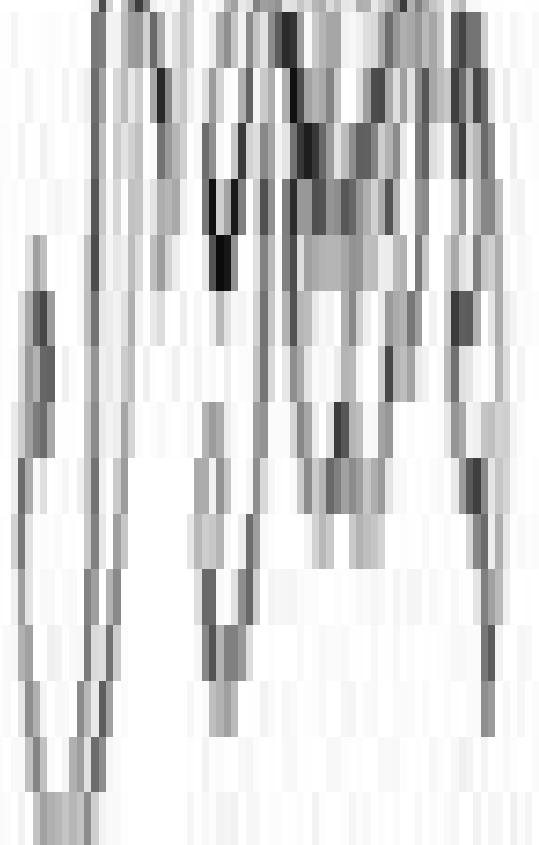
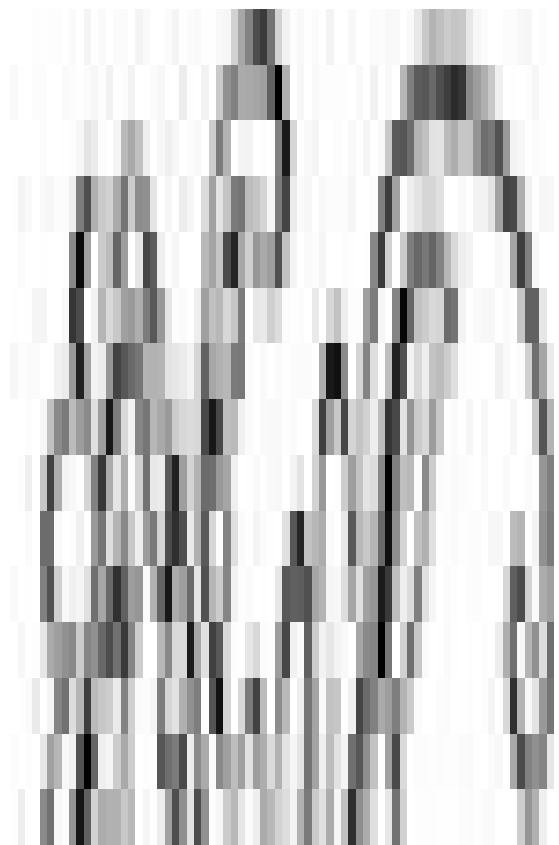
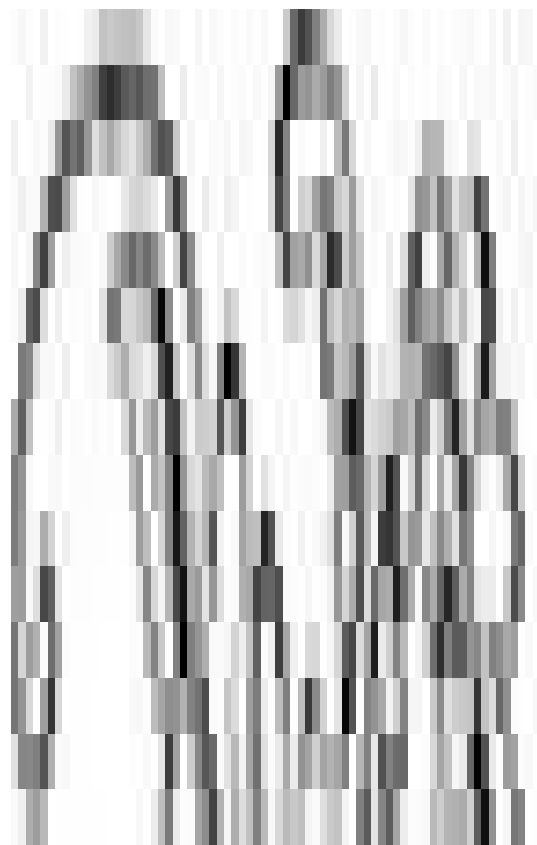
B. — Sim, há de se ter conforto na alma humana ou ela não resiste, talvez estas informações que eu esteja dando a vocês não sirvam para muita gente, mas para vocês talvez sirvam um dia... Então, assim se sucedem as múltiplas reencarnações do homem, e por isso eu lhes disse que vocês têm um aprendizado de vida espiritual e por isso não podem recordar, porque ainda estão na fase dessas 30, 40 reencarnações, na fase intermediária, ou seja, a conscientização ainda os envergonha, vocês têm vergonha por orgulho, não é vergonha por vergonha, é vergonha por orgulho, o que é muito pior. A vergonha por vergonha vem por volta de umas 40 reencarnações, por aí, então o espírito começa a ter vergonha por vergonha, mas, por enquanto, vocês ainda têm vergonha por orgulho. Têm dificuldade de se mostrar como são, em se perceber também. Está tudo respondido?

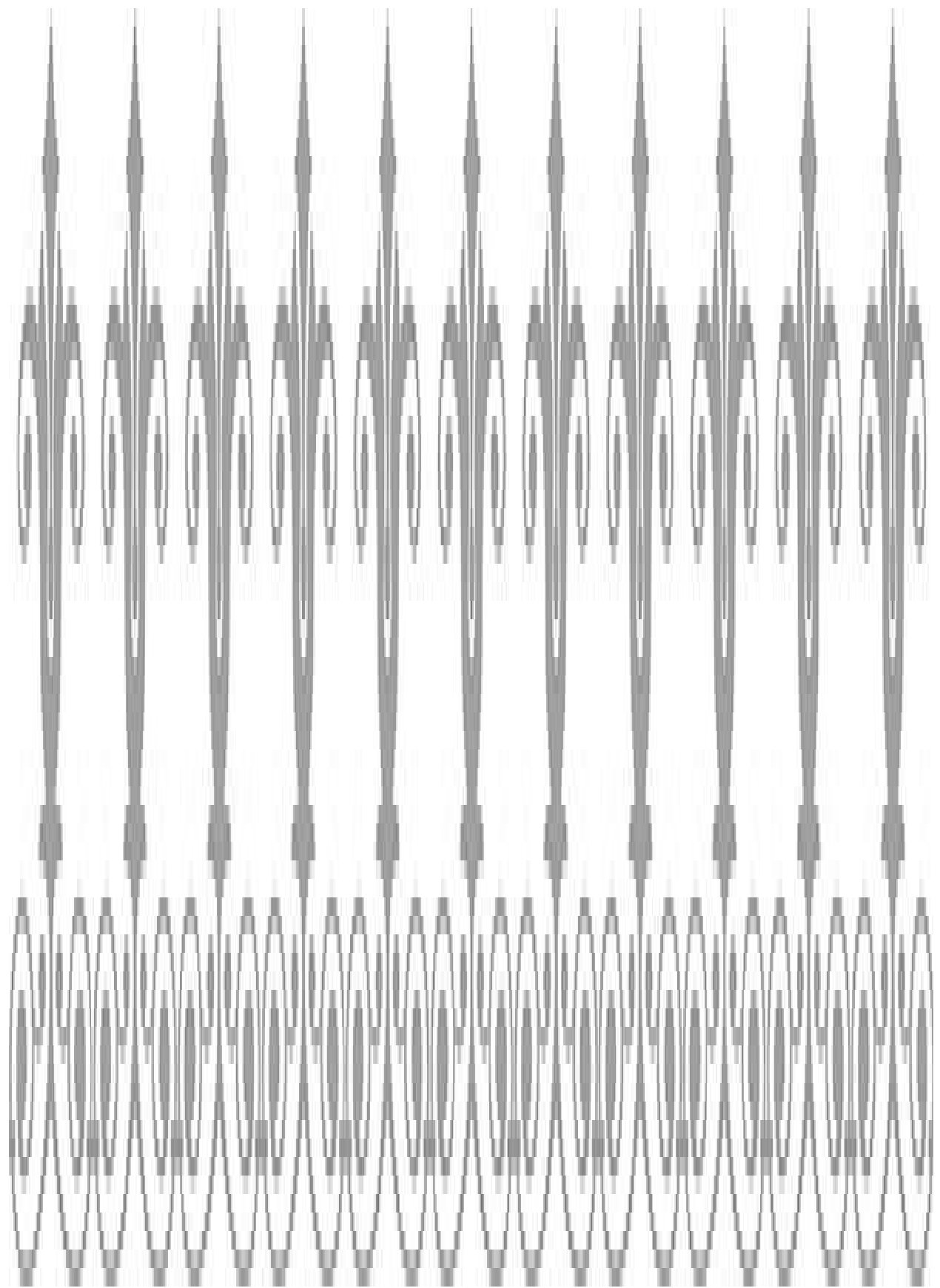
E. — Está, irmão Balthazar.

B. — Então que Deus abençoe a todos. Senhor Jesus, ajuda a todos, são

almas que caminham pelas estradas do aprendizado, o clima de Amor se acha sendo implantado nesses corações, eles crescem Senhor, ilumina seus próprios espíritos, fortalece suas próprias almas, faz para eles, Senhor, aquilo que fizeste para todos nós, dá-lhes esperanças, ensina-lhes sempre o teu Amor, nunca os abandone, tua luz sempre os acompanhe. Paz Senhor, paz para todos eles, ensina-os a serem perseverantes, e que eles nunca esqueçam, Senhor, que são teus filhos, amados por ti, e que devem ir ao encontro do teu espírito, à semelhança da ovelha que procura o pastor por encontrar nele a segurança e a luz; renova suas ideias e deixa que eles possam seguir-te sempre. Que assim seja Senhor!

Graças a Deus! Sejam simples meus irmãos, a simplicidade aplaina os caminhos, sejam moderados e sejam simples.





Capítulo XIV

Reunião 37 — Sonhos. Casos – V.

26 de fevereiro de 1993.

B. — Pela graça infinita de Deus, paz! Balthazar pela graça de Deus. Que Deus nos abençoe e ajude nesta noite de estudos e trabalhos espirituais, nesta noite que, certamente, há de ser uma noite de luz. Que Deus fique conosco. Graças a Deus!

Iniciemos os trabalhos.

E. — Irmão Balthazar, dando continuidade e fechamento ao estudo sobre os sonhos, trouxe hoje, elaborados, os últimos três casos. Gostaríamos de saber se vamos ler todos de uma vez.

B. — Sim, faça a leitura total e depois a parcial.

E. — Então, vamos relatar o primeiro caso de hoje, que é o caso 4. A pessoa conta a experiência de três sonhos diferentes.

1º) O sonho é seguido de bem-estar, sensação de felicidade: ela se vê como uma índia, mãe de muitos filhos. Encontra-se num vale fazendo trabalhos manuais, próximo a um monte onde vivia em uma pequena cabana, vê, de repente, sua cabana ser atacada por um grupo de índios que iriam matar seus filhos; e, ao mesmo tempo, um índio se aproximando, correndo em sua direção para matá-la, instintivamente, busca uma tesoura para se defender, mas, no mesmo momento lhe vem o pensamento: “Eu agora não posso mais fazer isto”; logo após, surge, do outro lado, um índio que a defende.

Até hoje, quando se recorda desse sonho, um sentimento de felicidade a inunda por ter resistido.

2º) É um sonho de consolo. No momento de sua separação conjugal tem um sonho: no interior do Brasil, num lugar muito pobre a Sra. A. busca um casebre, nesse casebre se encontra uma mulher, a Sra. B., muito triste e em condições muito difíceis. Ao ver a Sra. A., a Sra. B. a acusa por sua situação difícil de ter lhe roubado o marido, mostrando-se revoltada e rejeitando a sua presença na casa.

A Sra. A. procura então consolá-la, ajudá-la, socorrê-la, mas a Sra. B. recusa, dizendo não aceitar que a Sra. A. tenha lhe roubado o marido. A Sra. A. diz-lhe, então, que o mesmo lhe aconteceu, porém a Sra. B. permanece na mesma posição.

Acorda com a sensação de que existe uma causa para o momento que vive. Diz que esse sonho foi muito significativo e lhe serviu de muito consolo para a situação de vida por que passava.

3º) Este sonho é relatado como preocupante e relacionado a um fato real: o aniversário de 15 anos de uma sobrinha.

Dois dias antes do aniversário, sonha que estava nos preparativos da festa, observando com detalhes o que se passava. No pátio, vê uma mesa de pedra e uma árvore, junto a elas, um amigo; surpresa, pergunta ao amigo o que ele fazia ali, se conhecia a família. Ele responde que também havia sido convidado para a festa. Ao fitá-lo, ela vê o Mal de Hansen o consumindo numa cena muito impressionante.

Ao acordar guarda as impressões vivas do sonho. Chegando o dia do aniversário, qual a sua surpresa ao ver que a arrumação da festa era a mesma que aparecera no seu sonho e que, no local em que havia visto seu amigo em situação tão aflitiva, via agora o bolo.

Ela tem, então, a sensação de que o sonho é um mau presságio.

Caso 5: É o relato de sonhos premonitórios.

1º) Conta que sua mãe estava muito doente. Certa noite, sonha com seu pai, já desencarnado, avisando-a que estava ali para levar sua mãe. Desenrola-se, então, a cena do momento do desencarne, seguido do velório e do enterro.

Dois meses depois, com a sua mãe agonizante, tem um episódio de vidência em que vê seu pai dizendo as mesmas palavras que lhe dissera no sonho, vendo desenrolar-se toda a trama já vivenciada no sonho: o desencarne da mãe, o velório e o enterro.

Diz que é relativamente comum ter sonhos com as pessoas próximas, parentes

ou amigos, e logo depois receber notícias do desencarne da pessoa com quem sonhou.

2º) Outra experiência de sonho premonitório. Relata que, por três dias seguidos, teve um mesmo sonho: vê seu marido se encontrando com outra mulher, vendo-a com nitidez e lhe ouvindo o nome. Isto por três dias consecutivos.

Dias depois, seu marido lhe confia a situação de uma relação extraconjugal, dando-lhe a notícia exatamente como havia visto no sonho.

Caso 6: A pessoa, de início, nos relata que nunca sonha, ou seja, nunca lembra dos sonhos.

Dorme e acorda com a sensação de que nunca sonhou. Depois se recorda de um único sonho na infância, um sonho sem sentido, em que vê um animal enorme pendurado por um fio no teto. Relaciona esse sonho ao fato de ser, quando criança, uma pessoa muito assustada.

São esses os três casos, de sonhos diferentes, que lhe pedimos que analise para nós. O senhor quer que repita caso a caso?

B. — Sim, pode repetir, mas vamos analisar os três casos inicialmente. O primeiro sonho do caso poderá ser um sonho de recordações, realmente, é o da índia, a pessoa se vê como índia, provavelmente recordando uma vida, e aqui existem algumas pessoas assim, não sei se esses casos relatados são de pessoas do Centro.

E. — Sim, são de pessoas do Centro.

B. — Esse tipo de indígena que vou citar, do qual existem umas seis ou sete representantes aqui, são espíritos vindos das missões do sul do país. Foram colonizados pelos sacerdotes católicos jesuítas que fizeram um trabalho belíssimo, junto aos índios Guaranis que viviam próximos ao Sul, à fronteira do Uruguai e do Paraguai, aquela região na época não muito definida e que realmente tiveram um bom aprendizado cristão, diferentemente do aprendizado dos índios das regiões Leste e Norte do país, e a Nordeste também, para ela poder ter relatado essa experiência da vida, ter se recordado de uma experiência dessas. De qualquer modo isso é apenas uma experiência, uma recordação do passado, está no caso comum de recordações de vidas passadas. Vale analisar porque essas recordações, provavelmente ocorrem quando algum espírito, que teve algo a ver com o processo, se aproxima e faz a pessoa reviver sua experiência anterior, principalmente quando não reencarnam juntos, quando, ao contrário, estão longe e de tempos em tempos se veem. Quando existem esses sonhos muito objetivos, muito claros, de forma geral, são visitas que os espíritos fazem a pessoas que estão reencarnadas, então essas visitas provocam lembranças amenas, assim como podem provocar lembranças dolorosas, naqueles casos de dor, casos em que as pessoas tiveram papel de sofrimento, mas a lembrança é sempre resultado da recordação do passado.

Quero dizer que quando houver sonhos em que a pessoa tenha realmente vivido aquela experiência, que não sejam frutos de fantasia, quando houve uma vida naquela situação, esse sonho, essa lembrança provocada pela visita de alguém com quem ela conviveu, geralmente trata-se de uma pessoa que teve um papel preponderante naquela existência. Quer dizer, esse médium nada mais fez que relatar uma lembrança de sua vida passada; não há muito o que falar a não ser isso, o valor aqui, está no por que acontece. Repito, sempre será fruto de uma lembrança, do retorno de uma amizade à Terra. Está claro? Vocês têm alguma dúvida quanto a isso?

É bom vocês guardarem que sempre é uma situação eventual.

E. — Não precisa buscar no perispírito.

B. — É raro, pelo fato de ele estar encarnado, é comum a lembrança, justamente por ser provocada pela visita de alguém. Assim como se você recebesse a visita de um amigo antigo e vocês quisessem recordar as experiências da época em que estiveram juntos.

E. — Balthazar, quando a pessoa diz: “Não posso fazer mais isso agora”, como a índia, no momento ela teve a lembrança do aprendizado de agora ou foi de outro aprendizado?

B. — De agora não, a lembrança dela é da época vivida no sonho, são espíritos provavelmente daqueles povos...

E. — A noção que ela teve naquele momento, de que não poderia mais fazer aquilo...

B. — É relativo àquele aprendizado da época.

E. — Eu tenho uma dúvida em relação a esse caso, que é a diferença entre fantasia e realidade, para nós, às vezes, é difícil fazer esse diagnóstico.

B. — O encarnado não pode fazer.

E. — É, mas, às vezes, nós até percebemos que existe um quê de realidade recheada de fantasia.

B. — O encarnado não pode fazer esse diagnóstico. Ele não tem meios de avaliar, sempre deduzirá, nunca avaliará com certeza. Ele não tem meios de perscrutar a vida daquela criatura, salvo se tiver um conhecimento prévio por revelação.

Se você tiver o conhecimento por revelação, se a pessoa lhe contar alguma coisa aí você associa, mas se não tiver essa revelação você não tem como avaliar, isso é tarefa de desencarnado pela possibilidade...

E. — Até de analisar a história pregressa da pessoa, não é?

B. — Sim. O segundo sonho do caso 4 trata-se da mulher isolada, não é? Também é o mesmo processo, provavelmente recordação de uma vida passada. São casos relativamente comuns, as experiências vividas, quando aproveitadas, são marcantes. Essa mulher, no relato que faz, poderá ter tido esse convívio com a primeira pessoa abandonada, tal fato pode ter sido marcante para ela como experiência para não repetir o que aconteceu, isso marca o espírito. É muito comum encontrarmos, aqui, pessoas que abandonaram tarefas, e quando eu digo abandonaram tarefas, digo de um modo amplo, pode ser uma tarefa doutrinária, uma tarefa profissional, uma tarefa no lar, quando elas abandonaram uma tarefa ou foram a causa de que outros abandonassem, quando passam pela mesma experiência é sinal de arrependimento, é sinal de punição, simultaneamente de arrependimento, de punição e de observação para o futuro. Se você cometeu uma falta dessas, se abandonou uma tarefa ou foi causa de que alguém abandonasse, quando você estiver passando pela mesma experiência, você estará sendo punido.

Quando você vai ao encontro do outro, consolá-lo, você está passando a sua própria experiência, já está renovando o seu caráter. Não só está sendo punida como já está se renovando, porque você já é capaz de ir ao encontro do outro para reconfortá-lo diante daquilo que ele está passando, você já está renovando, já está transferindo alguma coisa de útil que está asilado no seu coração. A capacidade de ajudarmos os outros, principalmente naquelas experiências por que já passamos, indica um espírito que está se transformando, não indica um espírito transformado, mas um espírito em transformação.

Nesse caso o espírito terá ajudado, terá sido punido pela própria dor da separação que passou e foi confortar a outra pessoa, então, simultaneamente, ela pagou e já demonstra a transformação dela. Casos assim, o espírito deve analisar sob dois ângulos ou sob um ângulo com uma dedução, o primeiro é o de ele próprio sentir que já pode fazer alguma coisa pelos outros, ele sente que pode, que já é capaz de fazer alguma coisa pelos outros e o segundo é o sinal de que ele já pagou na sua própria vida o seu débito.

Então, quando você observar uma pessoa relatando sonhos assim, diga a ela: “Você já quitou o seu débito e, além de quitar-se, já está sendo capaz de renovação”. Você pode tranquilamente dizer à pessoa, sem querer interpretar os sonhos, mas por uma racionalização do que ela lhe conta, que estão acontecendo essas duas etapas na vida dela. Entenderam isso?

E. — O que faria surgir essa lembrança no espírito quando a pessoa diz: “Esse sonho para mim foi um consolo”. É a situação em si?

B. — A situação em si, e pode ser ela própria ter se sentido quite com um caso que tenha provocado. Quando a pessoa se quita de um débito, há uma sensação de desfogo em sua mente, no seu espírito, então, nesse caso, provavelmente, quando ela foi confortar a outra pessoa, deve ter se sentido

desafogada daquilo que ela provocou em outra ocasião, ela sentiu-se totalmente desafogada, isto é muito característico dos espíritos que pagaram os seus débitos, eles o fazem com sinceridade.

E. — É espontâneo?

B. — É espontâneo. Nesse caso, vocês têm que prestar atenção ao seguinte: quando nós temos um débito, temos um débito com o indivíduo e com uma situação, pode-se perfeitamente dizer que, pelo relato feito, ela se quitou com a situação, então, há um desfogo; quando se quita o débito com o indivíduo, tira-se um peso, é diferente de desfogar-se, o desfogo é um sinal de transformação, e o pagamento de débito nem sempre significa transformação, são coisas muito bem específicas, muito claras no Plano Espiritual.

E. — Entendi. Seria a sensação de já estar atendendo ao dever?

B. — Seria isso.

E. — Em todas as situações...

B. — É o que acontece com a maior parte de todos vocês, espíritas, que podem dizer que já estão atendendo ao dever, sentem-se transformados, mas, diante de um ou de outro, ficam inibidos. Então, você pode dizer: “Essa situação eu estou entendendo perfeitamente”, mas, face a face com A, B ou C você sente como se dissesse: “Ainda lhe devo”, mas você já está totalmente transformado.

E. — Eu tenho uma questão ainda, em relação a esse segundo sonho de que o senhor falou, e que é uma coisa que nós vivenciamos muito aqui no atendimento fraterno. A pessoa vem e relata um problema semelhante ao que nós estamos passando e que ainda não estamos vencendo, e nos sentimos no dever de dizer para aquela criatura que ela deverá seguir a orientação e o caminho que nós ainda não conseguimos fazer. O senhor poderia falar para nós um pouco a respeito disso?

B. — É o mesmo princípio, você sabe do dever, mas sente que falta se quitar com alguém.

E. — É a mesma coisa invertida nesse aspecto.

B. — Nesse aspecto, você sabe falar, e diz assim: “Mas eu ainda não faço”. Não faz com quem? É a pergunta. Não faz com essa, aquela, aquele, mas faz com esta, aquela, aquele. Então, isso, para nós, caracteriza bem o débito do indivíduo; ele já é capaz de discorrer sobre o assunto e de, eventualmente, desenvolver aquele trabalho, mas com esta, com essa, com aquela pessoa por certo não conseguiria, por quê? Porque é o débito com o indivíduo.

E. — E quando a pessoa diz para nós: “Tudo bem, você já faz isso que você diz?” Então, nós aqui nos preparamos constantemente para essa situação, e...

B. — Vocês poderão dizer: “Faço, mas com certas pessoas ainda não”, é o débito com o indivíduo.

E. — Podemos nos sentir agindo de forma legítima...

B. — Perfeitamente legítima, não se esqueçam disto: ao terem incorporado conhecimento, o espírito demonstra a transformação de vocês, isto é legítimo, mas os débitos podem permanecer, porque houve a transformação, mas ainda existem os débitos, isto é muito simples de entender. As pessoas que têm dificuldades de perceber isso são as que não avaliam o trabalho da evolução do ser em sua plenitude. Os homens acreditam muito em soluções mágicas, mudanças rápidas, quando a pessoa se transforma tem um rastro de realizações com prováveis débitos, com várias pessoas; quando muda a sua ótica sobre determinado assunto a vida continua, ela muda a sua ótica e não comete mais aquele débito, mas tem todo um rastro, então, ela é uma pessoa perfeitamente conhecedora, capacitada, com percepções sobre o assunto, mas com rastros.

E. — Tem o conhecimento teórico, mas precisa da aula prática.

B. — Não, ela pode já ter vivência a partir daquela ideia transformada, uma vivência melhorada, mas ainda há as pessoas a quem ela prejudicou. É compromisso com a Lei e com as pessoas. Vamos supor que ela seja um tipo acabado de egoísmo, mas ouviu as lições do Evangelho, e se transformou. Então, a partir dessa leitura, desse entendimento ela mudou a sua ótica de vida, não é mais egoísta, mas, e os atos de egoísmo praticados com esta, com aquela e com aquele outro? Ela tem que repará-los.

Então, diante desses que são novos, ela será uma espécie de altruísta, mas diante destes aqui que ao vê-la dirão: “Como altruísta se eu vivenciei a experiência de egoísmo dela?”... Então, você olhando para ela com seu par de olhos, um a dirá altruísta e o outro que pode ser, mas tem sinais e lembranças na retina de que é egoísta. Então, a partir daquele momento, ela está transformada mesmo, não vai mais cometer atos de egoísmo, mas há o rastro, esse rastro que vai ser ressarcido no futuro, uma vez que o que ela fez já está feito, não pode apagar pela

transformação, a transformação é o sinal de que ela está mudada, mas e o que ela construiu lá trás? Então, nesse caso, ela terá que ter vivências com pessoas a quem demonstre o contrário.

E. — Mas, pela conquista venceremos aquela dor de ter ferido...

B. — A conquista indicará uma renovação, mas eu insisto em lembrar que o passado pesa. Vocês não podem esquecer os débitos, como deixou de ser egoísta e passou a ser altruísta, ela venceu uma atitude geral, mas a atitude particular ainda está sendo vencida, ainda está por vencer.

E. — Isso só sanará quando ela quitar o débito com a pessoa a quem prejudicou.

B. — Sim, exatamente, porque, nesse caso, se você disser que o egoísmo dela o prejudicou pessoalmente, ela deverá reparar o prejuízo que lhe causou, mas, se não o prejudicou, se você só tomou conhecimento do seu egoísmo, ela não lhe deve nada, você é que tem que compreendê-la. Entenderam?

Porque se ela prejudicou uma pessoa com o egoísmo, ela terá que ressarcir-la, mas se não a prejudicou, se essa pessoa apenas a conheceu como egoísta, sem ter sofrido nenhum prejuízo pessoal, ela nunca poderá dizer que quer ressarcimento de nada, porque só a conheceu. Isto deve ficar muito claro na cabeça de vocês, muito claro mesmo, porque, às vezes, vocês veem uma pessoa em situação difícil com outras e um de vocês também quer cobrar, aí isso já passa a ser maldade, passa a ser uma atitude de exigência. Como também querer cobrar se ela não lhe deve nada! Você não tem o direito de cobrar, você poderá ficar como expectador, entenderam?

Um exemplo muito vivo dessa posição é a de Jesus. No momento do seu julgamento, Jesus é agredido por um soldado; ele vira-se para o soldado e diz: “Que mal te fiz para me bateres?”, e o soldado não tem resposta, ele, realmente, só fez aquilo, aproveitando-se da circunstância. [36] Para os membros do sinédrio, Jesus estava destruindo uma doutrina, e ele entendia a reação dos membros do sinédrio e por isso não falava nada, mas para o soldado, de quem não estava destruindo nada, Jesus pergunta: “Por que tu me agrides se eu não te fiz mal algum?”, como se dissesse: “Eu não te devo nada”. Mas Jesus não fala isso para Caifás, por quê? Porque sabia que Caifás tinha que falar dele, porque ele, Caifás, representava erradamente uma facção da vida terrena, o soldado, porém, não representava nada. Então, nesse caso, se você teve com ela uma atitude egoísta, ela pode cobrar de você, mas se não lhe deve e ela exigir de você, ela está exatamente na posição do soldado, e você pode perguntar: “Você está me pedindo isso por quê? Se eu não lhe devo nada”. Entenderam bem?

E. — Balthazar, a mulher do segundo sonho, apesar de ter a transformação, tem um débito com a outra, porque esta não a perdoou; haverá entre as duas um momento de reencontro...

B. — Em que acontecerá o resgate.

E. — Mesmo uma querendo e a outra não.

B. — Isso aí é fatal.

E. — E a questão dos sonhos nesses casos citados, a pessoa sonha, como o sonho desse relato, mas isso é um problema de consciência dela que vem através do sonho?

B. — A consciência apenas mostra o ponto na sua alma; a consciência é sempre o sinal, como se ela olhasse para um quadro e visse um ponto. Entenderam?

E. — Como é que se pode analisar esse quadro diante dos grupos. Por exemplo, aqui no Centro existem pequenos grupos ajudando em frentes de trabalho, como é essa ideia em relação a débitos, pagamentos referentes a pequenos grupos que reencarnam com determinados débitos.

B. — Os trabalhos, quase sempre nada têm a ver, o meio de conduzir os trabalhos é que tem a ver.

E. — Eu não entendi.

B. — Faça sua pergunta outra vez.

E. — A mesma pergunta que foi feita de indivíduo a indivíduo, em relação a grupos. Por exemplo, digamos que nós aqui fazemos parte de um grupo e reencarnamos para aprender a Doutrina Espírita. Temos essa oportunidade, mas dentro do grupo existem aqueles que têm débitos uns com os outros e o próprio grupo também tem débitos com a sociedade, com outros grupos, com a própria região.

B. — E eu respondi que nem sempre você tem débitos com aquele serviço, você tem o débito de como você age. Se você estiver dentro do grupo da cozinha, porque você é cozinheiro na presente reencarnação, o que vai valer não é o fato de você ser cozinheiro, mas como você se conduz naquele serviço.

Então, o fato de você estar na área médica é porque você é médico, mas, se o seu comportamento for egoístico, você tem o mesmo critério de julgamento dela que é cozinheira. O fato de você estar num ou noutro setor indica a sua experiência naquela existência e, às vezes, indica também a tendência. Quando Deus nos dá o esquecimento na carne é justamente para que o homem não julgue pela sua tendência nem pela sua experiência, julgue, sim, pelo seu comportamento, porque a reencarnação nivela os homens; é como se você, de repente, voltasse para uma situação, como se você fosse um náufrago, recolhido numa ilha, que está sem o fato de ser médico, nem de ser cozinheiro, é muito mais a sua potencialidade de saber sobreviver ali, naquela situação. Então, a reencarnação nivela as criaturas, por isso aquela postura mental, demonstrada claramente, de se sentir superior ao outro, em termos de reencarnação, é extremamente fraca e falha. Vocês não podem avaliar, como encarnados, o grau de evolução.

E. — Mas em relação ao grupo...

B. — Vocês veem, por exemplo, para exemplificar, essa mulher que vive aí na porta, da rua, que, às vezes, lhes cria obstáculos, e que vocês têm que pôr para fora. Se soubessem que aquela mulher foi uma criatura com autoridade terrena iriam se surpreender. Ela foi uma criatura com autoridade terrena, sim. Essa punição nesse tipo de reencarnação, não abate seu espírito voluntarioso, mesmo nascida “em favela”, ela não se abate, isso porque é um espírito com autoridade terrena. Vocês não podem fazer a menor avaliação, ela tem mais conhecimento do que muitos de vocês que estão aqui na sala, não é no Centro, é aqui na sala, mas conhecimento não é transformação moral é conhecimento.

Ela foi uma pessoa com escravos, e não se deixa derrotar, vocês podem fazer o que quiserem com ela, mas vocês nunca irão derrotá-la, porque ela é autoritária por dentro, o espírito dela é autoritário.

Ela vai sofrer muitas transformações pelo seu caráter, salvo transformações inesperadas. Deverá ter ainda umas duas reencarnações, de duas a três, além desta, para poder começar a sentir a mudança. Vocês não podem nunca avaliar a Lei de Deus é tão sábia que na Terra nivela os homens, vocês somente são desnivelados no Plano Espiritual e à medida que se elevarem, porque até desencarnados há espíritos que são nivelados, vocês não podem sequer avaliar essas coisas.

A posição de se sentir superior é sempre falsa e é sempre resultado daquilo que vocês sentem, mas sensibilidade para olhar um quadro e ver nele beleza ou olhar e não ver nada, demonstra a sensibilidade do espírito, mas essa sensibilidade pode ser educada também, o verniz da educação supre muitas coisas.
Respondido?

E. — Em relação ainda a grupos que reencarnam para ressarcir débitos, esses espíritos são simpáticos e estão imbuídos de alguma transformação, têm esse lastro ao longo da reencarnação, eles se unem, formam pequeno grupo espírita e vão atendendo a pessoas que são aquelas com quem se comprometeram, isso é assim, não só individual, mas coletivo? Pode o grupo reencarnar para ressarcir débitos, não só individuais?

B. — Pode fazer isso como um processo coletivo, mas não esqueçam, todo processo de reencarnação coletiva passa por essas necessidades individuais porque supondo que vocês todos devam à Doutrina, que tenham sido maus médiuns, maus pregadores, maus espíritas, vocês retornam para trabalhar no campo da Doutrina, nesse caso, até mesmo como você encarou, a sua atitude terá que ser vista.

E. — Aí seria uma forma de se respeitar o livre-arbítrio?

B. — Não seria uma forma de respeitar o livre-arbítrio, é a necessidade de cada um. Vamos ainda visualizar uma época, uma situação em que uma pessoa tenha sido uma médium má, aquela também foi uma médium que jogou fora a sua oportunidade, você um doutrinador falho, que essa outra tenha sido uma doutrinadora que não valorizou o serviço, então, os quatro voltam na mesma situação, e, para ressarcir seus débitos com a Doutrina, são colocados exatamente na mesma casa espírita para começarem do zero e chegar aos zênites que a casa oferece. Ela não foi uma boa médium, não valorizou o trabalho; qual atitude ela teve que provocou erros nos outros? Ela pode ter passado indiferença, descrença, desânimo para alguém, então, aqui, como médium, ela vai ter que devolver à Doutrina Espírita o trabalho que ela lhe deve e, às pessoas, ânimo, crença e certeza.

Ela já foi uma médium que usou mal a mediunidade, mas sem prejudicar ninguém, apenas não exerceu a sua mediunidade, recolheu-se, nesse caso a Lei vai cobrar dela o quê? Uma definição clara e precisa no trabalho a fazer, com cotas de extremas exigências no serviço para que seja capaz de pagar seu débito individual. Ela tem débito com a Doutrina, mas tem também débito individual.

Você falhou explicando mal a Doutrina, dizendo que não havia tanta necessidade de transformação, qualquer coisa, então você pagará à Doutrina, mas, àqueles a quem você influenciou diretamente, você terá sua prova adaptada à sua necessidade, entenderam?

E. — Sim. Um grupo de pessoas comuns, que podem ser amigas ou não, e que numa tarefa comum eles vão devolvendo...

B. — Devolvendo aquela tarefa à Doutrina e às pessoas com maior exigência.

E. — E a formação de grupos em si geralmente atrai pessoas que tinham muito a ver numa mesma época e assim até se compreendem essas provas coletivas em que se juntam pessoas para determinados fins.

B. — Exatamente. Entenderam agora?

E. — Quando o senhor fala que o homem encarnado é avaliado diante do seu comportamento, não fala pela experiência nem pela tendência; quando o senhor fala em experiência e tendência eu entendo que são coisas diferentes. Para mim a tendência seria uma consequência da experiência, é assim?

B. — Nem sempre, a tendência é o desejo, você deseja ser, mas a experiência já é aquisição feita. Ponha isto na cabeça e pense: a experiência já é a aquisição feita, a tendência é a aquisição por fazer.

Então, tudo o que falamos é do segundo sonho, agora vamos ao terceiro, o da mulher na festa.

E. — Sim, ela sonha com a festa e vê um amigo, fica surpresa e pergunta o que ele está fazendo lá, e ele diz que foi convidado; ela o vê com o Mal de Hansen o consumindo e se impressiona muito. No dia da festa, ao chegar ao local, leva um susto ao ver que a arrumação da festa era exatamente igual a que vira no seu sonho.

B. — Mas não vê o amigo?

E. — É, não vê o amigo, no lugar dele, vê a mesa do bolo, enfeitada e quando vê esse quadro ela tem a sensação de que aquilo é um mau presságio, será realmente um mal presságio?

B. — Provavelmente não. Ela pode perfeitamente ter visto a construção da festa, o que se planejava fazer, porque quem o planejou usou da vontade para realizá-la e isso antes do dia da festa.

E. — Que depois foi concretizada?

B. — Sim, depois foi concretizada. Ela, como espírito, usou da possibilidade de ver uma cena do que seria realizado. A presença do amigo, provavelmente, ao nosso ver, foi apenas mistura de sentimentos, algo que se justapôs à cena vista, mas é caso que deve ser analisado com bastante critério. Na maioria das vezes, não tem nada a ver uma coisa com a outra.

E. — É também comum que nesses sonhos apareçam coisas sem sentido, “sem pé nem cabeça”, como é comum dizer, são lembranças partidas, fragmentadas.

B. — Das vivências do Plano Espiritual principalmente, há muita coisa que a pessoa apenas vive no Plano Espiritual é isso que a deixa com essas ideias fragmentadas, são situações, casos, coisas, problemas vividos só no Plano Espiritual.

E. — Não têm nada a ver com o ambiente espiritual da casa...

B. — Poderão ter, mas é sempre uma vida do Plano Espiritual, situações do Plano Espiritual com vistas ao Plano Espiritual, somente o Plano Espiritual funcionando aí.

E. — Os outros dois sonhos, aqueles de premonição, são do caso 5.

B. — Vamos aos três últimos sonhos.

E. — No primeiro sonho a pessoa conta que sua mãe estava muito doente, e ela sonha com o pai e vê o desencarne da mãe, o velório e o enterro, dois meses depois, tudo acontece como a pessoa sonhou.

B. — São sonhos premonitórios. Os sonhos premonitórios são sempre a percepção das coisas que estão planejadas, plasmadas no Plano Espiritual, o sonho premonitório é pesquisa do que está plasmado no Plano Espiritual.

E. — Esse é um assunto muito difícil para nós compreendermos, estamos muito ligados a conceitos de tempo por causa da encarnação. Hermínio Miranda faz uma análise sobre isso, tanto nos sonhos como nos casos de regressão que ele fazia nos quais as pessoas relatavam: “Eu fui lá”, “Eu estive lá”. O senhor poderia falar sobre isso?

B. — As pessoas não estiveram lá, estiveram no mundo que elas deixaram. Vamos dizer que a Terra vive com milhões e milhões de camadas de fatos e situações ocorridas em determinadas épocas, então, vamos falar da história deste país, que vive atualmente arraigado à época do império. Esses políticos todos que estão aí, a maioria é originária daquele período do império, já após a independência. Todos eles são espíritos que agiram

exatamente como estão agindo agora, em menor escala, mas usufruindo o mando, como se fossem donos, utilizando mão escrava, ou seja, mão barata, usando os recursos da nação em seu próprio benefício, porque o país era o que menos lhes importava. O seu bem-estar, a sua família, os seus palácios eram os pontos que mais prevaleciam, isto está plasmado na história do nosso país, perfeitamente plasmado. Eles retornam para o Plano Espiritual, ouvem lições e querem voltar, em que exatamente? No mando, e o que fazem? Retornam às situações que os fazem mentalmente voltar aos privilégios que tinham, e materializam todos os privilégios novamente com outro aspecto, com outra capa, usando outros artifícios, mas sempre usufruindo, gastando, utilizando mão escrava, mão barata como se fosse escrava, explorando. Compreenderam agora?

E. — Sim.

B. — Então isso está plasmado na história do país, vamos a qualquer país da Europa, eles também têm tudo plasmado, mas trabalham na presente encarnação; com seus pensamentos, por tendência ou aproximação, voltam-se para aquelas mesmas experiências antigas. Aí o que acontece? Eles retornam com outras formas, mas com a mesma experiência repetida.

E. — Ele tem a tendência e viveu a experiência, só que aprendeu o suficiente, quer dizer, ele passou por isso, praticou as mesmas...

B. — A tendência seria o quê? Sempre querer usufruir; agora, a experiência é justamente o ter vivido, ter mudado ou não. A tendência está no espírito dele: sempre usufruir. A experiência é a pessoa ter vivido, e a tendência a pessoa traz dentro dela para o mal ou para o bem.

E. — Nesse caso que o senhor está falando, por exemplo, se a criatura tem

um desejo, se está sempre almejando uma situação, não poderia ser pelo fato de ela já ter vivido aquilo?

B. — Não. Tudo que você quer, você já viveu?

E. — Não.

B. — Entenderam? A sua tendência à simplicidade não significa que você não tenha sido membro de uma corte qualquer e usado aquelas roupas, mas a sua tendência é aquela. Então, quando vocês, muitas vezes, dizem: “Ah!, eu devo ter vivido essa experiência porque tenho vontade de fazer isso”, não tem nada a ver com vivências, isso pode ser um desejo que existe em você.

E. — Aqueles outros estão plasmados, então a pessoa deseja aquilo.

B. — Estão plasmados por tudo que acontece, nesse caso você deseja ver aquilo, não significa que tenha vivido naquele lugar.

E. — Como é que vamos reconhecer isso?

B. — Quando você se sentir perfeitamente integrado ao local. É o único meio que você tem, como encarnado, de ver que já teve essa experiência.

Você sai daqui e vai para um castelo, lá você anda para frente e para trás, sabe onde estão localizados os quartos, sabe tudo sobre ele, você é experiente. Agora

o desejo: você vai a um palácio, ele tem a sua própria vibração, a sua própria “aura”, a sua própria força vibratória, você entra ali e diz: “Como deve ter sido bonito, interessante ter vivido esta experiência”, mas, se lhe perguntarem o que tem atrás de determinada porta, você dirá: “Não sei”, porque não tem a experiência. Isso acontece muito quando visitam certos locais que mexem com vocês, mexem com a psique de vocês, fascinam. “Devo ter vivido aqui”, deduzem, mas não houve necessariamente uma vida ali, há sim, o fascínio, a vibração do local.

E. — O mar nos traz esse fascínio...

B. — O que não significa que você tenha sido marinheiro.

E. — E quando se vai a um local e se acha tão chato viver ali, daquele jeito.

B. — Aí é a experiência, ele não exerce fascínio sobre você, às vezes, porque você está fora daquela faixa e já é capaz de racionalizar as coisas.

E. — Embora já tenha vivido a experiência.

B. — Pode até ter vivido e pode não ter vivido. Muitos de vocês passaram por experiências em castelos europeus, mas há muitos aqui que não passaram por essa experiência, que viveram em cidades europeias sem ter nenhuma ligação com castelos, pela própria vida que levaram como camponeses ali; olhavam para eles até mesmo com certa prevenção, aqueles castelos não exercem fascínio sobre essas pessoas. Então, se saírem daqui em viagem para lá, olharão para os castelos e dirão: “Paredes, nada mais que paredes”. Os castelos não exercem fascínio algum sobre elas.

Compreenderam? Entenderam bem isso? Ficou nítido então o que é tendência e o que é experiência? Nem sempre a tendência é resultado da experiência, é vibração, desejo, anseio, projeto, mas nem sempre é experiência.

E. — O segundo sonho premonitório, o que a pessoa teve por três dias consecutivos, seria porque o marido estava plasmando aquelas ideias?

B. — Sim.

E. — A pessoa também diz que é comum sonhar com parentes próximos e amigos e que eles depois desencarnam. É como se fosse uma sensibilidade?

B. — É uma sensibilidade e poderá ser também participação em serviço de socorro a elas, mas é mais a faculdade, normalmente é mais a faculdade.

Ficam assim explicados os outros casos?

E. — Ficam. Mas ainda temos o sonho do caso 6, que achei muito interessante. A pessoa diz, de início, que nunca sonha, é taxativa: “Eu não sonho, posso até sonhar e não lembrar, mas eu não sonho”, depois, lembra-se de um único sonho, que ela diz ser sem sentido, em que vê um animal enorme, pendurado por um fio no teto e que a ameaçava. A pessoa relacionou o sonho ao fato de ter sido uma criança muito inibida e muito assustada.

B. — Esse sonho, de um modo geral, não é significativo.

E. — O que me chamou atenção não foi o fato de ser um sonho sem sentido, foi a pessoa não relatar as experiências anímicas, não lembrar, porque sabemos que é bom sonhar, lembrar, é uma coisa positiva...

B. — Esse sonho não deve ter relação com coisa nenhuma.

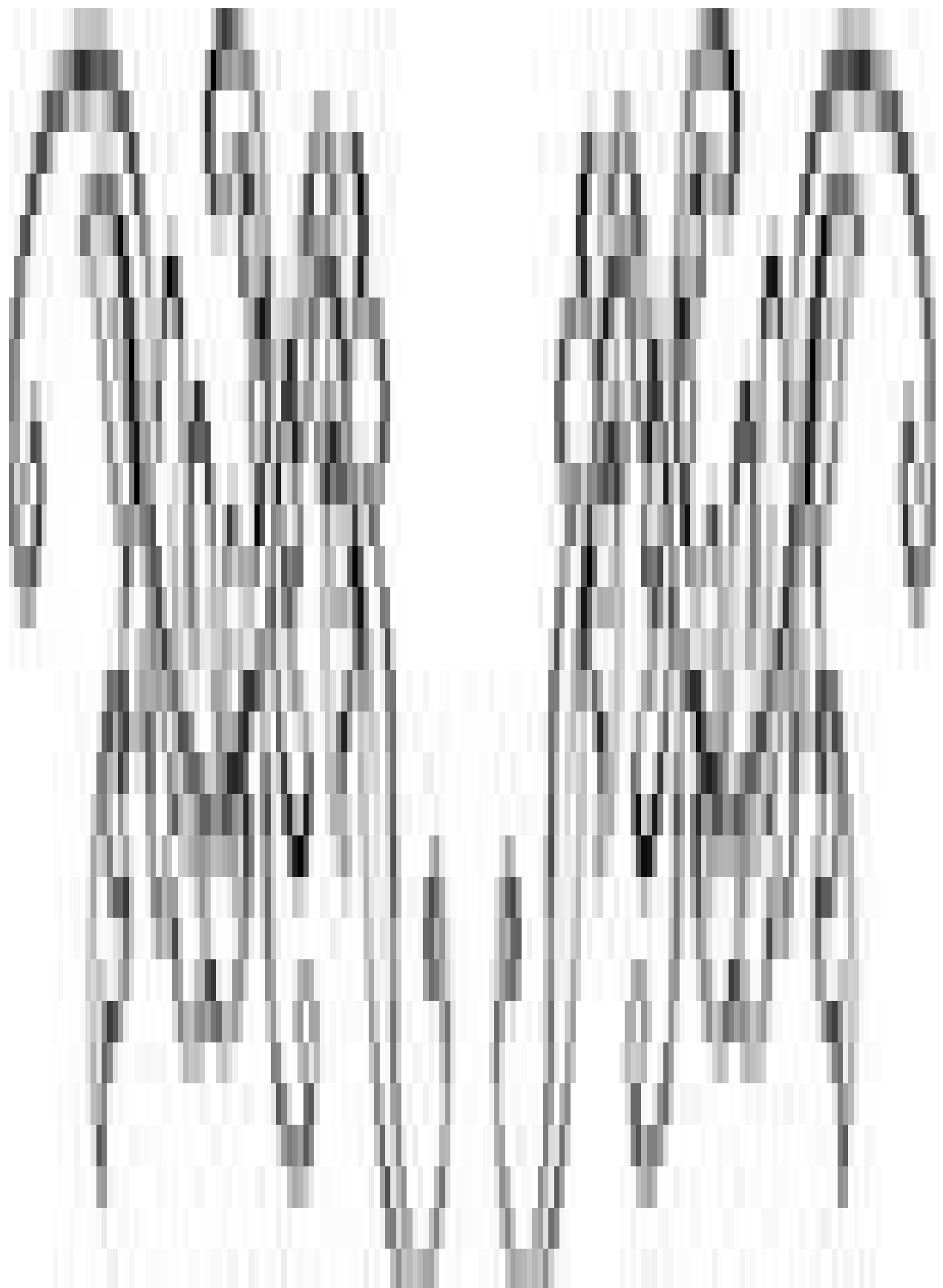
E. — E o fato de ela nunca lembrar, nunca sonhar, ela bloqueia? O que é isso?

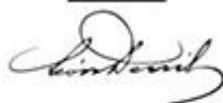
B. — Provavelmente. Esses sonhos assim desconchavados, sonhos sem coerência, podem não ter coerência para a própria pessoa que sonhou, mas, no final, terem coerência apenas do ponto de vista espiritual e não do ponto de vista do encarnado. Esses sonhos assim, geralmente, quando não são lógicos, coerentes na acepção da palavra, não são sonhos que se possam valorizar. Não se deve perder tempo com eles, são relatos de vida, de passado, de vivência no Plano Espiritual e não se deve dar muito valor a isso.

E. — Não têm nenhuma explicação para nós?

B. — Não, não. Geralmente esses relatos podem ser exatamente como as pessoas que sonharam dizem, mas podem também não ser. Se forem relatados para uma pessoa perspicaz esta pessoa poderá ter noção de que o que lhe foi relatado é vivência do passado, fragmento de alguma coisa, mistura com fatos atuais, visão de experiências alheias que se misturaram, etc. Seria o fato de alinhar tudo quanto a pessoa falou com a realidade.

Deus abençoe a todos!





Produção Gráfica: Setor Editorial do

CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro

Rio de Janeiro, RJ, CEP 21610-210

Telefax (21) 2452-7700

Site: www.edicoesleondenis.com.br

E-mail: editorial@leondenis.com.br

[01] “Não se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, e sim sobre o candeeiro, a fim de que ela ilumine todos aqueles que estão na casa.” (Mateus, 5:15.)

[02] Todas as perguntas ou quaisquer outras palavras dirigidas pelos entrevistadores aos Mentores Espirituais serão designadas pela letra E.; as respostas do Espírito Hermann, pela letra H., e as do Espírito Balthazar, pela letra B. As notas do organizador receberão as letras N.M.C. (Nota da Revisora.)

[03] Questão 93: O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

“Envolve-o uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde queira.”

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

Questão 94: De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

Questão 95: O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

“Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.” (N.M.C.)

[04] Questão 196a: “Teu Espírito é tudo, teu corpo é simples veste que apodrece: eis tudo”. (N.M.C.)

[05] O Benfeitor Balthazar, utilizando a linguagem do entrevistador, usa o termo chacra algumas vezes ao se referir aos centros de força presentes no perispírito.(N.M.C.)

[06] André Luiz, no livro Evolução em Dois Mundos, nos diz acerca desse automatismo:

Automatismo fisiológico. “Compreensível salientar que o princípio inteligente, no decurso dos evos, plasmou em seu próprio veículo de exteriorização as conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos.

Dominando as células vivas, de natureza física e espiritual, como que empalmando-as a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso, sofre no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas experiências que lhe facultarão, no bojo do tempo, o automatismo fisiológico, pelo qual, sem qualquer obstáculo, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida.” (N.M.C.)

[07] Criou-se aqui, por parte de quem pergunta, um neologismo comparativo, querendo dizer que, nos reinos inferiores, ainda não há propriamente um princípio inteligente como conhecemos no reino hominal e, portanto, um perispírito como o conhecemos no ser humano. (N.M.C.)

[08] Periprincípio-inteligente. Criou-se aqui, por parte de quem pergunta, um neologismo querendo se referir ao envoltório primitivo antes de ele chegar a ser perispírito propriamente dito. (N.M.C.)

[09] Quando o Benfeitor Balthazar fala da repugnância em comermos determinados insetos, e que isso é um estágio primitivo pelo qual já passamos nos primórdios da evolução, nada tem a ver com certas culturas asiáticas que comem insetos, comem escorpiões, larvas de escaravelhos, que virou cultural pelas necessidades de alimentação e hoje são iguarias da região. O mesmo podemos dizer do uso da carne em nosso meio, que não tem relação com o uso da carne feito pelo homem primitivo, a carne crua, que era um ato bem próximo da recém-saída fase do reino animal. (N.M.C.)

[10] Após a transformação sofrida no princípio inteligente. (N.M.C.)

[11] Para entendermos como essas forças voltam para o corpo físico na emancipação da alma, trouxemos um trecho do livro Nos Domínios da Mediunidade, de André Luiz, psicografia de Chico Xavier, item 11, p. 48, em que o médium Castro faz um “desdobramento” em serviço mediúnico e acontece algo semelhante ao que ocorre também durante o sono físico:

Desdobramento em serviço

Chegara a vez do médium Antônio Castro.

Profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos do serviço.

Aproximou-se dele o irmão Clementino e, à maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito.

Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros.

Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior.

Nosso amigo como se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas.

Desejei ensaiar algumas indagações, contudo, a dignidade do serviço impunha-me silêncio.

O diretor espiritual da casa submetia o medianeiro à delicada intervenção magnética que não seria lícito perturbar ou interromper.

O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda.

Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto...

Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, intuitivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim.

Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico.

Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve e ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e mais luminoso, à medida que Castro-espírito se movimentava em nosso meio.

[12] Reinóis é o plural de reinol, natural ou habitante de um reino. Creio que o Benfeitor Hermann se referiu ao Brasil reino e império. (N.M.C.)

[13] Sugerimos a leitura do livro Pensamento e Vontade, de Ernesto Bozzano, que trata também desse tema, desde que começou a ser pensado e pesquisado por alguns estudiosos. (N.M.C.)

[14] Este raciocínio do Benfeitor Balthazar está em consonância com o que diz a mensagem de O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XI, item 8: “Na sua origem o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o ponto mais delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar da palavra, mas o sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas”. Lázaro. (N.M.C.)

[15] Ignácio Bittencourt: nasceu em 1862 e desencarnou em 1943, português de origem, radicado no Brasil, tornou-se espírita, depois médium receitista de grande projeção e um líder espírita de seu tempo no Rio de Janeiro. Fundou várias casas espíritas, abrigos, orfanatos e um jornal espírita de grande projeção. Atendia centenas de pessoas todos os dias com o seu receituário mediúnico. (N.M.C.)

[16] Trata-se de uma escola iniciática da qual Balthazar foi um dos diretores há centenas de anos, na Indochina. Para detalhes apresentados por Altivo Pamphiro, publicados na Revista de Estudos Espíritas, CELD, vide o link: http://www.celd.org.br/downloads/2011/revista_de_estudos_espiritas/2011_08_ag_web.pdf

[17] Lucas, 12:16 a 21. (N.M.C.)

[18] Sobre a lei circular diz-nos o mestre Léon Denis: “É, portanto, a lei, a lei da Natureza e a da Humanidade. Todo ser já existiu; ele renasce e sobe, evolui, assim, numa espiral cujas órbitas vão aumentando cada vez mais, e é por isso que a História toma um caráter cada vez mais universal”. O Grande Enigma, CELD. (N.M.C.)

[19] Quando o Benfeitor Balthazar fala sobre os militares sendo atraídos para um meio onde é treinado para a defesa de uma nação ou para uma guerra, não está, de modo algum, dizendo que todos trazem a guerra dentro de si; ele nos mostra que muitos se sentem “atraídos vocacionalmente” por esse tipo de atividade por já terem vivido essas experiências em vidas pregressas e terem enfrentado até clima de guerras e de lutas tão comuns no passado. Não há, portanto, desmerecimento nenhum desta atividade tão importante ainda nos nossos dias. Hoje, por exemplo, até já vemos evolução nas forças militares, que não se preocupam só com a defesa da nação também fazem a parte social, não só em época de crises, mas também nas grandes calamidades públicas, como enchentes, deslizamentos, etc. Nesses infortúnios, vemos os militares socorrendo, reconstruindo pontes, criando alojamentos, vacinando, medicando. E isso até internacionalmente como nas “Forças de Paz”, como as que estiveram na construção do Canal de Suez e, há pouco tempo, na pacificação do Haiti. (N.M.C.)

[20] Local em que está localizada a Obra Social Antonio de Aquino, do Centro Espírita Léon Denis. (N.R.)

[21] O irmão Hermann falava com um dos presentes que é médico. (N.M.C.)

[22] Fases do sono: O processo do sono é composto por cinco fases. A primeira

fase é a do adormecimento, o que pode durar até 15 minutos. É como uma espécie de zona intermediária entre estar acordado e dormindo. O cérebro produz ondas irregulares e rápidas, a tensão muscular diminui e a respiração se torna mais leve.

A segunda fase é a de um sono mais leve. A temperatura e os ritmos cardíaco e respiratório diminuem e a pessoa é definitivamente conduzida ao limite entre estar acordada e dormindo.

Na terceira fase o corpo já começa a entrar em um sono profundo, onde as ondas cerebrais diminuem o ritmo.

A quarta fase é a do sono profundo, quando o corpo repõe as energias do desgaste diário. Nesta fase é que o organismo libera os hormônios ligados ao crescimento e executa o processo de recuperação de células e órgãos.

A quinta fase é quando a atividade do cérebro acelera e inicia o processo de formação dos sonhos. É quando o cérebro faz um tipo de faxina na memória, guardando as informações importantes recebidas durante o dia e jogando fora as informações desnecessárias. (N.M.C.)

Fonte Internet: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/guiadosono.htm>

[23] Cremos que a pergunta foi embasada neste texto do livro No Mundo Maior:

“No sistema nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subconscientes; figuremo-lo como sendo o porão da individualidade, onde arquivamos todas as experiências e registramos os menores fatos da vida. Na região do córtex motor, zona intermediária entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser. Nos planos dos lobos frontais, silenciosos ainda para a investigação científica do mundo, jazem materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução:” (N.M.C.)

[24] André Luiz nos fala, no capítulo V do livro Entre a Terra e o Céu, sobre esse socorro aos enfermos que é feito durante o sono físico. Diz ele: “O oceano é miraculoso reservatório de forças, elucidou Clarêncio, de maneira expressiva, até aqui, muitos companheiros de nosso plano trazem os irmãos doentes, ainda ligados ao corpo da Terra, de modo a receberem refazimento e repouso. Enfermeiros e amigos desencarnados desvelam-se na reconstituição das energias de seus tutelados. Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos de vitalidade da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanções do planeta, converte-se em precioso alimento de nossa organização espiritual, principalmente quando ainda nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria mais densa”. (N.M.C.)

[25] Sobre terebintina encontramos numa página da Embrapa: Resinas e óleo-resinas — secreção fisiológica da planta, especialmente as de porte arbóreo. É amorfa, quase sempre transparente e insolúvel em água, entretanto solúvel em álcool e solventes orgânicos. A categoria engloba gomas-resinas (goma-laca vegetal, incenso, etc.) óleo-resinas e bálsamos (terebintina, benjoim, bálsamo-do-peru, etc.) que possuem propriedades anti-inflamatória, antisséptica e cicatrizante. Ex: bálsamo-brasileiro, bálsamo-do-peru, etc. (N.M.C.)

[26] Em geral, retiramos muitos textos pessoais dessas aulas, dirigidos muitas vezes a este ou àquele membro do grupo, mas este nós não poderíamos deixar de colocar nesta aula, por conta da gama de ensinamentos que Balthazar nos trouxe acerca da nossa posição perante o estudo e um trabalho mediúnico desse porte. (N.M.C.)

[27] E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?

Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não

dirás falso testemunho, honrarás a teu pai e a tua mãe.

Ele respondeu: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade.

Quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me. Mas, ouvindo essas palavras, ele ficou muito triste, porque era muito rico. (Lucas, XVIII: 18 a 23.) (N.M.C.)

[28] Sirius é uma estrela que se encontra a mais ou menos oito anos luz da Terra; pode ser vista à noite no céu como uma das mais brilhantes e pertence à constelação Cão Maior. (N.M.C.)

[29] Quando o Instrutor Balthazar diz que Jesus não tinha o cérebro físico, é apenas uma maneira de falar querendo dizer que o cérebro físico não exercia sobre ele uma ação como em nós, uma vez que Jesus já tinha, há muitos milênios, deixado de ter contato com o cérebro físico, estando, portanto, acima deste como Potência Espiritual. (N.M.C.)

[30] O Livro dos Espíritos, questão 25: O espírito independe da matéria ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar?

São distintos uma do outro; mas, a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria. (N.M.C.)

[31] Há pessoas que têm certos sonhos ligados ao mundo espiritual e se perturbam. Fulano recorda-se que foi uma autoridade do passado, esquece que a autoridade o fez cair e passa a querer, por vaidade, vivenciar parte da autoridade que tinha. Sicrano viu, durante um sonho, que foi um grande malfeitor e isto o faz se consumir na culpa. Fora aqueles casos em que a pessoa sonha com parentes, em que reconhece inimigos do passado, dificultando ainda mais as relações. (N.M.C.)

[32] Presos à matéria: neste caso não é desencarnar e ficar preso ao corpo ou vagando pela Terra; é sua mente que ainda está ligada à vida infantil, que levava, são as reminiscências ativas. (N.M.C.)

[33] O Benfeitor Balthazar se referia a uma médica presente no grupo. (N.M.C.)

[34] As úlceras, aqui relatadas pelo Benfeitor Balthazar, são as nossas feridas íntimas, os problemas que estavam dentro de nós como que resolvidos. (N.M.C.)

[35] O estado crístico citado pelo Benfeitor Balthazar, não é o estado de pureza do Cristo, é o se tornar cristão no sentido de ter real vivência cristã após ter obtido a consciência moral. (N.M.C.)

[36] Quando Jesus disse isso, um dos guardas, que estava perto, bateu-lhe no rosto. “Isso é jeito de responder ao sumo sacerdote?”; perguntou ele. Respondeu Jesus: “Se eu disse algo de mal, denuncie o mal. Mas se falei a verdade, por que me bateu?” João, 18:22 e 23. (N.M.C.)